



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GABRIEL GRAZZINI GABRIEL

**ESPAÇO, FORMAÇÃO HUMANA E GUERRA HÍBRIDA:
O PAPEL DA LINGUAGEM E DA IDEOLOGIA NO
IMPEACHMENT DE ROUSSEF (2016), CONSTATAÇÕES
ENVOLVENDO OURINHOS/SP**

Londrina
2019

GABRIEL GRAZZINI GABRIEL

**ESPAÇO, FORMAÇÃO HUMANA E GUERRA HÍBRIDA:
O PAPEL DA LINGUAGEM E DA IDEOLOGIA NO
IMPEACHMENT DE ROUSSEF (2016), CONSTATAÇÕES
ENVOLVENDO OURINHOS/SP**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, na linha de pesquisa: Geografia e dinâmica socioespacial, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Gabriel, Gabriel Grazzini.

Espaço, formação humana e guerra híbrida: o papel da linguagem e da ideologia no *impeachment* de Rousef (2016), constatações envolvendo Ourinhos/SP / Gabriel Grazzini Gabriel. – Londrina, 2019.
283 f. : il.

Orientador: Nilson Cesar Fraga.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, , 2019.
Inclui bibliografia.

1. Espaço Geográfico e práticas espaciais em Ourinhos-SP - Tese. 2. Guerra híbrida - Tese. 3. Formação humana (linguagem e ideologia) - Tese. 4. Impeachment de Rousef (2016) - Tese. I. Fraga, Nilson Cesar. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. . III. Título.

GABRIEL GRAZZINI GABRIEL

**ESPAÇO, FORMAÇÃO HUMANA E GUERRA HÍBRIDA:
O PAPEL DA LINGUAGEM E DA IDEOLOGIA NO *IMPEACHMENT* DE
ROUSSEF (2016), CONSTATAÇÕES ENVOLVENDO OURINHOS/SP**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, na linha de pesquisa: Geografia e dinâmica socioespacial, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Manoel Dourado Bastos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Paulo Cirino Mourão Universidade
Estadual de São Paulo - UNESP

Londrina, 09 de abril de 2019.

AGRADECIMENTOS

Os meus mais profundos agradecimentos vão para minha amada companheira Pati, que para além das contribuições teóricas cotidianas essenciais para esse texto, foi o pilar que aguentou minhas ausências familiares em prol dessa pesquisa. Nesse sentido, não posso deixar de agradecer a minha filha, Alice, que em muito motiva-nos e recarrega nossas energias.

Agradeço também meu orientador Nilson Cesar Fraga e suas contribuições textuais, além daquelas no sentido do desenvolvimento de minha maturidade acadêmica. Nesse bojo também encontra-se o professor Manoel Dourado Bastos que em muito contribuiu teórica e praticamente para a pesquisa e para minha formação, especialmente, no Estágio Docência e na disposição em atender-me nos recortes temporais e espaciais mais inusitados.

Ainda nesse grupo de professores diretamente envolvidos com a minha formação e com a construção do texto, encontra-se o professor Paulo Cirino Mourão que contribuiu com as bases reflexivas dessa pesquisa. O mesmo sempre de pensamento rápido e crítico, como os outros, também se manteve à disposição de contribuir com ponderações incisivas nas mais inusitadas situações.

Sobre a parte prática e nem um pouco menos importante tenho de agradecer a todos aqueles que foram entrevistados, ou permitiram que as aplicações dos questionários acontecessem. Dentre eles os diretores, vice-diretores e coordenadores executivos: Andréa Aparecida Zacharia, Maria Cleide Pereira, Valmiro Rodrigues de Brito, Edson Luís Pirólie, Maria José Generich Marques e tantos professores que seria impossível nomear. Agradeço também a diretora Cintia Silvestre Garcia e ao coordenador Reovalmiro José de Oliveira Filho sempre muito atenciosos, mesmo com a negativa por parte de seus superiores sobre a aplicação dos questionários na unidade de ensino em que trabalhavam.

Agradeço Iraceles Ishi Santos pela ajuda na elaboração dos gráficos, à república Maria Joana por me receber, e especificamente a Wiliam Souza, por também fornecer suporte na elaboração dos mapas. Agradeço à República Sua Tia,

a qual por mais que já tenha iniciado a pesquisa sem nela residir, sempre frequentei e mantenho laços os mais profundos e variados - inclusive teóricos - com os moradores e ex-moradores. Aqui vale especificar, por conta da pesquisa em si, Gabriel Cunha e suas discussões sobre ideologia; Gabriel Pozza e a atenção com as sugestões bibliográficas e documentais, mais centradas na Guerra Híbrida e em especial agradeço a João Paulo Garozi, vulgo, "Cabelinho", por me auxiliar nas aplicações.

Agradeço ao pessoal da EE Oracina, que não foi uma das UE abordadas, mas que foi mais do que um posto de trabalho para mim e que muito contribuiu para o meu entendimento sobre o sistema de trabalho que rege as escolas do estado de São Paulo. Por fim, agradeço a minhas famílias, por parte de minha mãe e de meu pai e por parte do pai e da mãe da Pati.

À Pati, Alice e Bernardo, mais do que companheira e filhos, meu norte.

GABRIEL, Gabriel Grazzini. **Espaço, formação humana e guerra híbrida: o papel da linguagem e da ideologia no *impeachment* de Roussef (2016), constatações envolvendo Ourinhos/SP.** 2019. 283 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2019.

RESUMO

O espaço geográfico é uma categoria de análise rica no sentido da diversidade de possibilidades de análises oferecidas. Diversas classes sociais e teores políticos e práticos de poder realizam-se no espaço de acordo com variadas escalas de atuação. Nesse sentido, as práticas espaciais contribuem ao entendimento das influências e dos impactos que nele ocorrem. A formação humana vista com foco no desenvolvimento da linguagem como algo inerente a racionalidade social demanda da elucidação acerca dos focos e circuitos ideológicos e linguísticos constituintes do espaço. Nessa pesquisa avaliamos essas premissas em contato prático com a realidade da cidade de Ourinhos-SP através de análise empírico-teórica da formação socioespacial da cidade e das práticas espaciais nela realizadas. Assim, as lutas de classes que abrangem o espaço em diferentes formatos e escalas de atuação distinguem-se nas práticas espaciais ourinhenses que vão desde a pixação até os eventos culturais de massa e seletos, passando pelas instituições formadoras como escolas e especificamente aqueles exercidos pelos veículos midiáticos e suas consultas. A pesquisa centra-se no período de 2013 a 2018 visto como uma fase da Guerra Híbrida. Sendo esta guerra um mecanismo muito sofisticado e vinculado as propagações ideológicas pelo espaço, e possuidora da possibilidade de execução por agentes ate inconscientes desse processo. Em sua “versão brasileira” espalhou-se de forma desigual pelo espaço nacional, atingindo certamente diversas cidades – como a que estudamos. Por tanto, analisa-se quatro Unidades de Ensino de educação básica e uma de ensino superior por meio de questionários no intuito de averiguar as vinculações espaciais, socioeconômicas, ideológicas e midiáticas dos sujeitos estudantes, servidores técnico-administrativos e servidores docentes. Adiantamos aqui que a pluralidade de consulta a veículos midiáticos percebida nas opiniões contrárias ao impeachment são vistas associadas aos conjuntos contextuais (formação, classe socioeconômica, práticas espaciais e etc.) dos segmentos abordados.

Palavras-chave: Espaço. Formação humana. Ideologia. Linguagem. Guerra híbrida. *Impeachment* (2016).

GABRIEL, Gabriel Grazzini. **Space, human formation and hybrid war: the role of language and ideology in the impeachment of Rouseff (2016), findings involving Ourinhos/SP.** 2019. 283 f. Dissertation (Master's degree in Geography) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

Geographic space is a category of rich analysis in the sense of the diversity of possibilities and analysis provided. Several social classes and political and practical levels of power take place in the space according to the variables scales of action. In this sense, the spatial practices contribute to the understanding of the influences and the impacts on it occur. The formation of an approach to the emphasis on the use of language as an inherent process of social rationality requires the elucidation of the ideological and linguistic focuses and circuits constituent of space. This research evaluated the premises in practical contact with the city of Ourinhos-SP through the empirical-theoretical analysis of the socio-spatial formation of the city and the spatial practices performed in it. The classes are taught in schools and media training and their consultations. The research focuses on the period from 2013 to 2018 as a stage of the Hybrid War. This war is a very sophisticated mechanism and linked as ideological propagations through space, and possessed of the possibility of execution by agents of the unconscious of this process. In its Brazilian version spread unequally by the national space, reaching several cities - like one that we studied. Therefore, the analysis has four levels of schooling, socioeconomic, ideological and mediatic skills of social exercises, technical servers and teaching staff. Here we point out that the plurality of media-vehicle queries perceived in evaluations contrary to impeachment are perspectives associated with the joint contexts (formation, socioeconomic class, spatial practice, etc.) of the topics covered.

Keywords: Space. Human formation. Ideology. Language. Hybrid war. Impeachment (2016).

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do Município de Ourinhos/SP.....	65
Mapa 2 - Unidades de Ensino (UE) Pesquisadas no Perímetro Urbano de Ourinhos/SP (2017).....	121
Mapa 3 - Unidade de Ensino prof ^a Josepha Cubas da Silva – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2016).....	136
Mapa4 - Unidade de Ensino prof ^a Virginia Ramalho – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2016).....	143
Mapa 5 - Unidade de Ensino UNESP - Ourinhos – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2016).....	158

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Como os servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017126
- Gráfico 2** - Como os servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubasse posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.....127
- Gráfico 3** - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017.....127
- Gráfico 4** - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017.....128
- Gráfico 5** - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se consideram o ponto de vista econômico, 2016130
- Gráfico 6** - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2016.....130
- Gráfico 7** - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2016131
- Gráfico 8** - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2016131
- Gráfico 9** - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017132
- Gráfico 10** - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.....133
- Gráfico 11** - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017133
- Gráfico12** - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017134

Gráfico13 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2016	135
Gráfico14 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017	135
Gráfico15 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff, 2017	138
Gráfico16 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017	138
Gráfico 17 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017.....	139
Gráfico18 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2016	141
Gráfico19 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2017	142
Gráfico 20 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff, 2017	144
Gráfico 21 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2017	145
Gráfico 22 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2017.....	145
Gráfico 23 - Como os docentes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2016	146
Gráfico 24 - Como os docentes da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff,2016.....	147
Gráfico 25 - Fontes de informação consultadas pelos os docentes da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2016	147
Gráfico 26 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2016	148

Gráfico 27 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2016	149
Gráfico 28 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2017	149
Gráfico 29 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff, 2016	150
Gráfico 30 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff, 2017	150
Gráfico 31 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2016.....	150
Gráfico 32 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2017.....	152
Gráfico 33 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2016.....	152
Gráfico 34 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2017.....	153
Gráfico 35 - Como os estudantes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016	156
Gráfico 36 - Como os estudantes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017	157
Gráfico 37 - Como os estudantes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Rouseff, 2017.....	159
Gráfico38 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2017	160

Gráfico 39 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE UNESP, dentre novas mídias, 2017	160
Gráfico 40 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016	161
Gráfico 41 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017	162
Gráfico 42 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Roussef, 2016.....	162
Gráfico 43 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Roussef, 2017.....	163
Gráfico 44 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2016.....	163
Gráfico 45 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2017	164
Gráfico 46 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre novas mídias, 2016.....	165
Gráfico 47 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre novas mídias, 2017	165
Gráfico 48 - Como os docentes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016	166
Gráfico 49 - Como os docentes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017	167
Gráfico 50 - Como os docentes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Roussef, 2016.....	167
Gráfico 51 - Como os docentes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de <i>impeachment</i> da presidenta Dilma Roussef, 2017.....	168

Gráfico 52 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2016	169
Gráfico 53 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2017	169
Gráfico 54 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre novas mídias, 2016	170
Gráfico 55 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre novas mídias 2017	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2016.....	122
Quadro 2	- Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2017.....	123
Quadro 3	- Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2018.....	123
Quadro 4	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> na UE Josepha Cubas.....	174
Quadro 5	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> na UE Virginia Ramalho.....	174
Quadro 6	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> na UE UNESP-Ourinhos.....	174
Quadro 7	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> dentre os servidores técnico-administrativos.....	175
Quadro 8	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> dentre os servidores docentes.....	175
Quadro 9	- Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o <i>impeachment</i> dentre os estudantes.....	176

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
AME	Ambulatório Médico de Especialidades
APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
AVOA	Auto Viação Ourinhos Assis
EE	Escola Estadual
EUA	Estados Unidos da América
FATEC	Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OPEP	Organização dos Países Produtores de Petróleo
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RDIDP	Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa
RTC	Regime de Turno Completo
RTP	Regime de Tempo Parcial
UE	Unidade de Ensino
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo
VUNESP	Fundação para o Vestibular da UNESP

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. ESPAÇO GEOGRÁFICO, LINGUAGEM E IDEOLOGIA	11
2.1. <i>Espaço geográfico e práticas espaciais</i>	11
2.2. <i>Formação humana e linguagem no espaço geográfico</i>	23
2.3. <i>Ideologia no espaço geográfico</i>	38
2.4. <i>Linguagem e ideologia nas práticas espaciais</i>	49
3. CONTEXTO ESPACIAL DO IMPEACHMENT: OURINHOS, BRASIL E GUERRA HÍBRIDA	59
3.1. <i>Formação socioespacial em Ourinhos/SP</i>	59
3.2. <i>Práticas espaciais em Ourinhos/SP</i>	69
3.3. <i>Lutas de classes transnacionais</i>	83
3.4. <i>Brasil e Guerra Híbrida</i>	96
4. REFLEXOS E REFRAÇÕES IDEOLÓGICO-LINGUÍSTICAS EM OURINHOS/SP	121
4.1. <i>Unidades de Ensino abordadas</i>	121
4.1.1. <i><u>E.E. Professora Josepha Cubas</u></i>	125
4.1.2. <i><u>E.E. Virginia Ramalho</u></i>	139
4.1.3. <i><u>UNESP- Ourinhos</u></i>	153
4.1.4. <i><u>E.M.E.F. Professora Adelaide Pedroso Racanello</u></i>	171
4.2. <i>Análises, comparações e reflexões</i>	173
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	184
ANEXO	211
APÊNDICES	212
APÊNDICE A - Questionário 2016	212
APÊNDICE B - Questionário 2017	215
APÊNDICE C - Gráficos	219

1. INTRODUÇÃO

Pois de todas as formas o capital te dá um tiro. Porque é ele quem faz o mundo dar os seus giros [...] Atento com a tecnologia bélica e as inteligências artificiais. Vejo tudo sobre o futuro do mundo [...] Como as discussões que são feitas. Pelas relações estreitas, através das janelas inbox. Conversas printadas se transformam em novos documentos [...] Novos lotes de robôs autônomos que precisam apenas um sinônimo. Para montar um coral eletrônico, que fica repetindo que a obsolescência don't stop, don't stop. Cuidado com o histórico, print não some.

O trecho da música *Print*¹, citado anteriormente, demonstra a presença da tecnologia e do capital em nossas vidas, isso num Brasil carregado de sinais das crises econômicas e políticas que caracterizam o cenário mundial de forma ampla. Essa crise assume diferentes características em respectivos contextos históricos e espaciais. Vive-se o século XXI em sua crueza de abundâncias para minorias abastadas e escassez para a maioria. Características estas que transbordam dos níveis materiais aos imateriais da sociedade e vice-versa. Permeando a formação do pensamento humano e a concretização material ou não dessas ideias.

Acompanha o ser humano, a civilização e as sociedades essa formação que possui diversos níveis escalares quantitativos e qualitativos, sobrepostos ou não, e que sofreram e demonstram incisões históricas, espaciais, econômicas e políticas. Tais como: senso comum, conhecimento escolar, conhecimento científico e conhecimento revolucionário. Também os acompanha o poder em diferentes escalas de alcance e disposto heterogeneamente na sociedade, disponibilizando efeitos teórico-práticos que se espacializam por todo o planeta Terra, seja em formato ideológico, linguístico, econômico, bélico ou político.

No sentido de avançar na concreticidade da formação do pensamento humano, ou pelo menos contextualizá-la espacialmente, destacamos que o espaço geográfico com suas propriedades de socialidade funciona como articulador de um feixe de características sociais que compõem a realidade. O conhecimento e a formação do pensamento humano são efetivados na *práxis* contextualizada espacialmente, ou em outras palavras, nas práticas espaciais.

Esta noção está presente no Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), pois contempla a educação como algo que

¹ Música do *rapper* Edgar disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xDQjKhkd7Pg>, acessado em janeiro de 2019.

[...] abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [No sentido de que a] [...] educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Tal qual a abordagem que realizamos aqui, engloba-se a educação na formação humana. Assim, a produção e a reprodução invariavelmente provenientes das relações humanas ocorrem no espaço geográfico por meio das práticas espaciais, e geram também imaterialidades, como ideologias propagadas sobre uma raiz econômica e espacial com ramos simbólicos cognitivos e linguísticos.

Nesse sentido, em nosso texto buscamos comprovar a hipótese de que a linguagem se propaga no espaço geográfico respeitando sua configuração, por isso a batalha ideológica da sociedade contemporânea passa pela dominação hegemônica da linguagem e suas contradições. Como objetivos específicos a presente pesquisa busca:

1. Problematizar a batalha ideológica atual da sociedade brasileira através de seus focos e circuitos no espaço geográfico.
2. Analisar a formação da opinião política ideológica vinculada às práticas espaciais e suas relações com os diferentes veículos midiáticos.
3. Refletir sobre a possibilidade de o conhecimento sobre o espaço e as relações sociais serem utilizados como tática na batalha ideológica perpetrada pela Guerra Híbrida.
4. Refletir sobre as práticas espaciais e seus teores de poder.
5. Caracterizar a cidade objeto de análise.

No primeiro capítulo nos debruçaremos teoricamente sobre o espaço geográfico, linguagem, ideologia e práticas espaciais no processo de formação humana. O espaço geográfico é o objeto da ciência geográfica. Sua abrangência como categoria de análise emana das possíveis junções filosóficas entre natureza e humanidade sobre a égide do trabalho. Os níveis de produção e reprodução da realidade são determinados em quesitos espaciais, assim, as práticas espaciais atuam com diferentes teores de poder nesse processo.

A linguagem e a ideologia são inerentes aos seres humanos e entre si, apesar de nitidamente não se reduzirem uma a outra. Nesse sentido, suas produções e reproduções são associadas ao espaço e, portanto, às práticas espaciais. Ressaltam-se como um amplo produtor e reproduzidor ideológico-linguístico os

veículos midiáticos. Portanto, nesse capítulo, buscamos refletir sobre a possibilidade de o conhecimento sobre o espaço e as relações sociais serem utilizados na batalha ideológica contemporânea da sociedade e sobre as práticas espaciais e seus teores de poder.

No segundo capítulo é abordado o contexto espacial do impeachment no que tange a cidade de Ourinhos/SP, Brasil e Guerra Híbrida. Primeiramente são apresentadas as características socioespaciais da cidade de Ourinhos/SP e as práticas espaciais nela realizadas- concedendo destaque a seus suportes espaciais. Isso é feito no sentido de demonstrar, a título de exemplo, qual é o contexto civil em que se realiza a Guerra Híbrida. O Brasil com seus demasiados recursos naturais e humanos se mantém, em sua estrutura Estatal, constantemente na mira do grande capital. Aqui cabe a reflexão sobre a possibilidade de o conhecimento sobre o espaço e as relações sociais serem utilizados como tática na batalha ideológica perpetrada pela Guerra Híbrida.

O espaço é alvo de disputa entre as classes sociais, sendo que essa disputa acontece em escala transnacional. Essa disputa pelo espaço ora se manifesta por conflitos entre os países, ora por conflitos entre as classes e dentro delas, ora por alianças transnacionais entre classes dominantes em detrimento das classes trabalhadoras ou vice-versa. Nesse sentido, são apontadas algumas possíveis ligações entre o Brasil e a Guerra Híbrida - como ferramenta de poder em *prol* de classes dirigentes, principalmente as estadunidenses. Essa é, para nós, a problematização da batalha ideológica atual da sociedade brasileira através de seus focos e circuitos no espaço geográfico, sem perder de vista as práticas espaciais e seus teores de poder.

No terceiro capítulo, para analisar a formação da opinião política ideológica vinculada às práticas espaciais e suas relações com os diferentes veículos midiáticos, são elencadas as UE abordadas e seus contextos espaciais. É feita também a caracterização dos diferentes segmentos das classes trabalhadoras que atuam nas UE. Portanto, nesse capítulo buscamos analisar a formação da opinião pública política ideológica nas UE abordadas. Buscamos, através das perguntas dos questionários, estabelecer relações entre a configuração socioespacial, econômica, linguística e ideológica e a opinião política da população abordada. Posteriormente correlacionamos as teorias científicas aqui abordadas a estes resultados obtidos. Para corroborar os vínculos existentes entre ideologia, linguagem e espaço

geográfico elaboramos mapas, nos quais a produção cartográfica foi elaborada pelo Sistema de Informações Geográficas de código aberto QGis versão 2.18.25.

Assim, para a realização da pesquisa elaboramos uma pequena discussão sobre método e metodologia, especialmente no tocante ao materialismo histórico e dialético e a pesquisa qualitativa. Devido às profundas ligações entre método e metodologia, são comuns discussões sobre esse tema atuarem no âmbito da delimitação entre o que é um e o que é o outro. Aqui nos focaremos na ideia de que se distinguem pelo “peso” da carga filosófica que está presente em cada um, pensando que o método de abordagem encontra-se mais próximo à postura filosófica do que o método de análise, porém, ambos encontram-se vinculados a esse conhecimento filosófico consciente ou inconsciente, vínculo esse que se engendra na adoção do método pelo pesquisador e pelas necessidades cognoscentes do objeto. Assim podemos subdividi-lo em: postura filosófica, método de abordagem e método de análise (metodologia).

Método é aqui entendido como algo filosófico e científico. A Filosofia inerente ao método científico aparece nas leis e categorias que orientam a investigação e formam o objeto de pesquisa. Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2004, p.51) baseadas em Bunge, colocam o método científico como “*teoria da investigação*”. Ainda para as autoras, a ciência é diferente de bom senso, pois possui método: “não há ciência sem o emprego de métodos científicos” (p.40). A ciência é explicativa por “[...] ter como finalidade explicar os fatos em termos de leis e as leis em termos de princípios”. Sendo que duas dimensões a compõem: A) compreensiva (contextual e do conteúdo) e B) metodológica (operacional) lógica e técnica (MARCONI; LAKATOS, 1983).

Eliseu Sposito (2004) vê a teoria como “[...] um conjunto de conhecimentos, leis e princípios que permitem uma leitura e uma interpretação da realidade”. Ainda para ele, o método:

[...] não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar, mas como instrumento intelectual e racional que possibilite a apreensão da realidade objetiva pelo investigador, quando este pretende fazer uma leitura dessa realidade e estabelecer verdades científicas para a sua interpretação. (SPOSITO, 2004, p.23)

Guardamos acordo com o autor nos aspectos referentes às limitações consequentes desta concepção fragmentada de ciência, produto de uma postura teórica, grosso modo, positivista. Por outro lado, a postura marxista analisa a

realidade partindo de uma abstração inicial, por isso utiliza a noção de totalidade. Ainda assim, autores como Karel Kosik (1976) defendem a cisão da realidade como algo essencial para sua compreensão. Em nosso ponto de vista, esta divisão pode ser realizada pelas categorias sendo marxistas, positivistas, fenomenológicas, geográficas, históricas, econômicas, biológicas, físicas, matemáticas etc.

Categorias são partes constituintes do objeto de pesquisa, noções genéricas da realidade homem mundo, reflexos dos fenômenos e das propriedades objetivas da realidade, formas de conscientização dos conceitos e escolhas do pesquisador. Esta noção de categoria foi retirada de Triviños (1967, p.54). Com efeito, concordamos que as categorias são mais amplas que os conceitos. Os conceitos, por sua vez, na visão de Sposito (2004), são compreensões do conjunto de características do objeto (ou a uma classe deles) em questão. São provenientes da abordagem empírica construtora de noções abstratas. E se referem ao conjunto de elementos particulares dos objetos aos quais se estendem este conceito.

Importante contribuição no que diz respeito acategorias e conceitos faz Rogério Haesbaert (2014):

Ainda que reconheçamos três modalidades de categorias ou conceitos – analíticas, da prática e normativas, estamos cientes também da sua indissociabilidade. Enquanto uma categoria analítica é, sobretudo, um instrumento no processo de investigação do pesquisador – ou um conceito no seu sentido mais difundido, a categoria da prática é um ‘conceito’ – ou noção – do senso comum, utilizado nas práticas cotidianas do discurso ordinário, e a categoria normativa tem como objetivo primeiro indicar um caminho tem um caráter mais propositivo que analítico, como nos conceitos de região e território utilizados pelo Estado enquanto agente planejador. É claro que o pesquisador ou o intelectual não pode prescindir do conhecimento de suas categorias de análise enquanto utilizadas (e recriadas) também nas ações do senso comum, assim como o planejador não pode desconhecer a força das concepções analíticas propostas pelos investigadores, nem a (re)leitura feita pelo próprios habitantes que serão objeto de sua ação interventora. Embora cada contexto mantenha sua especificidade (porque a natureza dos problemas e os objetivos geralmente são distintos), seu entrecruzamento é sempre também necessário e mutuamente enriquecedor. (HAESBAERT, 2014, p.31)

Realçando o entrelaçamento intra e entre objetos e sujeitos que constituem a realidade, o autor insere também a reflexão sobre o conhecimento acerca de si mesmo. E ainda nesse sentido de entrelaçamento, baseado em Pattom, o autor propõe que se supere a ideia tradicional de que “[...] só existem conceitos quando há distinção, separação [...]”(p.31). A noção de que os conceitos existem e de que as coisas *cabem* ou não neles tem de ser substituída por:

Os conceitos não só não podem ser tratados isoladamente, como nunca constituem unidades homogêneas, sempre são múltiplos, tanto no sentido interno, com seus elementos, suas sobreposições e sua flexibilidade em torno de uma problemática ou foco central, quanto no sentido externo, na relação com outros conceitos dentro de uma constelação ou sistema mais amplo – permanecendo sempre abertos, portanto, a novas conexões potencialmente realizáveis.(HAESBAERT, 2014, p.32)

O autor reflete sobre essa constelação dentro do campo filosófico da ciência geográfica:

[...] Podemos então definir, no interior da Geografia, uma constelação ou sistema de conceitos que, mergulhados na categoria espaço, se ordenam e se reordenam constantemente a partir das problemáticas que enfrentamos e das bases teórico-filosóficas que acionamos para melhor defini-las e enfrentá-las – sempre cientes de que a percepção clara da problemática é o ponto de partida fundamental (HAESBAERT, 2014, p.32).

Assim adota a noção de “[...] constelações ou famílias [como preferia Milton Santos] geográficas de conceitos” (p.22). As quais incluem as categorias como conceitos mais gerais, a exemplo de “espaço como categoria, [...] que se impõe frente aos demais conceitos – região, território, lugar, paisagem [...]”(p.22).

Adotaremos a mesma noção de família geográfica de conceitos de Rogério Haesbaert (2014), embora não discutiremos diretamente os conceitos ou categorias de região, território, lugar e paisagem, porque nos ateremos a uma família de conceitos e categorias mais sucintas, direcionada ao nosso objeto de pesquisa, que por isso conta com espaço geográfico e práticas espaciais exercendo papéis centrais vinculados a linguagem e ideologia e suas dimensões econômicas-políticas. Em nosso ponto de vista, nosso objeto de pesquisa, a formação do pensamento humano no espaço geográfico, demanda que nossa constelação ultrapasse os conceitos e categorias comumente discutidos na Geografia.

Ao não desconsiderar e nem sobrevalorizar o empírico, optamos por uma abordagem que transborde a dualidade teoria e prática. Aziz Nacib Ab’Saber (2007), na obra *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab’Saber* destaca como uma das contribuições mencionadas por ele aos jovens pesquisadores geógrafos, começar no campo da pesquisa empírica, valorizando a importância do trabalho de campo e a busca pela interdisciplinaridade.

Colocaremos, a seguir, a definição de conceito adotada por Haesbaert (2014):

Todo conceito, como bem enfatizamos, advém de um problema ou questão, seja ele novo (muito mais raro) ou refeito/recolocado;

todo conceito é sempre “situado” – tanto em termos do contexto social, histórico-geográfico, concreto (como ocorre com os conceitos “latino” de território e “anglo-saxão” de lugar, [...] quanto em relação à história das ideias e aos seus sujeitos-autores;

todo conceito é heterogêneo, múltiplo, não é simples, é “um todo fragmentário”, com vários componentes (Deleuze e Guattari, 1992:27), ao mesmo tempo que remete sempre a outros problemas e conseqüentemente, a outros conceitos (formando sistemas ou “constelações” de conceitos);

todo conceito é incorpóreo, ainda que “se encarne ou se efetue nos corpos” (Deleuze e Guattari, 1992:33), não podendo assim, ser confundido com as próprias coisas; é absoluto e relativo ao mesmo tempo. (p. 50)

Ao avançar nas reflexões sobre as ideias do autor nos deparamos com algumas constatações e questões: 1- Devemos voltar nossos olhos à utilização prática e política dos conceitos. 2- Quais sentidos assumem os conceitos? De conservar ou de transformar a realidade? 3- Guiando-nos pela ideia de transformar revolucionariamente a realidade não podemos perder de vista a dimensão prática dos conceitos e muito menos fechar os olhos para as chamadas categorias da prática e simplesmente acreditar que estamos *acima* delas.

Para ultrapassar a discussão sobre categorias e conceitos e chegar às leis, nos apoiamos em Triviños (1967). Guiaremos-nos pelas leis dialéticas que são alvos de diversos, amplos e densos debates teóricos. Considerando forças internas ao desenvolvimento da matéria (em sua forma abiótica, biótica e social) em seus aspectos de: movimento, conexão, interdependência e interação. Triviños (1967) as define em: 1- lei da passagem da quantidade a qualidade; 2- lei da unidade e da luta dos contrários; e 3- lei da negação da negação. Buscamos explicar sucintamente cada uma delas a seguir:

1- Lei da passagem da quantidade a qualidade: Já que os objetos são constituídos por propriedades quantitativas e qualitativas interdependentes, as mudanças de cada uma delas originam mudanças nas outras. É ainda importante considerarmos que algumas destas propriedades (independentemente de serem quantitativas ou qualitativas) ocupam posições hierárquicas mais ou menos importantes que outras. O salto qualitativo, mudança da característica qualitativa que define o objeto, pode ser de curto ou longo período duração ocasionando uma revolução que transforma a formação material a sua estrutura essencial (TRIVIÑOS, 1967).

2- Lei da unidade e da luta dos contrários (lei da contradição): a contradição é uma forma universal do ser para o materialismo. As formações materiais são

compostas por elementos contrários. Um possui aspectos essenciais que o outro não possui, isso faz com que não existam um sem o outro, mantém interação ininterrupta que se manifesta de diferentes formas em diferentes objetos e fenômenos. As contradições são de vários tipos de acordo com cada setor da realidade, por exemplo: natureza, sociedade e pensamento. Existem também contradições diferenciadas como: antagônicas (não encontram solução dentro do sistema estabelecido), externas (se apresentam entre fenômenos, exemplo: organismo vivo e meio ambiente), internas (se apresentam entre aspectos contrários de um mesmo fenômeno), básicas (são essenciais e estão relacionadas ao desenvolvimento e variações do fenômeno como um todo) e secundárias (não essenciais e se relacionam com aspectos, partes ou elementos isolados) (TRIVIÑOS, 1967).

3-Lei da negação da negação: Esta lei norteia a dinâmica de continuidade dialética. No movimento dialético em que se gera a síntese, a tese é confrontada com antítese (negação). Porém é necessário sabermos que a própria tese era até este confronto uma síntese e que passou a partir daí a ser negada. O que dá nome a esta lei é este movimento ininterrupto. Este progresso em espiral é responsável pelo reconhecimento de que no desenvolvimento é possível que “[...] determinadas etapas se repitam, com nova qualidade, fases do fenômeno que já foram passadas” (TRIVIÑOS, 1967, p.73).

O marxismo concebe que a realidade não é fixa, ela está em constante transformação incluindo os humanos nestas realizações e por isso o ponto de vista do sujeito é considerado na pesquisa científica². Diferente do positivismo no qual a realidade é vista como um dado substancial, matemática, uma questão de análise neutra do pesquisador.

Adotamos, em nossa metodologia, o método de abordagem dialético que parte de uma abstração simples (a hipótese apresentada na introdução e no objetivo geral) para caminhar no sentido do entendimento concreto da realidade concreta. Para correlacionar a hipótese aos processos, fenômenos e objetos presentes nos diferentes recortes da realidade abordados algumas contradições compõem a

² É importante salientar que não desconsideramos o método fenomenológico especialmente no que tange aos avanços perante o positivismo expressos nas noções de desreificação do conhecimento e da importância do sujeito na formação do mesmo (Triviños, 1967), mas nossa escolha orientou-se pela explicitação do objeto e de nossa postura filosófica, pela qual acreditamos que a realidade recebe transformações desiguais por parte da sociedade, mas reais com efeitos sobre objetos e sujeitos, assim buscamos considerar as intervenções práticas e teóricas na realidade.

pesquisa: espaço-sociedade, espaço-linguagem; espaço-ideologia; ideologia-linguagem e espaço-práticas-espaciais.

Amparamos-nos em Caio Prado Junior (1973), para adotar a hipótese mencionada como abstração simples:

A marcha do Conhecimento [...] e em particular, a Ciência propriamente, que não é senão o Conhecimento melhor sistematizado e deliberadamente elaborado —, consiste assim na elaboração de conceitos representativos das relações observadas e determinadas no seio da Realidade considerada. O que se realiza pela articulação e conjugação em totalidades e unidades de conjunto, de feições e situações já anteriormente determinadas, devidamente conceituadas e assim observáveis. Feições e situações estas que de tal modo congregadas, ou mais precisamente relacionadas e sistematizadas num conjunto, se apresentarão agora de novo ângulo, constituindo feição original ainda não observada e considerada (p.?).

Para Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2004), o marxismo comporta a utilização concomitante do que chamam de *métodos específicos das Ciências Sociais*. Em decorrência disso utilizaremos concomitantemente o método qualitativo para analisar os gráficos que são quantitativos. O método qualitativo é explicitado como possuidor de uma forma de coleta e análise de dados peculiar por:

[...]preocupa[r]-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece[ndo] análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc (MARCONI; LAKATOS, 2004, p.270).

Apesar de as autoras mencionarem que:

Na pesquisa qualitativa há um mínimo de estruturação prévia. Não se admitem regras precisas, como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação (MARCONI; LAKATOS, 2004, p.271).

Colocam que o objetivo da pesquisa científica ultrapassa a descrição empírica dos dados e deve “[...] relatar o desenvolvimento de um caráter interpretativo [...]”. E que a “[...] teoria é constituída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto deles” (p.271).

Nas pesquisas de cunho qualitativo os dados são coletados primeiramente e embasam uma teoria inicial, formam um esquema conceitual e a pesquisa é correlacionada ao universo teórico. Para nós, a hipótese adotada em nosso projeto de pesquisa é utilizada aqui como esta teoria inicial já que foi formulada a partir de uma coleta inicial empírica de dados, assim, a hipótese que elaboramos não é o fim em si da pesquisa, e sim o caminho para enriquecermos teoricamente a interpretação científica da realidade, corroborando ou refutando-a. Por isso consideramos que nosso *método de procedimento* é qualitativo. Ainda assim, não

podemos deixar de fazer ponderações como as feitas por Chimin, Ornat e Silva (2016) que alertam para os perigos *objetivistas* das pesquisas quantitativas, mas também para os entraves *subjetivistas* das pesquisas qualitativas e propõem como saída sadia para o trabalho científico geográfico o diálogo entre estas abordagens.

Agora passamos ao conjunto de técnicas específicas de coleta de dados embasada e aplicada no processo de investigação e entendimento do objeto de pesquisa (metodologia). Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, além do estudo empírico de caso. Foram consultados documentos, artigos, livros e resenhas em suas formas digitais e impressas. Ainda no campo da pesquisa documental, mas com cunho de coleta de dados, consultamos textos jornalísticos, em *homepage* próprias e em acervos digitais, além de textos provenientes de redes sociais, *blogs* e *flogs*.

Também foram coletados dados primários em campo através de observação, entrevistas e da aplicação de questionários, totalizando 446 questionários aplicados. De antemão, esclarecemos que utilizamos no corpo do texto apenas os gráficos julgados imprescindíveis para realizarmos nossas análises. Sendo eles de: identidade de classes socioeconômicas, opinião sobre o *impeachment* e veículos de informação utilizados. O restante dos gráficos produzidos será exposto nos Apêndices, para que o leitor possa tirar e ampliar suas próprias conclusões.

O processo metodológico do trabalho pode ser sintetizado no esquema a seguir:



2. ESPAÇO GEOGRÁFICO, LINGUAGEM E IDEOLOGIA

2.1. *Espaço geográfico e práticas espaciais*

Desde os engendramentos socioeconômicos gestados nas conturbadas décadas de 1960 e 1970, juntamente da efervescência social e política mundial, realizavam-se mudanças profundas no cenário científico. Estes reverberaram na ciência geográfica através da Geografia Crítica, apoiada na dialética e na fenomenologia (em menor grau), e suas discussões, entre elas, aquelas acerca do espaço, pelas mãos, principalmente, de Henri Lefevbre (1974) e Milton Santos (1978).

Estas ideias percorrem longo caminho na história chegando a deparar-se com a chamada “virada espacial” ocorrida na década de 1990, a mesma, no momento, ainda conta com o objetivo de enfatizar o espaço como caminho pertinente a compreensão científica da realidade, mas dessa vez com bases filosóficas, metodológicas e científicas heterodoxas provenientes da postura científica e filosófica da pós-modernidade, ou pelo menos, em diálogo com ela, além da marxista, da (neo)positivista e da fenomenológica.

Nesse sentido realizamos nossa discussão sobre espaço extraído das obras e dos autores o que a nosso ver mantém interface com nosso objeto de pesquisa, por isso salientamos que espaço será discutido não no sentido de suprimir o tempo e muito menos o contrário, em outras palavras, os dois se coadunam na realidade, como apontado pelos autores aqui abordados. Assim, iniciamos em torno de Milton Santos.

Milton Santos (2004) coloca que o espaço pode ser considerado um híbrido, incorporando o processo a sua essência. Define o espaço geográfico como “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]” (2004, p.332). O que liga o sistema de objetos ao sistema de ações é a intencionalidade que somente a humanidade possui. Assim, o agir revela a importância do passado e do presente na construção do futuro sendo que o espaço condiciona, mas não limita, a ação.

Para Milton Santos (2004), o homem interage com a natureza desde o início de sua existência buscando saciar seus desejos e necessidades através do trabalho, organizando a produção, a vida social e o espaço. Elaborando um espaço

humanizado composto por formas–conteúdo que são objetos geográficos infiltrados de socialidade, formas materiais com conteúdos imateriais que manifestam as intencionalidades humanas, ao longo do tempo alternando seus conteúdos expressos em variadas materialidades, essas materialidades quando perdem sua função e reincorporam novas funções nesse percorrer do tempo e do espaço são chamadas pelo autor de rugosidades. Não seria excessivo lembrar que Milton Santos (2004) destaca a importância da noção e da cisão da totalidade na pesquisa científica.

A totalidade formada por *essências* e *existências* explica-se na citação seguinte:

As existências são manifestações particulares do ser: este geneticamente precede à existência, como fonte de sua possibilidade. As existências são uma técnica em funcionamento, um objeto operacionalizado, uma ação historicizada e geografizada, uma norma em vigor como resultado de um jogo de forças possível, em um dado momento e lugar. Através do processo histórico, o todo de existências é dado como relatividade. Por exemplo, uma técnica é nominalmente plena, absoluta, mas raramente é usada em plenitude. Cada ator a toma segundo uma maneira. Teoricamente, ela é plena; na prática não o é. Através da facticidade, passamos do “absoluto” irrealizado ao “relativo” realizado: para cada caso, uma certa combinação de quantidades e qualidades. De resto, essas combinações irão, por sua vez, condicionar as novas qualidades e quantidades possíveis. É o papel do contexto pré-existente (SANTOS, 2004, p. 124).

Tratando da sociedade atual, sendo que o espaço está inserido na dinâmica do modo de produção capitalista estabelecido pela sociedade, o espaço geográfico revela-se desigual em suas características materiais e imateriais, em processo, possuidor das condições nas quais se realiza a humanidade que nesse sentido é contraditória tendo como motor e combustível de seu funcionamento a esperança, erros e acertos.

No caminho de caracterizar o espaço geográfico teoricamente, mas também de acordo com suas características práticas contemporâneas, salienta-o como meio técnico-científico-informacional³, no qual por a técnica transcender as esferas puramente econômicas (sem diminuir a importância das mesmas, logicamente), e isto ser habitualmente ignorado, resultou em visões restritas de espaço.

Ao caracterizar o meio geográfico de acordo com as utilizações e interações da sociedade com a natureza, tecnologia, ciência e informação, o autor revela a

³ Nossa pesquisa se refere às informações nos moldes traçados por Milton Santos (2004). Em nosso meio circulam muitas informações que se tornam parte essencial do mesmo. Para nós, as informações possuem atreladas a si ideologias e linguagens. Focamos-nos na linguagem e na ideologia e sua circulação pelo espaço que também é informacional.

existência de três períodos: 1- meio natural; 2- meio técnico e 3- meio técnico-científico-informacional. Os nomes já explicam por si como o ser humano foi se impondo sobre o natural e como a técnica foi se aperfeiçoando de acordo com as necessidades e conquistas da humanidade. Assim as visões restritas de espaço culminaram em um meio associado de forma nevrálgica as informações, a técnica e a cientificidade (SANTOS, 2004).

Sobre as categorias analíticas internas ao espaço geográfico, Milton Santos (2004) apresenta mudanças, sendo que de maneira estruturalista, inicialmente, cita: “forma, função, processo e estrutura”, como demonstrado por Sposito (2004), e posteriormente em sua carreira, na obra *A natureza do espaço (2004)*, em uma visão dialética, coloca novas categorias e possíveis olhares geográficos sobre a realidade como o que buscamos realizar aqui, demonstrados na citação a seguir:

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas características analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. Paralelamente, impõem-se a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre uma tecnosfera e uma psicosfera. E do mesmo passo podemos propor a questão da racionalidade do espaço como conceito histórico atual e fruto, ao mesmo tempo, da emergência das redes e do processo de globalização. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local (SANTOS, 2004, p. 22-23).

Para isso o autor com inspirações diversas dialoga com Sartre ao colocar que:

A relação do sujeito como o prático-inerte inclui a relação com o espaço. O prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre, podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte (SANTOS, 2004, p.317).

Para Milton Santos, a sintonia da ordem universal e da ordem local se orchestra no lugar como sintetizador. Isso não acontece sem a intermediação do Estado-nação, em livro publicado em parceria com Maria Laura Silveira (2001), o autor que além de heterodoxo conta com conhecimento profundo do marxismo caracteriza essa orquestração na existência do que ele chama de espaço nacional da economia internacional, já que as grandes empresas veem-se em uma lógica

global de oferta e demanda e por isso buscam submeter os espaços nacionais a suas normas, porém isso acontece sobre bases nacionais e por tanto sob regulações nacionais (mesmo que guiadas por interesses de empresas globais).

Para Milton Santos (2004), a dialética entre espaço e sociedade se impõe sobre a dialética paisagem (em sua concepção de forma) e sociedade. Sobre conhecida contradição marxista, a dialética entre forças produtivas e condições de produção⁴, propõe:

Copiando de forma simplória o que está escrito por Marx, teríamos um sistema de objetos sinônimo de um conjunto de forças produtivas e um sistema de ações que nos dariam um conjunto das relações sociais de produção. Mas vale a pena lembrar que a interpretação simplória da relação dialética entre forças produtivas e relações de produção há muito tempo deixou de ter vigência plena. É insuficiente dizer que há, de um lado, forças produtivas e, de outro lado, relações de produção, e se tornou irrelevante afirmar que o desenvolvimento das relações de produção conduz ao desenvolvimento das forças produtivas e, ao revés, que o desenvolvimento das forças produtivas conduz ao desenvolvimento das relações de produção. Isto é simples demais. Hoje, as chamadas forças produtivas são, também, relações de produção. E vice-versa. A interdependência entre forças produtivas e relações de produção se amplia, suas influências são cada vez mais recíprocas, uma define a outra cada vez mais, uma é cada vez mais a outra. As forças produtivas são relações de produção, as relações de produção são forças produtivas (SANTOS, 2004, p.64).

Henri Lefebvre (1991) e (2000) participa dessa discussão ao definir o espaço como parte das forças produtivas, mas também como algo além da base infraestrutura – superestrutura. Para ele não há análise materialista sem análise do papel da produção. É importante compreender o desenvolvimento e reprodução das forças produtivas e das relações de produção, sendo que é o espaço que garante esta reprodução por acumular a produção e seus efeitos produtivos. Esta produção possuidora de caráter histórico e realizada nas *práxis* possui um sentido mais amplo ligado a espiritualidade, obras, ideias e que acaba por se associar à urbanização. E outro mais restrito associado aos bens duráveis e não duráveis, vestimentas, alimentos e associa-se à cidade não ao urbano.

O marxista Henri Lefebvre em uma dialética tríade, como apresenta Gustavo Resgala Silva (2011), discute o que chama de espaço absoluto, espaço abstrato e espaço diferencial. Basicamente todo o espaço é físico, social e mental funcionando em uma espécie de sobreposição de tempos e de forças nas quais o espaço

⁴Essa visão do autor é diferente da que apresentava na década de 1970, em que as forças produtivas corresponderiam ao sistema de objetos e as condições de produção ao sistema de ações, como são demonstradas essas correspondências por Bastos; Casaril (2016).

absoluto seria o antigo, os “sedimentos” do espaço histórico que mantém uma relação dialética com o espaço abstrato – no sentido de contemplador das ideias atuais, e constructo material e imaterial da história em sua implementação espacial – e com o espaço diferencial que seria por sua vez o reduto da criação comportando o viés revolucionário. Nunca é demais colocar que no modo de produção capitalista todas estas instâncias espaciais se guiam por ele e por suas categorias econômico-políticas.

Christian Schmid (2012), em outra formulação vê a dialética tríade de Henri Lefebvre, como uma *ampliação*, uma correlação entre linguagem e espaço, que ocorre entre: 1- *Prática espacial* (“[...] [que é a] dimensão material da atividade e interação sociais”); 2- *A representação do espaço* (“[...] [que] dão uma imagem e desta forma também definem o espaço”); 3- *espaços de representação* (“[...] [que são a] dimensão simbólica do espaço”)(p.9). O espaço pode ser considerado uma expressão da produção enquanto obra que se materializa, mas também da imaterialidade. Está além de um *lócus* da produção de bens e serviços. Se considerarmos a dimensão imaterial da realidade como pertencente à realidade concreta, contemplamos também a dimensão imaterial da produção. Assim, o espaço pode ser considerado além da infra e da superestrutura. Por isso, o mesmo realiza na cidade, através da condição e projeção de produzir a divisão social do trabalho na divisão territorial do trabalho. E nesta dinâmica de produção produz - além de benesses geralmente aproveitadas pelas classes altas - concentração, aglomeração e desigualdade o que dentre diversos resultados proporciona a multifacetação da identidade entre morar e trabalhar.

Henri Lefebvre diferencia “[...] teoria da produção do espaço e a ‘economia política do espaço’ [...]”(SCHMID, 2012, p.16). Produz-se o espaço e não somente os objetos sobre o espaço, se produzem os condicionantes para as ações de diferentes sujeitos históricos. Na produção do espaço também se produz a economia política do espaço. Assim, a visão de espaço como *palco* é superada. O espaço não deve ser mais visto como passivo. Ele influi no processo social se apoiando e fazendo parte das forças produtivas, de trabalho, políticas e técnicas existentes. É presente tanto para as classes que intervêm em larga escala, quanto para indivíduos capazes de conceber objetos atuando dentro de um marco institucional (ideológicos e de representações sociais). Vestem-se ora de produto, ora de condição das relações sociais, o espaço do consumo e o consumo do espaço.

Assim: “Somente o estudo crítico do espaço permite elucidar o conceito. De um espaço natural modificado para servir às necessidades e às possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo dele se apropria” (LEFEVBRE, 2000, p.134). Nesse sentido o autor dialetiza *prática social material (Marx); linguagem e pensamento (Hegel); e o ato criativo, poético (Nietzsche)* “[...] [no] poder prático e da força da abstração – de pensar, escrever, e da linguagem” (SCHMID, 2012, p.7).

Em Henri Lefebvre (1991), revela-se que a cidade é intrínseca ao humano e as classes dominantes se apropriam disso no processo contraditório entre a parte do espaço que se realiza abstratamente, intervindo na história, como *exterioridades* políticas e econômicas comumente realizadas pelas grandes empresas e pelo Estado, e a parte do espaço que se revela como resultado da complexa interação de todas as classes de vivência diária e cotidiana envolvendo evidentemente o valor de uso e o valor de troca.

Parece-nos que Henri Lefebvre diverge de Milton Santos sobre a possibilidade revolucionária, pois para o último ela só emanará das classes dominadas, enquanto que para o primeiro as vivências multiclassistas espaciais podem proporcionar o embrião revolucionário.

Ainda sobre o espaço, mas desta vez ligado especificamente à produção e ao Uso do Solo Urbano na Economia Capitalista (1982), Paul Singer elucida que o preço do solo urbano varia de acordo com a localização e com as quantidades e qualidades da infraestrutura no recorte espacial em questão, e que o Estado, expressando o estado da luta de classes em suas variadas escalas através das políticas, interfere nesse processo.

Se norteando pelos autores acima referidos, Henri Lefebvre (1991) e (2000), Milton Santos (2004) e Paul Singer (1982), é possível inferir que a produção espacial, especialmente a cidade - no urbano, segue uma dinâmica de valorização e desvalorização de acordo com as densidades comumente reproduzindo a lógica centro-periferia (com uma hierarquia que chega a permear o centro e a periferia). Este processo inclui também a topografia e o relevo que influenciam geralmente de forma descendente os valores do solo e as classes que o ocupam quando localizado em vertentes e fundos de vale.

Ainda para Lefebvre (1991), o espaço é naturalmente político, um instrumento político e expressão mental de territorialidades e existências. É social enquanto dominado pelas relações sociais, sobressaltadamente as de produção, consumo e

troca. Aqui percebemos um ponto em comum com Doreen Massey, autora inglesa, que discute questões espaciais, especialmente em sua obra *Pelo Espaço* (2008), faz isso de maneira heterodoxa ao pôr em diálogo orientações filosóficas profundas. Interessante é que ambos concordam que o político do espaço realiza-se na produção de imaginações sobre ele, processo esse que obedece a uma hegemonia, sendo que por isso o imaginário produzido é disseminado a título de leituras sobre o próprio espaço.

Com uma profunda crítica, Massey (2008) realiza uma leitura das visões acerca do espaço questionando as consequências materiais e imateriais da hegemonia destas, para isso alicerça uma *abordagem alternativa do espaço*, que o mantém em diálogo com a construção política da história, em três proposições acerca do mesmo: “1- produto de inter-relações; 2- esfera [...] da multiplicidade e 3- sempre em construção” (MASSEY, 2008, p.28). O espaço é as conexões entre tudo que está nele e o compõem, conexões estas que ocorrem ao mesmo tempo em variados recortes espaciais suscetíveis a alterações, reelaborações e elaborações. A citação a seguir emerge no sentido de demonstrar implicações imateriais e materiais das proposições:

Assim, essas proposições repercutem em recentes mudanças, em certos lugares, nos modos com que a política progressista pode, também, ser imaginada. Certamente é parte de meu argumento que não apenas o espacial é político (o que, depois de muitos anos e do muito que foi escrito a respeito, pode ser tido como dado), mas que, sobretudo, pensar no espacial de um modo específico pode perturbar a maneira em que certas questões políticas são formuladas, pode contribuir para argumentações políticas já em curso e – mais profundamente – pode ser um elemento essencial na estrutura imaginativa que permite, em primeiro lugar, uma abertura para a genuína esfera do político. Algumas dessas possibilidades podem ser concluídas já a partir da breve declaração de proposições. Assim, apesar de que seria incorreto e por demais rigidamente restritivo propor qualquer mapeamento simples uma a uma, é possível esclarecer, a partir de cada uma, um aspecto ligeiramente distinto do rol potencial de conexões entre a imaginação do espacial e a imaginação do político (MASSEY, 2008, p. 29-30).

Nos itens *A representação, mais uma vez, e as geografias da produção do conhecimento e Geografia da produção do conhecimento: lugares da produção do conhecimento* a autora dirige crítica mordaz ao imaginário e ao espacial que estão sendo produzidos pela ciência historicamente. Na citação a seguir, retirada do primeiro item do texto referido nesse parágrafo, a autora discute o distanciamento entre sujeito e objeto presente nos diferentes ramos do saber científico e suas execuções materiais (que podem também ser conceituais):

Desde os padres do deserto (Waddell, 1987), através de vários lugares especializados (leia-se exclusivos e excludentes) de produção de conhecimento ocidentais – os mosteiros, as primeiras universidades (e, alguns diriam, muitas das universidades de hoje) até as novas localizações da elite, tais como tecnopólo e o vale do silício -, há uma geografia social de produção do conhecimento (elite historicamente quase toda masculina) que ganhou (continua a ganhar) pelo menos uma parte de seu prestígio do diferencial e da exclusividade de sua espacialidade (Massey, 1999b). Além do mais, as estruturas espaciais da produção do conhecimento que assumem um distanciamento radical entre o conhecedor e o conhecido são, precisamente, aquelas através das quais a equivalência entre representação e espacialização pode ser confirmada. (MASSEY, 2008, p.116)

No pensamento da autora, o conhecimento entrelaça-se com as classes “[...] e as duas juntas são reforçadas através da forma espacial” (MASSEY, 2008, p.207). Em um país em desenvolvimento como o Brasil os tecnopolos não despontam nessa territorialização do capital e do Estado, emergindo então as redes técnicas (comunicações, internet, rodovias etc.) no sentido dado por Milton Santos (2001) em seu livro *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*.

No livro o autor discutiu o Brasil partindo de seu território, focando no território utilizado:

[...] levamos em conta tanto as técnicas que se tornaram território, com sua incorporação ao solo (rodovias, ferrovias, hidrelétricas, telecomunicações, emissoras de rádio e TV etc.), como os objetos técnicos ligados à produção (veículos, implementos) e os insumos técnico-científicos (sementes, adubos, propaganda, consultoria) destinados a aumentar a eficácia, a divisão e a especialização do trabalho nos lugares (SANTOS, 2001, p.22).

De Milton Santos (2001) extrai-se a noção de meio técnico-científico-informacional que escorre até suas formas existenciais de tecnosfera e psicosfera. Ambas produzidas e condicionadoras da realidade social levam a “[...] maior centralização da irradiação ideológica, com a concentração dos meios de difusão das ideias, mensagens e ordens [...]” (p. 206). Essa concentração acontece em escala nacional, mas também acontece da escala regional para a local como fica evidente em um lugar como Ourinhos/SP, localizada na região concentrada⁵, quando relacionamos os temas discutidos em seus jornais e revistas impressos ou eletrônicos aos temas discutidos pelos jornais e revistas de circulação nacional como veremos no capítulo 2.

Penetramos no espaço urbano de Ourinhos/SP e abordamos sujeitos que vivem diferentes contextos socioespaciais, também observamos questões nacionais e transnacionais, por isso adotamos a noção de prática espacial para a definição de

⁵ Essa região é composta pelas Regiões Sul e Sudeste.

nosso recorte espacial. O mesmo se caracterizou em formato de rede e áreas contíguas. Portanto, em nosso trabalho no capítulo 3, articulamos algumas escalas e suas sobreposições, nos moldes propostos por Castro (2005).

Como essas escalas dos fenômenos sociais, políticos, ideológicos e linguísticos se sobrepõem, a categoria de prática espacial elucida as conexões entre essas escalas e os níveis de ascendência delas sobre o fenômeno abordado – por exemplo, podemos refletir sobre se a postura prática-reflexiva pró-impeachment apresentada por certos sujeitos de determinada classe, inseridos em determinado contexto socioespacial, revela-se como uma questão de cunho local, regional, Estado-nacional ou global.

A categoria de prática espacial é discutida aqui nas óticas de Henri Lefebvre (2000), Lana de Souza Cavalcanti (2011), Marcos Antonio Campos Couto (2010) e Marcelo Lopes de Souza (2013). Mas é em Couto (2010) que nos baseamos para definir as práticas espaciais como práticas sociais de localização e de reconhecimento de pontos de referência; deslocamentos e fenômenos que conformam um determinado conjunto espacial com configuração e limites próprios; conquista e domínio de territórios; representação dos espaços em diferentes escalas; delimitação de espaços e interligação entre eles; entrecruzamento de diferentes conjuntos espaciais (COUTO, 2010, p.113).

Marcos Antonio Campos Couto (2010), em perspectiva marxista, aponta baseado em Resende (1986), que a prática social contextualizada espacialmente de acordo com as relações de trabalho, de vida e de morte, produz e é produzida pela consciência espacial - é o saber geográfico que na maioria das vezes não atinge o nível de sistematização objetiva do científico. Seguindo na visão dele, na própria constituição histórica da humanidade se acumularam diferentes necessidades, características, arranjos espaciais e leituras sobre isso.

Sem muitas distâncias das ideias de Marcos Antonio Campos Couto (2010), Henri Lefebvre (2000) e Christian Schmid (2012) explicitam que a prática espacial concatena o percebido, o concebido e o vivido por ser entendida como um produto não exato da interação dela mesma às representações do espaço e aos espaços de representação. Isso é feito através do apoio na visão de “Apropriação da realidade em Marx [que] é o trabalho (social), com a linguagem, indissolúveis” (LEFEBRE, 2000, p.134). Para nós, essa dialética tríade é responsável por imbricar a imaterialidade e o humano ao espaço. O que acaba por ressaltar a politicidade do

mesmo, a produção e reprodução- material e imaterial - do espaço acontece através da e para a *práxis*. Nas palavras de Christian Schmid (2012):

A prática social material tomada como ponto de partida da vida e da análise constitui primeiro momento. Ela permanece em contradição com o segundo momento: conhecimento, linguagem e palavra escrita, compreendidos por Lefebvre como abstração, como poder concreto e como compulsão ou constrangimento. O terceiro momento envolve poesia e desejo como formas de transcendência que ajudam o devir a prevalecer sobre a morte (SCHMID, 2012, p.7).

Marcelo Lopes de Souza (2013) debruça-se na ligação entre o social e o espacial ao mencionar o conceito de prática espacial como “[...] a ponte conceitual entre as relações sociais e o espaço” (SOUZA, 2013, p.238). Porém, ressalta a não exageração nem de um nem de outro. Considerando que as práticas espaciais são uma qualidade de práticas sociais e que nem todas as ações são práticas sociais ou espaciais. Defende o que chama de *práticas espaciais densas de espacialidade* (SOUZA, 2010 *apud* SOUZA, 2013) e para isso coloca o seguinte:

[...] podemos dizer que, se nenhuma prática humana é totalmente independente do espaço social, por outro lado é preciso admitir que muitas das ações humanas se mostram como sendo dependentes da dimensão espacial da sociedade de um modo indireto, fraco, sem grande complexidade ou, ainda, mais ou menos banal. É óbvio que a pesquisa sócio-espacial pode e deve se interessar também por essas ações: seja porque elas se entrelaçam com práticas espaciais, ou mesmo as condicionam ou lhes dão origem, seja porque elas próprias se acham condicionadas pela espacialidade, às vezes de maneira evidente e plena de consequências. Mas nem por isso devem ser consideradas práticas espaciais (SOUZA, 2013, p.246).

Nesse sentido, relaciona prática espacial com a prática intencional, reflexiva e nesse caminho com a *práxis*, mas adota um traçado parcialmente Weberiano e baseado em Giddens para limitar o que é prática social e, por conseguinte, prática espacial. Denomina dois tipos de prática espacial: as práticas espaciais heterônomas, no sentido de *domesticar* os corpos e as mentes e “[...] as práticas espaciais insurgentes (e as práticas sociais em geral) [...]” (p.250) vistas como *conjunto estruturado de ações – práxis –*, por possuírem sentido intencional. Em seus seis tipos de práticas espaciais insurgentes são realçados os ativismos sociais no sentido de preencher a lacuna dos estudos de práticas espaciais de acordo com sua constatação de que as pesquisas pouco olharam para este aspecto dos mesmos, mas também demonstra a importância destes estudos de práticas espaciais voltado às corporações como no estudo de Roberto Lobato Correa que ele cita.

Em nosso texto, o estudo das práticas espaciais, que ele descreveu como “[...] dependentes da dimensão espacial da sociedade de um modo indireto, fraco, sem grande complexidade ou, ainda, mais ou menos banal” (SOUZA, 2013, p.246), são pertinentes a nosso objeto de pesquisa, a nossa postura filosófica, a nosso método de análise e a nossa coleta de dados. Pois irão nos interessar no decorrer da pesquisa as opiniões político-ideológicas dos sujeitos, sustentadas nas bases prático-espaciais dos mesmos e os

[...] aspectos que vão da identidade de um grupo (e do indivíduo no seu interior) à organização sócio-espacial (política, por exemplo). Estas práticas espaciais a serem analisadas compõem os níveis de [...] impregna[ção] da dimensão espacial da sociedade de um modo que podemos constatar como sendo denso, complexo e, mesmo, constituinte (SOUZA, 2013, p.246).

Isso associado à *práxis* fetichizada, mencionada por Kosik (1976), que pode, talvez, em nosso percurso de pesquisa revelar estas práticas como não tão banais assim.

Como exemplo de práticas espaciais consideradas por Souza (2013) como banais, mas que ocupam lugar de relevância em nossa pesquisa, citamos o ato de ir votar em um determinado colégio eleitoral. Sabe-se que o espaço por si não determina as relações políticas dos sujeitos, e por isso o fato de um indivíduo dirigir-se a seu local de voto não caracterizaria na visão do autor uma prática espacial, o cidadão não vai simplesmente votar ali por que mora ali, ele vai votar porque em nosso sistema eleitoral o voto é obrigatório, por que ao declarar verdadeiramente seu endereço, o sistema o direcionara para esse colégio, pode também votar por sentir-se participando das escolhas dos rumos políticos da sociedade na qual está inserido assim como também se vota por constrangimento.

Pertencer a um colégio eleitoral está além das possíveis identificações políticas dos sujeitos e provavelmente extrapola o nível espacial imediato. Se idealizarmos um determinado colégio eleitoral que se caracterize por receber um número limitado de pessoas, e que esse número permita, sobre certo monitoramento precário, especular-se sobre os votos proferidos no colégio, ainda nesse sentido, se o colégio eleitoral ficar em área afastada dentro dos limites municipais próximo a um ponto de trabalho da grande maioria da população que pertence a esse colégio, percebe-se o espaço delineando as opções políticas dos sujeitos de forma indireta.

Os cidadãos não estão discutindo e refletindo diretamente sobre esse espaço e chegando a uma opção política. A reflexão sobre o caráter político desse espaço

está por conta dos donos do poder que estão levando os cidadãos à prática espacial heterônoma. Porém, em nossa visão tanto a prática dos dominados – que nesse caso não estão pensando a importância do espaço em sua prática - como a dos dominadores – que estão pensando a importância do espaço em sua prática – são práticas espaciais.

Ainda muito próximo desse exemplo, o espaço pode exercer essa delimitação na escolha das estratégias de campanha de certo candidato levando em consideração o recorte espacial ao qual ele se dirigirá e um último aspecto a ser ressaltado é o simples fato de alguém se mudar, mas não mudar seu título de eleitor. Isso pode se dar não por aquela descrença que sente no sistema eleitoral e sim por sempre contar com um farto churrasco ligado ao candidato em que votou, mesmo que o grupo de poder sobre o qual se assenta o candidato ou o próprio candidato mude, já que essa é a prática recorrente na cidadezinha da qual o eleitor é proveniente.

Aos exemplos de práticas espaciais com baixos, nulos e gradativos índices de reflexão sobre seu próprio caráter espacial se somam as considerações de Lana de Souza Cavalcanti (2012a; 2012b). Concentrada nas dimensões cognitivas geográficas e no cotidiano, a autora defende a articulação da Geografia vivida e Geografia ensinada para a importância de compreender

a subjetividade dos sujeitos da cidade [que] deve ser analisada na sua relação com a objetividade da produção do espaço, com os processos estruturantes da sua produção e com as contradições inerentes às múltiplas identidades desses sujeitos (CAVALCANTI, 2012b, p. 3).

Para a autora as práticas espaciais cotidianas guardam ideias acerca do espaço que podem ser utilizadas em sala de aula para aprofundamento sistêmico na direção dos conteúdos geográficos (CAVALCANTI, 2011).

Discutimos até agora espaço e práticas espaciais, sendo que ambos revelaram-se teóricos e práticos, materiais e imateriais. Assim emerge a importância da prática no entendimento da realidade, que é aqui abordada da perspectiva marxista, ou seja, em sua indissociabilidade da teoria, a *práxis*. Mesmo quando algumas ideias apenas passam pela cabeça, a escolha da não concretização delas demanda um aspecto prático. Assim como quando se escolhe consciente, ou inconscientemente, concretizar algumas ideias que tem em seu cerne a reflexão. Neste sentido, o contrário é válido: as ações realizadas conscientes, ou

inconscientemente, demandam reflexão em seu sentido revolucionário ou fetichizado (KOSIK, 1976). O espaço e as práticas espaciais ganham destaque no desvendar desse processo indutivo e dedutivo como demonstrado em (GABRIEL, 2015).

É importante salientar que o viés social e imaterial do espaço, que vem sendo discutido nesta dissertação, evidencia o caráter social da humanidade que nunca se concretiza apenas de forma prática e nunca de forma apenas reflexiva (teórica), nunca apenas de forma imaterial e nunca apenas de forma material. Na sociedade encontramos-nos distantes do domínio cognitivo de nossos vínculos sociais. A dialética entre espaço e sociedade pode contribuir nesse processo de ensino-aprendizagem que compõe a produção de conhecimento sobre a totalidade de aspectos que compõem a realidade.

Para Kosik (1976), a humanidade firma-se na objetivação e subjetivação da realidade, no planejamento e execução de tarefas, na realização do trabalho material e intelectual. Estas categorias de objetivação e subjetivação possibilitam o perpassar humano desde atravessar o rio com uma jangada até a construção e utilização de uma grande ponte como a Danyang-Kunshan localizada na China. As feitorias humanas são realizadas em diversas escalas por isso sua compreensão passa pelos diferentes níveis escalares, daí a dificuldade de trabalharmos com recortes espaciais rígidos.

O espaço geográfico admite as ações mais sorrateiras, planejadas nos mais altos níveis hierárquicos do poder, e também a vivência cotidiana que envolve locomover-se, consumir, perceber, analisar, refletir, entre outros. É articulador dos desdobramentos econômicos, políticos, ideológicos e linguísticos da sociedade, um lócus da formação humana devido a sua socialidade imbricada. Neste sentido, revela-se como instrumento intelectual importante para compreendermos a realidade sendo que a noção de prática espacial pode contribuir também para sua transformação concreta.

2.2. Formação humana e linguagem no espaço geográfico

Nesse subitem do texto, para abordar a linguagem no espaço geográfico, passaremos por reflexões acerca da formação humana a partir do ponto de vista

dialético⁶. Pelo papel da prática e da teoria do reflexo nesse processo de formação, e pelo funcionamento da propagação e da captação da linguagem para as quais o intermédio do espaço geográfico se faz indispensável. No mais, algumas considerações sobre a relação entre linguagem e ideologia constarão ao fim deste subitem.

A formação humana possui dupla função: de produção e reprodução social, ou seja, do gênero humano – enquanto espécie - e do ser social em desenvolvimento na consciência de cada indivíduo como demonstram: Moacir Gadotti (2003), Saviani (2012) e Newton Duarte (1999), entre outros. Portanto, para nós, formação humana ao integrar materialidades e imaterialidades, objetividades e subjetividades é composta por conhecimento, comunicação, trabalho, educação, pensamento, informação, ensino-aprendizagem, indústria cultural⁷ e outras terminologias que incorporem e representem a contradição exposta acima. Formação humana é sobre tudo social, podendo ser formal ou informal, mantendo vínculos com o marxismo em sua perspectiva de atuação consciente no mundo, veiculada pela sua categoria de *práxis*.

Formação humana pode ser vista como conhecimento prático e teórico que ocorre além dos recortes espaciais especificamente voltados para isso (unidades educacionais como: escolas, universidades, tecnopólos etc.), mas também neles, por isso ocorre no território usado, na tecnosfera e na psicosfera. Este é o ponto chave para nós, pois o espaço geográfico com suas propriedades de socialidade funciona como um articulador desse feixe de características sociais que compõem o conhecimento e a formação humana e é efetivado na *práxis* contextualizada espacialmente, ou, em outras palavras, nas práticas espaciais, como demonstrado em Gabriel (2015).

Por isso, para nós, a formação humana ocorre dentro e fora das unidades educacionais. Observando o fenômeno em sua totalidade não pretendemos mistificar os limites da formação humana escolar, mas sim acreditamos que os limites tornar-se-ão evidentes somente se os de “dentro” considerarem o que de

⁶Não nos esqueçamos das contribuições acerca da formação humana fornecidas por Engels no texto: O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1990) no qual demonstra a interdependência do trabalho intelectual e do trabalho manual.

⁷Sabemos que esse termo é fruto de extenso debate teórico, duelos marxistas, e infelizmente não poderemos nos debruçar suficientemente sobre ele e suas influências acima de tudo frankfurtianas, porém achamos importante mantê-lo aqui, em virtude dos impactos na formação do pensamento humano no espaço geográfico, com o advento da industrialização e sua consequente retroalimentação cultural, especialmente a partir do Fordismo (COELHO, 1980).

“fora” influencia a formação do pensamento e os de “fora” dialogarem com as colocações dos de “dentro”. Ressalta-se que a diferença entre o resultado que vem de “dentro” e o que vem de “fora” pode ser quantitativa ou qualitativa, isso não atesta que o que vem de um ou de outro é sempre superior ou inferior. No mais, o processo é contínuo e interminável em seu sentido gnosiológico.

A formação do pensamento humano é algo que acompanha o ser humano em sua essência e, portanto, a civilização e as sociedades em seus espaços. Esse pensamento possui diversos níveis escalares quantitativos e qualitativos, sobrepostos ou não. E que, em seus variados formatos possíveis (senso comum, conhecimento escolar, conhecimento científico e conhecimento revolucionário) sofreram e demonstraram incisões espaciais do ponto de vista no qual ele é abordado aqui. A socialidade do espaço geográfico juntamente da contextualização inerente à prática espacial contribui na caracterização do processo que é produto, produtor e reproduzidor das humanidades, por isso até mesmo as mídias ao veicularem informações participam desse processo de formação do pensamento humano e suas opiniões.

A ideia de prática, atrelada ao processo de formação do pensamento humano, ganha destaque no materialismo-histórico-dialético, sendo para autores como Kosik (1976), sob a terminologia (e enriquecimento filosófico consequente) de *práxis*, a principal categoria do mesmo. O marxismo como visão científica de mundo firma-se em visões que afirmam a importância da consistência do percurso percorrido pela pesquisa para que se chegue a resultados concretos e por fim para que esses resultados obedeçam a critérios que possibilitem sua verificabilidade (critério de verdade (TRIVIÑOS, 1987)).

Como exemplo da verificabilidade prática da pertinência dessa discussão, coloca-se o fato de se saber que: Marx direcionou seu trabalho no sentido do que veio a ser o marxismo é produto de sua vida, sendo que pegou esse rumo com aproximadamente 25 anos de idade ao desvincular-se do jornal *Gazeta Renana*, por motivos práticos, políticos e ideológicos (encontrava-se em conflitos e reformulações das cores ideológicas que vinham tingindo a si e ao jornal recentemente censurado) (NETO, 2012). Isso demonstra como o processo prático da vida de Marx participou de seu processo de formação, na qual a prática de sua vida vai influenciando suas reflexões que se aprimoram, mudam e reformam-se.

Em nossa pesquisa baseamo-nos nessa ideia de prática como critério de verdade, assim, observamos as práticas reflexivas dos sujeitos inseridos em diferentes contextos socioespaciais para balizarmos nossas reflexões teóricas. Nesse sentido, os trabalhos remunerados ou não, materiais ou intelectuais, realizados pelos sujeitos abordados na pesquisa e contextualizados socioespacialmente pela prática espacial realizada por eles, vão moldando, influenciando e sendo influenciados na e pela formação do ser social na consciência dos indivíduos.

Essa prática espacial ora mais, ora menos refletida, limita-se nas condições de classe impostas aos sujeitos e ao espaço em geral, caracterizando-se por formas de emprego, de remuneração, de estudo e de acesso a informações e etc. Por outro lado, esses limites podem ser expandidos material ou imaterialmente pelas práticas de mesmos moldes, assentadas em suas respectivas classes sociais, porém com tipologias de lutas por mais direitos ou pelo freio da retirada de direitos e até mesmo por privilégios ou pela retirada de direitos de outrem.

Tudo isso sob a batuta do capital e do Estado. Fato é que, somente a prática emancipatória em relação a esses dois agentes pode superar essa condições. Porém, dada à inacessibilidade, mesmo que imaterial - de forma abstrata e concreta, desses dois agentes de poder para a maioria da população, ressalta-se que é por meio do sequestro realizado pelo capital sobre o Estado - sobretudo nesses tempos de neoliberalismo - que contribui para o esvaziamento das condições de luta emancipatória. Para nós interessa refletir sobre como o *impeachment* de Dilma Roussef, um tema de estrita importância para o entrelaçamento contraditório entre Estado e capital no Brasil, associa-se às práticas espaciais em seus termos de emancipação ou heteronomia. Para isso continuamos nossas constatações sobre a prática.

Em contumaz texto intitulado Sobre a prática (1975), Mao Tse-Tung explora as ligações mantidas entre teoria e prática, além de tecer crítica ácida a diversas linhas marxistas. Em especial a correntes opostas de dentro do partido no qual ele atuava, o que torna claras algumas colocações enviesadas ali presentes. Isso por sua vez não empobrece a reflexão sobre a obra, e a nosso ver, explicita as relações entre prática e teoria. Para realizar a prática de seu governo teve de engrandecer-se teoricamente e para realizar a teoria de seu governo teve de munir-se praticamente.

Mao Tse-Tung (1975) designa a principal fonte do conhecimento humano como os problemas materiais dos homens determinados pelas classes e pelas relações de produção, ou seja, a prática social marca as formas de pensamento “[...] a solução dos problemas relativos à vida material dos homens” são de ordens diferentes porque a sociedade de classes permite os acessos em graus diferenciados a estas condições e problemas de vida. “[...] o conhecimento dos homens [...] desenvolve-se também passo a passo, dos graus inferiores aos superiores, isto é, do simples ao complexo, do unilateral ao multilateral” (MAO, 1975, p.499).

Passa-se da não compreensão, ou da compreensão mínima à compreensão do funcionamento essencial dos fenômenos e objetos - em suas ligações internas. Tornando a compreensão aprimorada, complexa, científica ou revolucionária “[...] o conhecimento humano não pode estar, em nenhum grau, desligado da prática [...]” (MAO, 1975, p.499). Mesmo o materialismo-histórico-dialético partindo de uma abstração simples, não desconsidera o acúmulo reflexivo que emana da prática. Aquilo que Kosik (1976) chama de *práxis* fetichizada e que pode ser transformado em *práxis* revolucionária.

Para Mao Tse-Tung (1975), o processo de construção do conhecimento também se estrutura em momentos: 1- conhecimento sensível e; 2- conhecimento lógico:

o conhecimento lógico difere do conhecimento sensível na medida em que o conhecimento sensível abraça aspectos isolados dos fenômenos, os seus aspectos exteriores, a ligação externa dos fenômenos, enquanto que o conhecimento lógico, fazendo um enorme passo em frente, abarca os fenômenos por inteiro, a sua essência e a ligação interna dos fenômenos, eleva-se até ao ponto de evidenciar as contradições internas do mundo objectivo e, por isso mesmo, pode chegar a dominar o desenvolvimento desse mundo na sua integridade, com as suas ligações gerais internas. (MAO, 1975, p.?)

No texto é feito o reforço constante da ideia de que a prática é indispensável ao conhecimento, à realidade humanizada e sua transformação. No entanto, “o conhecimento começa pela prática; e uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, há que levá-lo de novo à prática” (MAO, 1975, p.?). Em uma espécie de ciclo gnosiológico firmado na lei da negação da negação.

Destas considerações de Mao Tse-Tung (1975) podemos inferir que todo esse processo acompanha o ensino-aprendizagem. Claro que não podemos reduzir o papel de um professor ou de qualquer outro sujeito veiculador da experiência

cognoscente (para fazermos alusão à palavra ensino) ao de um objeto, ou de uma situação, mas podemos entender que o conhecimento ao mesmo tempo emana do objeto e das condições de percepção e reflexão reunidas no sujeito. Por isso a mediação - a reflexão - como a execução consciente da relação entre o imediato e o mediato se faz presente.

A prática é importante para nossa pesquisa no sentido de ser o critério de verdade por nos adotados para a reflexão sobre os resultados (“fomos a campo para ‘testar’ as teorias aqui expostas”) e também por considerarmos que a prática (reflexiva) dos sujeitos envolvidos na pesquisa revela a verdade sobre eles, e não apenas o que dizem ou assinalaram nos questionários. Karl Marx (1984) percorre os caminhos da reflexão acerca da possibilidade de uma correspondência entre pensamento humano e verdade objetiva, na tese II (MARX,1984).

Lança a prática como critério de verdade seguindo o sentido de que a prática revela o homem em sua essência ao demonstrar elementos e aspectos do pensamento construído pela mediação reflexiva por meio do trabalho prático e teórico, constituindo, assim, profunda crítica ao idealismo. Portanto, se a reflexão permanece em um nível de aprofundamento raso e não se pode submeter aquela ideia a um teste prático de verdade, ela não contemplou a complexidade da realidade de maneira adequada e por isso não poderá propor uma solução adequada sendo que terá sua existência condenada única e exclusivamente ao mundo das ideias (MARX, 1984).

Fica claro nos autores abordados até o momento, nesse subitem do texto, um pensamento que mantém vínculos íntimos com a prática. E que o pensamento final preserva e aprimora esses vínculos realizando-os em diferentes e sobrepostas escalas. Sempre partindo de algo simples possibilitando a chegada ao complexo. Por isso, este processo de ensino-aprendizagem de formação humana contextualizada espacialmente, em sua forma hegemônica, expressa os valores burgueses apropriados às classes dominantes. Como já demonstrado anteriormente nesse texto nas ideias de Doreen Massey (2008), também existem certas “brechas” geográfico-espaciais pertinentes à emancipação dos dominados que por suas ações prático-reflexivas podem ser levados à ideologia revolucionária ou não.

Sendo que estes processos acontecem de incontáveis formas diferentes e possuem as mais variadas ligações. Achamos válido mencionar que nem sempre este processo é levado a cabo até os níveis científicos ou aos revolucionários. Por

isso abrem-se diversas possibilidades de manifestação como o senso comum, os conhecimentos escolares e o começo das investigações científicas, momentos que compõem, mas não esgota, a formação do conhecimento sobre a realidade como um todo concreto.

A realidade concreta é ao mesmo tempo teórica e prática. Seu conhecimento como um todo, através de um imenso e mais ou menos definido processo de ensino-aprendizagem, engloba tanto aspectos práticos como teóricos. Como demonstra Karel Kosik (1976), que no âmbito de contemplar a totalidade que é a realidade, evidencia a *práxis* – produção e reprodução de realidade humanizada - como especificidade humana. A tragédia de contemplarmos o fim de nossa vida como ponto inevitável em nossa linha do tempo-espaço leva-nos a esperança e vivência mediada a qual permite a transformação da realidade (em níveis e intensidades diferentes). Apesar de não discutir diretamente espaço, o autor o menciona como local do movimento social.

Para Karel Kosik (1976), que considera a importância da história, do trabalho, e da economia, “a essência do homem é a unidade da objetividade e da subjetividade” (KOSIK, 1976, p.127). Por isso, pensando em formação humana, conhecimento, ensino-aprendizagem, espaço e práticas espaciais achamos pertinente à ideia de que “a consciência é ao mesmo tempo registradora e projetora, verificadora e planejadora: é simultaneamente reflexo e projeto” (KOSIK, 1976, p. 128). Nesse sentido implica-se difundida polêmica dentro desse campo filosófico-científico e em atrito com a metafísica acerca da teoria do reflexo, que não abordaremos de forma aprofundada aqui, mas de maneira que nos situe no campo interessante a compreendermos a formação humana no espaço geográfico.

De início, explicitamos que a teoria do reflexo vincula-se a nossa pesquisa no que diz respeito à contribuição para a compreensão da formação humana no espaço geográfico. O espaço geográfico mescla características infra e superestruturais, assim a teoria do reflexo pode contribuir para a compreensão das conexões entre psicofera e tecnofera, desde que esse reflexo não seja contemplado como algo simples e imediato. Para discutirmos a teoria do reflexo nos apoiaremos inicialmente em Giulio Giorello (1945) e posteriormente em Caio Prado Junior (1973).

Giulio Giorello (1945) em seu texto, tomando lado pelo materialismo dialético, mas sobre tudo por ideias leninistas de reflexo e aprofundamento, parece mediar um duelo entre Ruler e Lenin que gira entorno da concepção fenomenológica de ciência

produto e arma do idealismo filosófico através da física fenomenológica. Por sua vez, o texto também não recua de críticas aos materialismos, agudamente ao mecanicista.

Na *Parte I - Serão as ideias cópias das coisas?* O autor critica visões científicas fenomenológicas que se apoiam na possibilidade de produção científica de cópias da realidade, e não focam em um critério de verdade objetivo, concreto e palpável. Na *Parte II - Reflexo e aprofundamento* percebemos o reflexo como uma propriedade da matéria altamente organizada, que reflete em certo grau a realidade objetiva. Somente o reflexo da realidade objetiva alicerçado nas condições do conhecimento já acumulado historicamente sobre o objeto, ou processo em questão, possibilita sua compreensão em aprofundamento.

Na *Parte III - Como se articula a teoria do reflexo?* Aparece a crítica primordial a Ruker: “[...] o cerne de seu pensamento é que a teoria da física é uma cópia (sempre bem exata) da realidade objetiva” (p.?). Que serve também de base há como deve ser contemplada a articulação pertinente à teoria do reflexo: não uma cópia da realidade, mas um produto da imagem e semelhança da realidade objetiva produzida pelo trabalho humano contextualizado espaço-temporalmente. A realidade se complexifica ao mesmo passo que sua compreensão também se complexifica, aí reside o “reflexo” (GIORELLO, 1945).

Caio Prado Junior (1973) e Giulio Giorello (1945) aparentam acordo em relação à crítica direcionada para a metafísica, porém, o primeiro faz crítica à teoria do reflexo trabalhada por soviéticos posteriores a Lênin e se opõem de forma geral à teoria do reflexo. O conhecimento para ele é uma representação e não reflexo (sendo que a visão unilateral de teoria do reflexo traria à tona a metafísica escondida nos marxistas – já que a mesma concebe o conhecimento como algo que já existe, preexistente ao pensamento).

Caio Prado Junior (1973) considera como problema da metafísica a essência por ela tratada ser ambígua: pertencer ao mundo do pensamento abstrato além do da objetividade e materialidade concretas. A crítica do autor se dirige sobre tudo a concepção metafísica de conhecimento (e por consequência aos rastros metafísicos presentes nos marxistas). O conhecimento não está pronto e precisa ser colhido, ele precisa ser produzido. Mesmo assim, na citação a seguir, admite que a segmentação em classes da sociedade possa, para Marx, ser um reflexo:

Como a história evidenciava, é na exploração do trabalho alheio, embora realizada de formas diferentes que assenta a estrutura e funcionamento de toda sociedade dividida em classes. Essa divisão não é aliás, fundamentalmente, senão reflexo e expressão daquela exploração. A essa conclusão de ordem geral, Marx já chegara muito antes de se iniciar a fundo na análise econômica. E foi ela sem dúvida dos principais fatores que o impeliram no sentido em que dirigiria a sua obra e vida. Tratava-se aliás de convicção generalizada já na época; e em particular, naturalmente, nos meios trabalhistas, bem como nos círculos intelectuais em contato com aqueles meios e a que Marx se ligaria muito cedo. Será na premissa que se propõe nesse fato da exploração do trabalho humano que partem suas investigações. A saber, como, por que mecanismo se processa e efetiva tal exploração? Tal será uma de suas incógnitas (PRADO JUNIOR, 1973, p.?).

Ainda que para Caio Prado Junior (1973) as classes sejam reflexo da exploração dos trabalhadores pela burguesia, é como se ficasse “faltando” aquilo que explique por qual mecanismo ocorre essa exploração, nesse sentido o conhecimento e a ciência devem atuar na produção do novo, no entendimento das relações, ressignificações dos objetos perante essas relações. Para aprimorarmos esse entendimento, no contexto de nossa dissertação, portanto, de como a teoria do reflexo pode contribuir na compreensão da formação humana no espaço geográfico chegamos a um novo autor: Mikail Bakhtin (Volochinov) (2006).

Este pensador considera a “palavra como signo social [...] como instrumento da consciência” (BAKHTIN, 2006, p.38). Nesse sentido destaca o papel da linguagem no social, na ideologia. Atua também no sentido de explicitar a formação das ideias, que compõem entre outras coisas o conhecimento, o desenvolvimento concreto da representação da realidade. Tecendo explicações sobre a filosofia marxista da linguagem Mikail Bakhtin (Volochinov) (2006) comenta os desvios na direção de propagação das ondas ideológico-verbais (reflexo e refração) que compõem a realidade existindo nos sujeitos e em seus arredores.

A propagação da linguagem é proveniente das transfusões de meios materiais, através do reflexo e da refração. Nesse sentido o desenvolvimento do concreto pensado é também moldado pelo reflexo e pela refração social que ocorre no espaço geográfico e suas características infra e superestruturais, nos âmbitos da tecnosfera e da psicosfera, ou seja, esse concreto pensado é reflexo não unilateral, pois recebe influência da totalidade da materialidade, assim sendo, das diferentes propriedades das diferentes materialidades e suas refrações. Assim formam-se os desvios, as complexificações do reflexo (BAKHTIN, 2006).

Voltando a Caio Prado Junior (1973) e aprofundando-se na concepção e comunicação dos conceitos, vemos que o autor menciona a linguagem como forma

de expressão e formalização dos conceitos. O que nos dá margem para a noção de que o próprio sistema de signos, apoiado na linguagem, constituído no interior da mente do sujeito, vincula-se ao exterior, e por isso, encontra-se embebido de ideologia como coloca Mikail Bakhtin (Volochinov) (2006).

Antes de entrarmos em uma discussão mais geográfica da teoria do reflexo é válida a citação a seguir que demonstra a complexidade do reflexo entre infra e superestrutura:

[...] toda explicação deve ter em conta a diferença quantitativa entre as esferas de influência recíproca e seguir passo a passo todas as etapas da transformação. Apenas sob esta condição a análise desembocará, não na convergência superficial de dois fenômenos fortuitos e situados em planos diferentes, mas num processo de evolução social realmente dialético, que procede da infra-estrutura e vai tomar forma na superestrutura (BAKHTIN, 2006, p.40-41).

Os sujeitos estão envolvidos em um contexto socioespacial composto pela materialidade e seu reflexo imaterial, assim se seguirmos a trilha da materialidade no espaço (tecnosfera) podemos chegar à imaterialidade que emana do espaço geográfico (psicosfera). Compreendendo assim a formação humana que ocorre no espaço geográfico alicerçada na teoria do reflexo. Como exemplo trabalhado em nossa pesquisa existe os sujeitos que estão envolvidos em uma unidade educacional, porém não podemos reduzir o contexto socioespacial a um ponto ou área no espaço geográfico, temos de vincular o contexto socioespacial às práticas espaciais.

Para investigarmos as imaterialidades refletidas das materialidades devemos esclarecer a utilização prática que se faz delas, ou seja, na materialidade de uma determinada unidade de ensino encontraremos amplas imaterialidades com respectivas bases práticas. Aqueles que praticam o estudo na materialidade escolar tendem a estar embebidos por imaterialidades pertinentes à prática de suas classes. Por sua vez, aqueles que praticam a docência nesses espaços tendem a estar imersos em imaterialidades referentes às suas classes. O que também ocorre com os servidores técnico-administrativos e suas respectivas classes. Não é demais salientar que essas discrepâncias imateriais não dizem respeito diretamente a qualidades de superioridades e inferioridades, e estão mais ligadas a conotações ideológicas, de classe e técnico-filosóficas.

As relações humanas são sempre de reprodução e produção, portanto, o conhecimento é um desdobramento desse processo material e imaterial que envolve

momentos concretos e abstratos. Assim, a contextualização prático-espacial, possibilita a caracterização do circuito de reflexos e refrações pertinentes à formação humana. Nesse sentido, faz-se interessante voltarmos às reflexões de Lefebvre (2000), que faz crítica à redução da teoria do reflexo a um espelho, inserindo a espacialidade e complexificando o reflexo através da inserção de algumas relações contraditórias:

Quais são essas relações? a) a simetria, (planos e eixos), duplicação, reflexão, com sua correlação, as dissimetrias; b) a miragem e os efeitos de miragens: reflexos, superfície-profundidade, revelado-oculto opacidade-transparência; c) a linguagem, a “reflexão”, as oposições conhecidas: conotante-conotado, valorizante-valorizado; a refração pelo discurso a consciência de si e do outro, do corpo e da abstração, da alteridade e da alteração (alienação); o tempo, ligação imediata (vivido, portanto cego e “inconsciente”) do repetitivo e do diferencial; o espaço, enfim, com suas duplas determinações: fictício-real, produto e produtivo, material-social imediatividade-mediação (meio e transição), conexão-separação etc. (LEFEVBRE, 2000, p.257-258)

Sobre a relação entre linguagem e espaço:

Toda linguagem se situa num espaço. Todo discurso diz qualquer coisa sobre um espaço (lugares ou conjuntos de lugares); todo discurso fala de um espaço. É preciso distinguir o discurso no espaço, o discurso sobre o espaço e o discurso do espaço. Por conseguinte, entre a linguagem e o espaço existem relações mais ou menos mal conhecidas. Sem dúvida, não existe espaço verdadeiro (o que postulava a filosofia clássica, o que postula seu prolongamento, a epistemologia e a “cientificidade” que ela define). Mas indubitavelmente existe uma verdade do espaço, que inclui o movimento da teoria crítica, sem a ela se reduzir. No espaço e do espaço, os seres humanos (por que dizer “o homem”?) não podem se ausentar não se deixam excluir. (LEFEVBRE, 2000, p.189)

Para Christian Schmid (2012), Lefebvre, em sua teoria da linguagem tríade distingue as dimensões: paradigmática (na qual, através do processo metafórico é possível substituir um termo por outro), a sintática (normas formais de combinação de signos) e simbólica (não matemática e cartesiana, ambígua, criativa). Sobre linguagem, espaço e conhecimento, Lefebvre coloca que são imbricados:

O conhecimento possui, portanto, um fundamento estável, ao qual se acrescentam as extensões sucessivas, a epistemologia (que, com efeito, assenta-se sobre o saber adquirido e sobre a linguagem desse saber), a semiologia (que se ocupa dos sistemas de signos nãoverbais etc.). Nessa perspectiva, tudo é linguagem: a música, a pintura, a arquitetura. Reduzido aos signos, e aos conjuntos de signos, o espaço entra, por conseguinte, no saber. E, cada vez mais, todos os objetos no espaço! (LEFEVBRE, 2000, p.190).

“A linguagem, o discurso, modelam-se no espaço das representações do espaço e dos espaços de representação” (LEFEVBRE, 2000, p.116). “[...] A semiologia introduz a idéia de que o espaço depende de uma leitura e por

conseqüente de uma prática, a leitura-escrita. Enquanto espaço na *city*, ele comporta um discurso, uma linguagem” (LEFEVBRE, 2000, p.117). Para o autor a associação entre linguagem e espaço é inevitável, em nossa visão, seria enriquecedor fazer essas associações também com a ideologia e com o trabalho comunicacional.

Henri Lefebvre (2000) dialoga com Nietzsche enfatizando que o mesmo não utiliza o modelo estático de linguagem e parte da palavra falada, o que é muito esclarecedor. Porém, essa visão difere da de alguns autores com os quais dialogamos como Terry Eagleton (1997), que é crítico a Nietzsche e defende que a linguagem nos dá posse parcial dos objetos aos quais se refere, essa posse realiza-se no nível da abstração, e leva muito trabalho para chegar-se ao nível concreto, material e imaterial de apropriação.

“A analogia entre a teoria do espaço (de sua produção) e a da linguagem (de sua produção) somente pode se conceber dentro de certos limites” (LEFEVBRE, 2000, p.110). Aqui trabalharemos a linguagem assentada na práxis, para não cair nos exageros ligados a ela mesma ou ao discurso no entendimento da realidade. No momento interessa-nos a ideia de que na elaboração do pensamento humano a linguagem é muito importante e funciona basicamente como um instrumento impregnado de signos.

Nesse sentido é colocada por Lev Semenovitch Vygotsky (1984) que qualquer atividade prático-reflexiva realizada pelos humanos extrapola “[...] as dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos de signos” (VYGOTSKY, 1984, p.29). Assim podemos mediar nossa relação com a realidade através desses processos que acontecem no âmbito das

[...] funções [psicológicas] superiores, [aquelas especificamente humanas, nas quais] a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento. (VYGOTSKY, 1984, p. 29)

Todas as operações com signos necessitam de “um elo intermediário entre o estímulo e a resposta” (p.29). O que decorre disso é a produção de um signo (ou sistema de signos) com função de criar relações, o que indica a necessidade de engajamento do indivíduo – isso é bastante interessante por agir também sobre o próprio indivíduo além do ambiente. Para o autor, a fala nas crianças precede a ação efetiva com o meio ambiente físico e social, e “[...] esse amálgama de fala e ação

tem uma função muito específica na história do desenvolvimento da criança” (VYGOTSKY, 1984, p.23).

Para o autor as atividades das crianças são erigidas no ambiente físico e social adquirindo significado próprio nesse sistema em que “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa” (p.24). Pontua ainda que apesar da grande importância da memória, as conexões internas revelam mais sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores do que “[...] uma mudança [...] na estrutura de uma função isolada” (VYGOTSKY, 1984, p.36).

Lev Semenovich Vygotsky (1984) estuda crianças e adultos para compreender as ligações entre desenvolvimento ontogênico e aprendizagem social em uma visão bastante teórico-científica-empírica sobre as quais muito se afirma e se percebe sobre as bases filosóficas materialistas, históricas e dialéticas. Logo, particularidade e singularidade, evolução e desenvolvimento, teoria e prática, tudo isso que viemos a discutir até agora como *práxis*, compõem o processo de:

[...] internalização de formas culturais de comportamento [que] envolve[m] a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir; são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. O uso de signos externos é também reconstruído radicalmente. As mudanças nas operações com signos durante o desenvolvimento são semelhantes àquelas que ocorrem na linguagem. Aspectos tanto da fala externa ou comunicativa como da fala egocêntrica "interiorizam-se", tornando-se a base da fala interior. (VYGOTSKY, 1984, p.41)

Essa socialidade da formação do pensamento humano dialoga com Bakhtin (2006), que também chama atenção para o sistema de signos que funciona no âmbito interno e externo. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), são apresentadas algumas considerações iniciais sobre signo (que é algo essencialmente material-social), ideologia (que só existe na interrelação entre humanos organizados – que formam unidade social por meio dos signos – sendo seu meio de comunicação) e consciência (base imaterial do indivíduo humano que só passa a existir quando impregnada de signos ideológicos). Como percebemos ao discutir esse autor, as associações entre linguagem e ideologia são inevitáveis, se bem que não ocorrem exclusivamente da forma posta pelo autor.

Na obra supracitada apesar de mencionar que “nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano”

(BAKHTIN, 2006, p.38), as palavras são engrandecidas, como signo ideológico superior por possuírem uma “neutralidade (diferente dos outros signos que são [...] criado[s]por uma função ideológica precisa e permanece[m] inseparav[eis] dela”(BAKHTIN, 2006, p.37), por isso são capazes de serem embebidas dos mais variados significados ideológicos. Chegando a serem interiores, uma espécie de material semiótico da consciência a ser trabalhado pela linguagem interior - como uma combinação de signos. A seguir, salienta que “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 2006, p.36).

Para esclarecermos as conexões entre a linguagem e o espaço geográfico, que também se dão fundamentalmente pelas relações sociais, é necessária a apresentação da citação a seguir:

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (BAKHITIN, 2006, p.38, grifos do autor)

A mesma fez se necessária por demonstrar que fenômenos reais demandam uma compreensão humana enriquecida pela linguagem e seu principal produto: a palavra. O autor acima citado refere-se a propagação de ondas internas à consciência, mas podemos aprofundar a interpretação desta citação se em nossa imaginação substituímos o termo *superfície das águas* por *espaço geográfico*, e imaginarmos que essas ondas de significados e significantes ocorram para além do âmbito interno das consciências, mas em conexão com elas, permeando os objetos compositores do espaço geográfico, o que pode contribuir muito para abordarmos a disseminação da linguagem e da ideologia pelo espaço.

Para o autor o aspecto semiótico da comunicação social aparece de maneira mais clara e complexa na linguagem, sendo que a natureza de todos os signos ideológicos é a materialização da comunicação social:

[...] comunicação semiótica [...] diretamente determinada pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (BAKHITIN, 2006, p.36)

O método sociológico marxista, para dar conta das “[...] profundidades [...] [e] [...] sutilezas das estruturas ideológicas ‘imanescentes’[tem de conceber a] filosofia da linguagem [...] como filosofia do signo ideológico” (BAKHITIN, 2006, p.39). A palavra acompanha toda criação ideológica, e não substitui outros signos ideológicos como a música, por exemplo, mas é sua qualidade de ubiquidade social que permite explicitar a linguagem como arena da luta de classes.

Para isso o autor debruça-se sobre “a questão de saber como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação”(p.42). Nesse sentido, salienta que as palavras registram as mais amplas conotações ideológicas (até mesmo aquelas que ainda não se tornaram qualidades ideológicas acabadas). Nisso reside à perspicácia dos signos em sua polivalência. Assim, o signo possui relação contraditória com a luta de classes –“a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, [...] a fim de tornar o signo monovalente” (p.48). Porém, isso é impossível, o signo, significantes e significados compõem também os duelos das lutas de classes (BAKHITIN, 2006).

As conexões entre signo interno (relação com sistema interno, psicológico) e signo exterior (sistema objetivo, permite a delimitação entre psíquico e ideológico) mostraram-se de acordo com as colocações marxistas acerca do desenvolvimento da formação humana no espaço geográfico. Assim, os estudos sobre formação humana e linguagem no espaço geográfico inserem-nos nos entendimentos sobre ideologia. As propriedades de fluidez social possuídas pelas categorias de ideologia e de linguagem tornam-nas passíveis de movimento no espaço geográfico emprestando sentido linguístico-ideológico a seus objetos e a sua totalidade. Porém não podemos prosseguir sem antes fazermos alguns esclarecimentos iniciais acerca das relações entre linguagem e ideologia.

Renata Silva (2010) discutiu as relações entre ideologia e linguagem em várias perspectivas, mas nos ateremos aqui a de Eagleton (1997) e a de Bakhtin (2006):

Para Eagleton [...], são justamente as circunstâncias de interlocução que determinarão se há presença ou ausência de ideologia. Para [...] Bakhtin, essas circunstâncias permitirão perceber o inquestionável: a determinação ideológica da língua (SILVA, 2010, p.178).

De nossa parte, no sentido de mediar uma posição, diríamos que sempre irá existir ideologia na linguagem, mas não é isso que vem ao caso, e sim o fato de que a ideologia (em sua qualidade e grau) em hipótese alguma se resume a isso.

No sentido de elucidar o vínculo ideológico e linguístico ao espaço geográfico faremos referência a Érico Veríssimo (2006) em sua bela obra *Incidente em Antares*, em que descreve a “vida” de um boato:

Ora, um boato é uma espécie de enjeitadinho que aparece à soleira duma porta, num canto de muro ou mesmo no meio duma rua ou duma calçada, ali abandonado não se sabe por quem; em suma, um recém-nascido de genitores ignorados. Um popular acha-o “engraçadinho” ou monstruoso, toma-o nos braços, nina-o, passa-o depois ao primeiro conhecido que encontra, o qual por sua vez entrega o inocente ao cuidado de outro ou outros e assim o bastardinho vai sendo amamentado de seio em seio ou, melhor, de imaginação em imaginação, e em poucos minutos cresce, fica adulto – tão substancial e dramático é o leite da fantasia popular – começa a caminhar pelas próprias pernas, a falar com a própria voz e, perdida a inocência, a pensar com a própria cabeça desvairada, e há um momento em que se transforma num gigante, maior que os mais altos edifícios da cidade, causando temores e às vezes até pânico entre a população, apavorando até aquele que inadvertidamente o gerou. (VERÍSSIMO, 2006, p.115-116)

A citação demonstra que pouco importa o “progenitor” do boato, e sim as circunstâncias as quais é submetido. Não podemos afirmar o mesmo sobre a linguagem no espaço geográfico. Mas que esse caminho meio predestinado e meio sem destino, percorrido pelo boato, possui a mesma delineação dos circuitos percorridos pelas linguagens no espaço geográfico (engendrados pela e para a ideologia inicial e final), podemos afirmar sim.

2.3. *Ideologia no espaço geográfico*

No decorrer desse subitem, ora diretamente, ora indiretamente passaremos pelas relações entre linguagem e ideologia. Postularemos que parte das relações diretas entre linguagem e ideologia perpassa o espaço geográfico. Assim recorreremos a Umberto Pessoto e Antônio Sobreira (2007) que demonstram linhas de pensamento em relação à ideologia junto de uma leitura sobre a mídia; Terry Eagleton (1997), que faz uma leitura histórica e crítica profunda do termo e por Antonio Carlos Robert Moraes (2005), que as espacializa. Sendo que todos eles a politizam e nos lançam na política, que se materializa também no espaço geográfico.

Nos debates científicos a ideologia é vista, sobretudo, como hegemônica ou como disputada pela luta de classes. Umberto Pessoto e Antonio Sobreira (2007),

antes de apresentar ideias sobre o que chamam de conceito moderno de ideologia recorrem ao quadro da página 62 elaborado por eles mesmos baseados em Boudon no qual é possível identificar alguns tipos de definição da ideologia como:

1- Duas correntes marxistas que veem a ideologia como ideário verdadeiro ou falso, a ideia de ideologia vinculada ao critério de verdadeiro e de falso: a veem como ciência falsa; ou como reflexo (Marx).

2- Duas correntes marxistas que não se referem ao critério de verdadeiro e falso, a situam como realidade social: a veem como instrumento da luta de classes (Lenin); ou como atmosfera da respiração social (Althusser).

3- Duas correntes não marxistas que se referem ao critério de verdadeiro e falso, a veem como ideário verdadeiro ou falso: considerada como derivação indireta do verdadeiro ou falso (Aron) ou como desvio da objetividade (Parsons).

4- Duas correntes não marxistas que não se referem ao critério de verdadeiro e falso situam-na como realidade social, portanto a veem como simbólica (Geertz) ou como crenças sub-sistêmicas (Shils).

Umberto Pessoto e Antonio Sobreira (2007) analisam uma matéria da *Veja* de 16/04/97, sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e identificam os produtores das opiniões como os proprietários da revista, ou líderes da guerra ideológica, e como intelectuais orgânicos (Gramsci)⁸ vinculados às classes dominantes do país. A marcha em questão reivindica uma bandeira em comum com o liberalismo, o direito à propriedade. Isso leva a um acirramento vinculado ao esclarecimento da guerra ideológica. Para isso a revista os taxa como o velho, o não globalizado (em consonância com as ideias de Boa Ventura) (PESSOTO; SOBRERA, 2007) .

Terry Eagleton (1997) é outro autor que volta os olhos à ideologia, também observando as correntes de pensamento. Apesar de propor uma espécie de simbiose entre as linhas de pensamento aproxima-se, mesmo que em muitos momentos implicitamente, da teoria do reflexo. Sua obra vai, além disso, e faz uma caracterização ampla da ideologia, em suas variadas definições e utilizações e chega a chamá-la de *texto* (p.15). Busca por encontrar os pontos positivos nas diferentes linhas de pensamento acerca da ideologia. Demarca sua crítica da ideologia em uma crítica constante ao iluminismo substanciado na prática da ideia

⁸ Os autores fazem crítica a Boudon pela falta Gramsci e alguns outros teóricos no quadro, o que não inviabiliza a proposta de linhas de pensamento sobre a ideologia apresentadas.

de “salvar de fora”, pois, apesar de nos revelarmos *bachareis* na arte de reproduzirmos ideias não verdadeiras contra nós mesmos, sobretudo, é necessitado um processo ativo de enxertia dessas ideias (EAGLETON, 1997).

Avança na crítica da crítica da ideologia através das associações entre ideologia e prática, materialidade e a insuficiência da teoria pura:

[...] não é que a crítica da ideologia proponha substituir a falsidade por alguma coisa verdadeira. Em certo sentido, essa crítica conserva algo de uma estrutura racionalista ou iluminista: a verdade, ou teoria, lançará luz sobre as concepções falsas. Mas é anti-racionalista na medida em que o que ela propõe, então, não é um conjunto de concepções verdadeiras, mas apenas a tese de que todas as idéias, verdadeiras ou falsas, baseiam-se na atividade prática social, mais particularmente, nas contradições que essa atividade gera (EAGLETON, 1997, p.72).

O autor opta então por uma definição de ideologia que gire entorno da falsificabilidade da realidade, da crença falsa moldada no erro ideológico,

[...] cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias, considerando-as porém oriundas não dos interesses de uma classe dominante, mas da estrutura material do conjunto da sociedade como um todo. (p. 40)

A falsidade em questão “[...] pode ser epistêmica, funcional ou genérica, ou alguma combinação das três” (EAGLETON, 1997, p. 193).

O autor fundamenta sua escolha e definição de ideologia na leitura de alguns textos mais voltados à economia e ao capital, mas também na obra: A ideologia alemã de Marx e Engels, na qual se debruça com mais extensão e afinco por conta da conexão direta com o tema. Para ele a ideologia não pode ser entendida se dissociada da alienação, da fetichização e da reificação da realidade, ou seja, a aparência de externalidade das ideias no que diz respeito à realidade social é parte interna desse processo – “[...] isso ajuda a naturalizá-las e desistoricizá-las” (EAGLETON, 1997).

Nas complexas constatações de Terry Eagleton (1997) sobre a concepção de ideologia presentes em Marx e Engels. Alerta-se para uma oscilação entre um sentido mais político e um mais epistemológico. No político o que importa é a função e a origem das crenças, e não se elas são ou não falsidades. No epistemológico, porém, a falsidade funciona tanto no sentido ético como no propriamente epistemológico. Assim, o termo ideologia pode também ser visto como consciência de classe operária (EAGLETON, 1997).

Terry Eagleton (1997) volta-se à ideologia observando duas grandes tendências de sentido ao termo: 1- um mais amplo - “determinação social” e 2-

“disposição de falsas ideias no interesse direto de uma classe dominante”. Posiciona-se em favor da aplicabilidade contextualizada de ambos os termos. Faz isso ao atender os objetivos da obra, de estabelecer um conjunto de ideias acerca da ideologia de acordo com contextos históricos, e de colocar em discussão a ideologia nos meios acadêmicos por conta da necessidade do contexto histórico no qual escreveu a obra. Assim, enfatizam-se as duas funcionalidades do termo (EAGLETON, 1997, p.193).

A ideologia constitui-se em uma unidade social imaginária para que uns reinem (*ordem social*). Por ser a ideologia a naturalização da realidade semiótica. Assim traços da mistificação camuflam-se através do “auto-esclarecimento ideológico” e nas ideologias oposicionistas que muitas vezes reproduzem os mecanismos das ideologias dominantes na busca de legitimação de suas próprias crenças e da unificação de forças políticas. Porém, são as ideologias oposicionistas que auxiliam nos processos de “[...] libertação diante de crenças letais” (EAGLETON, 1997, p.195).

Para o autor, ideologia emana das formações materiais configurando uma formação ideológica. “Estudar uma formação ideológica é, portanto, entre outras coisas, examinar o complexo conjunto de ligações ou mediações entre seus níveis mais e menos articulados” (EAGLETON, 1997, p.55). Algumas perguntas emergem dessas considerações: Esses conjuntos de ideias estão associados a quais tipos de formação material? Como é possível que existam conjuntos de ideias opostos convivendo nas mesmas formações materiais? A prática desmistifica os vários usos ideológicos de uma mesma materialidade?

No intuito não de esgotar as perguntas acima mencionadas, mas de refletir sobre caminhos para suas respostas deparamo-nos com o espaço geográfico e com a prática espacial. Para nós essa noção de formações ideológicas é extremamente valiosa – com ela é possível compreender que as ideologias emanam das formações materiais, no sentido de avançar no entendimento das articulações e mediações, assim o espaço geográfico apresenta-se. Continuando nesse sentido as práticas espaciais como mediação revelam os níveis de articulação ideológica entre si e com as formações materiais.

A relação entre “[...] interesses sociais e crenças ideológicas, [...] são variáveis [...] podem significar interesses materiais, negá-los, racionalizá-los ou disfarçá-los, chocar-se com eles etc.” (EAGLETON, 1997, p.186). O autor sempre

ênfatiza a ideia de que a esfera ideológica não é um simples reflexo, o que coloca o reflexo como complexo. A nosso ver, é na prática espacial, em seu caráter de materialidade e imaterialidade, que temos contato cotidiano com a formação material e reflexiva da sociedade, incluído aí a ideológica e a cognocente.

Um dos objetivos do texto é atizar a discussão acadêmica anêmica sobre ideologia, em um momento histórico de exaltação de fundamentalismos na política, e “[...] nacionalismo revolucionário continua[ndo] em luta com o poder imperialista”(EAGLETON, 1997, p.11). Momento caracterizado pela presença demasiada da ideologia para além da academia, perpassando centros de decisões e o próprio senso comum. Para o autor a consciência como rede de significantes está até mesmo mais fora do que dentro de nós (EAGLETON, 1997, p.172).

Essa circulação de ideologias por diferentes meios, em diferentes níveis hierárquicos e com as mais variadas interações e conexões possíveis demonstram certa afinidade de Terry Eagleton (1997) com parte das ideias de (BAKHTIN, 2006), especialmente as que: “admite[m] [...] acordo, ajuste, incorporação, oposição total. Entre as ideologias oficiais e as que emanam das práticas”(EAGLETON, 1997, p.54). O autor avança nas interpretações e encontra “[...]o delineamento de uma teoria materialista de ideologia que não a reduz simplesmente a um reflexo da ‘base’ econômica”(p. ?). Um reflexo que valorize a situação social a qual o signo está vinculado. Assim, é possível contemplar que:

[...] Se a linguagem e a ideologia são, em um sentido, idênticas para Voloshinov⁹, em outro não o são. Pois posições ideológicas contendoras podem articular-se na mesma língua nacional, cruzarem-se na mesma comunidade linguística, e isso significa que o signo se torna “uma arena da luta de classes” (EAGLETON, 1997, p.172).

Terry Eagleton (1997) demonstra algum distanciamento ao pensamento de Bakhtin (2006), se ponderarmos a seguinte reflexão: para Mikhail Bakhtin (2006) a palavra seria a melhor substituta possível para alguma relação social. Enquanto Terry Eagleton (1997) nos chama a guardar as devidas proporções através da citação, que apesar de estar mais direcionadas a autores posteriores ao texto de Bakhtin (2006) e que em muitas vezes enveredaram seu caminho, é bastante explicativa:

[...] uma prática pode muito bem ser organizada como um discurso, mas, na verdade, é mais uma prática que um discurso. É desnecessariamente ofuscante e homogeneizador classificar coisas como fazer um sermão e tirar

⁹ Esse texto de Voloshinov foi publicado no nome de Mikail Bakhtin (2006), em nossa dissertação optamos por utilizar o nome que encontra-se na publicação.

um pedregulho da orelha esquerda como uma mesma categoria.
(EAGLETON, 1997, p.191)

Para nós, essa discordância dos autores vem do fato de que falar escrever algo, no intuito de ameaçar alguém é obviamente diferente de perfurar alguém com uma caneta. Por outro lado devemos diferenciar o sermão comum em uma igreja e o sermão dado por um parlamentar político em uma igreja do seu distrito eleitoral. Ao visar reconquistar a confiança de seus eleitores, depois de algum fato político ter seu ônus direcionado ao parlamentar em questão. E isso não diminui a importância da linguagem, da ideologia ou menos ainda das duas imbricadas. Ou Ha-Joon Chang, que trata em suas pesquisas de desenvolvimento de países, ser considerado de esquerda na Inglaterra e de direita na Coreia do Sul não tem nenhum impacto sobre a aceitabilidade de suas ideias no Brasil e no resto do mundo?

É necessário distinguir as hierarquias de potencial de intervenção na realidade que existem entre variadas práticas, inclusive as práticas discursivas. O exagero na valorização do discurso pode levar a uma mistificação da realidade. Porém, para o autor ideologia tem mais a ver com discurso do que com linguagem, mais a ver com objetivo significativo do que com significado: “a ideologia é antes uma questão de ‘discurso’ que de ‘linguagem’ – mais uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significação como tal” (EAGLETON, 1997, p.194).

Terry Eagleton (1997) pondera que é importante diferenciar e dissociar as interpretações gerais que fazemos da realidade daquelas específicas da crítica, da transformação da realidade. Nesse sentido, na relação com a ideologia, enaltece o discurso em detrimento da linguagem. Concordamos com o autor, porém, em nossa pesquisa optamos pela discussão abrangente da noção de linguagem justamente por sua amplitude e suas possibilidades de reverberações no espaço geográfico. Assim, as práticas espaciais estão associadas a discursos ideológicos que por sua vez são “carregados” pelo espaço geográfico, por meio da linguagem que emana por sua tecnosfera e psicofera.

Apesar de concordar em termos de operações e processos com alguns autores, Terry Eagleton critica o reducionismo pejorativo que leva à ideia de ideologia a ideia de subjetividade adotada por muitos pós-modernos. Para ele muitos efeitos ideológicos são produzidos “por processos políticos impessoais mais do que por estados subjetivos do ser” (EAGLETON, 1997, p.194). Assim, a ideologia aparece como práticas concretas, materiais e imateriais e as conexões que

compõem a realidade não se reduzem a seus conectores, mas estudá-las envolve compreender também o conector.

A ideologia faz parte do reflexo que emana das formações materiais. Porém, devido à desigualdade material e imaterial pertinente ao capitalismo, esse reflexo também é desigual. Isso leva os capitalistas ao entendimento de que se morrerão mesmo, devem aproveitar ao máximo os lucros dessa vida. E aos proletários que estes se encontram no patíbulo. Esse cenário, por óbvio, distorce a única formação ideológica revolucionária possível: aquela que circunda os que precisam mudar os meios imediatamente para que não apenas subexistam e sim vivam - os proletários.

Nesse sentido, não se perde de vista (ainda que de forma bem turva) o fato de que a totalidade da formação ideológica apresenta-se contraditória e desigual. Portanto, mistificadora da realidade em que todos os humanos ao saberem que irão morrer produzem a realidade humanizada. Essa por sua vez proporciona tudo que está em discussão, inclusive a ideia de que uns devem sofrer para que outros se divirtam. Assim, a ideologia é a falsificabilidade da realidade que muitas vezes opera por verdades.

A ideologia como práticas concretas, materiais e imateriais – *práxis*, produz um discurso sobre ela, o qual se propaga através da linguagem também, mas não só. Propaga-se através de objetos em contato prático e dialético com sujeitos. Esses objetos são dotados de significados ideológicos e também significados mais amplos que compõem e vão formando a ideologia. Essa produção e reprodução simbólica da realidade que emana das formações materiais, constituídas no capitalismo, revelam-se desiguais, contraditórias, mistificadoras da realidade, falseiam a realidade e mistificam verdades. Em nossa visão essas operações e esses processos ocorrem no espaço geográfico através de suas formas-conteúdo.

Logo, alguém está produzindo ou reproduzindo *práxis* concretas de ideologia de forma consciente ou inconsciente, e existem pessoas absorvendo isso de forma consciente ou inconsciente de acordo com variados níveis escalares de poder que permitem essas dinâmicas. Assim, a possibilidade de transformação ideológica que é proveniente, em muito, de aspectos espaciais está vinculada à prática política, pois ao se deparar com o poder do Estado em alguma reivindicação pode ser que a consciência seja alterada para sempre, e essa é a importância da teoria da ideologia: auxiliar na emancipação (EAGLETON, 1997, p.195).

Existe uma ligação entre ideologia, espaço geográfico e luta política. A luta política com o poder do Estado necessita de materializações que de forma geral ocorrem por diferentes meios, como o jurídico, mas que acima de tudo associam-se a demandas de classes e a coisa pública. Com essa amplitude de materialidades possíveis, a prática específica dos sujeitos envolvidos contribui na compreensão dos aspectos ideológicos do fenômeno em questão. E como já discutido anteriormente, o espaço geográfico em sua tecnosfera e psicofera atua na elucidação das diferentes materialidades principalmente se associado às práticas espaciais dos sujeitos.

Ainda sobre materialidades e prática, a ideologia está relacionada à luta revolucionária como “arma teórica da guerra de classes. Entra em cena como inseparável das práticas materiais dos aparelhos ideológicos do Estado [...]” (EAGLETON, 1997, p.70). Para a compreensão dessa dialética entre materialidades, práticas e a coisa pública no espaço geográfico, vale irmos ao próprio Louis Althusser (1980) e aos Aparelhos Ideológicos do Estado.

Os Aparelhos Ideológicos do Estado são utensílios voltados à produção e reproduções ideológicas. Constituem o Estado e boa parte pertence a ele, mas não todos. Muitos são privados, particulares – o que passa impressão de dispersão, porém, são identificáveis: “Igrejas, partidos, sindicatos, famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, os empreendimentos culturais etc.” (p.115). Importante salientar que apesar de funcionarem pela ideologia, “funcionam secundariamente pela repressão, ainda que, no limite, mas somente no limite, esta seja muito atenuada e escondida, até mesmo simbólica”(p. 116). Possuem certa autonomia, portanto, expressam contradições das lutas de classes em diferentes níveis (ALTHUSSER, 1980).

Aqui reside uma aproximação entre Terry Eagleton (1997) e Louis Althusser (1980), além da importância da prática social, a importância da luta de classes na constituição da ideologia. Porém, é como se para o primeiro, a ideologia emanasse das formações materiais, (por isso conservando sua desigualdade social) forjada na relação dialética entre classes dominantes e classes dominadas, e sob o domínio do capital. Enquanto que para o segundo, em sua visão de ideologia como *atmosfera social* na interpelação dos sujeitos, a luta de classes em suas expressões referentes aos Aparelhos Ideológicos do Estado revela as classes dominantes incrustadas em posições privilegiadas nos Aparelhos Ideológicos do Estado reproduzindo e produzindo ideologia dominante.

Com essa ideia de Aparelhos Ideológicos do Estado, as ideologias *nascem* nas classes sociais. Porém, a finalidade ideológica transcende os Aparelhos Ideológicos do Estado, que existem na totalidade da realidade como Louis Althusser (1980) demonstrou. Assim, para nós, a ideologia está para além deles e fica nítido como esses Aparelhos Ideológicos do Estado e outros objetos (ou aspectos de objetos) ideológicos fazem parte e circulam pelo espaço geográfico emanando ideologias.

Percebemos nos Aparelhos Ideológicos do Estado um pouco dessa imaterialidade humana que compõem os objetos em sua intencionalidade, muitas vezes ideológica. No espaço geográfico, o Estado existe ideologicamente, infra e superestruturalmente. Encontra-se também na iniciativa privada, pois é no trabalho, na *práxis*, na prática, na teoria, nas leis, na repressão e na permissão, que os espaços públicos e privados são formados e forjados. Com efeito, o livro *Ideologias Geográficas: Espaço, cultura e política no Brasil* (2005), de Antonio Carlos Robert Moraes, faz importante serviço de discutir como se espacializam significados e significantes ideológicos.

Para Antonio Carlos Robert Moraes (2005), a influência da ideologia na Geografia deve ir além da geopolítica e atuar nas intersecções entre cultura e política a partir de suas produções e consumos. Defende isso apoiado em correntes filosóficas, incluindo, dentre outros autores, Marx, Weber e Lukács e linhas de pensamento geográficas brasileiras que se firmaram na influência de Ratzel: Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, entre outros. Nesse sentido, não contempla a ideologia como algo absolutamente circunscrito ao ensino, critica a exacerbação ou só do nível abstrato teórico científico, ou só do histórico-concreto nas pesquisas sobre o tema.

Portanto, contempla a ideologia presente nas políticas do Estado e nas oposições realizadas por grupos sociais. Sendo assim, as ideologias são representações que decorrem no sentido de transformar ou acomodar a realidade (MORAES, 2005). Assim, a paisagem é vista como historicidade. Destaca a consciência espacial que existe desde o senso comum até o senso revolucionário ou científico, e por fim, separa a imaterialidade da forma espacial material e foca sua atenção na imagem do mesmo na cultura e na política. O discurso sobre os lugares ocupa o papel de revelar a consciência do espaço. “Do qual, a geografia é uma das modalidades” (MORAES, 2005, p.25).

Do nosso ponto de vista é muito rica essa definição de ideologias geográficas do autor, contudo, faríamos duas ressalvas: 1- a de que a ideologia não existe a *priori* do espaço; 2- As ideologias não são simples representações, são também construções de mistificação, de condições desiguais de entendimento, por isso acrescentaríamos economia, cultura e política. Muitos desses sujeitos nascem em periferias há muito planejadas para além de mantê-los longes das benesses materiais da vida, distanciá-los também das imateriais, como o conhecimento.

Para nós a imaterialidade está mais imbricada no espaço. As ideias espaciais emanam não apenas dos sujeitos que ali estão no espaço, mas sim da própria formação material (como parte dos significantes, um referencial composto por significantes). As práticas espaciais dos sujeitos consolidam o espaço geográfico. Observando que a luta de classes nesse processo se dá voltada a própria disputa da constituição material e imaterial (de significantes e significados), e que se considerarmos que o trabalho em seu sentido filosófico constrói toda a realidade humanizada, não podemos desconsiderar, que pelo potencial sintético do trabalho social realizado, as categorias econômicas, como diria Kosik (1976), nos “fixam” na realidade, em nosso caso espacial.

Esse jogo entre materialidades e imaterialidades participa da modelagem das ideias que se propagam no espaço geográfico, não as determinando, mas as condicionando no próprio sentido de mistificação da realidade em prol do capital e da desigualdade vinculada a ele, de acordo com as especificidades de classes que lhe forem pertinentes. Cabe sim ao sujeito refazer esse percurso racional de forma inversa, dialética, para desmistificar a realidade que lhe cerca. Porém, as condições da situação dada - construídas pelos sujeitos em seus níveis hierárquicos de poder de impacto na realidade - não conduzem unilateralmente a isso.

Para Antonio Carlos Robert Moraes (2005), a ideologia existe nos sujeitos, e são eles que constroem o espaço através do trabalho na história, o autor coloca o sujeito em oposição ao economicismo. Fixado em uma posição demasiadamente lukashiana e weberiana, Antonio Carlos Robert Moraes acaba por elaborar um espaço estático, receptáculo do humano. Divide o marxismo em duas macrovertentes: 1- Estrutural interessada nas regularidades, as quais, para o autor, “pertenceriam” às discussões sobre ideologia; e a 2- Histórica focada nas singularidades, no universo cultura-política. Antonio Carlos Robert Moraes (2005)

caminha em um meio termo relevante no que diz respeito às duas últimas vertentes citadas, porém, deficitário por conta da ausência das ideias de Louis Althusser.

Antonio Carlos Robert Moraes (2005) critica a ideologia como ilusão, concorda com ideologia como “visão de mundo’, [...] valor simbólico produzido e consumido socialmente, enquanto combustível intelectual que impulsiona a prática social” (MORAES, 2005, p.40). De nossa parte, firmados em Terry Eagleton (1997) - não emana dela? Não é moldada por ela? E nessa possível modelagem também não mascara a realidade? As respostas a essas perguntas parecem estar associadas à ausência das concepções de Althusser na conceituação de ideologia. Talvez isso tenha ocorrido pelo estado do debate marxista naquele momento histórico. O que pode se afirmar é a importância da sofisticação dos entendimentos posteriores sobre ideologias formados por Eagleton (1997).

Ao considerar o Estado-nação como mediação inevitável para o entendimento das ideologias no espaço geográfico torna evidente o desenrolar do título da obra no decorrer do texto. São pontuados momentos históricos intrigantes da história da intelectualidade brasileira que já defendeu o escravismo. A malandragem e a sensualidade aparecem como máscaras da ideologia brasileira que mistificam a violência das elites no Brasil, sendo que para as elites brasileiras (inclusive a intelectual) muitas vezes “[...] a população [se revelou como] um atributo dos lugares” (MORAES, 2005, p.98).

Nesse sentido, muitas das correntes de pensamento geográfico brasileiras revelaram-se estagnadas e antidemocráticas, reproduzindo uma Geografia do Estado produtora de centros de poder e de recortes espaciais organizados à mercê de interesses externos. Isto aconteceu de forma consciente e inconsciente por parte dos intelectuais brasileiros que muitas vezes legitimaram a ideologia repressora e ou a estrangeira. Mas o peso dessas ideologias geográficas brasileiras não deve cair apenas, ou principalmente, sobre a academia brasileira, sendo que as práticas políticas muitas vezes têm suas origens bem distantes da Geografia acadêmica (MORAES, 2005, p. 41).

Ainda sobre espaço e ideologia, percebemos que é comum a sua referência em um sentido de mapeá-la para entendê-la. O que vemos até em alguns títulos,

tais como: 1- Um mapa da ideologia, Slavoj Zizeck (1996)¹⁰ e 2- Micropolítica: Cartografias do desejo, Felix Guatari; Suely Rolnik (1986). O que em nossa visão é essencialmente importante desde que visto não como um simples mapeamento da ideologia, mas sim como um produto da relação dialética entre ideologia e espaço geográfico, algo que revele os circuitos percorridos pela ideologia no espaço geográfico através das práticas espaciais dos sujeitos.

Como vimos, Terry Eagleton (1997) possui divergências quanto a redução da ideologia à ideia de subjetividade, o que para nós é bastante relevante, porém os processos descritos nas duas últimas obras citadas são muito importantes para compreendermos o funcionamento imaterial e semiótico do capitalismo. No que tange a espacialização pela política da ideologia em práticas espaciais de sujeitos, a obra de Felix Guatari (1986) é muito fértil, nos trazendo noções sobre a necessidade também do domínio imaterial por parte do capital. A crítica recorrente ao texto se refere à ideia de que rompeu com a categoria de totalidade e em consequência com o marxismo.

Para compreender a ideologia no espaço geográfico é necessário imbricar nela a linguagem. É claro que a ideologia não se resume a isso, como vimos. As ideologias são algo além do discurso e da linguagem, ou seja, algo prático, material e imaterial. Que exala das formações materiais da sociedade encontrando-se presente no espaço geográfico. A espacialização da ideologia faz parte da essência tanto da ideologia quanto da essência do espaço geográfico e como ambos não existem sem a sociedade fazem parte da essência do homem.

2.4. Linguagem e ideologia nas práticas espaciais

Aqui abordamos as práticas espaciais no sentido de contemplar a linguagem e a ideologia nelas presentes. Para isso recorreremos primeiramente a algumas práticas linguístico-ideológicas do centro ideológico propagador - o império estadunidense. Posteriormente nos dirigimos aos fluxos econômicos e ao “caminhar” de projetos ideológicos. Para finalmente refletirmos sobre a ideologia e a linguagem presentes em algumas instituições formadoras direta e indiretamente educacionais.

¹⁰ Neste texto a ideia de mapa está associada a um esquema conceitual, um mapa mental, mas na introdução escrita pelo próprio autor, é feita alusão a representação e a materialidade espacial de uma sociedade como algo esclarecedor acerca da ideologia.

Nesse sentido, recorreremos a Domenico Losurdo (2015), que utiliza como exemplo a religião, o iluminismo e alguns fatos políticos envolvendo Estados para demonstrar a dissimulação ideológica utilizada pelas classes dominantes e a importância da opinião pública, guiada geralmente por intelectuais, ou pelo menos por correntes de pensamento.

As ideias do autor sobre ideologia perpassam um diálogo entre *Psicologia das multidões de Le Bon* e *Que fazer? de Lenin*. Desse diálogo extrai que para o primeiro, um psicólogo de multidões, é a sedução objetiva que conta e para o segundo, um líder revolucionário, é a inteligência crítica da vanguarda operária. Para Domenico Losurdo, a consciência de classe revolucionária é definida pela atenção a todas as coerções que formam o sistema capitalista e imperialista. Nesse sentido sua obra *A linguagem do império: o léxico da ideologia estadunidense* (2010) também é relevante para nós, pois discute o conjunto de palavras utilizadas pelo império estadunidense em suas dimensões (geo)políticas.

Claro que essas palavras utilizadas pelo império não são simples palavras, são categorias em seu enraizamento ideológico e, portanto prático. Assim, Terrorismo, Fundamentalismo, Antiamericanismo, Antissemitismo, Antissionismo e Filoislamismo, além do Ódio contra o Ocidente, são conceitos que demandam de certa flexibilidade para garantir um polissemismo ideológico esterilizador da crítica. Assim, os significantes, e principalmente os significados, se metamorfoseiam e oscilam convenientemente adequados às realidades históricas das práticas e dinâmicas de poder. Só nessa compreensão é possível sair da ocultação e passar a justificativa dos reais interesses (geo)políticos do império estadunidense (LOSURDO, 2010).

Domenico Losurdo (2010) analisou especificamente em seu livro as relações inter e intra Ocidente e Oriente, em uma espécie de contexto de guerra contínua que ora se manifesta acentuadamente nas ideologias, na economia e na política, ora no confronto bélico propriamente dito. Dando destaque ao papel do EUA que aprimoraram bastante seus aparelhos técnicos e ideológicos com a Guerra Fria, e se reivindicam como autoridade moral e religiosa mundial. Claro que a formação ideológica estadunidense, e qualquer formação ideológica, remontam a tempos mais remotos, o que é bem demonstrado pelo autor. A escolha de um inimigo, geralmente externo, que pode também agir internamente, ou às vezes de um inimigo interno

mesmo, é a companhia de luxo da circulação do pensamento e de projetos ideológicos.

Domenico Losurdo (2015) trabalha a ideia de que a linguagem é o meio pelo qual o império, em sua hegemonia, propaga sua ideologia da guerra lado a lado ao aparato militar, mesmo que indiretamente. O império está também nas lutas de classes ideológicas e linguísticas. Nesse sentido, nossa intenção aqui é demonstrar as propriedades de tergiversar os territórios simbolicamente. O poder espacializa-se constituindo territórios que se expressam também simbolicamente. O domínio da linguagem semiótica pode atuar no sentido de desmistificar essa tergiversação, ou seja, essas ideologias, por circularem no espaço geográfico, podem por meio das práticas espaciais serem desmistificadas.

A propagação de projetos ideológicos por parte do império e das classes dominantes é também assunto de interesse de Luiz Alberto Moniz Bandeira (2015; 2017). Nesse sentido, o autor revela a importância do mercado, do *establishment*, da mídia-empresa, dos serviços secretos de inteligência, dos tratados e das indústrias militares e das Organizações não Governamentais na propagação de projetos ideológicos dominantes. Assim, pode-se inferir que o objetivo e a consequência da mobilização desse aparato ideológico são os fluxos e o poder econômico. Como nos focamos na circulação geográfica de projetos ideológicos, procuramos desmistificar os processos de enraizamento e de enxertia de ideias nas materialidades através das práticas e da linguagem. Assim, focamos na observação dos vínculos dessas ideologias com a tecnosfera e a psicosfera através das práticas espaciais.

O trânsito das ideologias concretiza-se na tecnosfera e na psicosfera por meio de instituições da formação humana de dois grandes grupos. Aquelas diretamente educacionais e aquelas não diretamente educacionais. Ambas atuam revolvendo as mentes no sentido de torná-las mais suscetíveis ao abastecimento, ou realizando o próprio abastecimento de ideias. A formação humana compõe os projetos ideológicos que percorrem percursos desbravados pelas práticas espaciais e pela linguagem. Para percorrer esses rastros dos projetos ideológicos, é pertinente observar o processo histórico de circulação de capitais e as formas de organização e de propagação dessas ideias por meio dos fluxos econômicos.

Em primeiro momento nos debruçaremos sobre as instituições de formação diretamente educacionais e sua influência pela via econômica. Sobre esse processo educacional de formação técnica, política e ideológica do conhecimento, percebe-se

ascendência do Banco Mundial sobre as políticas públicas educacionais brasileiras. Isto é nítido pelo farto número de trabalhos científicos que abordam a temática como: Francis Mary Guimarães Nogueira (1999), Maria Abádia da Silva (2002), Helena Altmann (2002), e William Pessoa da Mota e Juniorl Olgaíses Cabral Maués (2014) e por meio de documentos do próprio Banco Mundial.

Dentre esses documentos encontram-se *Achieving World Class Education in Brazil: The Next Agenda* (2010) abordado no texto dos dois últimos autores citados. E dois mais novos que mantêm a mesma linha, porém, um de título: *Retomando o Caminho para a Inclusão o Crescimento e a Sustentabilidade* (2016) passou a circular às vésperas do impeachment de Dilma Roussef e outro intitulado *Um ajuste justo – Análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil* (2017) foi lançado já no regime Temer. Ambos com argumentos de elevados gastos e baixos índices de eficiência nas contas do Estado brasileiro de forma geral e especificamente na educação. Destacam para a resolução do problema, em suma, parcerias público-privadas e austeridade.

Detendo-nos nas orientações do Banco Mundial. É bastante visível nos documentos certa perspectiva economicista do papel da educação, seja em relação à sua função social enquanto formadora de mão de obra para atender às exigências da economia capitalista do século XXI, seja em relação ao lugar que ela deve ocupar como política pública e a relação que deve estabelecer com o Estado, a iniciativa privada e o orçamento público. Para esse organismo internacional, o sistema educacional deve desempenhar três papéis considerados como primordiais: o desenvolvimento de habilidades da força de trabalho para sustentar o crescimento econômico, a contribuição para a redução da pobreza e desigualdade, buscando oferecer oportunidade educacional para todos e, por fim, porém mais importante, o sistema deve estar voltado para o papel de transformar gastos na educação em resultados educacionais (PESSOA MOTA JÚNIOR; MAUÉS, 2014, p.?).

O Banco Mundial exerce seu poder atrelando os financiamentos educacionais a realização das reformas propostas por seus documentos. O *Achieving World Class Education in Brazil: The Next Agenda* faz um balanço das reformas educacionais. Para atingir bons índices nas avaliações internacionais como o PISA e para nivelar as estatísticas de escolarização com a dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico propõe uma agenda baseada no financiamento *per capita*, avaliação sistêmica e gestão local. Essa proposta expressa concepção

burguesa de sociedade e de educação. Sendo a última modelada pela Teoria do Capital Humano reproduzindo valores liberais e um Estado brasileiro neoliberal (PESSOA MOTA JÚNIOR; MAUÉS, 2014).

Os empréstimos do Banco Mundial são condutores da instalação do pacote de medidas educacionais. E, além disso, influenciam na gestão e incentivam a captação de recursos privados. O órgão internacional, composto por diferentes países com pesos de voto diferentes de acordo com suas economias, também atua na formação ideológica educacional técnica e política através dos sistemas de avaliação externos como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e internacional como o Programme for International Student Assessment (PISA). A influência nos conteúdos também existe e fica principalmente por conta dos sistemas de avaliação além dos materiais, didáticos, burocráticos e legislativos (PESSOA MOTA JÚNIOR; MAUÉS, 2014).

Esses financiamentos educacionais são apenas alguns tentáculos dessa disputa ideológica intensa e complexa que caracteriza o espaço geográfico no século XXI. A dimensão global das lutas de classes vai se articulando em variadas escalas regionais e locais. As escolas recebem diretamente esses impactos de projetos ideológicos e contraditoriamente possuem a função de abordar a formação das ideias, dos conceitos. Por isso é uma parte do espaço que comporta um diálogo extremamente amplo e profundo entre: global, regional e local, por sua natureza de atuar no local mediando os temas tanto locais como os regionais e os globais nos mais diversos campos do conhecimento.

Além das instituições formadoras diretamente educacionais outras diversas instituições formadoras também cumprem esse papel prático espacial conectivo. Todas elas realizam-se como formas-conteúdo presentes no espaço geográfico. Isso ocorre devido ao caráter social do espaço geográfico, do conhecimento, da formação humana, da ideologia e da linguagem. É o caso das redes sociais (*Whats App, Facebook, Twitter* etc.) e da mídia (blogs, televisão, jornais e revistas). Apesar da não ligação direta com a educação pode encontrar-se dentro dos muros da escola por meio das escolhas dos agentes escolares. Por fins pedagógicos, ou imposições do Estado (principalmente pela via econômica) ¹¹.

¹¹Como é o caso das revistas que circulam pelas escolas, localizando-se principalmente na sala dos professores. Constituindo as ideias que serão consumidas diretamente pelos docentes e indiretamente pelos estudantes.

Sobre essas diversas instituições formadoras não diretamente educacionais também se faz interessante diferenciarmos a mídia das redes sociais. Ambas trabalham centralmente com a propagação de ideias. Porém, o cerne da mídia seria a propagação de ideias elaboradas especificamente para a propagação ampla, mesmo quando direcionada a nichos de mercado. Enquanto nas redes sociais circulam ideias que podem não ter sido produzidas para a propagação ampla. Interessante é também o fato de que as mídias podem e estão nas redes sociais. E que as redes sociais também são repercutidas nas mídias.

As mídias podem partir de concepções próprias ou consorciadas com setores bem próximos a ela. Os governos podem, em alguns casos, fazer parte desse consórcio e em outros podem ser os “inimigos”. Isso torna o cenário envolvendo a mídia no Estado moderno bastante complicado, pois, o funcionamento desses e de suas democracias representativas depende de certo consenso. Nesse sentido Noam Chomsky (2015) alerta para a função das relações públicas que podem ser “[...] criar uma subordinação quase absoluta da população ao poder do mundo dos negócios” (p.?). Para o autor, nas relações entre Estado e mídia “a propaganda política está para uma democracia assim como o porrete está para um Estado totalitário” (p.?) (CHOAMSKY, 2015)¹².

Existem mecanismos de produção do consenso que operam através da divisão entre classes e entre mídia, escolas e cultura popular. Estes três elementos tem de oferecer certa tecnicidade e um projeto ideológico bem definido à classe política. Esse processo dar-se-á pela funcionalidade da mídia e do sistema educacional em favor dos donos do poder – o empresariado seletivo sobre o qual rondam os mais altos níveis de capitais. Assim a mídia “[...] constrói uma representação da realidade que é passada aos telespectadores como realidade” (p.?). Mesmo que seus vínculos com a realidade sejam extremamente duvidosos (CHOAMSKY, 2015).

Fabricação do consenso envolve a mídia e o direcionamento da opinião pública no sentido daquilo que for mais interessante para as elites, quando for interessante para as elites e onde for interessante para as elites. As atividades

¹²É importante ponderarmos que Noam Choamsky possui algumas premissas filosóficas científicas, no quesito desenvolvimento da linguagem e ambiente, diferentes das que trabalhamos aqui (CHOAMSKY, 1975). Porém, isso não atenua as proximidades sobre a utilização final da linguagem pela mídia para promover projetos ideológicos e a leitura que fazemos da circulação de projetos ideológicos pelo espaço geográfico.

engajadas de intelectuais tem de ser ressaltadas para demonstrar que “[...] a propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes” (p.?) – como a transformação de uma população pacifista em beligerante (opinião pública estadunidense sobre a Primeira Guerra Mundial), e até as mudanças legislativas em detrimento dos trabalhadores (Marcatismo) (CHOAMSKY, 2015).

Em seu texto, Noam Choamsky (2015) associa os fatos políticos ocorridos no cenário interno e externo – ligado aos EUA e sua noticição pela mídia. O exemplo preponderante é a Guerra ao Terror(ismo): 1 (década de 1980 sob o mandato de Ronald Reagan) e sua continuação Guerra ao Terror(ismo), 2 (década de 2000 sob o mandato de George W. Bush), que se caracteriza para além de suas ações práticas por uma construção de narrativa que envolve muitos dos mesmo personagens da versão 1 realocados em novos cargos na versão 2. Nesse sentido, a televisão possibilitou uma verdadeira modernização das técnicas adotadas pela comissão *Creel*, mas não um rompimento: “tudo começa sempre com uma ofensiva ideológica que cria um monstro imaginário, seguida pelas campanhas para destruí-lo” (p.?).

Fica difícil para nós nos desvencilharmos do consenso construído, pois o mesmo se retroalimenta ligado ao *status quo*. Ambos marginalizam as organizações e as trocas comunicacionais pertinentes à organização coletiva. Assim, a confusão se instaura. Contra isso, as práticas espaciais comuns a Estados e democracias bastante desenvolvidas podem surtir efeito, como é o caso da Europa onde muitos debates políticos acontecem em sindicatos (CHOAMSKY, 2015).

Enxergar as práticas espaciais como categoria de análise voltada à mídia fornece uma radiografia da sobreposição dos poderes do Estado e do capital no espaço geográfico em diversas situações sociais. Nesse sentido, revelam a variedade de ações que podem ser realizadas em uma determinada situação dada. É possível também contemplar qual instituição formadora está envolvida no processo e qual o papel cumprido pela mesma. Nesse momento continuamos nossa atenção às instituições formadoras não ligadas diretamente à educação, mas, dessa vez, às redes sociais. Elas propiciam a circulação e propagação ampla de ideias.

Apesar de muitas das ideias, ou até de situações capitalizadas em *memes*¹³, por exemplo, não serem pensadas para uma grande propagação. É isso que tende a ocorrer nas redes sociais. O cidadão comum busca comunicar-se com aqueles que fazem parte de seus ciclos, contudo, estes últimos podem replicar conteúdo sem autorização prévia. É verdade que muitos mecanismos de privacidade das redes sociais, como os do *Facebook*, avançaram bastante. Embora, talvez, não seja possível a solução completa desse “problema” sem tocar em questões profundas de ideologia e cultura. Indo além, talvez não seja um verdadeiro problema para aqueles que administram as redes sociais.

Uma das impressões passada é a de que a “mágica” da rede social está nessa conectividade muito ampla controladamente descontrolada, por mais que isso possa soar contraditório. A produção das ideias que circulam nas redes sociais pode ser realizada por pessoas comuns, personalidades públicas e empresas. No *Facebook*, por exemplo, as pessoas comuns costumam fazer novas amizades virtuais e se comunicar com pessoas que conhecem. Alguns produzem reflexões, outros expõem seus sentimentos, mas o que se sobrepõe é o fato de que todos os usuários consomem muita informação independente da variação espaço-temporal em que se encontram¹⁴. A essas produções do cidadão comum somam-se as informações produzidas pelas empresas – dos diversos ramos e principalmente as de mídia

Outra fonte de produção de informações que circulam no *Facebook* são os perfis *fake*. Contas de usuários que não correspondem a pessoas físicas e jurídicas reais. Podem ser controladas por pessoas se passando por outras, ou por empresas. Com interesses específicos essas empresas gerenciam pessoas contratadas para administrar esses perfis. Alguns casos são emblemáticos da utilização desses robôs digitais, como é mostrado na reportagem da BBC Brasil sobre as eleições brasileiras que vem dando indícios da utilização destes serviços e de seu aumento desde 2012 (BBC Brasil, 2017).

Nas redes sociais são colocadas em um campo aparentemente paritário as ideias de cidadãos comuns, de figuras públicas e de empresas (inclusive as de mídia). Aparentemente por que a sua administração está submetida à ascendência do capital e à legitimação pelo Estado. Isso leva à noção de que pode existir algum

¹³Piadas em forma de imagens que circulam pelas redes sociais.

¹⁴Claro que esse consumo de informação e principalmente o acesso às redes sociais varia de acordo com as classes sociais. Porém, a rede conta com 102 milhões de brasileiro conectados em 2017 (*FACEBOOK*, 2018).

processo de filtragem das informações recebidas pelos usuários. Um exemplo a ser citado pode ser a propagação executado pelo *Facebook* que aceita financiamento direcionado àquelas publicações pelas quais os usuários possuem necessidade de intensa disseminação. Esse mecanismo oferece diversas possibilidades de funcionamento incluindo uma destinada ao direcionamento bastante específico. Até aí nenhum problema, porém, é válido lembrar que o *Facebook* possui os dados de seus usuários e esses dados podem ser repassados para terceiros em algumas situações específicas.

No estrondoso caso da Cambridge Analytica, empresa de consultoria política filiada a Strategic Communication Laboratories, aconteceu algo em torno disso. Essa empresa, e o *Facebook* respondem a processos parlamentares de inquérito. Acusada de manipular e influenciar os resultados da eleição presidencial de 2016 (nos EUA), e do plebiscito sobre a permanência na união europeia (no Reino Unido). Toda uma trama envolvendo um professor (Aleksandr Kogan), um emblemático ex-diretor de pesquisa (Christopher Wylie), um bilionário – financiador (Robert Mercer – ligado ao partido Republicano), um ideólogo (Steve Bannon¹⁵ – ex-conselheiro de Donald Trump) e o *Facebook* (Mark Zuckerberg) nega o verdadeiro responsável¹⁶ pela coleta dos dados de milhões de usuários do *Facebook*.

A coleta dos dados que estavam no *Facebook* foi realizada pelo aplicativo e por um questionário desenvolvido por Aleksandr Kogan, na época, com ditos fins acadêmicos. Após uma sobreposição complexa de dados de psicométrica chegava-se a perfis políticos específicos por bairro, casas e indivíduos. A ligação entre personalidade e voto ficava a cargo de Christopher Wylie. Assim, eram produzidos materiais ideológico-políticos desde técnicas a serem utilizadas por humanos na abordagem interpessoal até os digitais: notícias de sites e de blogs, muitos dos quais eram *fakenews* – mentiras com aparente credibilidade. Por fim esses materiais digitais eram propagados pelo sistema de impulsionamento do *Facebook* de volta aos usuários (EL PAIS, 2018).

Ainda sobre a coleta de dados é interessante o fato de ser Michal Kosinski o precursor dessa metodologia. Esse professor da Universidade de Cambridge

¹⁵ Quando, no capítulo 3, voltarmos nossas atenções ao caso brasileiro esse nome aparecerá novamente.

¹⁶ Aleksandr Kogan alega que existem contratos de confidencialidade entre *Facebook* e Cambridge Analytica (EPOCA NEGOCIOS, 2018).

desenvolveu a coleta baseado em uma metodologia clássica da psicometria e um aplicativo que processava os dados em nível de *Big data*. Esse estudioso alertava que trabalhar as grandes quantidades de dados poderia trazer muitos benefícios para a humanidade, ao mesmo tempo em que poderia ser uma ameaça à liberdade individual e coletiva e à vida. Kosinski foi contatado por Aleksandr Kogan (quando o último ainda trabalhava na Universidade de Cambridge) em nome da Strategic Communication Laboratories, mas negou as propostas pouco antes de Aleksandr registrar a empresa Cambridge Analytica como filiada da primeira (MOTHERBOARD, 2017).

Outro ponto a ser tratado que diz respeito especificamente ao *Facebook*, e não a Cambridge Analytica, é a possível filtragem nas postagens que aparecem no *feed* dos usuários. Ele é produto direto do algoritmo utilizado. Esse algoritmo vem sendo modificado nos últimos anos em sentido de privilegiar as conexões pessoais em detrimento do conteúdo público que aparecem no *feed* (FACEBOOK, 2018). O *Conversa Afiada*, blog de centro esquerda brasileiro, reclama que com a última mudança no algoritmo os vídeos do canal Tv Afiada diminuíram suas visualizações para 10% do que eram anteriormente (CONVERSA AFIADA, 2018). Uma certeza é que aqueles que desejarem divulgar de forma intensiva seus conteúdos no *Facebook* terão que oferecer mais à empresa.

As redes sociais manipulam e capitalizam informações produzidas por interesses privados assim como faz a mídia. Porém, também o faz com informações de caráter pessoal. Em outras palavras, a rede social organiza a circulação dessas ideias materializadas em postagens de acordo com interesses e finalidades além daqueles pensados pelos usuários comuns. Enquanto as ideias que circulam nas redes sociais podem não ter em sua origem o objetivo de propagação extremamente ampla. A própria propagação das ideias é altamente elaborada nas redes sociais e geralmente majoritariamente não por quem as produziu, mas sim, por quem detém o controle sobre a rede social, sobre sua programação, sobre os algoritmos que controlam essa propagação.

Nesse capítulo passamos por: espaço geográfico, práticas espaciais, linguagem, formação humana, teoria do reflexo, ideologia, mídia e redes sociais. Sabendo que a linguagem atua principalmente na elaboração da forma, da aparência, da ideologia e de sua propagação. O processo essencial da ideologia conta com a prática como motor. Fazemos a seguinte consideração: o espaço

geográfico influencia no processo social reunindo a materialidade da sociedade em diferentes contextos que podem ser radiografados pelas práticas espaciais. A formação humana, por sua vez, demonstra que como um produto do social nenhuma materialidade humanizada é desprovida de imaterialidades, em concordância com a teoria do reflexo.

Para finalizar o capítulo destaca-se que o reflexo não pode ser considerado do ponto de vista unilateral, sua virtude encontra-se em ser algo engendrado minimamente por dois fatores: a estrutura e a superestrutura. Assim, as formas–conteúdo espalhadas pelo espaço geográfico, caracterizando a tecnosfera e a psicofera, são dotadas de sentidos através das práticas nelas realizadas e participam da formação humana sob as formas de unidades educacionais, mídia, redes sociais e tantas outras que não puderam ser investigadas na pesquisa.

3. CONTEXTO ESPACIAL DO *IMPEACHMANT*: OURINHOS, BRASIL E GUERRA HÍBRIDA

3.1. Formação socioespacial em Ourinhos/SP

Este item do texto versa sobre a formação socioespacial como categoria que permite interpretar o município de Ourinhos/SP. Assim, resgatamos a história econômico-política e das lutas de classes do e no município. Abordamos também a produção, reprodução e apropriação desse espaço urbano, e inferimos como a linguagem e a ideologia se fizeram presentes nesse processo de formação. Para isso, passaremos pelo contexto regional e pelas corporificações do Estado-nação no município.

Bastos e Casaril (2016) colocam que a noção de Formação socioespacial vem de Marx e Engels com a Formação Econômica e Social. E de Lenin com a inserção da ideia de que teríamos de analisar uma sociedade espacialmente e temporalmente determinada (p.272) para a análise por meio da Formação Econômica e Social. Milton Santos é quem formula essa categoria com maior exatidão. Nas palavras de Bastos e Casaril (2016), fixados em Milton Santos:

A FSE (Formação Sócio-espacial) refere-se à análise da concreticidade de uma sociedade (compreendendo sua evolução, sua situação atual, sua mudança histórica e suas relações) sendo esta uma realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. O alicerce da explicação é a produção, onde o homem transforma o espaço (p.281).

O autor continua suas ideias percorrendo possíveis ligações entre formação socioespacial e a teoria da dualidade brasileira (Bastos e Casaril, 2016, p.288), aprofundado na discussão sobre redes urbanas e nas relações complexas e multifacetadas entre os centros urbanos locais, regionais e nacionais. A pequena produção mercantil e o latifúndio ajudam a delinear uma hierarquia na rede urbana brasileira, explicada a seguir por Bastos e Casaril (2016), em diálogo com Corrêa e Cristaler:

Assim, cada centro pode ter relações com centros de níveis hierárquicos mais elevados, não necessariamente sendo um centro do próximo nível hierárquico, as relações podem ser realizadas de um centro local diretamente com a metrópole nacional. [...] percebe-se que o modelo teórico básico [de relações de poder] não se alterou, o que se alterou foram as múltiplas determinações de suas relações (p.287).

Bastos e Casaril (2016) mencionam o professor Armem Mamigonian como exemplo de um adepto da perspectiva teórica na qual a formação socioespacial proposta por Milton Santos, em 1977, pode ser utilizada para analisar tanto a escala geográfica nacional, como a regional e a local (p.277). Recorremos aqui à noção de formação socioespacial para contextualizarmos histórica e geograficamente o município de Ourinhos/SP, parte de nosso objeto de pesquisa. Nosso esforço consiste em identificar a persistência do passado no presente para compreender o espaço dando atenção ao capital, ao Estado, às classes sociais, ao espaço urbano e à segregação residencial. Seguimos assim, as trilhas de Franciele Ferreira Dias (2012) nessas interpretações.

A evolução do município remete ao oeste paulista, seus desbravadores iniciais, ao café e à ferrovia. Ainda que genericamente, também às grandes terras exploradas por José Teodoro de Souza que iam de Botucatu/SP até Ourinhos/SP. Não se pode afirmar ao certo por quais caminhos parte desse território passou aos poderes de Dona Escolástica Melchert da Fonseca, que a vendeu para Jacinto Ferreira de Sá com o nome de fazenda Furnas. Essa compra foi finalizada em 1910. Jacinto revelou-se um coronel capaz de articular as forças pretéritas às conjunturais daquele tempo, concretizando a passagem da Estrada Férrea Sorocabana pelas terras em 1908. Sendo que o status de sede municipal é atingido já em 1918 (FERREIRA DIAS, 2012).

O contexto econômico e político em que se dá o surgimento do município compõe a República Velha: o encilhamento. Modelo, sustentado na impressão de

papel moeda, de concessão de créditos quase que irrestritos que, para além de estimularem a industrialização, culminaram na especulação atrelada à alta inflação. Assim, as produções de café se proliferaram nesse momento de densificação da ocupação do oeste paulista. A ferrovia que buscava acompanhar a expansão do café e de outras culturas (que emergiram em eventuais crises do café) na região trouxe condições iniciais para o desenvolvimento de núcleos urbanos. Esse de Ourinhos/SP, impulsionado pela ferrovia, contou com a existência parcialmente próxima de olarias (FERREIRA DIAS, 2012).

A cidade é marcada pela segregação residencial desde sua origem com a divisão em “acima da linha” (área mais abastada que se localiza ao sul da cidade) e “abaixo da linha” (área menos abastada que se localiza ao norte da ferrovia). A segregação residencial faz parte da dinâmica social e mais especificamente do capitalismo. Constitui parte do processo social que desvaloriza algumas áreas do espaço e valoriza outras, determinando quais classes e de que forma ocuparão quais áreas. Nesse perpassar histórico o processo social vai imprimindo feições no território de forma que muitas dessas marcas persistem, como é o caso da segregação pretérita do município que se relaciona às de momentos históricos mais recentes (FERREIRA DIAS, 2012).

O processo de segregação residencial que acompanha a cidade desde seu início se complexificou (décadas de 1960, 1970 e 1980). Ocorreu a inserção de diferentes agentes produtores do espaço urbano nesse período. A venda de terras para loteamentos por parte da família Ferreira de Sá e outras famílias pioneiras abriu espaço para grupos de empresas privadas atuarem nos loteamentos e nas construções de conjuntos habitacionais. O Estado teve a sua força de agente produtor delineada pelas ações de financiamento e pelas construções de rodovias. Soma-se a isso a agroindústria Usina São Luiz que passou a concentrar propriedades e promover o êxodo rural, absorvido pela expansão industrial vivida pela cidade (FERREIRA DIAS, 2012).

Essa nova configuração de agentes produtores do espaço urbano de Ourinhos/SP acelerou a penetração dos interesses de mercado na lógica de produção e reprodução do espaço urbano. Isso resultou numa complexificação das classes sociais e de seu espalhamento e concentração pelo espaço urbano. Um verdadeiro processo de periferização com moradias destinadas às classes menos abastadas distantes do centro. Essas mudanças na segregação residencial da

cidade mantiveram a área denominada “abaixo da linha” (composta pela Barra Funda, ou pelo nome oficial de Vila Nova Sá) como um bairro com população de baixo poder aquisitivo, porém as novas áreas surgem com mais problemas (FERREIRA DIAS, 2012).

Um exemplo de valorização do m² de terrenos, esse com abandono da condição de segregação, é o Jardim Margarida. O processo ocorre em virtude da localização próxima ao centro e de sua evolução em termos de serviços públicos e privados. Porém, muitos moradores acabaram sendo obrigados a deixar o bairro em busca de moradias menos custosas. Mais um exemplo, a COHAB Padre Eduardo Murante na qual residiam funcionários públicos e pequenos comerciantes, também é um caso de valorização do m², com tudo, um caso diferenciado em que os moradores melhoraram suas residências assim como o Estado dotou a área de infraestrutura e serviços públicos (FERREIRA DIAS, 2012).

O Jardim Guaporé, localizado na região norte da cidade, apresentou melhoras em suas condições infraestruturais, mas continua segregado socioespacialmente, principalmente pela sua distância do centro e pelas condições precárias dos serviços públicos e privados na área. A rodovia Mello Peixoto mostrou-se elemento de desvalorização. Porém, o Jardim Itamaraty, localizado após essa rodovia na região sudoeste do município, foi criado na década de 1990, segregado socioespacialmente, e muda seu *status* com o decorrer político e histórico.

Nos anos 2000 deixa a condição citada por conta dos avanços dos serviços públicos na área e do desenvolvimento de um eixo comercial ao longo da Avenida Domingos Carmelino Caló. A rodovia Raposo Tavares é outro elemento de desvalorização, e a principal área de segregação da cidade fica ao extremo leste da mesma. Os loteamentos e conjuntos habitacionais de menor renda localizados a leste dessa rodovia apresentam deficiências graves de infraestrutura e serviços coletivos (FERREIRA DIAS, 2012).

A Ourinhos/SP de hoje se configura por uma parcial sobreposição de segregações residenciais produzidas em contextos históricos e sociais diferenciados. Essa constante produção de segregação residencial é uma das variáveis responsáveis pela relação entre espaço urbano e classes sociais complexas. Tem-se como exemplo o bairro da Barra Funda que se manteve habitado por pessoas de baixa renda. Porém, a ferrovia não é mais o único elemento de segregação se somando às rodovias, à distância do centro, e preço da terra.

Esses elementos somados à regulamentação de alguns loteamentos próximos a essa área configuram um processo de valorização dessa parte do espaço urbano de Ourinhos (FERREIRA DIAS, 2012).

Essa terminologia “acima da linha” e “abaixo da linha”, que se propaga por meio da linguagem executada no mais amplo espectro da cidade, vem carregada fortemente de um sentido econômico-ideológico. Os aspectos discursivos ideológicos ficam nítidos ao utilizar o termo “acima” para a área da cidade que concentra as mais elevadas riquezas, o centro. Por outro lado, não é preciso mencionar a pecha do “carimbo” “abaixo da linha”. Isso, associado ao processo prático (no caso, a falta de investimentos públicos e privados) da segregação residencial, mantém a Barra Funda (bairro situado “abaixo da linha”) segregada até os dias de hoje, mesmo com a elevação do valor do m² dessa área.

Existem vazios no espaço urbano que atuam na especulação como uma reserva de capital que se acumula com o tempo em virtude dos benefícios estruturais que ocorrem no espaço urbano. A seguir, o cenário do espaço urbano de Ourinhos/SP fixado no valor do m² do terreno:

Observa-se que o centro da cidade é a área mais valorizada pelo mercado imobiliário, seguido pela Zona Oeste adjacente ao centro e a Zona Sul, também próxima ao centro. Os loteamentos mais desvalorizados concentram-se em fundos de vales e pontos extremos do perímetro urbano. Entretanto é nítida a concentração de loteamentos e conjuntos habitacionais desvalorizados a leste da rodovia Raposo Tavares e extremos da Zona Norte. Sendo assim, o loteamento Jardim Guaporé, conjuntos habitacionais da CDHU localizados a leste da rodovia Raposo Tavares e os loteamentos localizados em fundos de vales, mostraram-se os menos valorizados pelo mercado imobiliário (FERREIRA DIAS, 2012, p.125).

Franciele Ferreira Dias (2012) destaca-se, além de toda a teoria e empirismo, por sua definição metodológica de segregação associada ao valor do terreno por m². Em nossa visão, essa metodologia atuou em resposta à existência e persistência de residências segregadas mesmo com condições de infraestrutura, e do surgimento de novas áreas segregadas e com maior déficit nessas condições. É também uma constatação da autora que o município de Ourinhos/SP possui infraestrutura razoável, porém que seus serviços, em especial os públicos, são distribuídos muito desigualmente pelo território. Como exemplo tem-se o transporte coletivo intraurbano executado pela Auto Viação Ourinhos Assis¹⁷. Além de atender às áreas centrais e adjacentes, atende também aos bairros mais distantes, contudo, aos que

¹⁷ Atua na cidade desde 1962.

apresentam bastante demanda possuem fluxo adequado, e aqueles que apresentam menor demanda possuem fluxo deficitário (FERREIRA DIAS, 2012).

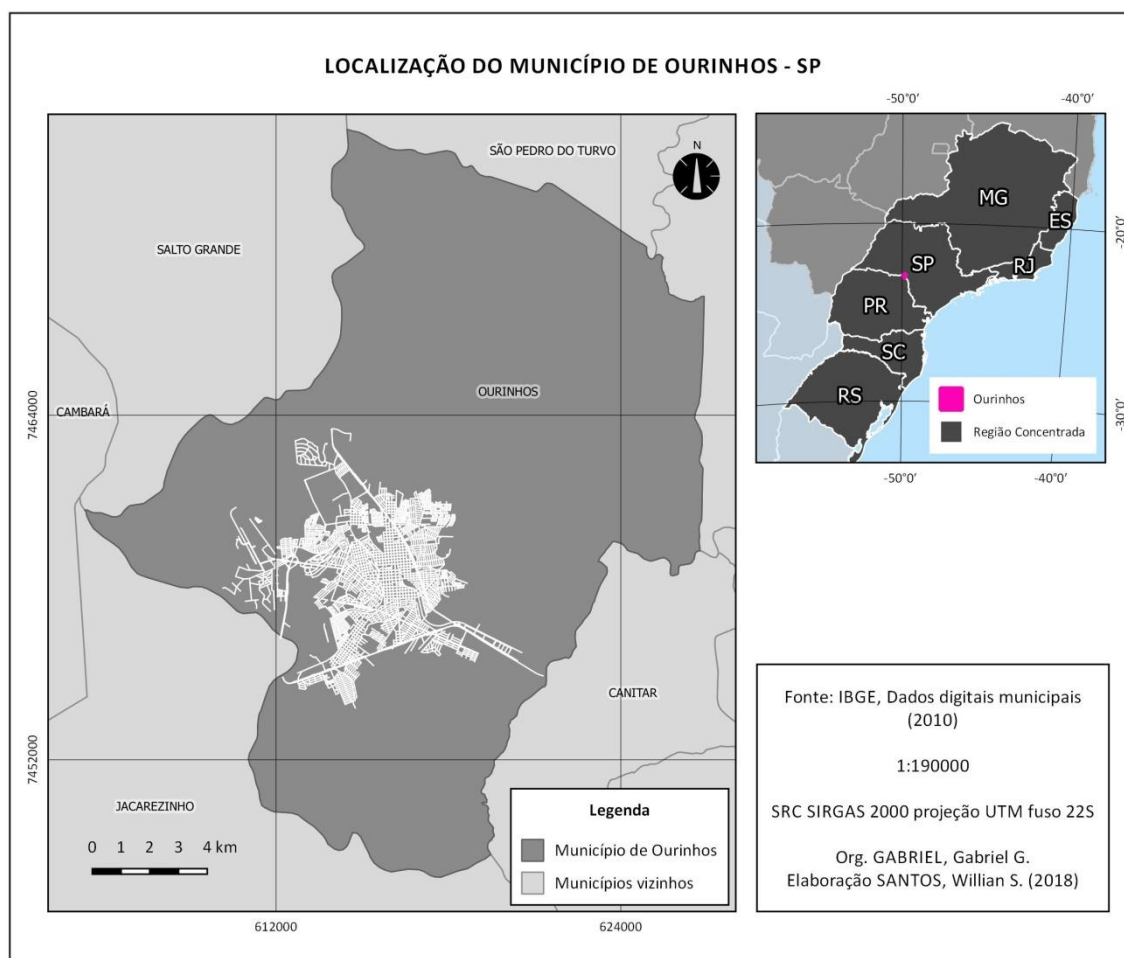
Houve uma atuação intensa do Estado na produção do espaço urbano com o Programa de Aceleração do Crescimento no período de 2007 a 2011. Isso gerou aumento no preço de terrenos de loteamentos próximos às obras, que “[...] beneficiaram áreas estratégicas da cidade mascarando problemas de infraestrutura de outros locais que não eram de interesse imobiliário” (FERREIRA DIAS, 2012, p.116). A presença do Estado na produção do espaço urbano de Ourinhos/SP é evidente também no programa Minha Casa Minha Vida que começa a atuar em 2010. Acarretando elevação da oferta de terrenos atrelada ao aumento¹⁸ dos preços dos mesmos.

O maior acesso das populações de baixa renda ao imóvel próprio não veio acompanhada da redução do déficit imobiliário da cidade. O mesmo se tornou bastante expressivo em setores da classe média por conta do aumento nos preços. Apesar de também ser observado o aumento da qualidade de vida em alguns pontos do espaço urbano, o principal beneficiado é o mercado imobiliário. Assim, os conjuntos habitacionais destinados às famílias de baixa renda assumem a função de evitar moradias irregulares na cidade (FERREIRA DIAS, 2012).

A cidade atingiu a taxa de urbanização de 97,09% (IBGE, 2010). A característica geográfica sobressalente de Ourinhos/SP é ser um importante entroncamento rodoferroviário. Ligam-se as regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e a porção ocidental da região Norte através das rodovias: Raposo Tavares (SP-270), Mello Peixoto (SP-278), Orlando Quagliato (SP-327) e Transbrasiliana (BR-153). Também se conectam a região Sudeste e a Sul por meios mais antigos, que mantêm sua funcionalidade, a Estrada de Ferro Sorocabana e a Companhia Ferroviária São Paulo Paraná. São em boa parte responsáveis pela importância da cidade na distribuição de derivados da indústria sucroalcooleira. Apesar de algumas produções do município circular em escala regional, nacional e até possuírem fins de exportação, a cidade não se destaca por seus setores produtivos. A respeito de seu PIB, se sobressai o setor de serviços seguido pela indústria e por fim pela agricultura (FERREIRA DIAS, 2012).

¹⁸ Esse aumento poder ser explicado pela garantia de demanda, por meio do financiamento e do subsídio fornecidos pelo Estado mediante o programa.

A cidade localiza-se no interior do estado de São Paulo, portanto, na Região Concentrada, como vemos no Mapa 1. Essa região caracteriza-se por ser a expressão mais avançada do meio técnico-científico-informacional no país. Nela se concentram as sedes de muitas empresas de amplos setores como: educação, saúde, financeiro, agroindustrial, industrial, telefonia, publicidade, mídia etc. Muitas dessas entidades atuam em escala nacional e mundial. A região também concentra uma enorme quantidade de consumidores de todos esses produtos e serviços (SANTOS, 2001).



No Brasil, são mais de 500 anos de história que permitem a configuração da Região Concentrada. Primeiramente, o que contribuiu foi a formação do território brasileiro em várias áreas e polos ligados ao litoral. Nesse período a relação entre um desses centros e sua área de influência era relativamente intensa, ao passo que a relação entre esses centros era bastante deficitária. Ocorria quase que exclusivamente por transporte marítimo, com lentidão (mas não fluxo) comparável a das relações entre esses centros e seus contatos internacionais. Já no século XIX a

chegada da estrada férrea mantém a dinâmica pacata entre centros, porém, não no sudeste que passa a possuir “[...] de um lado, uma rede localizada de ferrovias e, de outro, um intercâmbio baseado numa divisão territorial do trabalho” (SANTOS, 2001, p.265).

A partir de 1945, o Brasil já se encontra com integração territorial e de mercado, porém com um sistema de poder baseado na competição e cooperação entre São Paulo e Rio de Janeiro. Essa integração nacional que se realizou por meio da expansão dos transportes rodoviários e ferroviários lançou São Paulo na vanguarda industrial ultrapassando o Rio de Janeiro. A construção de Brasília fez com que a mesma ultrapassasse o Rio de Janeiro em poder político e consolidou São Paulo como centro econômico. São Paulo mantém seu posto de centro econômico, e agora metrópole global. Ascende sobre os mercados de outras regiões e assina acordos com os capitais internacionais. No início dos anos 2000 Brasília e São Paulo possuem poder nacional, além de suas determinações territoriais, consolidado (SANTOS, 2001).

Pode-se pensar na região concentrada como uma espécie de mancha econômica, tecnológica e ideológica que abrange a área sul e sudeste do país. Por concentrar um poder comunicacional muito amplo se consolidou como um centro difusor de ideias e propagador de notícias. Os sistemas de telecomunicações são mais densos. Centros de operações para transmissões via satélite, interligação do sistema de rádio, sistema óptico, serviço telefônico fixo e móvel (GOMES, 2001) permitem que as ideias atinjam áreas, além da própria mancha. Essas áreas reprodutoras apresentam desenvolvimento tecnológico pontual e menos ligados à produção do que à recepção.

Um exemplo que chama bastante a atenção do ponto de vista das práticas espaciais e seus aspectos ideológicos ligados a empresas de telecomunicação com sede na região concentrada são os programas televisivos. Esses aspectos ideológicos estão presentes para além dos pontos de vista adotados para a produção de notícias na mídia e atingem também os programas de entretenimento como as novelas. Muitas dessas novelas transmitem padrões de comportamento que são moldados nos bairros nobres das grandes cidades como: Ipanema e Leblom. Do ponto de vista espacial são nítidos os contrastes entre esses bairros e a maioria dos bairros do país. Para exemplificarmos de forma bem clara basta pensarmos nas práticas espaciais de lazer realizadas nesses bairros nobres comparadas àquelas

realizadas pelos jovens residentes no Jardim Guaporé, segregado residencialmente, em Ourinhos/SP.

A Região concentrada é produto de uma dinâmica econômica e de poder que envolveu um projeto de integração nacional e de hegemonia regional interna ao país. De um ponto de vistas mais amplo, qual o papel desse projeto no cenário internacional? São Paulo como metrópole global mais reproduz e atende às demandas do centro global do que é progenitora ideológica. No sentido do entretenimento comunicacional, a ascendência de *Hollywood* é tão nítida quanto a ascendência de *Wall Street* sobre as dinâmicas financeiras mundiais.

São Paulo não é só difusor de notícias e ideias, é também centro tomador de decisões e executor de poder no âmbito nacional, assim, desde sua gênese, a região concentrada possuía desigualdades internas e divisão territorial do trabalho (SANTOS, 2001). Isso persiste:

[...] ao que parece, prevalecem funcionalidades diferenciadas entre o interior e a metrópole; no primeiro caso teríamos a ampliação da densidade informacional, porém mais atrelada à operacionalização técnica da produção (sobretudo atendendo aos ditames das modernas especializações fabris, agrícolas, financeiras e de consumo), enquanto no segundo caso teríamos o exercício do comendo político da produção, e nesse sentido a escala de atuação da metrópole paulista amplia-se para o mundo e para o país (BERNARDES, 2001, p.417).

Com certeza as desigualdades e a divisão territorial do trabalho também aconteciam e acontecem em escala local. É o caso de Ourinhos/SP que superou Santa Cruz do Rio Pardo/SP em urbanização ainda na década de 1960 (FERREIRA DIAS, 2012).

As práticas espaciais da população, das empresas e do Estado, em parte, produziram o espaço urbano de Ourinhos/SP em partes são condicionadas por ele. Nesse emaranhado todo de práticas espaciais, as classes sociais permitem que identifiquemos com maior precisão quais práticas estão associadas às quais partes e aspectos do espaço. Logo, revela-se que um amplo leque de classes sociais pode compor a mesma área do espaço urbano, enquanto que o próprio “perfil de classe” do espaço pode alterar-se.

A sobressalente evidência do perfil de classes do espaço urbano de Ourinhos/SP é a atuação contraditória do Estado no mesmo. Com uma legislação que se propõe a combater a segregação residencial, mas com práticas que a produzem ou a reforçam, a estrutura estatal da cidade age em favor das classes

dominantes por meio do favorecimento do mercado imobiliário. Isso ocorre desde a reestruturação através de um

[...] processo de industrialização e crescimento econômico que [...] culminou com o aprofundamento da divisão social do trabalho, manifestando-se na diversidade de habitações de acordo com o poder aquisitivo das classes sociais. (FERREIRA DIAS, 2012, p.159)

Franciele Ferreira Dias (2012) comprova com a utilização e cruzamento de dados e mapas do Instituto Brasileiro de Geografia que os menos favorecidos economicamente ocupam as áreas menos valorizadas do solo urbano, assim como os mais abastados ocupam as áreas mais valorizadas. Fica nítido que “[...] características econômicas [...] se refletem no padrão das residências, no acesso à terra urbana e no processo de segregação residencial” (p.141).

A constatação final da autora é complexa como demonstrado na citação a seguir:

[...] distintos tipos de habitação e localizações das classes sociais em diversas partes da cidade, não existindo apenas a relação centro (habitado por população rica) e periferia (habitado por população pobre). Com isso entende-se que o fato de existir uma divisão social do trabalho mais desenvolvida, leva-se a criação de várias áreas segregadas no espaço urbano, culminando com a complexificação da segregação residencial (FERREIRA DIAS, 2012, p. 159).

Localizar as classes sociais no espaço geográfico e no espaço urbano não é tarefa fácil, pois os fluxos e circuitos são intensos. Por outro lado, somente esses fluxos e circuitos revelam as características espaciais das classes sociais, até porque as classes mais abastadas tendem a possuir uma existência espacial mais fluida em um mundo movido pela economia. Portanto, compreender a dinâmica espacial do Estado é fundamental. O Estado, no capitalismo, é responsável por mediar às relações entre capital e trabalho conduzindo ao lucro. E é isso exatamente que ele faz ao subsidiar os mais necessitados na aquisição de residências ao mesmo tempo em que favorece o mercado imobiliário, portanto, o lucro dos grandes proprietários.

Nesse movimento de submissão do Estado ao capital, ao contrário do que aparentam, os poderes do Estado não são enfraquecidos. Apenas passam a operar em função do capital. Mesmo assim, negar totalmente o Estado não parece possível por ele ser utilizado pelo capital em operações complexas que envolvem a vida de todos que estão submetidos a sua jurisdição. É o que vemos nas atenções voltadas pelo Banco Mundial às desigualdades espalhadas pelo mundo, e suas propostas de

soluções aos Estados-nacionais sempre em prol da parceria entre iniciativa privada e Estado.

Nesse sentido a expressão espacial das lutas de classes emana de fora para dentro do Estado e vice-versa. A batalha ideológica compõe essas lutas de classes e é concomitante à batalha material da distribuição das benesses produzidas pela humanidade. O Estado possui todo esse poder, pois em suas condições atuais é a personificação dos poderes do capital e do trabalho na realidade. Discutimos nessa pesquisa que é necessário fazer um esforço interpretativo através das práticas espaciais para visualizar as raízes da ideologia, mas se acrescenta que esse tipo de batalha também necessita incumbir seus inimigos do mesmo esforço interpretativo.

3.2. *Práticas espaciais em Ourinhos/SP*

Ourinhos/SP é uma cidade bastante horizontal no que diz respeito a suas construções citadinas. Observada de um ponto distante não demonstra muito mais do que dez prédios. Qual material linguístico-ideológico circula nela? Como circula? As formas que compõem a cidade são capazes de responder a essas perguntas? Para refletir sobre essas questões emerge a prática reflexiva contextualizada espacialmente. Quais são as práticas realizadas em Ourinhos/SP? Em qual contexto espacial elas ocorrem?

É possível uma cidade, que na prática político-econômica reproduz a segregação, possuir espaço para práticas insurgentes? Se sim, em quais filões do espaço isso ocorreria? No sentido de responder essas questões, vale ressaltar que práticas espaciais manifestam-se na realidade sempre vinculando espaços e práticas em uma dinâmica sistêmica comum. Logo, trabalharemos: Unidades Educacionais (escolas e universidades), Cultura, Associações de Moradores, Organizações Sociais, Sindicatos e Mídia.

A instalação e utilização de escolas em Ourinhos/SP não tardaram muito do início da cidade e acompanhou seu crescimento. Já na década de 1920 passa a funcionar o Grupo Escolar. Em 1941, a primeira Escola Técnica (MEMÓRIAS OURINHENSES, 2018). Em 1955 existiam 9 estabelecimentos de educação e cultura (FERREIRA DIAS, 2013). Atualmente existem 58 unidades educacionais de ensino básico público no município, se contabilizados estabelecimentos estaduais e municipais.

Desses, 16 são escolas estaduais que atendem estudantes a partir dos 7 anos de idade, pois oferecem ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino de jovens e adultos (EJA)(EDUCAÇÃO, 2018). No caso das unidades de ensino municipais, existem 42 na cidade. As mesmas são distribuídas em Núcleos de Educação Infantil, que atendem a faixa etária de 0 a 3 anos de idade; Escolas Municipais de Ensino Infantil de 4 a 6 anos, e Escolas Municipais de Ensino Fundamental 7 a 14 anos, o EJA também é ofertado em alguns desses estabelecimentos (EDUCAÇÃO, 2018).

Esse todo de UEs Básicas é distribuído de forma heterogênea pelo espaço ourinhense, com carência evidente na Zona Leste. As escolas particulares localizam-se nos loteamentos de classe social de médio-alto poder aquisitivo como Jardim Ouro Verde, Jardim Paulista e Vila Emília. Sendo que as UEs estaduais ocupam os antigos loteamentos periféricos. A escola técnica e de ensino médio “ETEC Jacinto Ferreira de Sá” e a escola estadual de ensino médio e fundamental E.E. Horácio Soares são as únicas escolas públicas que se localizam em áreas valorizadas de Ourinhos¹⁹(FERREIRA DIAS, 2012, p.157).

Com currículo e gestão neoliberais a nível nacional e estadual, fica difícil, e até impossível, se assim for desejado, que as UE básicas do município fomentem outros tipos de práticas naqueles que vivem cotidianamente seu condicionamento, em especial, nos estudantes que frequentam esse recorte espacial justamente em busca de ofertas de modelo de conduta (institucionais, hegemônicas e insurgentes). Os professores da rede estadual pública que atuam no município, por outro lado, possuem expressivo histórico de práticas insurgentes como as greves, paralisações e comunicações via imprensa sindical (BARROS, 2014).

As Unidades Educacionais de Ensino Superior também não fogem a regra de associação histórica minoritária com as práticas insurgentes. Sendo que a FIO (Faculdades Integradas de Ourinhos) é a mais velha delas, seu primeiro vestibular foi em 1972, mas a integração, efetivamente, só ocorreu em 1981. Em 1991 foi a FATEC (Faculdade de Tecnologia de Ourinhos) que chegou a Ourinhos/SP. A FAESO (Faculdade Estácio de Sá) é outra grande universidade da cidade e que teve sua inauguração em 2002, muitos de seus estudantes são de outras cidades e

¹⁹ Nessa pesquisa não abordaremos nenhuma dessas Ues, pois pretendíamos atingir esses estudantes com a escola Racanello, que é extremamente próxima da área central e atinge áreas revalorizadas, mas não foi possível a aplicação dos questionários por conta da negativa da secretaria municipal de educação.

muitos deles passam a residir no município (DEBATENEWS, 2005). A UNESP-Ourinhos por sua vez foi inaugurada em 2003. Além dessas, também constam na cidade: UNIP (Universidade Paulista), UNOPAR (Universidade Norte do Paraná) e UNINTER (Centro Universitário Internacional).

A UNESP-Ourinhos possui histórico de mobilizações sociais com ações de visibilidade visando o poder regional e o local através da prática política no espaço urbano, desde seu início se destacou das demais universidades do município por isso (DEBATENEWS, 2005). A unidade educativa tem a tradição de se envolver no debate público municipal sobre os rumos da cidade. Nunca houve greve de servidores no campus. Apesar de oscilante, possui um movimento estudantil atuante ao longo de sua história até os dias de hoje (ANTENAFM, 2017). Na unidade educacional também se organizam grupos ligados tanto a pautas específicas, quanto a abrangentes como racismo, homofobia, trabalho etc.

Na FIO, por exemplo, houve casos de proibição de manifestações políticas inseridas no contexto das eleições presidenciais de 2018 (CONTRATEMPO, 2018). Recentemente um professor foi demitido e foi aberto, por parte dos estudantes, processo de petição pública pela recontração alegando perseguição política (CONTRATEMPO, 2018). As práticas espaciais exercidas nessas unidades educativas abordadas compõem também, de maneira geral, o caldo cultural da cidade.

A cultura em Ourinhos/SP possui fomento com certa expressividade. Ultimamente essas práticas e esses suportes vêm se diversificando, porém, a presença da secretaria municipal de cultura apesar de bastante evidente, faz-se limitada. A cidade conta com alguns eventos tradicionais como a Feira Agropecuária de Ourinhos (FAPI), o Festival de Música, a amostra Sergio Nunes de Teatro e alguns mais recentes como o Motofest e a Expo-tattoo. A FAPI e o Festival de músicas contraposto dão uma boa imagem da amplitude do espectro ideológico atingido pelo cenário cultural de Ourinhos/SP.

A primeira mantida pelas elites e pelo Estado foca-se nas massas de pessoas das mais variadas classes socioeconômicas com *shows* de cantores famosos e com atividades direcionadas as elites da região – retroalimenta-se dessa ambiguidade social. Por outro lado o Festival de Música mantido pelo Estado e vivenciado por um número restrito de pessoas apresenta alta competência técnica

por parte dos eventos e dos músicos. Porém atinge as classes socioeconômicas de forma seletiva quer esteja com suas atividades concentradas no centro ou não.

Voltando a Feira Agropecuária de Ourinhos/SP, que é um importante evento de cultura de massas que ocorre na cidade desde 1967. É de meados de 1920 que o embrião da feira vinha se instalando e se expandindo através da pequena produção mercantil em áreas da Colônia Japonesa, do Cateto, Guaraiuva e Mundo Novo (PARALEROMUNDO, ANO?). A feira possuía o intuito de divulgação da produção municipal, de início rural e que com o tempo passou a abranger o industrial vinculado ao setor primário, evidenciando as inovações na agricultura.

A feira agropecuária conta com apoio do Sindicato Rural e do Rotari Club. Nos dias de hoje a FAPI chegou a sua 52ª edição com bastantes remodelações, a feira conhecida por ser uma das maiores de entrada franca, no país, passou a ofertar shows gratuitos e pagos, além de comportar umas das etapas da Liga Nacional de Rodeio de Barretos (OURINHOSNOTICIA, 2018). As primeiras feiras ocorreram no Ginásio José Maria Paschoalik (Monstrinho). E posteriormente passou a funcionar no terreno doado pela Família Ferreira de Sá e recebe o nome de Recinto Olavo Ferreira de Sá, localizado na parte leste da cidade.

Alguns outros eventos municipais ocorrem nesse espaço, que era inicialmente o menos inadequado para eventos desses portes, porém com passar do tempo e a expansão urbana, o barulho e a viloência em potencial passaram a incomodar os moradores dos loteamentos e Conjuntos Habitacionais que ficam próximos ao recinto (JORNALBIZ, 2017). Esses eventos ocorrem em parcerias variadas com a prefeitura, como é o caso do Ourinhos Motofest e da Expo-tattoo Ourinhos.

Ambas as iniciativas estão associadas à cultura urbana contemporânea e suas práticas. A Expo-tattoo é um evento de tatuagens, que vem ocorrendo desde 2016, com o intuito de divulgar e conectar tatuadores do Brasil e da região entre si e com sua clientela em um evento de entrada franca em Ourinhos/SP. No ano de 2017 contou com parceria com a prefeitura (OURINHOS, 2017). Em 2018 chega a sua terceira edição.

O Motofest começou a ser realizado na cidade em 1998. Evidentemente esse evento é positivo para estabelecimentos comerciais locais como: hotéis, padarias, bares etc. e é negativo para muitos moradores por conta do barulho (apesar de situar-se em uma localidade consideravelmente afastada da área central, porém que fica relativamente perto de alguns bairros e Conjuntos Habitacionais) e dos riscos

causados pelas manobras dos condutores. Percebe-se que o evento passou por um processo de institucionalização desde a disputa ideológica sobre motociclistas versus motoqueiros (FLOGÃOPATOJR, 2006) até a proibição de acampamentos e apresentações individuais (NEGOCIAÇÃO, 2018).

Ainda no campo da cultura urbana, mas em função de outras abrangências, o cenário das pichações no município pode explicitar um pouco das ideias que vêm circulando nesse espaço urbano. No seu formato contemporâneo tradicional com letras estilizadas e praticadas por grupos ou indivíduos, concentra-se no centro, nas vias mais movimentadas, em seus bairros de origem e em praças de encontros (*points*) – nesse caso, principalmente na zona leste e em áreas adjacentes ao centro²⁰. As pichações com frases geralmente de cunho moral e político, com mensagens de emancipação real ou ideal, também ocorrem na cidade de forma espalhada. Também consta no espaço urbano em questão frases de protesto a casos concretos, como as que mencionavam o caso do adolescente Brian, morto na FAPI por policial, em uma situação inusitada (GLOBO, 2017). Outras frases explicitamente políticas, partidárias e eleitorais também foram pintadas, muitas vezes próximas ou até mesmo em cima de pichações com cunho revolucionário.

De volta aos eventos culturais da cidade, temos o Festival de Música, que apesar de ser relativamente recente, iniciou-se em 2000, e é bastante expressivo na cidade. Esse evento é associado à Escola Municipal de Música Américo de Carvalho, assim buscam construções conjuntas em prol da técnica musical. Apesar de eclético o festival foi marcado, até por volta de 2015, por um teor erudito com valorização da educação musical, tradições musicais e crítica bem demarcada a outras formas de arte musicais populares mais recentes. Valoriza o choro associando-o ao erudito (GOMES; MORAES, 2010). Um casamento do popular com o erudito bem aos moldes iluministas.

O festival sempre agitou a cidade, trazendo muitos músicos, vários deles de renome, de outras localidades. Já no ano de 2016 essa agitação deu mostras de titubeio. Em 2017 o festival que antes misturava atividades gratuitas com pagas passa a ser totalmente gratuito em meio a um escândalo de corrupção que parece ter vindo à esteira da eleição municipal de 2016. Após as denúncias de corrupção houve trocas de secretários da cultura. Paulo Flores foi exonerado em 03/2018.

²⁰ Análise da cidade de Ourinhos/SP baseada nas ideias de Alexandre Barbosa Pereira (2005).

Quem assumiu foi Rodrigo Donato, que por sua vez, pediu exoneração em 07/2018. Isso ocorreu sob a alegação de buscar tempo para projetos pessoais e para se defender da acusação de corrupção – um apêndice da denúncia que atingiu seu antecessor (NEGOCIÃO, 2018) (OURINHOSNOTICIA, 2018). Quem passou a exercer o cargo provisoriamente foi Carlinhos da Lambo secretário adjunto. Em novembro foi nomeado Gustavo Tanus para o cargo (OURINHOS, 2018).

Em 2017 e 2018 as mudanças que atingiram o Festival de Música parecem ser mais amplas do que na forma de cobrança ou não das atividades. As atividades que se exerciam em variadas localidades passam a se concentrar mais do que o que ocorria anteriormente no centro, no teatro Miguel Cury. O festival também aparenta ter caminhado para uma diversificação do modelo erudito pelo menos em sua forma. A maior diversidade que o festival buscou ocasionou menos nomes conhecidos, pouca desconcentração e uma perda, por parte de Ourinhos/SP, da centralidade regional nesse quesito.

A cidade conta com o Curta Ourinhos desde 2005 que é uma mostra de cinema de curta e média metragem importante no interior de São Paulo. No ano de 2018 as exhibições foram no Teatro Miguel Cury e gratuitas (OURINHOS, 2018). Esse evento mostra-se centralizado, porém, as iniciativas de descentralização dos eventos culturais vêm se mostrando dúbia como na inauguração de um espaço cultural na Vila Margarida (OURINHOS, 2018). Bairro que segundo Franciele Ferreira Dias (2013) passou por revalorização socioespacial e pode ser considerado próximo ao centro.

Em 2009, a cidade passou também a contar com a Mostra de Teatro Sergio Nunes. De forma geral esse evento era bastante acessível economicamente, com algumas atividades um pouco mais onerosas ao bolso do consumidor. As atividades localizavam-se no centro e em suas imediações. Muitas exposições ocorriam no teatro Miguel Cury, no Espaço Cultural Alternativo Luiz Carlos Eloy Junior, na biblioteca municipal Tristão de Athayde e no Ginásio José Maria Paschoalik (Monstrinho).

Na mesma linha do Festival de Música, é iniciado em 2017 um movimento de descentralização da Amostra Sergio Nunes, com todos os eventos gratuitos por diversos pontos da cidade. Os pontos que passam a ser utilizados são: Calçadão, o Tetro Municipal, praças de bairros e o SESI. Porém, das quinze atrações de 2018 só 3 não são em áreas centrais ou em suas imediações (ANTENAFM, 2018). Galeta,

conhecido repórter da cidade publicou um incisivo desabafo em suas redes sociais sobre a sua percepção de uma depreciação no conteúdo ofertado pelo evento (FACEBOOK, 2018).

Pode-se dizer que houve no município uma diversificação das iniciativas culturais geradas por parte da secretaria de cultura ou que surgidas, de início desvinculado dela, depois foram aderidas à mesma. Essa adesão ocorre, pelo menos em sua veiculação midiática, e pela utilização dos espaços cedidos pela prefeitura. Esse é o caso da Feira da Rua destinada à cultura Hip-Hop, surgida em meados de 2015 na Praça da Vila Kennedy, localiza-se a leste da Rodovia Raposo Tavares, próximo a áreas de segregação residencial intensa (FERREIRA DIAS, 2013). Em sua 4ª edição, em 2018, já estava na Praça Mello Peixoto, em meio à área central do município.

Em novembro de 2016, foi realizada na Concha Acústica Sergio Nunes, em áreas de contato entre a segregação residencial pretérita e o contexto socioespacial atual do município. Reúne representantes da cultura Hip-Hop de Ourinhos e região e já foi realizada em parceria com a Expo-tattoo. Em suas ocorrências anuais vem reunindo mais adeptos. Apesar de certa abrangência no cenário ideológico do Rap, atrai expressivamente setores do Rap gospel. É a vanguarda da cidade no Hip-Hop e realiza uma crítica social conservadora, linha presente no Rap nacional. O evento parece conter ainda potencialidades de crescimento²¹.

Outra feira importante no cenário cultural Ourinhense é a Feira da Lua que apresenta atrações culturais como palco livre, comidas e bebidas. O estilo musical é eclético e contemporâneo, contemplando ritmos populares como funk, sertanejo, pagode e religiosos. Essa feira já existia na Cohab desde 2013, passou a ocorrer em frente ao terminal e em 2014 foi descentralizada passando a existir na Vila Kennedy, zona leste. Em um modelo menos estruturado, bastante assemelhada a feiras comuns, com música apenas raramente, acontece na vila São Luiz, loteamento localizado na zona norte, com valorização imobiliária recente, associada a melhorias infraestruturais na saúde e na educação (FERREIRA DIAS, 2013).

No município existem 27 Associações de Moradores de Bairros. Algumas delas contam com estrutura física (06), mas a maioria não possuem nada além do intuito de manter acessa a organização dos munícipes em prol de seus bairro, como

²¹ Informações obtidas por meio de entrevista com membro envolvido em iniciativas culturais urbanas no município de Ourinhos/SP.

é demonstrado na reunião entre a Liga das Associação de Moradores de Bairro de Ourinhos (LAMBO) e a então prefeita da cidade, Belkis (OURINHOSNOTICIA, 2013).

As associações recebem acusações por parte do poder político institucional no sentido de que são pouco organizadas, porém, representantes de algumas associações já vieram a público afirmando que o principal problema durante esses anos foi à falta de atendimento das reivindicações junto às Secretarias Municipais. Queixaram-se da falta de ação da LAMBO criada para coordenar as associações, e do descaso total da administração municipal nos últimos 12 anos com as necessidades dos bairros e isso foi desestimulando a participação (NEGOCIAÇÃO, 2016).

Das Associações de Moradores existentes, com diretoria constituída, poucas mantêm alguma atuação junto às comunidades. Uma exceção é a associação de Moradores do Jardim Eldorado, situado na zona leste de Ourinhos/SP, loteamento que recebeu investimentos do PAC (FERREIRA DIAS, 2013). Essa associação, embora enfrente várias dificuldades, ainda mantinha algumas atividades em prol do bairro até 2016. Conforme o presidente da associação, Gustavo Alves, no começo a associação contava com vários voluntários e chegou a ter aulas de digitação, violão e artesanato (NEGOCIAÇÃO, 2016). O prédio em que funciona a associação do bairro Santos Dumont foi reformada no ano de 2017, e também fornece suporte a realização da Feira da Lua e a Escolinha de Futsal do bairro (REPORTER OURINHOS, 2017).

É sintomático que poucas das associações estejam em pleno funcionamento com bases e lideranças cumprindo seus papéis. Assim, é possível observar certa aproximação entre as movimentações da LAMBO e as do poder político institucional e partidário. Isso fica bastante visível na matéria intitulada *Com apoio do Prefeito Lucas Pocay, nova diretoria da LAMBO é nomeada*. Logo, a revelação vem na afirmação do presidente, Ari Tadeu de Souza, “[...] antes mesmo da eleição, nós nos reunimos e expusemos todos os nossos projetos e requerimentos e tivemos o total apoio do Lucas” (OURINHOS, 2017). Nem as associações, muito menos a sua liga, devem ser renegadas como máquinas das demandas sociais e espaciais.

Outra organização social que pertence ao espaço ourinhense é a Cooperativa de Reciclagem Recicla Ourinhos²², surgida em 2003, fruto de uma iniciativa conjunta entre a Incubadora da UNESP-Assis e a secretaria de assistência social então comandada pela Belkis. No início dos anos 2000 o cenário mundial, atento aos danos ambientais, voltou seus olhos para a importância da reciclagem, e a onda atingiu também o Brasil. Dentre tantas outras cidades abarcadas, Ourinhos/SP foi uma delas. A demanda por parte das grandes empresas pela coleta desse material e a demanda social por melhores condições de vida - há um enorme contingente de miseráveis que moravam em lixões - canalizaram esses movimentos.

Em 2005, a Recicla Ourinhos passou a tecer relações com a UNESP-Ourinhos por meio da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP – Núcleo de Ourinhos (INCOP). Além de a entidade disputar editais públicos e exercer, em potencial, relações com a iniciativa privada, as cooperativas são organizadas politicamente em nível de movimento social. São compostas majoritariamente por mulheres, no caso de Ourinhos/SP, por exemplo. É comum a saída de homens nos períodos de corte de cana. A coleta era realizada na cidade e no lixão até 2009. Só em 2010 passa a haver reconhecimento e remuneração do trabalho por parte da prefeitura. Isso ocorreu em sintonia com a política nacional de resíduos sólidos.

Além de prestar um serviço de qualidade inestimável ao município, seus cidadãos e ao meio ambiente, a Recicla Ourinhos, com sua liderança local, extrapola suas relações políticas ao nível regional e nacional mantendo contato com o poder político institucional e partidário para além do local. Ao poder político local e à iniciativa privada, em nível de legislação, interessa a logística reversa e a contabilidade ambiental. Essa gira em torno do lançamento e da coleta de resíduos. Essas relações de troca entre poder político institucional e partidário, poder político de bases e poder político-econômico, giram a engrenagem municipal no que tange a gestão de resíduos e as ideologias que pairam sobre esse tema.

Desde os tempos em que era associação, a cooperativa de catadores funciona em estabelecimento situado em terreno público sediado em comodato, atualmente renovado por mais 30 anos. Localiza-se no extremo leste da cidade, próximo ao recinto em que se realiza a FAPI. Em imediato contato com o estabelecimento não existem loteamentos construídos. Eles começam a aparecer a

²² As informações aqui contidas foram obtidas por meio de entrevista com pessoa que prestou serviço à entidade entre os anos de 2010-2016.

certa distância, com a presença de Conjuntos Habitacionais sendo em terrenos de valor do m² baixo e médio-baixo (FERREIRA DIAS, 2013).

Diversas outras formas de organizações sociais além das associações de moradores, dos sindicatos e dos movimentos formam o tecido social composto por linhas espaciais entrelaçadas pelas práticas espaciais. Algo que exemplifica essa veste da cidade de Ourinhos/SP é o coletivo Geni de Feminismo Interseccional. O mesmo realiza eventos como piqueniques, feiras, aulas públicas e cinesdebates em estabelecimentos como: prédio da APEOESP, praças e locais comerciais, como clínicas de saúde e bares. O coletivo se declara como “[...] apartidário, a favor dos direitos humanos, da Democracia e produtor de consciência crítica e arte” (FACEBOOK, 2018).

Entre sindicatos patronais e aqueles vinculados às classes trabalhadoras existem muitos em Ourinhos. Thiago Pereira Barros (2014) analisou 14 deles: Sindicatos dos Funcionários Servidores da Educação (AFUSE); Sindicatos dos Professores e Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP); Sindicatos dos Trabalhadores Industriais Metalúrgicos, Mecânicos e Materiais Elétricos de Ourinhos; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Energia Hidroelétrica de Ipaussu; Sindicatos dos Bancários em Marília e região; Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Rodoviário de Ourinhos; Sindicato dos Trabalhadores Indústrias de Alimento de Marília; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ourinhos; Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias Zona Sorocabana; Sindicato dos Trabalhadores de Indústria de Construção Mobiliário de Ourinhos; Sindicato dos Frentistas Bauru e Região; Sindicato dos Comerciantes em Ourinhos/SP; Sindicato dos Trabalhadores Estabelecimento Saúde Comarca de Ourinhos; Sindicato dos Trabalhadores em Hotelaria, Restaurantes e Bares Similar de Ourinhos, Marília e Região (BARROS, 2014).

Para melhor compreendermos esses sindicatos e seus papéis no tocante à ideologia no município, associamos à espacialização dos mesmos, realizada por Thiago Pereira Barros (2014), a leitura do espaço urbano feita por Franciele Ferreira Dias, 2013. Esses sindicatos estão espacializados dentro de Ourinhos/SP de forma que a maioria deles encontra-se em áreas centrais, 2 estão circunscritos ao bairro Barra Funda em suas adjacências centrais e 4 em loteamentos semi-periféricos de classe média e média-baixa.

A territorialização oficial, realizada em nível escalar nacional e regional se mostra problemática, pois o Estado tutela a luta através da fragmentação das categorias e de sua fixação espaço-territorial em apenas um sindicato por categoria em cada município. Assim, a imprensa sindical expressa conjuntos de elementos simbólicos e políticos-ideológicos que estão espacializados, portanto, são interessantes para compreender o conflito entre capital e trabalho para além da territorialização oficial, porém a mesma:

[...] busca manter a territorialização dos sindicatos da mesma forma que a territorialização oficial do mesmo. Atrelada aos interesses do Estado, sem diálogo entre as categorias (persistindo a fragmentação da luta) e focada apenas no viés econômico, ou seja, apenas na luta dentro do jogo de poder exposto pelo capital. Em outras palavras, visa uma negociação da força de trabalho na tentativa de buscar melhores condições de venda da mão-de-obra, logo não conseguindo transcender para uma esfera de maior mobilização e resistência do que lhe são impostos (BARROS, 2014, p.142).

Para o autor, que encontrou evidências da ideologia hegemônica nos sindicatos abordados, a mídia comercial, idealizada pela burguesia, é o principal construtor “[...] de símbolos e valores para a classe trabalhadora²³” (p.144). Consideramos que essas ideologias não são enxertadas nas classes trabalhadoras apenas por esse processo – toda essa propagação e recepção dependem de uma estrutura ideológico-linguística pré-estabelecida, a nível social, espacial, econômico, cognitivo e individual, além de midiático, ou seja, as práticas têm de estarem prontas a serem abastecidas por essas ideias, a desenvolvê-las e a replicá-las.

Certo é que em uma sociedade de classes suas instituições e corporificações tendem a reproduzir esses interesses, portanto, a mídia reproduz seus interesses através da produção de notícias e do agendamento²⁴ das pautas da sociedade, portanto, mesmo se houvesse grandes manifestações insurgentes à tendência da mídia e veiculá-las a seus interesses ideológicos, no caso, hegemônicos. Existe, claro, as tendências contra-hegemônicas que buscam cravar raízes nas práticas espaciais insurgentes de seus (reais e potenciais) adeptos, ou, pelo menos nos fragmentos delas. Disso resulta uma combinação dialética que deve ser analisada a partir de suas características quantitativas e qualitativas.

²³ Para nós, além de existir esse processo, as classes dominantes conceberam e lapidaram uma instrumentalização desse constructo intelectual. Isso ocorre por meio da Guerra Híbrida, a mesma será discutida no próximo subitem do texto.

²⁴ Teoria desenvolvida por Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw. É abordada por Antônio Hohlfeldt (1997) como hipótese. Versa sobre comunicação midiática e recepção. Através de grande fluxo de informações distribuído por médio e longo tempo a mídia influencia o que as pessoas falam e pensam. Influencia as agendas individuais e sociais.

A história da mídia no município remonta ao Jornal Voz do Povo, existente na cidade desde a década de 1920. Analisando as publicações do jornal²⁵ entre 1927-1932 os pesquisadores perceberam que na cidade a discussão político-ideológico girava em torno de queixas sobre a política local e estrutura da cidade. Discursos sobre a moral e costumes sempre pairavam sobre as contribuições corriqueiras de alguns cidadãos ourinhenses que se assemelhavam a colunistas (CUNHA; BORGES ARAUJO, 2017):

Nos fragmentos observam-se as aspirações ao progresso, ao desenvolvimento e à riqueza aliadas ao orgulho pela terra, denotados nas comparações do espírito do homem ourinhense ao “super-homem bandeirante”, e no “dynamismo cyclopico” que não teme o impossível para realizar suas ambições. Ressalta-se que a cidade de Ourinhos, emancipada em 1918, encontrava-se nesse momento histórico em rápida expansão, sobretudo após a implantação de outra estrada de ferro em 1922. Era um momento de efervescência política e econômica que fazia brotar no ideário popular esperanças e sonhos. (p.38)

Nas décadas seguintes a mídia em Ourinhos se mantém como ótimo veículo para analisar o termômetro político ideológico do município. Através do acervo digital Tertuliana, consultamos alguns jornais das décadas de 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980, que foram produzidos e circularam na cidade. As manifestações políticas e ideológicas eram comuns, como no *Jornal a Voz do Povo* de 11/01/1947 que contou com inúmeros pedidos de voto para a UDN. Já no *Diário da Sorocabana* distribuído em 26/06/1958 transborda uma disputa política entre o jornal e um vereador do PSP – envolvendo as críticas do jornal a uma festa partidária, as sessões da câmara dos vereadores e as acusações contrárias no sentido de que o jornal merecia ser censurado.

Além da apresentação do novo prefeito, o jornal *O Progresso* de 02/02/1969 notificou encontros comerciais entre multinacionais e empresas locais, tratando de parcerias e inovações tecnológicas. Já no *Diário da Sorocabana* em 18/02/1968 constava a entrevista com vereadores; dúvidas sobre se haveriam eleições e assuntos da classe ferroviária. No jornal *O Progresso* de 17,18/11/1974 apresentava-se o resultado final das eleições estaduais e nacionais; o andamento de projetos e festas municipais, além de temas como: esporte e eventos sociais.

No dia 12/12/1973 *O Diário da Sorocabana* noticiou de forma bastante irônica desdobramentos, na Europa, da crise do petróleo. Anunciou patente industrial por

²⁵A imprensa é vista no texto de forma bastante semelhante com a qual trabalhamos: não como retrato da realidade e sim como representação. Uma forma particular da realidade daquele tempo-espaço, um caminho para a interpretação daquele contexto prático-espacial.

parte de empresa municipal e abordou as linhas de crédito estatal no Brasil. Da década de 1980, no acervo, só consta o *Edição Eventos* de 13/12/1988 retratando principalmente a inauguração do teatro Miguel Cury. Percebeu-se que durante a década de 1970 os assuntos políticos, mesmo presentes, pareciam se restringir a dados a serem depositados²⁶ em seus leitores. De forma bem diferente dos jornais das décadas anteriores que empunhavam a disputa política pelo e no município.

No *Diário da Sorocabana* de 01/06/1996 estão noticiados lances políticos em prol de alianças para as próximas eleições; eventos sociais e manifestações artísticas, além de um editorial duro contra a condenação do dono do *Jornal Debate*. O diretor e o próprio jornal, de Santa Cruz do Rio Pardo/SP²⁷, foram alvos de denúncias e condenações polêmicas por parte da justiça local na década de 1990. A acusação girava em torno das declarações de terceiros. O jornal e o diretor foram acusados por sediar a declaração (OBSERVATORIODAIMPRENSA, 2001). Sobre o jornal faz-se importante mais um esclarecimento, já que o mesmo fará parte das “fontes locais” no próximo parágrafo. Desde seu surgimento, em 1977 até os dias de hoje, veicula notícias sobre Ourinhos/SP e sua política. Seus textos não constam no acervo consultado e sim em *homepage* própria, sediada no site da UOL, à época.

Recorremos a essa fonte, devido a ausência de textos provenientes de mídias da cidade, nos anos de 2008 e 2009, abordando o assunto que envolve o ex-prefeito Toshio Misato (2009-2012, 2005-2008, 1997-2000). O mesmo foi alvo de uma ação eleitoral acusando-o de crime eleitoral na distribuição de prêmios de incentivo ao IPTU e por anunciá-los em jornais e no diário oficial do município (UOL, 2009). De volta ao acervo que viemos consultando, temos o *Balaio Cultural* jornal destinado a assuntos culturais que em sua edição do mês de maio de 2008 trouxe: lançamento de livro sobre a imigração japonesa, discussão sobre hábitos alimentares e informes sobre eventos culturais nos bairros e no centro.

Sobre o acervo consultado, o ex-prefeito Aldo Matachana deu a seguinte declaração:

Esse projeto contribui muito para nossa história que é muito mais importante do que o povo pensa. São coisas que trazem toda uma bagagem de como se dá a formação de uma comunidade. Existem cidadãos, pessoas e famílias que participaram disso e nesses jornais está tudo isso e muito mais. É um trabalho maravilhoso, tudo muito lindo, estão de parabéns toda a equipe que tomou essa iniciativa, merecem todos os elogios. É raro encontrar gente hoje que tenha boa vontade para buscar e pesquisar a

²⁶ De acordo com Paulo Freire de (1977), mas esse falava especificamente da educação.

²⁷ Cidade que fica a 32 km de Ourinhos/SP.

história e revelar à sociedade a verdade dos fatos, o que aconteceu no passado e está registrado nas páginas desses jornais. Muito Bom (NEGOCIAÇÃO, 2014).

Percebe-se ao fim da declaração do ex-prefeito certa conotação diferenciada da trabalhada aqui sobre o intuito dos registros nos jornais e suas possibilidades de análises. A função de representação da realidade encontrada nas mídias torna-se mais nítida, a nosso ver, com a diversificação e ampliação dos sistemas de informação, por meio do rádio, da TV e mais futuramente da *internet*. Não se pretende nesse texto fazer uma abordagem ampla desses meios de comunicação, mas sim apresentar em qual estrutura midiática municipal se realiza as práticas espaciais insurgentes, ou não, dos munícipes.

A cidade conta com algumas emissoras de TV. Dessas, se destacam: *TV Ourinhos*, *ABN TV*, *TV Tem* e a *TV Câmara Ourinhos*. A *TV Tem* é a afiliada da Rede Globo responsável pela transmissão e pela produção parcial de conteúdos no âmbito local e regional através da rede aberta. A *TV Ourinhos* e a *ABN TV* transmitem suas programações pela TV a Cabo de Ourinhos²⁸, a *TV Câmara* exibe seu conteúdo pelo canal 5 da TV a cabo e Canal Digital 61. No município também existem diversas rádios como: *Rádio Itaipu*, *Divisa*, *Sentinela*, *Melodia* e *Norte Pioneira* (sem contar as que operam apenas pela *internet*).

Esses meios de comunicação citados possuem uma sistemática de propagação que opera em limites espaciais amplos e específicos, ao passo que a *internet* aprimorou isso a níveis excepcionais. Assim, as informações que já se propagam em redes e ondas pelo espaço geográfico passam a obedecer a controles remotos, que estão muito distantes das salas dos espectadores, mas os conectam com o restante da cidade, do estado, do país e do mundo.

No que tange aos espectros ideológicos representados pelas mídias no município, grosso modo, podemos classificá-las em hegemônicas e contra-hegemônicas. Há tempos as questões ideológicas que afligem a sociedade estão mais relacionadas a especificidades que aproximam perfis - que vistos de longe aparentam serem completamente antagônicos. Porém, essa abordagem só pode ser feita a níveis individuais e de classes, o que é diferente de analisar uma plataforma midiática, que por mais que atenda a interesses de classes, visa adeptos reais e

²⁸Existem apenas duas empresas que oferecem o serviço de TV e *internet* a cabo em Ourinhos/SP, sendo que ambas: *GigaTV* e *Cabonnet* fornecem o mesmo endereço de funcionamento.

potenciais (seja de qual classe for), além de não desconsiderar em sua prática ideológica seus antagônicos.

Excepcional expoente do jornalismo crítico e opinativo na cidade, já abordado aqui, foi o *Diário da Sorocabana*. Apesar de sites como *Negocião* e *Ourinhos Notícia* fazerem reflexões políticas, ou até se declararem em favor da Democracia, de alguma pauta ou de alguma força política em determinado momento, seus posicionamentos concretos sobre a política da cidade são obscuros. Por sua vez, o blog *Jornal Contratempo* se expressa a favor da democratização das comunicações e diversificação das informações. Em seus editoriais aborda diretamente a política local. Por fim, veicula assuntos de cunho cultural, ideológico e informativo (CONTRATEMPO, 2018).

Toda essa gama de práticas espaciais circunscritas ao município de Ourinhos/SP não estão isoladas do restante da cidade, da região, do país e do mundo. Assim sendo, a luta de classes pode orientar a compreensão dessas conexões materiais, sociais, linguísticas e ideológicas como veremos no item a seguir.

3.3. *Lutas de classes transnacionais*

Para compreendermos as relações entre as práticas espaciais ourinhenses e o *impeachment* de Rouseff (2016) têm de se contemplar as lutas de classes como conflito social que culmina no desenvolvimento da realidade humanizada. E que, portanto, tem de ser vista de forma casada com as diferentes escalas pertinentes aos processos sociais, econômicos e políticos, além de que um mesmo fenômeno atua em diferentes dimensões escalares como a local, a regional e a global. Destaca-se o Estado-nação como possibilitador e catalisador dessas combinações. Assim, para compreendermos, o papel da linguagem e da ideologia nesse processo, discute-se nesse subitem: escalas, lutas de classes, e relações geopolíticas.

Sobre noções escalares recorreremos à obra de Iná Elias de Castro pelo motivo de em acordo com a ideia que expusemos até o momento, a mesma enxergar o espaço como arena da luta de classes, lócus do político e, acima de tudo, em sua obra discutir Geografia política e escalas. Porém é necessário nos remetermos a sua visão sobre espaço e imaginários antes de nos aprofundarmos na interpretação sobre as escalas:

É possível, pois, propor que todo imaginário social, da mesma forma que possui um forte componente político, possui também um forte componente espacial pelo poder simbólico atribuído aos objetos geográficos, naturais ou construídos, que estão em relação com a existência humana. Em outras palavras, todo imaginário social pode revelar-se imaginário geográfico (CASTRO, 2006, p. 177).

Já na citação a seguir, a autora menciona as práticas espaciais como elemento indutor do entendimento acerca das conexões entre imaginário geográfico e as produções e reproduções espaciais:

Portanto, mais do que tentar qualificar em separado um imaginário geográfico, objeto de estudo dos geógrafos, estamos diante da tarefa de interpretar a geografia contida no imaginário social, e expressa no próprio discurso geográfico, como um dos caminhos para compreender o papel que as representações do meio desempenham nas práticas espaciais e na organização do espaço (CASTRO, 2006, p.178).

Para a autora as imagens assumiram uma nova dinâmica, muito mais intensa de produção, reprodução e recepção, isso por sua vez influencia os comportamentos “[...] sobre a política e o processo decisório e sobre o território, enquanto produto e continente – nada passivo ou inocente – do conteúdo social” (CASTRO, 2006, p.160). Assim, os poderes políticos são:

[...] especializadas a partir de diferentes escalas que englobam desde os espaços da convivência estabelecidos na *proximidade*, até aqueles mais amplos do domínio simbólico do pertencimento a uma nova nacionalidade [...] apesar da objetividade dos interesses que no plano teórico fundam a política moderna, no plano prático ela não pode dispensar o recurso ao simbólico (CASTRO, 2006, p. 189-190).

No livro *Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições* (2005), a autora Iná de Castro trabalha com as noções escalares contidas em: local, regional, global. A primeira está associada à cidadania no sentido de que o espaço assume o papel de mediação entre existência legislativa e política. A segunda noção escalar, a regional, está atrelada à identidade cultural e demandas políticas. A terceira, global, expõe a complexidade atual da humanidade que para seu entendimento combina a economia capitalista e o sistema de Estados-nações.

Iná Elias de Castro (2005) destina ao Estado-nação papel de destaque, seja no âmbito interno por sua centralização de poder, controle social e estratégia territorial, ou pelo externo em que ocorrem disputas territoriais com outros Estados. A importância do Estado-nação vem também de suas dimensões materiais salientes para a identificação, análise e explicação de alguns fenômenos característicos do recorte territorial definido por suas fronteiras. Outros fatores de sua importância são a dimensão histórica e seu poder que atinge a vida cotidiana. A

autora relembra Ratzel, que adequado às necessidades de seu tempo, propôs a construção do Estado-nação através da adesão do povo à ideologia do nacionalismo fomentada pelos símbolos iconográficos (espécie de linguagem estatal simbólica que se firma nas condições materiais e nos eventos históricos que formam um Estado).

As ideias de Iná Elias de Castro (2005 e 2006) apresentadas aqui, apesar de algumas dissonâncias com a realidade posterior a seus textos, contribuem para que entendamos a importância do ponto de vista geográfico. Nos dias atuais os fatos políticos tão evidentes, e ao mesmo tempo mistificados, remetem mensagens específicas a imaginários específicos em contextos espaciais específicos. Logo, ressalta-se a importância da escolha diferenciada da escala de análise que atenda necessidades de entendimento do fenômeno. Sendo que para a autora, destacam-se nesse papel de entendimento da realidade: o local, o regional, o global e o Estado-nação.

Para reforçarmos a substância imaterial que emana do Estado-nação são interessantes as ideias do crítico literário Franco Moretti presentes na obra *Atlas do Romance Europeu* (2003). O autor dissecou o contexto geográfico e escalar de surgimento, circulação e repercussão do romance europeu no séc. XIX. Associa esse estilo literário à estrutura de poder simbólico do Estado-nação. Percorre os pormenores econômicos-políticos, os nichos de mercado e de produção, para caracterizar o modelo hegemônico anglo-francês daquele tempo.

A visão resumida do autor acerca da Geografia não causa danos a sua discussão acerca do espaço real e do espaço literário. Sendo esse último um espaço da literatura, flexível, que ao mesmo tempo, além de ser imaginário, retrata e está circunscrito a uma parte do espaço histórico, e por isso, realiza-se como exímio mistificador da realidade.

Franco Moretti (2003) percebe certa afinidade entre o romance e a realidade geopolítica do momento, o que o levou a noção de que o romance foi a única forma simbólica que poderia representar o Estado-nação naquele momento. Seja em seu âmbito interno, externo ou fronteiro. As relações de poder provenientes do Estado-nação eram mais amplas e mais abstratas do que as anteriores, assim, necessitavam de forma simbólica nova para seu entendimento. Claro que a estrutura de poder simbólico do Estado e das classes sociais se sofisticou muito desde o século XIX, não cabendo mais apenas ao romance, ou sequer apenas a literatura,

cumprir esse papel – que hoje de forma ampla é cumprido pela linguagem e pela ideologia em suas várias formas ressaltando-se a midiática.

Com o surgimento do romance surge um mercado literário comum, desigual e centralizado na Europa. Fora dela se repetem as mesmas relações de poder como exemplifica Franco Moretti citando Marlyse Meyer, sobre a imitação servil realizada pelo jornalismo brasileiro em relação ao francês (MORETTI, 2003). Nesse sentido, não surpreende o dado apresentado pela autora Márcia Abreu, na obra *Os Caminhos dos Livros* (2006), de que no Brasil, no período de 1769 até 1826, os livros pelos quais se solicitavam acesso ao órgão competente (eles eram censurados, porém se podia solicitar acesso) eram, em primeiro lugar, franceses com 46% dos pedidos, e em segundo, portugueses com 30%.

Voltando a hegemonia simbólica nos romances europeus do século XIX, a forma vem do centro e permanece inalterada; enquanto os detalhes são deixados livres para variar de lugar para lugar, o enredo é constante e os personagens mudam – isso torna a forma aprazível para cada público nacional. Nessa relação dialética entre local, regional e global fica sustentável a analogia entre a propagação do romance e a propagação de ideias, pois circulam através de matéria - textos os mais variados, ou dentro da cabeça das pessoas – que por sua vez, circulam pelo espaço, nos prédios, nas casas, nos *outdoors*, em quem está lendo o *outdoor*, nas ruas – e em tantas outras formas-conteúdo.

Esses significados e significantes são produzidos e reproduzidos de acordo com as lutas de classes. Para Domenico Losurdo, no livro *A luta de classes: uma história política e filosófica* (2015), as lutas de classes são demasiadamente complexas, acontecendo em diversas escalas. Sendo elas: a internacional (opressão de povos e nações), a nacional (relação capital-trabalho) e a local/doméstica (famílias patriarcais). Isso tudo é acompanhado pelos conflitos entre as classes exploradoras, configurando a teoria das lutas de classes como: “uma teoria geral do conflito social [qu]e reflete teoricamente e estimula ao mesmo tempo uma multiplicidade de lutas pelo reconhecimento”(LOSURDO, 2015, p.121).

O que decide a colocação final de um indivíduo (e de um grupo) no campo dos “oprimidos” ou no dos “opressores” é, por um lado, a hierarquização dessas relações sociais segundo sua relevância política e social em uma situação concreta e determinada; por outro, a escolha política do singular indivíduo (ou do grupo) (LOSURDO, 2015, p.137). Na citação a seguir o autor demonstra magnífica visão de

escala, e faz um exercício teórico interpretativo sublime, no qual, apesar de a citação ser um pouco longa, a política, a luta de classes, a história, a economia e a ideologia parecem estar completamente adequadas, no que se refere, às posições que ocupam no texto e na realidade:

Nos dias atuais até os magnatas do capital e da finança sentem-se às vezes obrigados a reler Marx, [...] existem autores que podem explicar melhor do que ele a crise econômica eclodida em 2008? Da janela de seu escritório, esses magnatas dão uma olhada para as manifestações inéditas e inquietantes que ocasionalmente ocorrem: elas convidam a ocupar Wall Street e põem no banco dos réus o 1% de privilegiados que de fato exercem o poder e enriquecem à custa do 99% restante da população. Como mudou o clima ideológico e político em relação ao triunfal anúncio do “fim da história” que ressoava há vinte anos! Junto com a história, parece voltar a luta de classes. Mas, se os manifestantes se limitassem à denúncia das graves consequências da crise econômica mais do que ao retorno da marxiana luta de classes, assistir-se-ia à sua permanente e eficaz mutilação por obra da classe e da ideologia dominante. Prosseguindo em sua leitura, talvez os magnatas percebam um arrepio quando se deparam com a análise das crises de superprodução relativa. Elas são a confirmação do declínio ao qual é destinado um sistema social que destrói de forma recorrente uma enorme quantidade de riqueza social e obriga ao desemprego, à precariedade, ao “despotismo” no local de trabalho (do qual fala o Manifesto Comunista), à miséria uma massa infinita de homens: eles se sentem impressionantemente rechaçados em sua luta pelo reconhecimento e percebem de forma tanto mais dolorosa sua condição, pelo fato de que, com relações sociais e políticas diferentes das existentes, a ciência e a tecnologia hodiernas poderiam imprimir uma forte aceleração ao desenvolvimento das forças produtivas e da riqueza social. Entretanto, no Ocidente não existem partidos capazes de expressar de maneira organizada o crescente descontentamento de massa – não há particular motivo que angustie os magnatas. Talvez particularmente preocupantes sejam alguns cartazes levantados pelos manifestantes, os quais gritam sua raiva não só contra Wall Street, mas também contra War Street; o bairro da alta finança é identificado como o bairro, ao mesmo tempo, da guerra e do complexo militar-industrial; emerge ou começa a emergir a consciência da relação entre capitalismo e imperialismo. É verdade que, mesmo que visem a áreas de grande relevância geopolítica e geoeconômica, concluindo-se com a instalação de novas e poderosas bases militares e com a ulterior retomada do mercado das armas, as guerras desencadeadas pelos Estados Unidos e pelo Ocidente são apresentadas como operações humanitárias. [...]A esmagadora superioridade do aparato multimidiático do Ocidente consente, com eficácia decrescente, a manipulação da opinião pública, mas começa a penetrar a consciência de que tanto a verdade como sua remoção remetem à luta de classes, a suas múltiplas formas e a seu entrelaçamento. Essas múltiplas formas e seu entrelaçamento acabam emergindo mesmo que estejamos concentrados exclusivamente no conflito social na metrópole capitalista (LOSURDO, 2015, p.?).

Domenico Losurdo (2015) com uma visão bastante expandida pontua a existência, na realidade, de contradições de classe e não de classe. Considera legítimas, assim como Lenin, as greves de operários em meio à revolução Russa. Dialogando com Mao Tse-Tung infere que a produção material não se resolve na luta de classes. Produção material e “experimentação científica” são duas formas de

prática social ao lado da luta de classes, embora esta última influa poderosamente sobre as outras duas. Avança na reflexão sobre a formação humana demonstrando “que as contradições ínsitas no processo cognoscitivo por si só não são de classe, e de fato elas [...] continuarão existindo no comunismo, mesmo depois do desaparecimento das classes e das lutas de classes” (LOSURDO, 2015, p. 410).

Levando a cabo essa reflexão o autor vê a realidade do socialismo e do comunismo como um eterno processo de aprendizagem, no qual algumas lacunas, oscilações ou incompletudes teóricas (próprias da mesma) impediram que se contemplasse a importância do Estado, do mercado e da nação para além de ferramentas de dominação utilizadas pelas classes dominantes. Todas essas ponderações do autor são entrelaçadas a uma crítica do Idealismo da *práxis* - aquela *práxis* que desconsidera as determinações e as condições nas quais se realiza, desconsidera a concreticidade da realidade humanamente construída. Em particular, o pensamento revolucionário, muitas vezes, comporta o idealismo no qual o mercado, a nação, a religião, o Estado tendem a perder “caráter do ser”; eles resultam ser simples e ilimitadamente plasmáveis pela ação política e pela luta de classes (LOSURDO, 2015, p.390).

Ao que nos interessa para situar as ideias de Domenico Losurdo (2015), temos de pontuar um detalhe em relação a Terry Eagleton (1997), pois o primeiro ao contemplar a condição da mulher e a primeira opressão de classe dentro da família patriarcal, coloca que as mulheres deveriam se opor à opressão de classe. Enquanto para o segundo é normal que não se oponham já que isso é explicado pela falseabilidade da realidade refletida na ideologia, ou seja, o feminismo enquanto ideologia está embebida da desigualdade pertinente ao capitalismo e suas formações materiais e de classes, pode em certas situações concretas revelar-se mais à esquerda e em outras mais à direita.

Ao abordar a formação ideológica dos EUA, além do racismo presente em suas instituições (pelo menos resquícios dele) e na conseqüente hipocrisia, Domenico Losurdo demonstra as ligações entre a burguesia desse país e o regime nazista, que existiu na Alemanha passada. Os ideólogos da guerra possuem sua importância por produzirem os pseudosconceitos alicerçados no ofuscamento da consciência crítica. No ocidente, buscam apagar até as memórias dos genocídios historicamente cometidos contra negros e índios, por exemplo. Essa ideologia ocidental hegemônica classifica movimentos políticos e de massa como patologias.

A ideologia dominante utiliza as categorias de forma dogmática e acrítica a seu bel-prazer, praticando o negacionismo. Assim, a *pax* atual produz a deturpação da palavra equilíbrio, baseia-se na auto renovação e na expansão ocidental firmada na ideologia da guerra (LOSURDO, 2015).

Essas ideologias da guerra passaram por várias fases, formas e nomenclaturas. Dentre elas: Guerra Fria, Segunda Guerra Fria, Guerra Líquida²⁹ e a mais recente: Guerra Híbrida. Apesar de muitas vezes serem utilizadas para descrever as situações em diversos países, todas foram ou são executadas com o intuito de reafirmação do poder imperialista³⁰ dos EUA. Essa ideia de guerra total (militar, política, econômica, midiática, em redes imateriais e materiais ao mesmo tempo) presente nessas diferentes instâncias de guerras são evidências da penetração capilar dessas ideologias.

Começamos pela Segunda Guerra Fria, termo formulado por Moniz Bandeira em sua obra *Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões da Eurásia à África* (2015). Essas ideias continuam a ser analisada no livro *A Desordem Mundial* (2017). Não é demais pontuar que seu livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil* (1976) já retrata operações desse mesmo tipo em níveis tecnológicos e técnicos inferiores. Para o autor, o Estado exerce papel central na ciência política, portanto, desde a globalização da economia capitalista os acontecimentos sociais e políticos encontram-se interconectados.

Em suas obras de 2015 e 2017 são pontuadas as estratégias e os movimentos geopolíticos dos EUA (guiado pelas oligarquias, capital financeiro e setores da sociedade civil) direcionados, sobretudo, ao Oriente Médio (com mira que perpassa Síria, Iraque, Líbia, Rússia, China etc.). O que chama a atenção na análise de Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017) é a atenção dada ao método utilizado nessa estratégia de obter poder e dinheiro na forma de recursos naturais e humanos,

²⁹ Termo utilizado por Pepe Escobar (2016), em alusão às teorias da pós-modernidade associadas às guerras pelos fluxos energéticos, acima de tudo, por enquanto, pelo petróleo. O autor também aborda a guerra não convencional e utiliza o termo Guerra Híbrida em alguns de seus textos. Esse jornalista é um dos pioneiros nesses estudos e é válido mencionar que o mesmo transita por todo o espaço por ele retratado, um circuito que perpassa toda a Eurásia e em alguns momentos se conecta a Washington.

³⁰ Lenin (196) enxerga o imperialismo como a fase superior do capitalismo em que a formação de monopólios e a agregação de empresas adjacentes ao ramo central (da mesma), principalmente pelo capital financeiro (uma mescla de capital bancário e industrial), levam a um entrelaçamento com o Estado e a uma disputa mundial (LENIN, 1916, p.?).

mesmo que esse último se manifeste na forma de catástrofes humanitárias bastante lucrativas.

Assim, a equação engloba além do poder explícito o implícito. Os poderes políticos, militares, econômicos e ideológicos se misturam em tanques de guerra, ONGs, sanções, financiamentos, investimentos, jornais, revistas, blogs, redes sociais, livros, pensamentos, ações, igrejas, *internet*, greves, mobilizações etc. Sobre os dois últimos é interessante que Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017) destaca a legitimidade dos movimentos políticos de massa que podem ser cooptados nessas operações de guerra psicológica, através da espionagem que compõe a busca pela *full-spectrum dominance*:

[...] Estados Unidos, desde o fim da União Soviética, empenhou-se mais e mais na implantação internacional da *full-spectrum dominance*, *full-spectrum superiority*, terra, mar e ar. Seu objetivo estratégico consistiu na criação de um espaço econômico unitário, a pretexto de promover a democracia, nos mais diversos países, e assim espargir sua total predominância, mediante a ditadura internacional do capital financeiro. Quanto maior o espaço econômico, maior o poder político da oligarquia financeira assentada em *Wall Street* (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 474).

Com esse intuito, os serviços de inteligência dos EUA somam números e qualidades expressivas:

[...]800 instalações militares [...] esta última, fundamental na campanha de extrajudicial *targeted killings*, com ataques de drones contra suspeitos de terrorismo no Oriente Médio, África e sudeste da Ásia (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 475).

Milhares de lobistas, em Washington, asseguram ininterruptamente elevação das dotações orçamentárias dos departamentos de defesa, Segurança Interna e Justiça. Centenas de bilhões de dólares escoaram dos cofres públicos, todos os anos, para as 16 agências de segurança, civis e militares integrantes da comunidade de inteligência, com mais de 107.035 pessoas empregadas e um *black budget* estimado em mais de US\$ 52 bilhões, em 2013, e as empreiteiras militares, que continuavam a induzir o país a manter-se em permanente estado de guerra e constante orçamento de guerra (MONIZ BANDEIRA, 2017,p.476).

Essas agências compõem a totalidade da trama demonstrada no filme *Snowden: Herói ou Traidor*, do diretor: Oliver Stone, que saiu no ano de 2016 e no documentário: *Citizenfour*, de Laura Poitras de 2014. O ex-funcionário da CIA e da NSA Snowden sede a sua consciência crítica, e além de abandonar os serviços de espionagem para os quais foi designado, resolveu contar ao mundo o que anda fazendo o Grande Irmão não só em relação ao Oriente Médio, mas ao mundo todo, e principalmente a seus próprios cidadãos.

Para dissimular as forças envolvidas nessas medidas é necessário, ou no mínimo aconselhável, o envolvimento das forças responsáveis por disseminar as informações para o mundo. Sejam elas as informações mais importantes, as que quiserem as necessárias ou até as que não devem ser propagadas por questões de conveniência. Nesse sentido o papel da mídia, em suas variadas formas é central.

Tudo isso é possível por, e em busca de, poder econômico proveniente além da, e também da relação complexa e contraditória entre capital e trabalho. Aliás, se associarmos as ideias de Luiz Alberto Moniz Bandeira (1978, 2015, 2017) as de Domenico Losurdo (2010, 2015), compreenderá-se que as relações entre capital e trabalho ao serem centrais nas lutas de classes em âmbito nacional destacarão essa esfera no sentido de que as forças internacionais atuariam por essas relações para penetrar seus interesses. Nas palavras de um dos autores:

E o certo é que, na história, como Oswald Spengler salientou, não há ideias, mas somente fatos, nem verdades, mas somente fatos, não há razão nem honestidade, nem equidade etc., mas somente fatos. E os fatos, ao longo da história, sempre mostraram que os Estados Unidos e as grandes potências capitalistas jamais efetivamente entraram em guerra pela democracia e pela liberdade, para proteger civis ou direitos humanos, senão tão somente a fim de defender suas necessidades e interesses econômicos e geopolíticos, seus interesses imperiais. E palavras não mudam a realidade dos fatos (MONIZ BANDEIRA, 2017, p.513).

Assim,

[...] foi o que ocorreu, ao longo de todo o desenvolvimento da história, em que a negação da democracia resultou de sua própria determinação, ao refletir a evolução do capitalismo, com a qual se identificou, sobretudo nos Estados Unidos, país [no qual] surgiram as primeiras formas de instituições monopolísticas da economia – trustes, cartéis e sindicatos (MONIZ BANDEIRA, 2017, p.470).

Por isso a economia política apoderou-se da ideia de democracia e firmado na concentração de renda ocorreu à deturpação da constituição estadunidense:

Mais claramente, conquanto o regime democrático formalmente continuasse a funcionar, os interesses do capital financeiro, concentrados em *Wall Street* e entrelaçados com os interesses das corporações de gás e petróleo, da indústria bélica e sua cadeia produtiva, eram os que condicionavam, predominantemente, as decisões políticas de Washington, não apenas com os gastos da *lobbying industry*, mas, através das contribuições para a campanha eleitoral dos candidatos aos cargos eletivos. E, uma vez no governo ou Congresso, os eleitos tinham necessariamente de atender e compensar os interesses de seus benefactors (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 471).

Por isso, firmado na concentração de renda a constituição norte americana foi deturpada e as soberanias também estão sendo, já que:

[...] Estados Unidos, na moldura mítica do “*excepcionalism*”, “*indispensable Power*”, variante do “povo eleito de Deus” e “*raça superior*”. [...] fez um verdadeiro *strip-tease* e o autoritarismo imperial desnudou-se, quando o

capital financeiro não mais conseguiu manter o equilíbrio mundial, mediante as normas do Direito internacional. E o presidente George W. Bush, ao invadir o Iraque, a pretexto de acabar com armas de destruição em massa (não mais existentes) e estabelecer a democracia, lá e em todo o Oriente Médio, cometeu um disparate estratégico, na tentativa de manejar com realidades que estavam fora de seu controle – declarou o general William E. Odom, ex-diretor da NSA, na Comissão de Relações Exteriores do Senado (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 478).

Essas últimas quatro citações de Moniz Bandeira nos levam diretamente à reflexão de Lenin (1916) de que a análise do todo (social, político e econômico) de uma guerra faz-se na “[...] análise da situação objetiva das classes dirigentes em todas as potências beligerantes” (LENIN, 1916, p. ?). Parece-nos que de uma ideia não muito distante vêm às reflexões de Andrew Korybko em seu livro *Guerra Híbrida das revoluções coloridas aos golpes (2018)*. O autor afirmou em entrevista a agência brasileira de notícias Tutameia, que ampliou a definição contida em seu livro para a seguinte:

As Guerras Híbridas são conflitos identitários provocados por agentes externos, que exploram diferenças históricas, étnicas, religiosas, socioeconômicas e geográficas em países de importância geopolítica por meio da transição gradual das revoluções coloridas para a guerra não convencional, a fim de desestabilizar, controlar ou influenciar projetos de infraestrutura multipolares por meio de enfraquecimento do regime, troca do regime ou reorganização do regime (TUTAMEIA, 2018).

No livro em que o autor desenvolve o conceito, que chega a sua forma última na citação acima, é explorada a mecânica desse fenômeno geopolítico demonstrando desdobramentos empíricos dessas teorias, em especial nos casos da Ucrânia e Síria. As teorias provêm de visões geopolíticas clássicas e contemporâneas, no sentido de definir qual é o alvo central e como desestabilizá-lo. Assim, o autor ressalta a manipulação de pautas identitárias por parte dos serviços de inteligência dos EUA, que agem como o contendor do que as teorias de Mackinder (entre outros) definem como o centro de poder mundial (*Heartland*). Nos documentos estadunidenses - oficiais ou não – a busca pela dominação total do espectro (KORYBKO, 2018).

Esse conceito vem sendo considerado revolucionário por conta de sua precisão em analisar o todo real contemporâneo, especialmente em suas dimensões geopolíticas. Ele abarca as revoluções coloridas e as guerras não convencionais³¹

³¹ O autor define guerra não convencional como: “[...] guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo (guerra irregular) Ela inclui especificamente combatentes [...] desvinculados do Estado, além de forças operacionais especiais uniformizadas [...] via de regra ataca o inimigo de maneira indireta [...] com o objetivo de troca de regime” (KORYBKO, 2018, p. 72).

de forma a mostrar a segunda como continuidade da primeira. Grosso modo, a instalação da estrutura volta-se ao desenvolvimento de uma revolução colorida e a mesma pode ser utilizada posteriormente, se necessário (e na maior parte dos casos o é), para fins militares de uma guerra não convencional (KORYBKO, 2018).

O semear de forças centrípetas dentro do estado alvo visa à instalação do caos administrado. Assim, as revoluções coloridas tentam ganhar controle sobre “[...] aspectos inatingíveis, tais como sociedade, ideologia, psicologia e informação” (p.40). As revoluções coloridas:

[...] reúnem física e virtualmente porções distintas da população que compartilham (ou são trabalhadas para compartilhar) as mesmas ideias contra o governo, e isso ajuda a organizar a mente de grupo (ou mente de colmeia [...]) e simplificar o pensamento em massa da sociedade durante o início de uma tentativa de golpe por revolução colorida (KORYBKO, 2018, p.47).

A mente de colmeia, como nomeia o autor, tende a formar um enxame, controlado mesmo que parcialmente, contra o alvo. Para o autor não existe uma prática de Guerra Híbrida proveniente da Rússia, pois se, e somente se, a Rússia vem empregando técnicas similares a esse tipo de guerra a mesma vem mobilizando um aparato militar e econômico muito menor do que empregou durante os anos de Guerra Fria, no sentido de que uma guerra seria evolução da outra. Já o Pentágono tem comprovado sua participação, por financiamentos, em uma série de fatos envolvendo pesquisas científicas e a mineração de dados nas redes sociais, como o *Facebook* (KORYBKO, 2018). A revolução colorida atua em diversas escalas e para isso funciona em redes:

O modelo em cadeia é a primeira parte da rede do movimento de revolução colorida. Ela começa no exterior com a decisão de derrubar um governo não submisso estrategicamente localizado. Essa é a primeira etapa. Depois disso, a decisão passa à hierarquia administrativa até chegar ao nó de planejamento (KORYBKO, 2018, p. 53).

Como podemos perceber a reflexão do autor está bastante ligada a questões espaciais e, em nossa opinião, podemos até dizer que a Guerra Híbrida é uma prática espacial, embora seja mais do que isso. O próprio autor, nos anexos, ao se referir à Armênia na visão de potências como Rússia, Turquia e Irã a considera um “[...] pequeno espaço geográfico [...]” (KORYBKO, 2018, p.153). Ao se referir ao documento secreto TC 18-01 demonstra que essas estratégias para a mudança de regime consideram a geografia (e, portanto o espaço geográfico), além da

psicologia, das comunicações e das pesquisas sociológicas em sua análise, para a implementação e efetividade da guerra não convencional:

O sucesso da guerra não convencional é determinado por sete variáveis chaves: liderança; ideologia; objetivos; ambiente e geografia (inclusive sociais); apoio externo; divisão em fases e *timing*; e padrões organizacionais e operacionais. Todos esses fatores podem ser modificados, salvo o ambiente e a geografia (KORYBKO, 2018, p.84).

Dando continuidade às dimensões espaciais, mas retornando às teorias geopolíticas, no livro são citados os sistemas de anéis, pertinentes às guerras de 4ª geração (assimétricas e em grande medida indiretas), utilizados para caracterizar o alvo. Existe um modelo dedicado às guerras não convencionais e dois modelos (sociedade e indivíduo) dedicados às revoluções coloridas. Ainda sobre modelos concêntricos associados aos alvos, o autor demonstra que driblar o ciclo OODA (observar, orientar-se, decidir e agir) do inimigo é primordial (KORYBKO, 2018).

Com as revoluções coloridas são disseminados pontos de propagação ideológica pelo espaço geográfico. Assim a “[...] a penetração ideológica em uma sociedade se incorpora em uma irrupção física no interior do próprio Estado, guiada por um segmento dos cidadãos do próprio Estado” (KORYBKO, 2018, p.115):

A ideologia é, portanto, o ponto de partida de todas as revoluções coloridas. Ela representa uma forma de desenvolvimento oposta para uma sociedade doméstica e motiva segmentos simpatizantes da população a participar de manifestações tangíveis para exigir mudanças [...] a vasta maioria desses manifestantes ativos sequer pode suspeitar de que suas atividades estão sendo orquestradas por um poder superior (ONG, governo estrangeiro). Em vez disso, a maioria deles, doutrinado por uma campanha de informação coercitiva que promove a ideologia desestabilizadora, foi realmente induzida a crer que suas ações são espontâneas e ‘naturais’ e que representam o ‘progresso’ inevitável que todas as regiões do mundo estão destinadas a viver mais cedo ou mais tarde. A ideologia do indivíduo acima do coletivo (o aspecto social da democracia liberal) apodera cada um dos manifestantes a sentir-se exercendo um impacto único e significativo na promoção dessa mudança (p. 115-116).

A propaganda tradicional na grande mídia, em redes sociais ou através de grafites, pichações e panfletos, são muito importantes para o processo. Essas propagandas passam a noção de que o fato é maior do que realmente é - para aqueles pouco ou nada envolvidos. Criando neles a sensação de que algo grande, em proporções sociopolíticas, tem bases para ocorrer. A mídia tradicional também divulga e angaria apoio internacionalmente. Vale lembrar que a revolução colorida é o ataque de um país direcionado a outro, porém, isso ocorre em busca de dinheiro e poder em um sistema capitalista. Logo, atende aos interesses das classes dominantes, e nunca é demais pensar, que independente de território nacional, a

tendência é a união dessas classes contra as classes trabalhadoras. Quais são as bases das alianças de resistência então? Dentro de um território nacional, uma aliança policlassista; ou uma aliança transnacional uniclassista? Complexa demais a resposta a essa questão, fiquemos então, com o resumo das revoluções coloridas:

As Forças Armadas dos EUA e as empresas privadas de tecnologia (no estudo de caso específico do livro, o *Facebook*) uniram forças para potencializar o efeito de guerra social em rede no sec XXI. O objetivo é criar uma mente de colmeia de incontáveis indivíduos que dedicam-se na cruzada contra o governo e tornam-se “uma só mente”. A colmeia pode ser então manipulada para investidas táticas em enxames que são a manifestação da teoria do caos armatizada e contra as quais é extremamente difícil para as autoridades se preparar e repeli-las. Os métodos de Gene Sharp são usados em peso durante essa fase dos enxames e oferecem maneiras inovadoras para que estes desestabilizem a sociedade. Essa abordagem padronizada foi observada em toda revolução colorida e durante a revolução colorida em larga escala conhecida como “Primavera Árabe”. Além disso, a era das revoluções coloridas está longe de acabar, uma vez que dois de seus mais proeminentes profissionais foram promovidos a algumas das posições mais importantes no governo dos EUA: John Teff, o gênio por trás do EuroMaidan, agora é embaixador dos EUA na Rússia, e Frank Archibald, ex-“homem das armas” da CIA na Bósnia e orquestrador da primeira revolução colorida bem-sucedida da história na Sérvia em 2000, esteve no comando da NCS da CIA do fim de 2013 ao início de 2015. Tudo isso combinado comprova que o mundo só começou a viver a revolução da guerra híbrida na estratégia militar (KORYBKO, 2018, p.70).

Com a ameaça de um mundo multipolar, os EUA visam retornar a unipolaridade através dos métodos aqui assinalados, porém, como toda teoria possui lacunas imbricadas em si mesmas, destaca-se que a Guerra híbrida é sim um conceito revolucionário, contudo, as jogadas geopolíticas perpetradas pelo *hegemon* visando controle sobre o feixe social em determinados recortes espaciais e talvez sobre o mundo todo não é tão novo assim. Nesse sentido, são incontáveis os documentos e estudos que comprovam, por exemplo, o envolvimento dos EUA na situação política local de diversos países. Sobre o Brasil do milagre econômico e da década perdida poderíamos citar de início o documentário de título: *O dia que durou 21 anos* (2012).

Mas mais interessante, em nossa opinião, é a comprovação de que a presença dos EUA no Brasil fica evidente em obras como *Geopolítica do Brasil* (1967) de Golbery Couto e Silva, militar, que exerceu cargos de Estado como Chefe da Casa Civil e para a iniciativa privada como presidente de filial brasileira de uma indústria de químicos estadunidense.

Em seu texto defendia o alinhamento brasileiro ao Ocidente liderado pelos EUA, em um estudo de refinamento filosófico, técnico e político demonstra os

possíveis “caminhos” do comunismo de sua mais ampla escala, das mais distantes latitudes e longitudes até a micropolítica nas universidades, podendo chegar até a porta de sua própria casa em uma “[...] guerra total que a todos envolve e que a todos oprime, guerra política, econômica, psicossocial, e não só militar[...] guerra-total, permanente, global, apocalíptica[...]” (COUTO E SILVA , 1967, p.12).

O foco territorial pode ser o *Heartland*, seu entorno e suas vias de conexões, principalmente as energéticas, mas as teorias sofisticadas já indicam a necessidade de dissimulação desse foco. O Brasil se encaixa nessas necessidades dos EUA de novas narrativas (de bases práticas militares e econômicas)? A situação brasileira contemporânea é um produto da Guerra Híbrida? Questões a serem discutidas no próximo subitem.

3.4. *Brasil e Guerra Híbrida*

Em todo percurso de trabalho acumulamos discussões em torno das conectividades espaciais, mediadas pelas lutas de classes e por fatores econômicos, expressos na linguagem e na ideologia, vinculados à *práxis*. Nesse momento, direcionaremos o foco a possíveis exemplificações e constatações, ou simplesmente demonstrações da presença e da ressonância da ideologia e da linguagem em alguns fenômenos, sobretudo, políticos, manifestados recentemente no espaço brasileiro, entre 2013 e 2018. Para isso, nos parece prudente a utilização do conceito de Guerra Híbrida de Andrew Korybko (2018), porém, as publicações sobre o recente caso brasileiro, principalmente as firmadas nesse ponto de vista, ainda são incipientes.

Os aspectos linguísticos e ideológicos surgem e se propagam no espaço geográfico brasileiro recente se encadeando de maneira mais ou menos flexível em torno do *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Esse fato político possui proporções transnacionais, nacionais, regionais e locais. Provavelmente é o mais importante no cenário nacional, desde o pacto constitucional de 1988. Participaram desse encadeamento uma série de fenômenos espaciais de diferentes densidades e alcances.

Envolvem-se, assim, aspectos jurídicos, políticos (partidários e mais amplos), midiáticos, digitais, econômicos, conscienciais, ideológicos, linguísticos, mobilizacionais e cognitivos, entre outros. Logo, para analisar esse fenômeno

teremos de interpretá-lo como um processo em sentido temporal e em sentido espacial, ou seja, temos de enxergar os encadeamentos no sentido do passado e também no sentido do futuro. Além de que esse encadeamento se estende pelo espaço com diferentes focos de produção e de reprodução, também localizados temporalmente.

Alguns observam vestígios desses processos políticos, linguísticos e ideológicos, ou propriamente da Guerra Híbrida, desde as eleições presidenciais de 2010, ou mesmo antes, no episódio chamado Mensalão do Partido dos Trabalhadores, entre 2005 e 2006. Iniciaremos nossa análise a partir das manifestações de 2013, chegaremos ao *impeachment* em 2016 e finalizaremos nas eleições de 2018. Nesse percurso, alguns outros fatos políticos são imprescindíveis: a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), greves, atentados, manifestações e tantos outros.

De início é válido mencionar que:

As Guerras Híbridas não são simplesmente operações de gerenciamento de percepção ou *infowars*, em que todos os países do mundo participam e até mesmo muitas empresas (embora estas últimas não o façam por razões políticas, mas apenas para comercializar seus produtos ou serviços [...]). Eles também nem sempre são travados por agentes estatais, ou mesmo agentes não governamentais que realizam determinada atividade contratados por um Estado. (KORYBKO, 2018)

Andrew Korybko, em entrevista sobre o caso brasileiro, alerta para o fato de o Brasil ser um alvo potencial da Guerra Híbrida desde a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder central do país, em 2002. Isso se reforçou após as posições independentes em relação à descoberta dos depósitos do *pré-sal*. Ainda assim, o partido venceu eleições sucessivas até, depois de posta em campo efetivamente, a Guerra Híbrida e a sua primeira fase “[...] ter sido bem-sucedida em derrubar a presidenta Dilma” (KORYBKO, 2018).

Para que se chegasse a esse ponto, as manifestações de 2013 foram essenciais. As mesmas foram marcadas pelas movimentações nas ruas (que ao longo do tempo foram acompanhadas por greves e piquetes), que se iniciaram na cidade de São Paulo e se estenderam para as principais cidades do país. As passeatas e atos ocorreram principalmente nos meses de Junho e Julho. Os protestos contaram com a utilização massiva das redes sociais e chegaram a ocorrer manifestações simultâneas em mais de cem cidades. Os maiores números de manifestantes ocorreram em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e

Brasília. A insatisfação central era com o aumento de tarifas do transporte, porém as pautas transversais que se confundiam com todas as insatisfações eram: saúde, educação e política – sendo a última delas a mais importante, constantemente associada à corrupção e à ingerência Estatal e, portanto, causadora dos outros problemas (GLOBO, 2013).

O caso do ferimento no olho causado pela PM de São Paulo em uma repórter da *Folha de São Paulo* ficou conhecido e impulsionou as mobilizações (GLOBO, 2013). Houve insistência da construção narrativa em torno dos problemas com a política e com a corrupção que se manifestavam em um apartidarismo “autônomo”, enquanto as coisas “se acertavam” nos protestos:

19h29 – Blocos com bandeiras de partidos ficaram encurralados no meio da Paulista. Começou uma briga e um homem com a cabeça raspada saiu sangrando. Os grupos de partidos se dispersaram e abandonaram suas bandeiras, que foram queimadas por pessoas cantando o Hino Nacional (VEJA, 2013).

Esse amalgama “apartidário”, representado geralmente pelas cores verde e amarela aglutinava-se em torno de alguns grupos, organizados principalmente pelas redes sociais, mas com adeptos e líderes de “carne” e “osso”. Destes, destacam-se Revoltados Online e aqueles formados em 2014, como o Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre, que alguns anos à frente se associariam ao PMDB nas ações políticas pelo *impeachment* de Rouseff.

Existe um relato sobre essa movimentação do perfil ideológico associado às manifestações de 2013, que se espalhou rapidamente pela *internet* e foi escrito pela socióloga Marília Moschkovich. No calor do momento, a autora relatou o que veio a chamar depois de oportunismo político conservador. Em meio a suas impressões sobre um possível golpe de Estado que se avizinhava: omissões da polícia, manobras midiáticas e sementeação de confusões referentes a protestos em suas instâncias físicas e virtuais (seja em trajetos e pontos de encontro, seja em grupos de *Facebook*) (MOSCHKOVICH, 2013).

Alguns leem essas manifestações no contexto de primaveras, revoluções coloridas ou mesmo, de Guerra Híbrida, como o próprio inventor desse último conceito: Andrew Korybko. Nesse bojo também se encontram o acadêmico Manoel J. Souza Neto e o Antropólogo especialista em guerra e militares Piero Leirner. As ideias dessas pessoas circulam através de plataformas midiáticas e científicas, principalmente por meio da *internet*. Andrew Korybko, que dedica seu livro ao estudo

de caso da Ucrânia e da Síria, afirma que o modelo de Guerra Híbrida é aplicável unicamente à África e à Eurásia. Por outro lado, depois de lapidar o conceito:

a engenharia social, o pré-condicionamento político e as campanhas de guerra psicológica que formam a base das Revoluções Coloridas (a primeira parte das Guerras Híbridas) são definitivamente reproduzíveis em qualquer lugar do mundo, especialmente na era interconectada da mídia social atual. (KORYBKO, 2018)

Para Andrew Korybko, as manifestações de 2013, no Brasil, podem ser consideradas no contexto da Guerra Híbrida:

A primeira fase organizacional ativa da guerra híbrida Wars hoje começa na internet. Os articuladores dos movimentos buscam na rede informações importantes sobre seus alvos antes de se conectarem com eles, direta ou indiretamente, através de campanhas informativas direcionadas que efetivamente atraíam seus interesses ou necessidades, que são cada vez mais descobertas por meio de análises de “Big Data”, como o que a *Cambridge Analytica* é acusada de fazer. Movimentos sócio-políticos estão começando a aparecer online muito mais do que nas ruas, como costumavam, porque as pessoas ficam mais confortáveis interagindo usando o celular quando bem entendem, em vez de terem de participar de encontros e reuniões físicas. Hoje em dia, tudo o que precisam fazer é conferir as últimas notícias compartilhadas em um grupo do Facebook ou do WhatsApp (KORYBKO, 2018).

Manoel J. Souza Neto, que possui graduação em ciência política com experiência na área da cultura, acompanha os movimentos da Guerra Híbrida no Brasil. Em relatos e artigos realiza a comparação entre materiais que circularam nas Primaveras Árabes, Revoluções Coloridas e no Brasil. Mesmo que os centros impulsionadores encontrem-se a distâncias transnacionais, as distribuições dos materiais, no país, ocorreram através de organizações como: *Fora do Eixo*, *Ninjas*, *Anonymos* e *Grito Rock*. Agiu, no calor do momento, para apontar algumas relações pertinentes à esquerda e à direita nas manifestações. Para isso, disfarçou-se nas redes sociais (*Facebook*) de manifestante digital nacionalista e apartidário. Manoel investigou páginas que participaram dos chamados para as mobilizações de 2013 e seus eventos políticos associados, por sua vez, a partidos de direita (CONVERSA AFIADA, 2013). Também aborda os financiamentos e os indícios da presença de serviços de inteligência militar e corporativa estadunidense no país desde, pelo menos, 2013 (SOUZA NETO, 2018).

Os financiamentos, ainda em 2013 bastante obscuros, foram tomando forma aparente com o passar dos anos, como é o caso do *Movimento Brasil Livre* (MBL) (DIÁRIODOCENTRODOMUNDO, 2017) (UOL, 2016). Esses financiamentos provenientes de partidos, corporações, fundações e *think thanks* nacionais e

transnacionais atuam desde grupos pós-modernos aos nacionalistas apartidários, da “extrema esquerda” a “extrema direita” passando pelos “centros” da ferradura que representa o amplo espectro político. Além disso, atuando em escala global, deixam suas marcas em diversas mudanças de regime, especialmente na Eurásia. Destacam-se: *Fundação Ford* (ligada a herdeiros da família de Henry Ford), *Open Society Foundation* (ligada a George Soros), *Bill & Melinda Gates* (ligadas aos irmãos Rockefeller) e *Atlas Reserch Economic Foundation* ou *Atlas Network* (ligadas a David e Charles Koch). No Brasil, diretamente, *Instituto Mises* (ligado a Helio Beltrão) e *Millenium* (ligado a Alejandro Chafuen) (KREBS; MANN 2018) (AZENHA, 2018).

Muitas vezes, alvos desses financiamentos de amplo espectro, são também as empresas de mídias e jornalistas. Desde a mídia tradicional, até as novas mídias. Escolhidas especificamente, para tarefas específicas, de acordo com os públicos a serem atingidos. Certo é que também os próprios veículos midiáticos possuem seus próprios projetos ideológicos e linguísticos de poder. Sem prejuízos, claro, para quando as alianças são necessárias, como vemos no Brasil de 1964 e de 2016.

Antes do golpe militar de 1964, houve todo um contexto de crises que contribuíram na construção desse golpe de Estado. A mídia teve papel destacado nesse contexto, como demonstra o documentário *O Prólogo*, de Gabriel F. Marinho (2013), que aborda a exibição de cinejornais com alto teor de propaganda ideológica financiada por fundações semelhantes às citadas anteriormente. O jornalista Paulo Henrique Amorin (2015) mergulha na construção do Quarto Poder brasileiro (salientando a preponderância da Rede Globo), desde a rádio até a TV, que para ele, “[...] assumiu o papel de “general” do golpe” (p.85).

Antes do golpe³² de 2016 também houve contexto de crises e cobertura enviesada da mídia em geral. Mas existem aqueles fatos políticos tão escandalosos que são transmitidos em cadeia nacional como é o caso dos vazamentos de Edwar Snowden, que já foram citados, mas sobre os quais vale a pena nos determos novamente. A trama que envolve o ex-espião também envolve o Brasil. Ele revelou que o Brasil figurava entre os países mais espionados pela NSA, sendo que até os e-mails da presidenta tinham sido verificados (UOL, 2013). O autor das revelações

³² Consideramos o *impeachment* de Rouseff como um golpe de Estado por, além de ter desrespeitado um preceito importante para a aceitação, que é ser um crime de responsabilidade votado por maioria de 2/3, envolveu uma gama de setores do Estado que se uniram em busca do poder político central.

chegou a pedir asilo político ao Brasil. O país alegou, por meio de autoridades, não ter recebido o pedido (GLOBO, 2014). O incidente desembocou na ausência da então presidenta Dilma Roussef em uma reunião com o presidente dos EUA naquele momento (ULTIMOSEGUNDO, 2013). E em um discurso inflamado na ONU (ESTADÃO, 2013).

A espionagem atingiu também a empresa estratégica Petrobras (ULTIMOSEGUNDO, 2013). É nesse sentido que Moniz Bandeira relata que “a exploração do petróleo nas camadas de pré-sal constituiu tão-somente um dos objetivos da mudança de regime no Brasil” (MONIZ BANDEIRA, 2017). Em uma de suas precisas análises geopolíticas, o autor, em entrevista, profere que a situação instaurada no Brasil insere-se no cenário internacional. É um desdobramento do impasse em que os EUA se encontrou na Eurásia:

Sem vislumbre de vitória na Ucrânia e na Síria, Washington tratou de conter a rebeldia na sua retaguarda, com a mudança de regime no Brasil, cuja política externa, de um modo ou de outro, não condizia com as diretrizes do Departamento de Estado (MONIZ BANDEIRA, 2017).

De nacionalidade norte-americana, entre outros, destaca-se Thomas Shannon, envolvido do governo Bush, ao governo Trump, passando por Obama. Shanom foi bastante apoiado por corporações e por setores da Burocracia estatal estadunidense para que fosse, e foi, nomeado a embaixador no Brasil, cargo que exerceu de 2010 a 2013. Thomas ficou conhecido por ser assistente de Hilary Clinton durante a mudança de regime em Honduras (2009), em que a dupla trabalhou pela costura de um acordo em torno de novas eleições, ainda com Manuel Zelaia, afastado do cargo, impedido de participar do pleito (COIMBRA, 2018).

Como vemos são possíveis outras narrativas para as Jornadas de 2013, muito mais próximas as das Revoluções Coloridas e da Primavera Árabe. Enquanto isso, nas ruas as batalhas entre “apartidários” e “militantes”, compostas também pelos chamados *Black bloc*³³ e divulgadas pelos veículos de mídia, construía as narrativas possíveis através da linguagem e de seus sabores ideológicos e financeiros. A primavera brasileira se estendeu de forma desigual por todo o território nacional, organizando-se em práticas sempre contextualizadas espacialmente que levaram aos mais variados efeitos em recortes diferenciados.

³³ Tática de cunho inicial anarquista, presente nas manifestações brasileiras na forma como ganhou grande expressividade em *Seattle*: quebrando fachadas de estabelecimentos comerciais.

Muitas greves ocorreram em diversas universidades do país, incluindo a paulista UNESP. Interessante notar que essa greve inicia-se em Abril, às vésperas da “explosão” de manifestações, em junho (GLOBO, 2013). As atividades locais dessa greve (apenas estudantil inicialmente) já impactavam o cotidiano urbano em Ourinhos/SP, quando a mesma foi atingida pela “onda” de protestos. Constata-se que alguns fatos ocorridos na cidade podem ser exemplos dos efeitos da primavera brasileira em cidades pequenas e médias.

Com capital intelectual, cultural e demais, bastante concentrado internamente, a cidade de Ourinhos/SP exerce a função de polo reprodutor ideológico, a níveis regionais e locais. Na cidade, em 2013, como nas manifestações pelo resto do país, as bandeiras aglutinadoras iniciais eram: “corrupção” e “preço da passagem”. Assim, a “confusão” de bandeiras também se fez presente. Essa seara ideológica inicial foi se definindo. Até o delineamento expressivo, manifestantes ourinhenses sentiram-se perseguidos durante as mobilizações, pois houve relatos de que ligações telefônicas, de desconhecidos alegando conhecer orientações da PM sobre sugestão de trajetos, foram recebidas pelos organizadores.

Formou-se o Comitê de Debates e Mobilização de Ourinhos que persistiu na bandeira dos transportes com organizações de atos, muitos deles em frente ao terminal (FACEBOOK, 2013). O desenrolar dos acontecimentos levaram a instalação de uma CPI em torno dos processos de licitação da empresa de transportes Auto Viação Ourinhos Assis (AVOA). E provavelmente a morte de Reginaldo Antônio Maximiano, que prestou depoimento à CPI uma semana antes do óbito. O funcionário público foi encontrado morto com duas facadas. A perícia da Polícia Civil revelou-se inconclusiva e não conseguiu responder aos anseios das investigações que trabalhavam com as hipóteses de homicídio, “queima de arquivo” ou suicídio (OURINHOS NOTÍCIA, 2014).

Antes da eleição de 2014 o país continuou a ser palco de manifestações, greves e piquetes. As mais expressivas foram contra a copa do mundo, que ocorreu no país entre os meses de junho e julho. Episódio linguístico ideológico marcante desse período foram as ofensas proferidas contra a presidenta Dilma Roussef no estádio do Itaquerao em São Paulo, durante a Copa do Mundo (ELPAÍS, 2014). Nesse ano também ocorreram manifestações contra a corrupção associada principalmente ao Partido dos Trabalhadores e a Dilma Roussef (GLOBO, 2014).

É também em 2014 que surge a operação Lava-Jato, a mesma é inspirada na italiana: Mãos Limpas (JORNALGGN, 2015). A versão brasileira é dirigida pelo Juiz Sergio Moro, com experiência em casos bilionários de lavagem de dinheiro e cursado no departamento de estado norte americano, no tema e em temas afins, e iniciado como líder diplomático no *International Visitor Leadership Program* (COIMBRA, 2018). O até pouco tempo juiz federal da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba foi recentemente nomeado Ministro da Justiça, pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, com mandato iniciado em 2019. Defende a utilização da exposição midiática em operações de investigação (JORNALGGN, 2015).

Essa operação, junto das manifestações, construiu, do ponto de vista linguístico-ideológico, uma eleição extremamente polarizada. Os vazamentos midiáticos da operação são incontáveis, porém incontornável é a edição de outubro de 2014 da revista Veja contendo a matéria de capa *Eles sabiam de tudo* se referindo a Dilma Roussef, presidenta e candidata a reeleição e a Luiz Inácio Lula da Silva ex-presidente do país e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (VEJA 2014). Essa edição rendeu uma condenação no Tribunal Superior Eleitoral da qual resultou o direito de resposta da candidata (UOL, 2014).

A eleição também envolveu a morte de um importante concorrente à presidência do país, Eduardo Campos, que figurava nas pesquisas em terceiro lugar (AGENCIABRASIL, 2018). Com todas essas “idas” e “vindas”, quem vence, no segundo turno, é Dilma Roussef do PT. Veículos de mídia e o candidato derrotado, munido da máquina partidária de um dos maiores partidos do país, o PSDB, começam a levantar rapidamente discussões sobre a legitimidade do pleito e a estratégia de *impeachment* (BRITO, 2015). Assim, inicia-se um novo episódio da disputa feroz pelo poder político. Nesse momento, a união das direitas encontrava-se em vias de consolidação enquanto a separação da esquerda intensificava-se nas críticas aos duvidosos arranjos políticos que compunham os ministérios em processo de formação.

Até meados de 2015 a categoria de professores já havia realizado greves em cinco estados: São Paulo, Pará, Santa Catarina, Pernambuco e Paraná (GLOBO, 2015). Em São Paulo a greve iniciou-se em março. Foi expressiva e durou 3 meses. Ourinhos/SP também sediou essa greve. Além das atividades locais de greve, em Ourinhos/SP foi realizado protesto com “fechamento” de rodovia federal envolvendo

as subsedes de Bauru-SP e Assis-SP. Também de 2015 são as ocupações de escolas estaduais de São Paulo realizadas pelos estudantes.

As ocupações chegaram ao número total de 213 escolas ocupadas, da capital ao interior do estado. As ocupações tinham como mote central: “Não feche a minha escola” em referência à reorganização escolar que o governador do estado, no momento, Geraldo Alkmin (PSDB) e seu secretário de educação Herman Voorwald tentavam implementar. Do ponto de vista ideológico as ocupações misturavam pressupostos de esquerda e de direita. Porém, algumas organizações políticas de esquerda estabeleceram contato com os protestos que tinham uma veia autonomista clara. O secretário de educação deixou o cargo. Em Ourinhos/SP também ocorreram ocupações em duas escolas, mas não nas escolas abordadas nessa pesquisa. Em 2016 as ocupações de escolas voltaram a ocorrer, porém se alastraram por diversos estados do país, sendo que em São Paulo, dessa vez, ocorreram nas escolas técnicas. Nesse ano a presença das organizações de esquerda foi muito menor (CUNHA, 2019).

Nos anos de 2015 e 2016 houve muitas manifestações de rua divididas, grosso modo, entre: “contra o golpe” e “contra a corrupção” (que rapidamente se amalgamou em “a favor do *impeachment*”). Foi nesse momento que grupos “apartidários” passaram a assumir relações, mesmo que pontuais, com partidos. Enquanto a presidenta se declarava favorável a “manifestações democráticas” (CARTA CAPITAL, 2016), as pessoas eram conclamadas pelas mídias, organizações, movimentos e entidades, cada uma dentro de seu respectivo espectro ideológico, a comporem os atos.

Os comparecimentos em ambos os lados foi massivo, reunindo milhões nas ruas. A leitura de veículos midiáticos tradicionais leva à noção de que as manifestações pró-*impeachment* foram maiores, e tendem a ter sido mesmo, como nesta do dia 13 de maio de 2016 que aconteceu em todos os estados brasileiros (GLOBO, 2016). Porém, também é relevante saber que, por exemplo, no dia 18 de maio, na cidade de São Paulo, houve ato pró-governo (bastante eclético ideologicamente) que contou com centenas de milhares de pessoas (GLOBO, 2016).

Nesse último ato citado ocorreu também tensão com um grupo pró-*impeachment*, que envolveu a polícia e gás de pimenta (GLOBO, 2016). Não é demais salientar que as manifestações contra o *impeachment* eram compostas de bandeiras partidárias e de movimentos sociais, além de contar com a presença de

líderes políticos como Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Enquanto as manifestações favoráveis não toleravam políticos, como ocorreu com Aécio Neves e Geraldo Alkimin, ambos do PSDB (GLOBO, 2016).

Em geral os protestos ocorriam em datas próximas, quando no mesmo local. E em locais diferentes, quando na mesma data. Mas alguns confrontos foram inevitáveis. E, alguns evitáveis na prática, ainda não estavam claros se e como ocorreriam, como é o caso da manifestação do dia 15 de abril de 2015, em Ourinhos/SP. Chamada como uma manifestação contra a corrupção, um indivíduo compareceu munido de faixa de apoio ao Partido dos Trabalhadores e foi hostilizado. A polícia o conduziu para fora do local (GLOBO, 2015). Ourinhos/SP também foi palco de outras manifestações nesse contexto, como exemplifica o fechamento da BR-153 na região da cidade em ato contrário ao *impeachment* (GLOBO, 2016).

Ao passo que ocorria o delineamento ideológico e prático dos movimentos, o papel da mídia também foi se delineando, pois por mais que a grande mídia nunca admitisse a tendência pró-*impeachment* em suas reportagens, o seu viés editorial ficou claro. Como demonstra o artigo intitulado *Cómo el Globo manipuló la destitución de Dilma Rousseff* de Teun van Dijk (2016), que aborda a cobertura midiática das manifestações e das investigações acerca da corrupção como uma campanha pelo poder político proferida pelas elites e seus veículos midiáticos.

A produção das notícias exerce papel importantíssimo nas revoluções coloridas, segundo Andrew Korybko:

As notícias devem ser fabricadas artificialmente para que a campanha de publicidade seja mais eficiente, e os eventos envolvidos devem ser “imaginativos” (isto é, não lineares). Em se tratando das revoluções coloridas, isso explica a grande variedade nas artimanhas promocionais empregados em cada Estado-alvo (KORYBKO, 2018, p. 47).

Moniz Bandeira refere-se à imprensa como porta voz estratégica dos interesses das elites por relacionar-se com os fatos em tempo real, despistando a opinião pública:

Mas os acontecimentos ainda estão em curso e as fontes são a imprensa escrita e falada, a mídia corporativa nem sempre confiável, dado servir o mais das vezes como complemento das guerras modernas, na ofensiva de comunicações estratégicas, veículo de psy-ops (psychological operations), desinformação e contrainformação, por meio de mentiras inconscientes ou disfarces semiconscientes e/ou conscientes, nascentes de serviços de inteligência ou de outros órgãos dos governos, origens obscuras e duvidosas (ativistas, ONGs). A distorção, fabricação e falsificação de fatos, a corromper palavras como democracia e etc., e a omissão de notícias são

sua virtual essência, visando a manipular a opinião pública e produzir efeitos estratégicos. Assim, as agências de notícias, atualmente, operam e refletem, quase sempre, a psicologia de interesses corporativos, econômicos e políticos de anunciantes e governos, a posição dominante das grandes potências industriais, a influir sobre os órgãos de imprensa dos demais países que compram seus serviços (MONIZ BANDEIRA, 2017, p.31).

O Brasil, por ter sua mídia profundamente desigual, apresenta crônica dependência de sua principal empresa de mídia, a Rede Globo, que possui sua sede na cidade do Rio de Janeiro, Região Concentrada, pois nenhuma outra emissora no país tem poder de penetração que se equipare ao dela (CONVERSA AFIADA, 2018). Ao mesmo tempo, em que muitos populares não têm acesso, há notícias referentes ao local em que vivem (OLIVEIRA, 2018). Porém, nem tudo é apenas manipulação midiática.

As notícias, enviesadas ou não, são produzidas em cima de fatos reais, muitos dos quais também são produzidos intencionalmente. Houve uma crise econômica que assolou o país, porém, ela revela-se como parte de um sistema internacional em crise estrutural com agudizações quando simultânea a crises conjunturais, como no caso brasileiro. A desaceleração da economia chinesa que vinha pagando muito bem por produtos primários exportados pelo Brasil nos atingiu por volta de 2012 e os rumos da economia nacional, que já vinham sendo definidos sem muita perspectiva de soberania, a médio e longo prazo, se mostraram muito problemáticos a partir disso.

Some-se a isso a grave crise do petróleo ocorrida entre 2013 e 2018 que envolvendo uma série de fatores geopolíticos e financeiros atingiu o Brasil. Foi basicamente uma crise de superprodução que só pôde ser parcialmente superada após os acordos, em 2016, entre membros e não membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP). Antes disso, as produções são mantidas a altos níveis pela OPEP, mesmo diante de uma queda brutal dos preços (IELA, 2018).

Essa queda foi proveniente principalmente do aumento exponencial da produção estadunidense baseada no óleo de xisto, que tem a sua extração mais cara e demanda o desenvolvimento da cadeia produtiva. Certo desaquecimento da economia mundial, principalmente da chinesa, também contribuiu nos pilares da crise (IELA, 2018). A queda nos preços realizou uma “seleção natural” das empresas e países produtores, especialmente na jovem indústria do óleo de *xisto*. No fim das

contas, a Rússia, um dos países afetados, capitaliza sua intervenção na Líbia para chegar aos acordos em 2016 e a Arábia Saudita, inicialmente entusiasta da queda nos preços, sai bastante enfraquecida do processo (IELA, 2018).

O Brasil, no início da crise, capitaliza os preços baixos dos barris para uma recuperação parcial das perdas que obteve em 2013. Mantém os preços baixos para represar a inflação. Logo em seguida, vê minar, em curto prazo, a lucratividade das extrações provenientes do *pré-sal*. Importante notar que o Brasil é dependente de combustível refinado e voltou a ser dependente da importação de petróleo cru com a crise. Esses eventos, associados aos escândalos de corrupção que atingiram a empresa, danificaram a economia brasileira, apesar de as notícias da grande mídia não abordarem em profundidade necessária a dimensão transnacional da crise, às vésperas das eleições de 2014 (NOGUEIRA, 2014).

Observa-se que o sistema político brasileiro, tendo em vista essa situação de crise, tomou algumas decisões danosas a estabilidade do país, por exemplo, com a aprovação de “pautas-bomba” - aumentos exponenciais dos gastos do Estado (ESTADÃO, 2016). Assim, mostra-se a necessidade e a tessitura de um acordo nacional nos moldes proferidos por Romero Jucá (PMDB) e o executivo da Transpetro Sergio Machado. O acordo envolveria até ministros do Supremo Tribunal Federal para frear o que ambos consideram ameaçador para a classe política e o alto empresariado: a operação Lava Jato e a mídia (EL PAIS, 2016).

É nesse áudio que começam a tornarem-se visíveis os indícios da atuação concertada de militares e parlamentares na política brasileira. Romero Jucá afirma estar mantendo contato com os autos escalões da instituição e que os mesmos “garantiriam” o processo e já estavam realizando monitoramento de movimentos sociais nesse sentido (GLOBO, 2016). Ainda em 2015, o alçado a vice-presidente do Brasil nas eleições de 2018 General Antonio Hamilton Mourão, anteriormente chefe do Comando Militar do Sul foi exonerado por realizar em palestra manifestação política contrária a presidenta (GLOBO, 2015).

É indiscutível que o foco inicial da instabilidade foi o judiciário. A operação Lava Jato foi ganhando fôlego a cada nova etapa declarada e é considerada a maior operação contra corrupção já deflagrada (NEXO JORNAL, 2018). Do ponto de vista linguístico e ideológico a lava-jato se destaca por efeitos extremamente danosos àqueles que são investigados por ela, e extremamente positivo àqueles que a conduzem. Claro que esses efeitos ideológicos só podem ser compreendidos se a

operação for observada em suas relações externas à justiça e que tendem a serem políticas. A operação foi muito beneficiada perante a opinião pública diante dos inúmeros vazamentos de informações que chegavam até as redações das grandes empresas de mídia.

O caso mais emblemático foi o do áudio das conversas travadas pela então presidenta Dilma Roussef e Luiz Inácio Lula da Silva no intento de nomeá-lo ministro. Os áudios gravados na tarde de 16/03/2016 tiveram seu sigilo derrubado pelo juiz Sergio Moro no mesmo dia. À noite, foram reproduzidos trechos da conversa no Jornal Nacional, sendo que em seguida houve manifestações contra a nomeação em 18 estados brasileiros (GLOBO, 2016). A nomeação do ex-presidente foi impedida em decisão monocrática por parte do ministro Gilmar Mendes, sobre ação apresentada pelos partidos PSDB e PPS (GLOBO, 2016).

Ainda sobre as ligações externas da operação, houve a colaboração com o departamento de Estado estadunidense realizado por uma comitiva liderada pelo então procurador geral da república Rodrigo Janot (GLOBO, 2015). Com o tempo, a manutenção do contato, as viagens e as conferências, o formato da parceria foi se elucidando até a clareza de que muito da colaboração ocorreu em nível informal, o que é muito suspeito se tratando de relações entre Estados (ALVES, 2018).

Voltando a nossos recortes territoriais, o aumento remunerativo do judiciário ganha importância, pois Dilma Rousseff vetou o reajuste em 2015 (FOLHA, 2015). E em 2016, após o *impeachment*, o reajuste é concedido (GLOBO, 2016). A votação do *impeachment* na câmara dos deputados ocorreu em 17 de abril de 2016, um domingo, e foi amplamente coberta pela mídia tradicional e pelas mídias digitais durante o dia todo, sendo inclusive transmitida em cadeia televisiva nacional aberta, na maior emissora do país em horário de alta audiência, durante o programa Fantástico (EL PAÍS, 2016). No dia seguinte, o senador pelo PSDB, que veio a ser Ministro das Relações exteriores no regime Temer, Aloísio Nunes, viajou aos EUA para se encontrar com uma série de personalidades, incluindo Thomas Shannon (THE INTERCEPT, 2016).

Essa primeira fase da guerra híbrida não foi fácil, sendo que Pepe Escobar depois de enumerar os diferentes focos brasileiros de resistência como alguns setores da intelectualidade, das religiosidades, sindicatos, artistas e até de governadores (sobretudo das regiões norte e nordeste), além do cidadão comum afirmou que “[...] o Brasil está fadado a ser visto como último caso da *Soft* Guerra

Híbrida” (ESCOBAR, 2016). Realmente o caso brasileiro de Guerra Híbrida é diferenciado, por não chegar a seu formato *hard* com a guerra não convencional, mas também não parou apenas na Revolução Colorida. Foi preciso uma estratégia sutil para um membro dos BRICS localizado em solo americano, distante da eurásia.

2017 inicia-se com a morte de Teori Zavaski, ministro do Supremo Tribunal Federal, relator da Lava Jato, às vésperas de sua homologação da polêmica delação premiada proferida por executivos da empresa Odebrecht. Um ano após o ocorrido seu filho mantém a declaração de suspeitar de homicídio (UOL, 2018). Nesse ano, outros indícios da presença militar se fizeram sentir. Como é o episódio do atualmente promovido a major Willian Pina Botelho, que atuou como espião do exercito em situação bastante polêmica, na cidade de São Paulo, envolvendo jovens e adolescentes e um Decreto de Garantia da lei e da Ordem apenas para aquele dia em que a Tocha Olímpica passou pelas ruas da cidade (EL PAIS, 2018).

No ano de 2017 ocorreu um episódio intrigante envolvendo o Presidente da República Michel Temer. O mesmo foi gravado pelo empresário Joesley Batista, um dos donos da empresa BRF Friboi, que possui atuação internacional bastante relevante, inclusive nos EUA. Na conversa, discutia-se o que seria a compra do silêncio do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que conduziu a votação do impeachment e posteriormente foi preso pela Operação Lava-Jato (EXAME, 2017).

Da delação premiada de Joesley também resultou afastamento do Senador Aécio Neves (PSDB), de seu mandato, e prisão de sua irmã e primo (GLOBO, 2017). Os áudios foram exibidos em rede televisiva nacional e replicados por diversas mídias de vários formatos. Posteriormente a isso houve denúncia por corrupção passiva por parte do Procurador Geral da República, Rodrigo Janot, contra o presidente. A admissibilidade da denúncia foi barrada pela Câmara dos Deputados. Sobre essa votação rondam suspeitas de ligações entre a liberação de recursos federais e o resultado da mesma (GLOBO, 2017).

Ainda no ano de 2017 ocorreram grandes manifestações contrárias a medidas propostas pelo governo Temer e especialmente contra as reformas trabalhistas e da Previdência. Duas delas foram grandes paralisações de atividades produtivas chamadas de “Greve geral”, a primeira em 28 de abril, com forte adesão de entidades que chegaram a atingir 150 cidades. E a segunda em 30 de junho com adesão menor das entidades. Essas paralisações foram duramente reprimidas. Mas

a “Ocupa Brasília”, ocorrida em 24 de maio, contou com a repressão do Exército, além da Polícia Militar. Outro feito dessa manifestação é ter unido pontualmente centrais sindicais que costumam atuar em lados opostos como a Central Única dos Trabalhadores e a Força Sindical (EL PAÍS, 2017).

A cobertura midiática nacional focou tanto nos conflitos com a repressão que chegou a receber menção crítica a isso em um texto na própria *Folha de São Paulo* (2017). No mesmo ano, com efeitos além de nossas fronteiras, foi divulgado na agenda oficial do ministro chefe do Gabinete de Segurança Institucional, General Etchegoyen, encontro com o chefe da *CIA* no Brasil, Duyane Norman. Fato ironizado pelo jornal *New York Times* e que foi replicado pela Polícia Federal, na pessoa de Leandro Daiello, na época diretor geral, que além de Duyane, divulgou também o nome de Joseph Dizenzo, especialista em assuntos navais (BRITO, 2017).

Em 2018, no mês anterior à prisão de Lula, houve o caso, sem resultados conclusivos, por parte das investigações, de disparos contra a caravana pela pré-candidatura do ex-presidente. A mesma passava pelo estado do Paraná (GLOBO, 2018). Para compreender esse cenário temos de voltar a 2017 quando o ex-presidente foi condenado em primeira instância pelo juiz Sergio Moro, no âmbito da Operação Lava Jato, condenação que foi confirmada e ampliada em segunda instância pelo Tribunal Regional Federal 4.

A acusação é de que Lula recebeu propina da construtora OAS Empreendimentos em forma de reformas em apartamento que seria de seu uso. Isso, segundo a sentença, configura corrupção passiva e lavagem de dinheiro (GLOBO, 2018). A investigação não conseguiu comprovar que a posse do imóvel pertence a Lula, sendo que o mesmo encontra-se registrado em nome da OAS Empreendimentos e encontra-se hipotecado para a Caixa Econômica Federal (MORENO, 2018).

A prisão foi decretada em 05 de abril de 2018 com prazo para que o réu se entregasse voluntariamente à Polícia Federal, em Curitiba/PR, até as 17h do dia seguinte (GLOBO, 2018). Assim, o ex-presidente se dirigiu até a sede do Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo/SP. Ali, durante dois dias, antes de Lula se entregar, se reuniram, em ato, cidadãos comuns, movimentos sociais e políticos (GLOBO, 2018). Alguns dias antes disso, o julgamento negativo do Supremo Tribunal Federal sobre um *Habeas Corpus* ao ex-presidente foram precedidos de

uma postagem no Twitter do Comandante Máximo das Forças Armadas, general Villas Boas, contra a impunidade (GLOBO, 2018) ³⁴.

Ainda assim a candidatura do político foi mantida e registrada no Superior Tribunal Eleitoral por meio de procuração. As pesquisas davam a ele números que garantiriam sua vitória expressivamente (GLOBO, 2018). No início de setembro sua candidatura foi negada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Partido dos Trabalhadores decide reorganizar a chapa, dessa vez alçando o anteriormente candidato a vice Fernando Haddad como presidente e Manuela D'Ávila, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), como vice (CORREIO BRAZILIENSE, 2018).

Antes disso, uma cena protagonizou a demonstração da fragilidade institucional em que se encontra o sistema judiciário brasileiro: O imbróglio, em que a soltura de Lula foi determinada e suspensa várias vezes, durante um domingo de Julho. Envolveram-se os desembargadores do Tribunal Regional Federal 4: Rogério Favreto, João Pedro Gebran Neto e Carlos Eduardo Thompson Flores. O primeiro, desembargador plantonista, expediu decisões no sentido da soltura. Os outros dois, o contrário (BBC, 2018). Porém, o juiz Sergio Moro se incluiu nessa, ao expedir decisão sobre a manutenção da prisão, mesmo estando em férias, e sem ser provocado juridicamente para isso (GLOBO, 2018).

Os casos de morte por motivos ideológicos e de linchamentos vêm aumentando no país com a crescente polarização política e aprofundamento das crises, desde 2013. Em Roraima já haviam ocorrido muitos casos de linchamento (HUFFPOSTBRASIL, 2018) antes de, em 2018, muitos venezuelanos têrem sido expulsos da cidade de Pacaraima/RR, que faz fronteira com o país de origem dos imigrantes (GLOBO, 2018).

Para compreender o caso brasileiro de Guerra Híbrida, é fundamental olharmos para a Venezuela. Os incidentes diplomáticos, incluindo sanções, envolvendo esse país e os EUA são históricos. Além das tentativas de golpe sobre o antecessor de Nicolas Maduro - Hugo Chaves - são notáveis as tentativas de assassinato do primeiro por um *drone* (GLOBO, 2018), a autodeclaração como presidente por parte de Juan Guidó, líder da oposição (BBC, 2019), e o duelo na ONU pelo reconhecimento do autodeclarado presidente (EL PAÍS, 2019). No mais, o

³⁴ Em entrevista posterior o general admitiu ter agido no limite “no limite” (FOLHA, 2018).

Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer o autodeclarado presidente (UOL, 2019).

Voltando a falar diretamente do Brasil, as eleições presidenciais de 2018 sintetizaram, em partes, os fenômenos políticos que vêm ocorrendo no Brasil. O Partido dos Trabalhadores perdeu o pleito para a presidência da república, o que não acontecia desde 2002. O candidato de seu maior oponente, o entusiasta do *impeachment* PSDB, não chegou ao segundo turno, alcançando apenas 4,76% de votos. Assim, os dois maiores partidos do país saem perdendo em uma eleição que levou ao poder o candidato, ex-capitão, Jair Messias Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL). Seu vice, General Mourão, pertence ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB). Essa chapa foi composta por dois militares e o círculo de articulações que envolveram sua criação é composto de militares, parlamentares, e de um banqueiro – uma mistura ideológica de neoliberalismo e segurança ronda a chapa (ISTOÉ, 2018).

Para uma menos rasa compreensão da eleição é importante visitar dois fatos que ocorreram antes dela. Um estritamente militar e outro que tomou esse cunho. Começamos pelo segundo: a “greve/locaute dos caminhoneiros”. Essa manifestação ocorrida no mês de maio era de forma geral, contra a política de preços implantada pela Petrobras pós-*impeachment*. Vinha sendo realizados ajustes semanais que acabavam por desestabilizar o planejamento dos consumidores de combustíveis. O setor de transportes rodoviário paralisou suas atividades firmadas nos caminhoneiros autônomos, por baixo, e pelas empresas transportadoras, por cima (EL PAÍS, 2018).

Ourinhos, uma cidade cortada por importantes rodovias, foi também palco dessas manifestações, que contaram com declarações de apoio como a do Presidente da Câmara dos Vereadores, Alexandre Dauage do Partido Republicano Brasileiro (PRB) (NEGOCIAÇÃO, 2018). O clima ideológico nas manifestações da cidade era ao mesmo tempo de “festa” e tenso. Algumas pessoas que passavam pelo local tinham seus carros adesivados e houve relatos de que havia pessoas armadas na manifestação. As cores verde e amarela eram bastantes presentes não só nas Bandeiras do Brasil que se viam, mas em outros utensílios e pinturas no rosto.

Esse caldo econômico ideológico revelou-se bastante intrigante, já que o movimento que causou um desabastecimento intenso no país foi bastante apoiado

pela população em geral. O apoio realizado pela esquerda, porém, mais organicamente pela direita, tomou formas mais delineadas no clamor pela “volta da ditadura militar”. Ao que parece caminhoneiros autônomos e empresários entoaram juntos essa bandeira. As reações do governo ao atender pautas específicas precisaram ser manejadas de setores também muito importantes para a população, principalmente a mais carente: saúde e educação. O movimento foi um misto de descontentamento (simbólico e econômico) com fragilidade institucional (EL PAÍS, 2018).

Após o acordo anunciado pelo presidente da república, o exército foi acionado para a dissuasão de alguns manifestantes que descontentes insistiam nos bloqueios. Esse foi mais um dos processos políticos protagonizados pelos militares no Brasil de 2018. Ainda em fevereiro, o então presidente da república Michel Temer executou por meio do Decreto nº 9.288, pela primeira vez, algo garantido pela constituição de 1988: a intervenção federal em um estado. Essa intervenção executado no estado do Rio de Janeiro restringiu-se à segurança pública (IMPRESANACIONAL, 2018).

Foi nomeado o general do exército Walter Souza Braga Netto que assumiu o comando da Polícia Militar do estado, da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros, e nomeou um Secretário de Segurança Pública (GLOBO, 2018). Durante essa intervenção ocorreu, na cidade do Rio de Janeiro, a morte de Mariele Franco, vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Negra e homossexual, a parlamentar atuava insistentemente nas mortes provenientes de ações policiais. Há muitos indícios de que ela foi vítima de uma execução, provavelmente realizada por milicianos, o caso segue sem ser solucionado (BBC, 2018).

Essas eleições foram marcadas por um aparato repressivo ideológico bastante presente, como é caso de várias universidades de todo o país que foram alvo de ações policiais e da justiça eleitoral por manifestações contrárias ao sistema judiciário e à prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Mas para assimilar o que ocorreu nessas eleições é necessário nos determos um pouco mais sobre o papel cumprido pelos militares (ou, pelo menos, por “alas” deles). Observa-se também certa complacência entre militares e o judiciário, especialmente o TRF4, visível em movimentações nas redes sociais como o *Twitter* (GLOBO, 2018).

Essa complacência se estende a vínculos burocráticos propriamente ditos. Um exemplo é a nomeação do assessor do presidente do STF. Quem ficou com o cargo foi o General Fernando Azevedo e Silva que já foi assessor parlamentar do exército e, portanto, tem trânsito com políticos e militares, incluindo o círculo que apoiou e definiu estratégias para a eleição de Jair Bolsonaro (ÉPOCA, 2018). Fernando Azevedo e Silva foi nomeado Ministro da Defesa no governo Bolsonaro.

Essa eleição também foi marcada pelo escândalo de distribuição de propaganda eleitoral ilegal via rede social *WhatsApp*. A contratação do serviço oferecido por algumas empresas de mídia digitais de distribuição direcionada especificamente foi realizada por alguns empresários que apoiavam a candidatura de Bolsonaro e pela coligação “Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos” composta pela candidatura. A prática é ilegal perante as leis eleitorais brasileiras (EL PAÍS, 2018). O PT moveu ação no STF que teve os pedidos de busca e quebras de sigilos negados e solicitou esclarecimentos à campanha (GLOBO, 2018). Os conteúdos contrários ao PT muitas vezes eram baseadas em informações duvidosas (chamadas *fakenews*).

Ainda sobre a comunicação de Bolsonaro, vemos que o candidato só participou do primeiro debate televisivo na Rede Bandeirantes de Televisão. Apoiou-se em indicações médicas para o não comparecimento. Isso foi bastante questionado por eleitores e políticos, principalmente após o candidato não comparecer ao debate na Rede Globo de televisão e conceder entrevista exclusiva a Rede Record de Televisão no mesmo dia e horário. A comunicação política de Jair Messias Bolsonaro é ancorada nas redes sociais e nos setores militares desde pelo menos 2014, ano em que participou de celebrações na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) (YOUTUBE, 2014).

Foi o atentado que sofreu em 6 de setembro, na cidade de Juiz de Fora/MG, o motivo médico (uma facada) para que não comparecesse aos debates. Esse atentado é bastante polêmico por si só, pois envolve o atual presidente da república. O executor do atentado Adélio Bispo de Oliveira foi preso em flagrante, alegou ter agido sozinho e em nome de Deus. Quatro advogados foram contratados para sua defesa com origem do financiamento desconhecida. O autor já foi filiado ao PSOL entre 2007 e 2014 (GLOBO, 2018).

As alegações de que agiu sozinho são duramente contestadas no documentário *A facada no mito: uma visão diferente sobre o atentado a Jair*

Bolsonaro (2018) que apresenta indícios da atuação de algumas pessoas, inclusive membros da própria equipe de segurança. Além desses motivos de polêmica, o atentado indiscutivelmente teve uma explosiva exposição midiática e nas redes sociais. No sentido dos processos linguístico-ideológicos envolvidos, ressaltamos a convocação para “Ato pela vida de Bolsonaro” realizado por seu filho Flávio Bolsonaro (PSL), deputado estadual pelo Rio de Janeiro (TERRA, 2018). A camisa utilizada foi recriada pela campanha já que a verdadeira teve de ser cortada pelos médicos (EXAME, 2018). O fim das extensivas exposições foi antecedido pela declaração de seu vice, General Mourão, de que tinha de acabar a “vitimização” (GLOBO, 2018).

É nesse contexto de polarização e verdadeira Guerra Híbrida que chega ao fim às eleições de 2018. A chapa de Bolsonaro sai vitoriosa sobre a chapa de Fernando Haddad, com número recorde de votos brancos e nulos. Pepe Escobar chama atenção para a base de forças que sustentam Bolsonaro: frações do generalato, do evangelismo e das táticas pós *Cambridge Analytica*, e Piero Leirner ressalta a fragilidade da vinculação entre esses atores (ESCOBAR, 2018). É interessante vermos também que militares brasileiros possuem as suas próprias leituras sobre Guerra Híbrida.

Deter-nos-emos pontualmente sobre a visão do General Carlos Alberto Pinto Silva expressa no texto *Negros Horizontes Para o Brasil: A Violência das Atividades de Guerra Híbrida na Luta Pelo Poder* (2017). À primeira vista não parece haver divergências substanciais entre esse conceito e o exposto por Andrew Korybko. Isso se revela ledor engano quando observado os alvos produtores da Guerra Híbrida. Enquanto o segundo coloca os EUA como desenvolvedores executores da Guerra Híbrida (e, portanto, essa atenderia a seus interesses). Os militares brasileiros enxergam a ameaça proveniente de Cuba, Venezuela, Rússia e China, mas, sobretudo, de organizações sociais que atuam dentro de nossas fronteiras, como o PT e Movimentos Sociais (como o MST) (PINTO SILVA, 2018).

Piero Leirner, de ponto de vista diferente, observa no Brasil uma sofisticação da Guerra Híbrida que misturou a Revolução Colorida, não com Guerra não Convencional *hard* e sim com “*firehose of falsehood*”³⁵, uma espécie de fluxo

³⁵ Para o autor, esse conceito desenvolvido por cientistas ligados ao *Think Thank RAND Corporation* foi desenvolvido acerca de possíveis interferências nas eleições estadunidenses, provenientes da

contínuo de informações falaciosas. Esse padrão comunicacional não se trata de propaganda, e sim, da propagação de um conjunto de informações dissonantes, no sentido de produzir um ambiente cognitivo também dissonante (LEIRNER, 2018). Versando sobre o recorte histórico que abordamos, a citação a seguir contribui no esclarecimento de como um processo iniciado nas ruas em 2013 pode chegar a 2018 levando ao poder valores persecutórios:

De maneira muito sintética, enxergo o que está havendo nos processos dos últimos anos, culminando nas eleições, um movimento que mescla os dois “métodos” acima. De maneira muito geral, o que começou como “guerra híbrida” em 2013 terminou como “*firehose of falsehood*” em 2018. Para mim, o mais importante é não dissociar os processos que envolveram protestos, justiça, operações no legislativo, impeachment e, finalmente, eleições. Me parece demais colocar tudo isso nas costas de Bolsonaro. Ele foi a ponta de um processo que começou lá atrás, mas que não se tinha certeza de como iria terminar. Aliás, não se tem ainda, pois estou vendo claramente as duas tendências acima se alojarem no futuro governo (LEIRNER, 2018).

A parte mais delicada da aplicação do conceito de Guerra Híbrida ao caso brasileiro é a não constatação da Guerra Não Convencional (por meio de guerrilha urbana, por exemplo, como é o caso da Ucrânia). Andrew Korybko (2018) define Guerra Não Convencional:

Conclui-se que a guerra não convencional compõe o segundo e último pilar na teoria da guerra híbrida. Ela evolui organicamente de uma revolução colorida, que a precede, e desenvolve-se sobre as bases da rede de indivíduos interconectados estabelecida nesta. [...] Além disso, tanto a Síria como a Ucrânia sofreram a mesmíssima abordagem padronizada, o que nos mostra que ela pode ser exportada para diferentes palcos de guerra no mundo (KORYBKO, 2018, p. 90).

No modelo de Guerra Híbrida aplicada ao Brasil, em sua segunda fase, setores do próprio Estado (militares) assumem o protagonismo da agenda política. Aproveitam-se da deterioração da imagem do *establishment* (incluindo PSDB, mídia e parcialmente o Judiciário) e principalmente do PT para alçar posições políticas. Não se tem ainda uma prova cabal de que esse processo, de impulsão ao poder político central, partiu do próprio país ou se do implementador de Guerras Híbridas pelo mundo, os EUA.

No Brasil, o processo de Guerra Híbrida fez-se com, além das mobilizações de rua e das redes sociais em sua retaguarda (de organização e divulgação) intensa, *lawfare*. Houve também atuações parlamentares e intervenções militares escamoteadas. Além de eleições fraudadas – sem a presença do candidato com

Rússia. Porém, historicamente essa organização esteve envolvida em mudanças de regime pelo mundo afora.

maiores chances de vitória no pleito. Existe outro componente que pode ajudar a compreensão da instauração do clima psicológico de Guerra Híbrida, sem Guerra Não Convencional dura. É o fato de o cidadão comum ser constantemente ameaçado pela violência, seja executada pelo Estado, principalmente por meio da polícia, seja pelo crime comum, ou pelo, cada vez mais presente, crime organizado.

O cidadão comum e sua relação com a Guerra Híbrida compõem as reflexões de Andrew Korybko, sendo que esse ponto é muito importante para esse texto, pois focamos na reprodução e produção da linguagem e da ideologia atreladas às práticas. Logo, se o cidadão comum é constantemente submetido a práticas conservadoras, ou pouco críticas, reflexivas e transformadoras, que dirão revolucionárias, são mínimas as chances de ele conseguir se defender desses ataques:

[...] o cidadão comum precisa desenvolver seu pensamento crítico para poder diferenciar entre notícias reais, notícias falsas e notícias manipuladas, assim como entre artigos de opinião, análises e simples reportagens jornalísticas [...] Da mesma forma, todos os lados da interminável Guerra Híbrida (que está se tornando parte da vida cotidiana) precisam expor as mentiras dos demais (KORYBKO, 2018).

Um exemplo claro da manipulação maniqueísta de valores simbólicos e ideológicos que vem ocorrendo, é a criação, nas profundezas das mentalidades comuns envolvidas, das “[...] figuras do corrupto ‘bom’ e do corrupto ‘ruim’” (p.?). De forma similar ao que ocorre há tempos com os terroristas no Oriente Médio (ESCOBAR, 2018). Voltando ao criador do conceito de Guerra Híbrida, as eleições brasileiras de 2018, podem ser, para ele, consideradas no contexto da mesma:

Sim, há uma Guerra Híbrida muito intensa sendo travada no Brasil neste momento e afeta todas as aspectos da vida de cada cidadão, desde o que cada um lê nas mídias sociais (seja informação real, falsa ou manipulada) até o que ouve nas ruas. Ao longo dos últimos dois anos, agentes externos vêm tentando muito sutilmente condicionar a população para voltá-la contra o Partido dos Trabalhadores, usando instrumentos como a Operação Lava Jato, apoiada pela NSA, que tomou vida própria [...] Isso forçou o Partido dos Trabalhadores a reagir e defender sua integridade, o que, por sua vez, provocou reação mais feroz daqueles que estavam tentando derrubá-lo. O Brasil está no foco da Guerra Híbrida por tanto tempo que hoje é dado como certo que toda informação que circula está, de um jeito ou de outro, conectada a essa campanha incessante (TUTAMEIA, 2018).

Isso corrobora nossa visão de que a informação - muito evidentemente em seus aspectos ideológicos e linguísticos – circula pelo espaço geográfico presa aos mais diferentes objetos. Andrew Korybko destaca que o *WhatsApp* tem como a

função reunir grandes multidões e o *Facebook* evidencia-se no controle (da organização) de multidões a longo prazo (KORYBKO, 2018).

No Brasil, utilizam-se muito as redes sociais, o que o torna um alvo em potencial da Guerra Híbrida. Nesse sentido, existe suspeitas da atuação da empresa *Cambridge Analytica* nas eleições de 2018, no que tange ao *Facebook* (CARTACAPITAL, 2018). A própria direção da empresa afirmou direcionar-se ao Brasil em meados de 2018 (GLOBO, 2018). Antes disso André Torretta, empresário e publicitário brasileiro, diz ter suspenso as negociações com a empresa após a radicalização do conflito judicial da mesma (BBC, 2018).

Porém, pode-se observar, dado ao perfil de acesso as redes sociais do brasileiro, uma maior potencialização do *WhatsApp*, como o próprio Torretta vislavrava: ambiente privativo e larga escala de distribuição ideológica. O empresário afirma que o dificultador da utilização dessa estratégia seria a ausência de um banco de dados sobre o Brasil (GLOBO, 2018). No mais, Steve Bannon não esconde suas ambições ideológicas mundiais e marca o Brasil em seu mapa (FOLHA, 2018).

Contudo, o ideólogo e empresário nega atuar na campanha de Bolsonaro apesar de declarar seu apoio ao mesmo (BBC, 2018). Algo que pode ser uma exemplificação da potencialidade do *WhatsApp* são os resultados nas intenções de voto sobre Bolsonaro depois das manifestações durante a campanha eleitoral intitulada “Ele não”. A manifestação foi organizada principalmente por mulheres, com utilização de redes sociais. Ocorreu em todos estados do país. Em 114 cidades foram contrárias à eleição de Bolsonaro e em 40 ocorreram manifestações a favor (GLOBO, 2018).

Porém, após os protestos intitulados “Ele não”, o candidato cresceu no eleitorado feminino. Isso porque a manifestação apresentou perfil de manifestantes muito homogêneo e acrescentou muito pouca capilaridade às bandeiras contras as posições de Jair sobre as mulheres. A atuação da mídia, que dessa vez não ficou fazendo chamadas ao vivo, também é muito importante na construção da imagem da manifestação (HUFFPOSTBRASIL, 2018).

Uma pista do que pode ter acontecido é dada pelo empresário e publicitário André Torretta, que considera que o *WhatsApp* pode ter agido como um multiplicador da capilaridade das bandeiras que davam sustentação à manifestação, e ao fazer isso, lhes concedeu novos significados (REVISTAGALILEU, 2018). Mesmo com uma

manifestação de rua enorme, a sua significação pôde ser subvertida na propagação de seus sentidos ideológicos, mesmo que através de mentiras.

Voltamos agora a Moniz Bandeira, que leu a situação brasileira antes das eleições. Afirmo em entrevista publicada no Jornal Grande Bahia, em novembro de 2017, que o Brasil vive um golpe de Estado Híbrido que combina revolução colorida e *lawfare* (guerra jurídica) assimétrica, essa última operada pela Operação Lava Jato com fins econômicos e políticos. Para ele, o golpe de Estado no Brasil foi perpetrado pelo capital financeiro, com o objetivo de “[...] desregulamentar as relações de trabalho, as leis sociais, comprimir os salários e compensar a queda da taxa média de lucros [...]” além de visar o petróleo existente no Pré-Sal e o mercado de atuação de empresas brasileiras em território tupiniquim ou não.

O renomado historiador, sempre atento aos passos dos EUA, ainda nessa entrevista, relembra que em 2004 houve acusações a nível parlamentar, de dinheiro norte americano em instituições brasileiras (MONIZ BANDEIRA, 2017). Circularam notícias sobre financiamento da *CIA* [Agência Central de Inteligência, em português] e de outros órgãos norte americanos como o *DEA* (Drug Enforcement Administration) e *FBI* (Federal Bureau Investigation) direcionados à Polícia Federal. Informações reveladas por Carlos Alberto Costa (ex-chefe do *FBI* no Brasil), confirmadas por Francisco Garisto (presidente da Federação Nacional de Policiais Federais), chegou às mãos do então ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos por meio de ofício e resultaram em sindicância pouco ou nada efetiva (MONIZ BANDEIRA, 2017).

Assim chegamos ao Híbrido brasileiro, uma conjunção de liberalismo, punitivismo, entreguismo e desinformação. O Brasil sofreu um golpe de Estado Híbrido proveniente de uma Guerra Híbrida (que não precisou colocar em campo sua segunda fase: a guerra não convencional) promovida pelas classes dirigentes transnacionais (militares, justiça, mídia, burocracia, parlamentares, capital financeiro) contra a classe trabalhadora e média, mas com atuação maculada da última. No mais, ao que tudo indica o padrão comunicacional Guerra Híbrida não acabou com o fim da campanha, como mostram as contradições iniciais do novo governo (FOLHA, 2018).

Por fim, na análise do caso brasileiro, cabe a reflexão de que o processo configura a instauração de um sistema fascista de governo. No texto *Indústria Cultural, a Antessala do Fascismo Brasileiro* (2018) os autores discutem o recrudescimento do regime político apoiado em setores civis como um modelo,

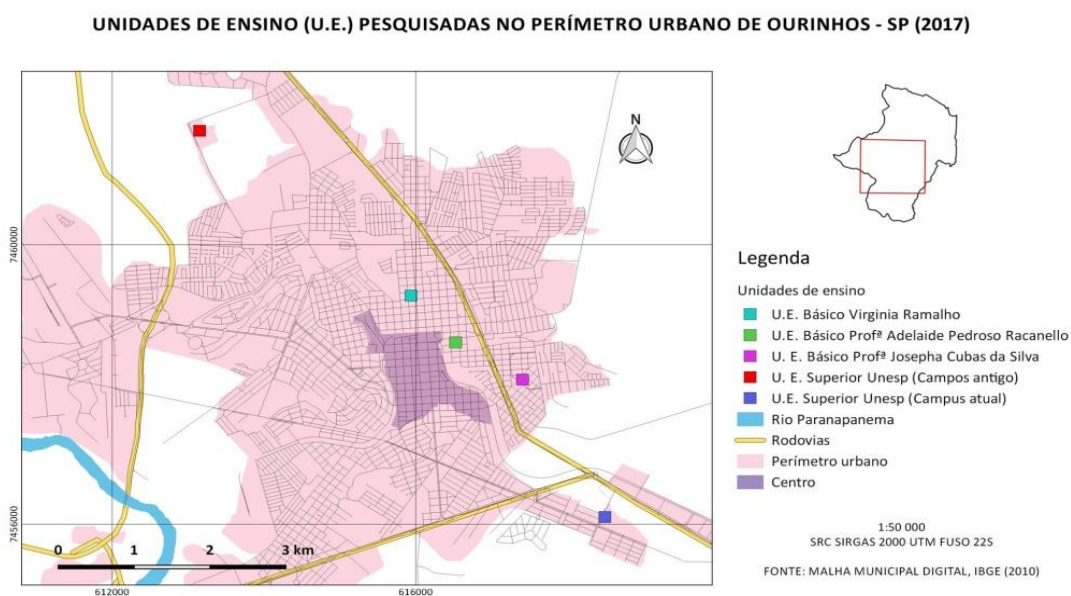
mesmo que peculiar fascista. Esse recrudescimento só é possível mediante a atuação intensa da indústria cultural ao concertar veículos jornalísticos ao entretenimento audiovisual – assim formou-se o caldo ideológico persecutório que compõe o Brasil de hoje (BASTOS, STÉDILE, VILLAS BÔAS, 2018). O cenário brasileiro que persegue o modelo difundido pelas ficções, é também produzido por elas e com certeza no futuro servirá de inspiração para muitas delas.

REFLEXOS E REFRAÇÕES IDEOLÓGICO-LINGUÍSTICAS EM OURINHOS/SP

3.5. *Unidades de Ensino abordadas*

Para a compreensão estrutural dos reflexos e refrações ideológico-linguísticas, circunscritos às lutas de classes transnacionais - em relação com o *impeachment* - expressos na cidade de Ourinhos/SP, foram estudadas quatro unidades de ensino situadas no perímetro urbano do município. Duas delas são escolas estaduais voltadas à educação básica, uma delas municipal, também voltada à educação básica e uma estadual de ensino superior.

As unidades de ensino foram selecionadas por abrangerem recortes espaciais diferenciados dentro da cidade de Ourinhos³⁶ e pela potencialidade em comportarem, cada uma em si mesma, notáveis variabilidades classistas. Assim, ancorados em nossa perspectiva crítica de análise espacial nos atentaremos às dimensões políticas e econômicas que permeiam cada unidade de ensino, e abordaremos suas características empírico-teóricas. As unidades de ensino abordadas estão demonstradas no Mapa 2:



³⁶A pesquisa não abrangeu estudantes que residem em outras cidades, assim, aqueles que, dentro dessa condição, estudam em uma das unidades de ensino citadas não foram abordados nessa pesquisa.

Mesmo que de modo geral possamos observar que todos os sujeitos envolvidos nas unidades de ensino abordadas são trabalhadores, são notáveis as diferenças no poder aquisitivo e nos padrões de vida e consumo (intra e inter unidades de ensino). Para melhor compreender esta complexidade, os segmentamos em servidores técnico-administrativos, servidores professores e estudantes. Não se trata de reduzir as condições de classes à mera faixa salarial, e sim, de utilizar os valores econômicos associados ao espectro imaterial (levantados na pesquisa) dos grupos sociais em questão, na busca de compreendê-los.

Sabemos que são variados os critérios e os problemas em suas respectivas escolhas como índices de estratificações econômicas, até por isso órgãos como IBGE e ABEP divergem em suas análises. A ABEP adota o Critério Brasil que combina nível de conforto, escolaridade e serviços públicos. O IBGE utiliza definições de rendimento familiar bruto em quantidades de salários mínimos (ROSA, GONÇALVES, SBICCA, 2014). Um problema evidente desse último critério é a variação no poder de compra do salário mínimo, porém, adotamos esse critério por conta de buscarmos um “marco zero” para a comparação entre diferentes grupos socioeconômicos pesquisados. Portanto, os valores de acordo com o salário mínimo de 2016, 2017 e 2018, para definir os segmentos econômicos, são expressos nos três próximos quadros.

Quadro 1 – Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2016.

2016	
ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA	VALORES
A	Acima de R\$17.600,00
B	De R\$8.880,00 até R\$17.600,00
C	De R\$3.520,00 até R\$8.800,00
D	De R\$1.760,00 até R\$3.520,00
E	Até R\$1.760,00

Fonte: o próprio autor

Quadro 2 – Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2017.

2017	
ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA	VALORES
A	Acima de R\$18.740,00
B	De R\$9.370,00 até R\$18.740,00
C	De R\$3.748,00 até R\$9.370,00
D	De R\$1.874,00 Até R\$3.748,00
E	Até R\$1.874,00

Fonte: o próprio autor

Quadro3 – Valores das estratificações socioeconômicas de acordo com o salário mínimo de 2018.

2018	
ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA	VALORES
A	Acima de R\$19.080,00
B	De R\$9.540,00 até R\$19.080,00
C	De R\$3.816,00 até R\$9.540,00
D	De R\$1908,00 Até R\$3.816,00
E	Até R\$1.908,00

Fonte: o próprio autor

Restringimos essa análise de rendimentos associados às classes econômicas, aos servidores técnico-administrativos e aos docentes. Não estudamos a origem espacial de cada sujeito como o bastião responsável por todas suas opiniões políticas, e sim investigamos as relações entre espaço, linguagem e ideologia. Nesse sentido, não poderíamos deixar de lado os entrecruzamentos que só o espaço permite.

Assim, torna-se válido abordar as opiniões políticas-ideológicas de sujeitos que não são provenientes daquele recorte espacial, mas o frequentam e o vivem de forma tão intensa e cotidiana quanto aqueles que dali são oriundos. Como não obtivemos acesso a dados familiares dos servidores entrevistados, os consideramos como arrimos de família, o que com certeza provocará distorções nas análises de

pertencimento de classe em nível individual e familiar, porém nos fornecerá base segura para as comparações entre os segmentos abordados.

No caso dos estudantes das escolas básicas, o processo metodológico é bastante diferenciado e buscamos realizar essa leitura através da base espacial na qual residem e do valor do solo urbano e da segregação residencial no município. As informações a respeito de quais bairros e áreas da cidade os estudantes são provenientes são produto de entrevistas com servidores técnico-administrativos e diretores – responsáveis pelas matrículas nas respectivas unidades educacionais abordadas.

No que tange os estudantes da UNESP partimos das informações contidas no relatório elaborado pela Fundação para o Vestibular da UNESP (VUNESP), em 2016, em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação acerca do perfil dos ingressantes nos cursos da UNESP no período de 2008 até 2015. O relatório em questão aborda as características pessoais, socioculturais, econômicas e as trajetórias escolares dos ingressantes e suas famílias. Assim, fizemos leituras de classes e estratificações econômicas para, por fim, confrontarmos essas informações ao padrão localizacional das residências estudantis.

Como já visto no capítulo 1 e 2, as condições superestruturais muito têm a ver com as infraestruturais. As últimas, na maioria das vezes, não são determinadas por aqueles que delas dependem. Portanto, nosso foco para a compreensão da ideologia, da linguagem e seus vínculos com o espaço geográfico, com as práticas espaciais e com a formação humana, centrou-se no cidadão desprovido de grandes poderes de decisão. Mas que é meticulosamente considerado nesses cálculos. Esses cidadãos são diretamente afetados pelas decisões de outrem, que na maioria das vezes agem em seu próprio benefício e, portanto, em malefício dos primeiros.

Assim, buscou-se identificar as bases econômico-espaciais intraurbanas das variadas opiniões abordadas. De forma que cada Unidade Educacional será analisada através de gráficos e mapas produzidos com dados obtidos na aplicação de questionários (446, no total), entrevistas, e observações empíricas. Sobre os questionários vale ressaltar que a primeira aplicação ocorreu no interstício entre a votação do *impeachment*, celebrada pela Câmara dos Deputados, e transmitida em rede nacional de televisão no dia 17/04/2016 e a ratificação do processo pelo Senado Federal em 31/08/2016.

A escolha do período de aplicação dos questionários deu-se por conta do *frenesi* em que se encontravam as reflexões e atitudes da população brasileira referentes ao tema. A segunda aplicação ocorreu em agosto de 2017, depois de consumado o afastamento. A ideia nessa segunda aplicação era verificar os níveis de volatilidade das opiniões apresentadas na primeira. Em um cenário diferente, de efervescência social, política e ideológica menos gritante aparentemente, porém de ratificação do momento anterior. Assim, passamos as análises e comparações pertinentes as Unidades Educacionais abordadas.

3.5.1. E.E. Professora Josepha Cubas

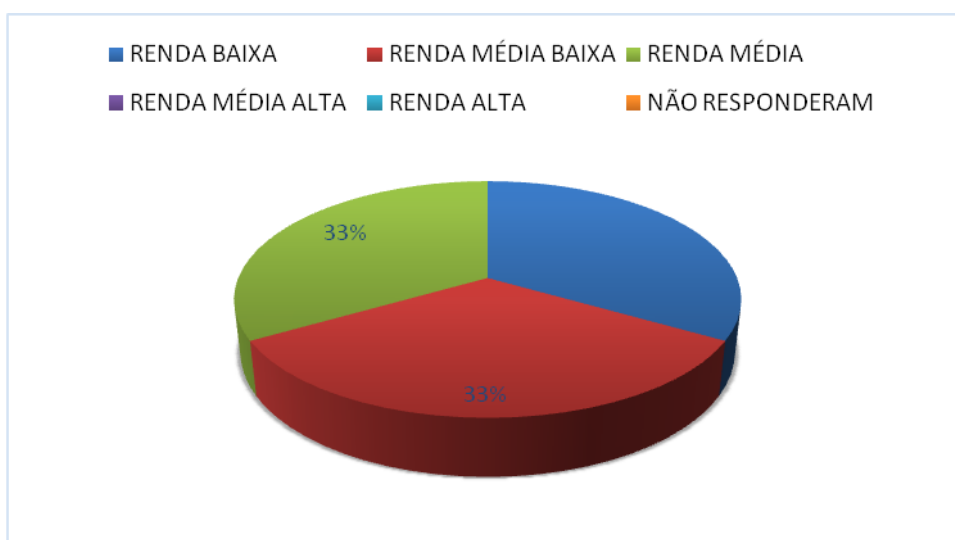
A escola situa-se na periferia da cidade, a leste da Rodovia Raposo Tavares, no bairro Parque Minas Gerais – área que possui traços de segregação residencial como apontado por Franciele Ferreira Dias (2013). O estabelecimento de educação básica possui 61 funcionários, 485 estudantes, atende ao Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, nos períodos da manhã, tarde e noite. No Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP) atingiu no ano de 2016, para o Ensino Fundamental (9º ano) e para o Ensino Médio respectivamente os valores de 3,31 e 3,46 e no ano de 2017 3,46 e 2,58.

Nesta pesquisa foram abordados servidores docentes e servidores técnico-administrativos, além de estudantes do 1º ano do ensino médio do período noturno (2016), e da 1ª e 2ª série do ensino médio do período matutino (2017). Sobre a UE Josepha Cubas é interessante acrescentar que a mesma possui histórico de atuação dos professores junto APEOESP, além de ter mantido durante anos, vínculos, do ponto de vista das políticas públicas, com o ensino superior de Geografia, por meio da UNESP-Ourinhos.

Os servidores técnico-administrativos de escolas estaduais em São Paulo, portanto os que atuam nessa escola e que foram abordados na pesquisa se enquadram ou na categoria de Agente de Organização Escolar. Os mesmos recebem remuneração na faixa de R\$952,73 até R\$2.326,87. Ou nas categorias em extinção de Secretário de Escola e Assistente de Administração Escolar com remuneração na faixa de R\$1.286,18 até R\$2.326,87. De acordo com a lei complementar Nº 1.144, de 11 de Julho de 2011. Assim, transitam dentro das classes “E” e “D”, segundo a estratificação do IBGE.

Em 2016, nenhum servidor técnico-administrativo desta UE, respondeu aos questionários³⁷. Já, em 2017, os mesmos, se revelaram divididos igualmente em parcelas de 33%, que se identificavam com as classes “E”, “D” e “C”. Como atesta o Gráfico 1. Assim, suas identidades de classe divergem das estratificações socioeconômicas aqui adotadas apenas no que tange a pertencerem a classe “C”, um indício de possíveis distorções ideológicas acerca da identidade de classe dos entrevistados.

Gráfico 1 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017.

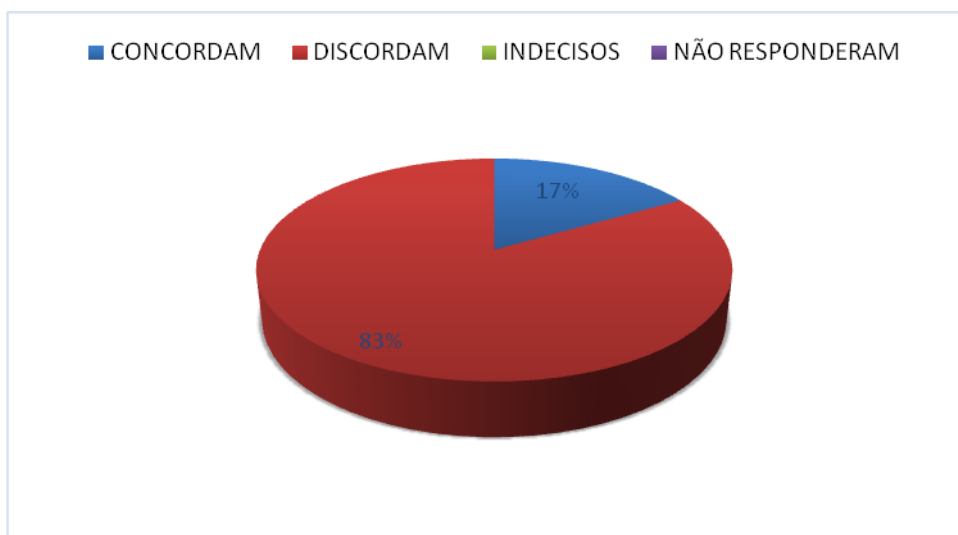


Fonte: o próprio autor

Ainda em 2017, dentre esses mesmo servidores, 83% declararam-se contrários à execução do afastamento por *impeachment* e 17% favoráveis, momento esse em que o afastamento já havia sido consumado e passava-se um ano da posse de Michel Temer ((P)MDB) (anteriormente, vice-presidente), o qual já havia, nesse momento, sido denunciado por corrupção pelo Procurador Geral da República. Podemos observar esses dados no Gráfico 2:

³⁷ Como o questionário foi aplicado no período noturno que conta com contingente de funcionários reduzido e os mesmos encontravam-se atarefados no momento da aplicação não foi possível coletar esses dados.

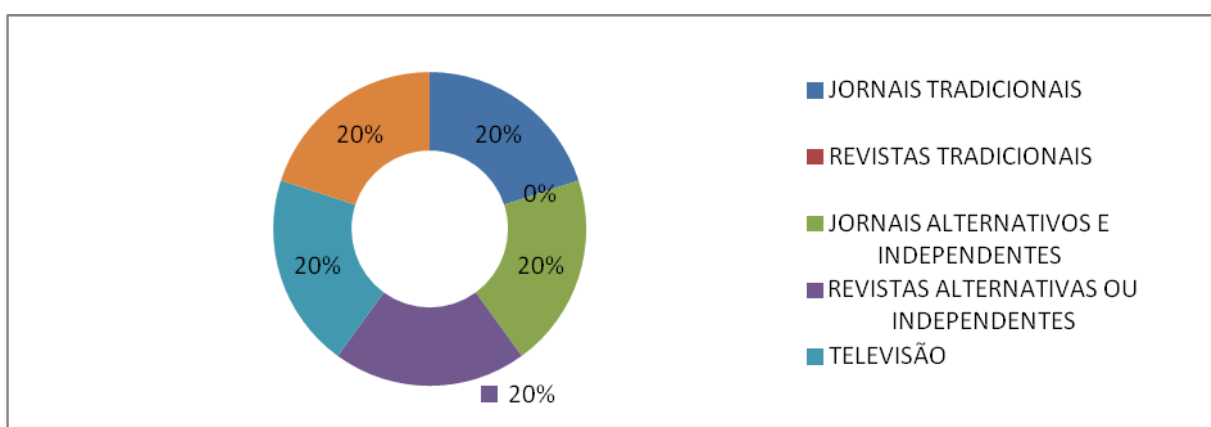
Gráfico 2 - Como os servidores técnico-administrativos, da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, 2017.



Fonte: o próprio autor

Ainda sobre esses servidores, no mesmo ano percebemos pluralidade e certa intensidade homogênea nos veículos midiáticos consultados. Excetuando as revistas tradicionais, todos as plataformas midiáticas tradicionais atingiram parcelas de 20% de consulta nesse segmento, como nos mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017.

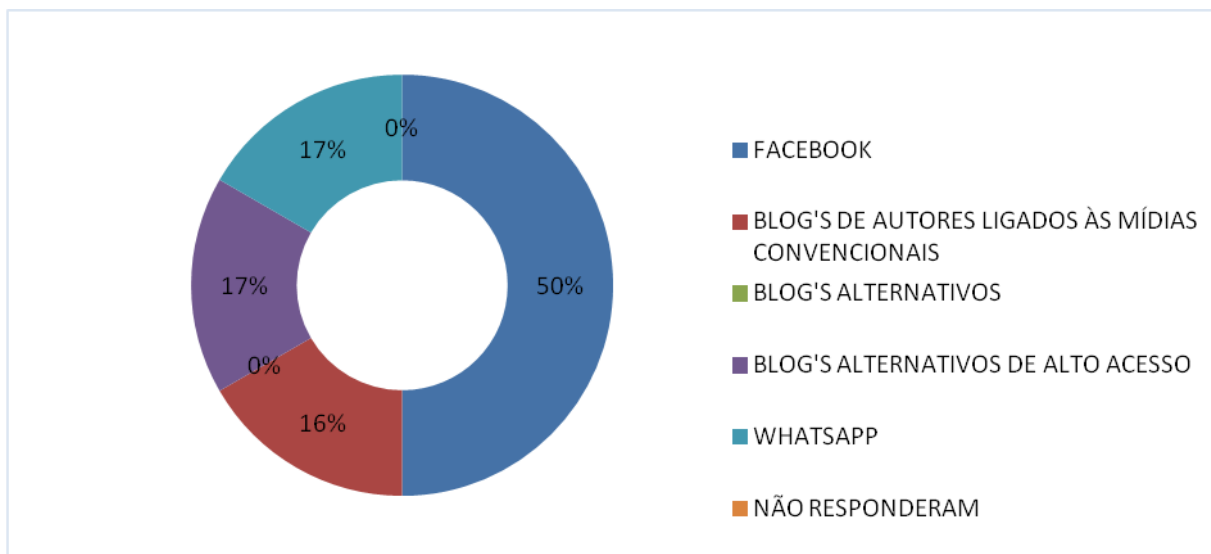


Fonte: o próprio autor

Dentre as novas mídias consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, no ano de 2017, o *Facebook* desponta com 50%, seguido pelos praticamente empatados: *WhatsApp*, blogs alternativos de alto acesso e blogs

de autores ligados as mídias convencionais. Como mídias que demandam certa proatividade dos leitores na busca qualitativa de informações, o empate técnico entre blogs alternativos de alto acesso, blogs de autores ligados às mídias convencionais e *WhatsApp* chama a atenção. O Gráfico 4 mostra isso.

Gráfico 4 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017.



Fonte: o próprio autor

Sobre os servidores docentes de escolas estaduais em São Paulo vale mencionar que a estrutura é extremamente complexa, envolvendo diversas categorias com direitos e remuneração diferenciadas, sob a nomenclatura de categorias estatutárias: “A”, “F”, e “S”. E das categorias regidas pelo Conjunto de Leis Trabalhistas (CLT): “O” e “V”. Vale lembrar que quando da criação dessas categorias estatutárias, houve uma movimentação da jurisdição que antes contava com as categorias estatutárias “L”, “P” e “N” suprimidas em função das novas categorias CLT. A lei que rege essas contratações é a 10.261/68 (Estatuto do Servidor); e as Leis Complementares: 1.010/2007; 1.093/2009; 1.204/2013.

Assim, os salários dos efetivos (categoria “A”) variam de R\$ 775,20 até R\$6.390,78 aproximadamente³⁸ de acordo com cargas horárias nas faixas de 12H, 24H, 30H e 40H semanais, se encaixando nas evoluções funcionais ligadas a mérito acadêmico e por tempo de serviço. Neste bojo incluem-se também os professores

³⁸De acordo com leis mais antigas e com diferentes gratificações, alguns poucos professores podem ultrapassar esse valor.

categoria “F” que são estáveis, com jornada compulsória mínima de 19H. Esses professores situam-se, segundo a estratificação nas classes “E”, “D” e parcialmente na “C”.

Não é possível verificarmos um salário básico nas demais categorias por conta da variedade de cargas horárias que podem ser atribuídas, ou seja, não existe uma carga horária básica já que a atuação desses professores pode ocorrer em aulas livres (uma determinada quantidade de horas aula semanais para o ano letivo todo); em substituição (uma determinada quantidade de horas aula semanais por um período pelo qual o professor titular dessas aulas se ausentará) ou eventual (em hora aula específica de ausência de qualquer titular). Neste bojo se inclui a categoria “S”³⁹ que são estatutários, mas só atuam como eventuais (sem jornada mínima), além das categorias “O”⁴⁰ e “V”.

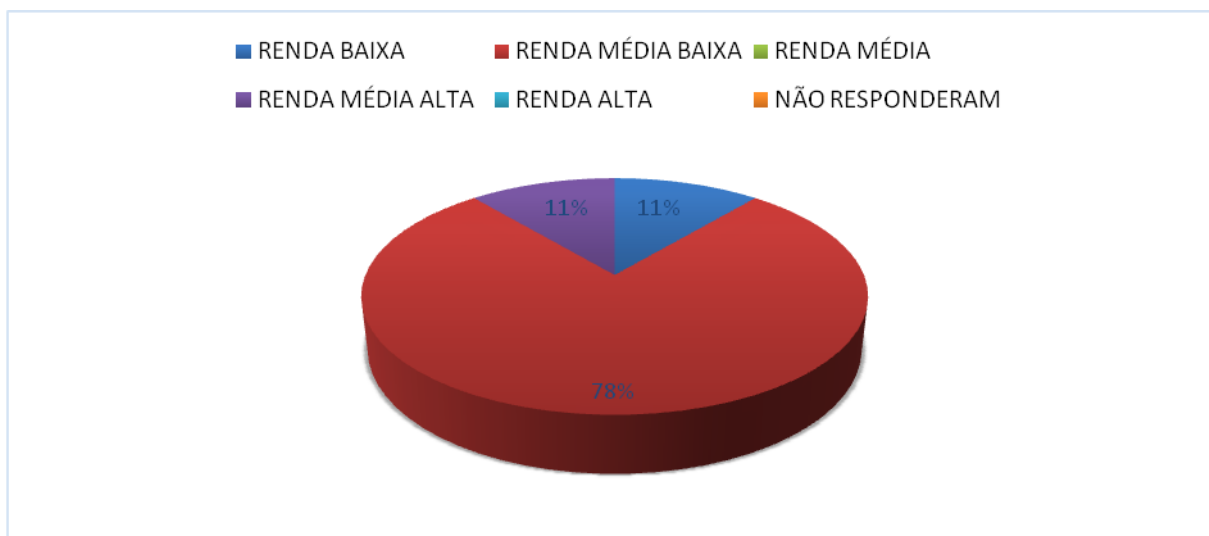
Ainda sobre as duas últimas categorias, vale ressaltar que a “V” só recebe pela hora/aula dada, sendo excluído de qualquer outra atividade e remuneração a ela vinculada como, por exemplo: Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo e Livre, Descanso Remunerado etc. Por fim, sobre o valor básico da hora/aula de todas as categorias de Professores de Educação Básica (PEB), no Estado de São Paulo, ainda existem as diferenças quanto ao nível de formação (licenciatura, bacharelado, ou estudante) que repercute nas formas de contratação em PEB I ou PEB II e, portanto, em diferenciações de salário.

A título de exemplo, um professor categoria “A”, portanto, PEB II, sem nenhuma evolução funcional, recebe o valor hora/aula de R\$ 12,92. Às variações remunerativas somam-se as variações a níveis de benefícios e direitos, como os referentes às faltas, por exemplo. O amplo leque de formas de contratação é uma das expressões do neoliberalismo. A maior parte dos docentes desta UE, em 2016, se declarou classe “D” (78%). O restante se dividiu igualmente entre as classes “E” e “C”. É possível vermos isso no Gráfico 5.

³⁹Importante notar que essa categoria possui direito ao serviço do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual de São Paulo (IAMSP), diferente das categorias “O” e “V”.

⁴⁰ Professores categoria “O” relatam uma pressão muito grande, envolvendo a possibilidade de quebra de contrato, no sentido de que peguem ao menos 19H.

Gráfico 5 - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

Esses servidores docentes, no mesmo ano, revelaram que 56% deles eram contrários ao afastamento e 44% favoráveis. O inexistente índice de indecisos e o balanceado resultado revela a polarização do país no momento político que antecedia a consumação final do afastamento pelo Senado Federal. Assim, podemos observar no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2016.

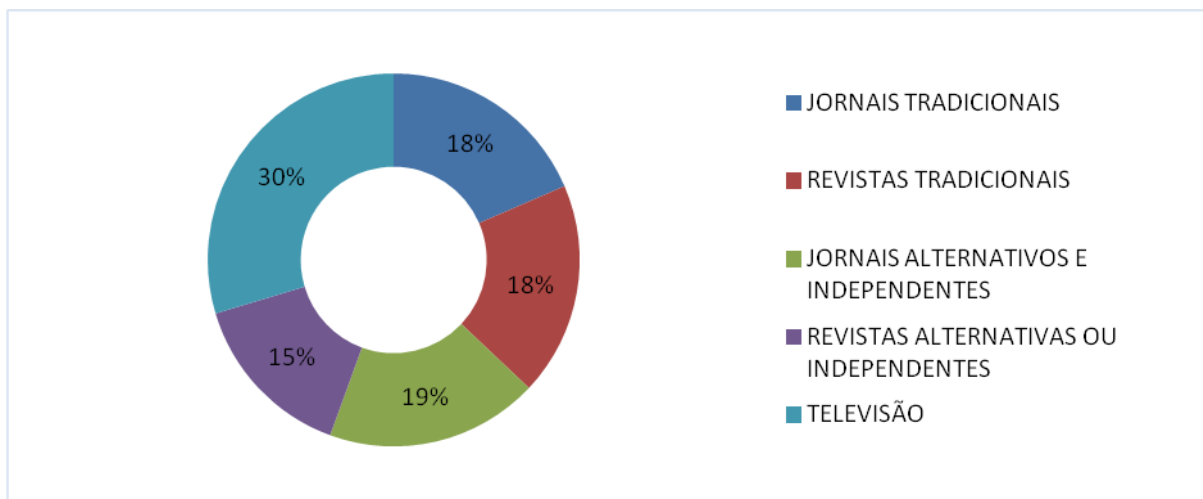


Fonte: o próprio autor

Ainda no mesmo ano, os mesmos servidores docentes apresentaram bases midiáticas tradicionais acentuadamente televisivas, porém seguidos dos parcialmente distantes: jornais tradicionais, revistas tradicionais e jornais alternativos

e independentes. Por último, as revistas alternativas ou independentes, como mostra o Gráfico 7.

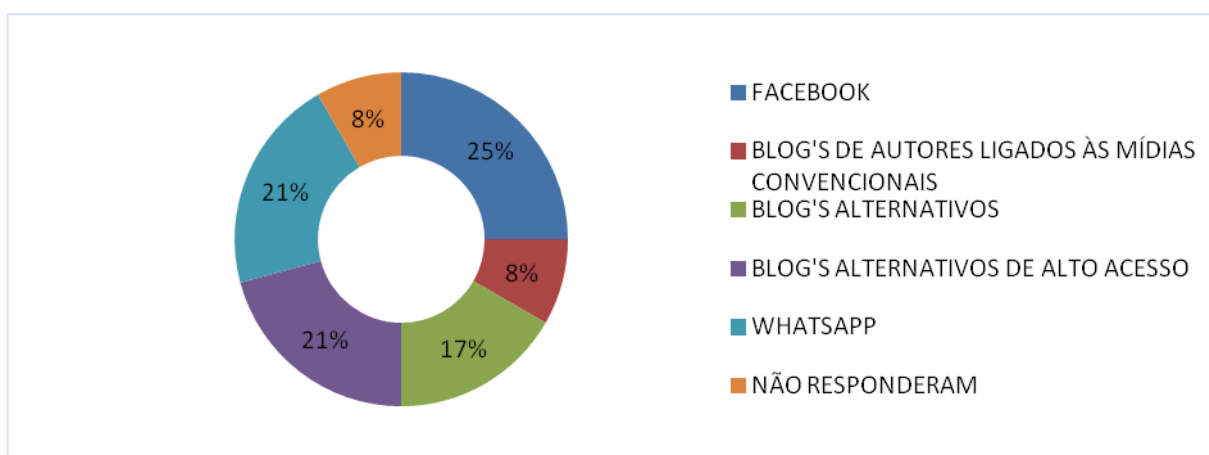
Gráfico 7 - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2016.



Fonte: o próprio autor

As fontes de informação utilizadas por esses servidores docentes no que se refere às novas mídias, nos anos de 2016, lançou o *Facebook* na dianteira, seguido de perto pelo *WhatsApp* e pelos blog's alternativos de alto acesso. Os blogs alternativos ficaram com a faixa de 17%, enquanto blogs de autores ligados a mídias convencionais empatou em 8% com os que não responderam. O Gráfico 8 nos mostra essas informações.

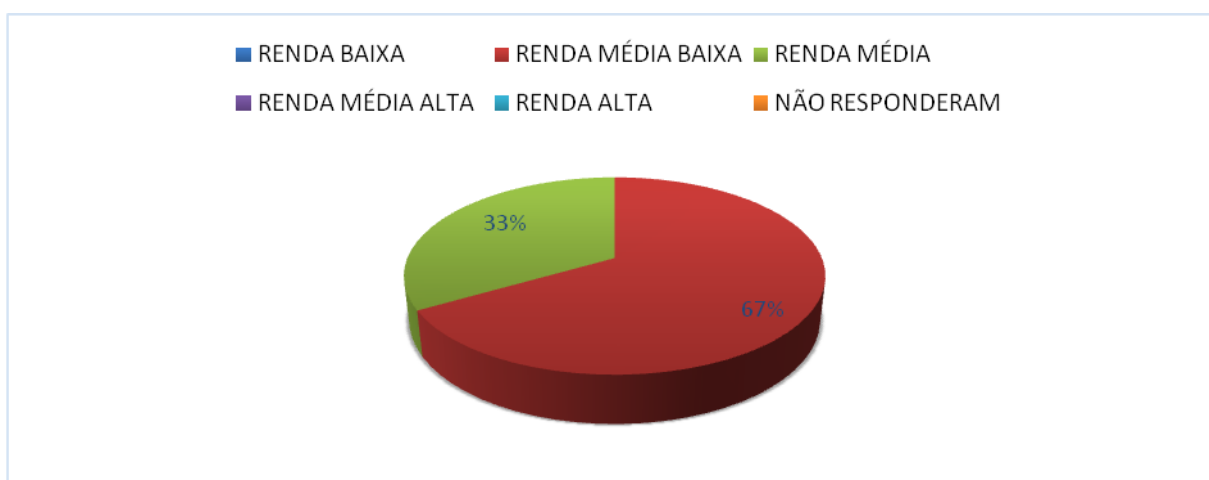
Gráfico 8 - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2016.



Fonte: o próprio autor

O mesmo segmento, no ano de 2017, apesar de que com menor porcentagem do que no ano anterior, mantém a autodeclaração de classe “D”. Dessa vez, acompanhada de 33% de professores que se identificam como pertencentes à classe “C”. A ilustração dessas informações segue no Gráfico 9.

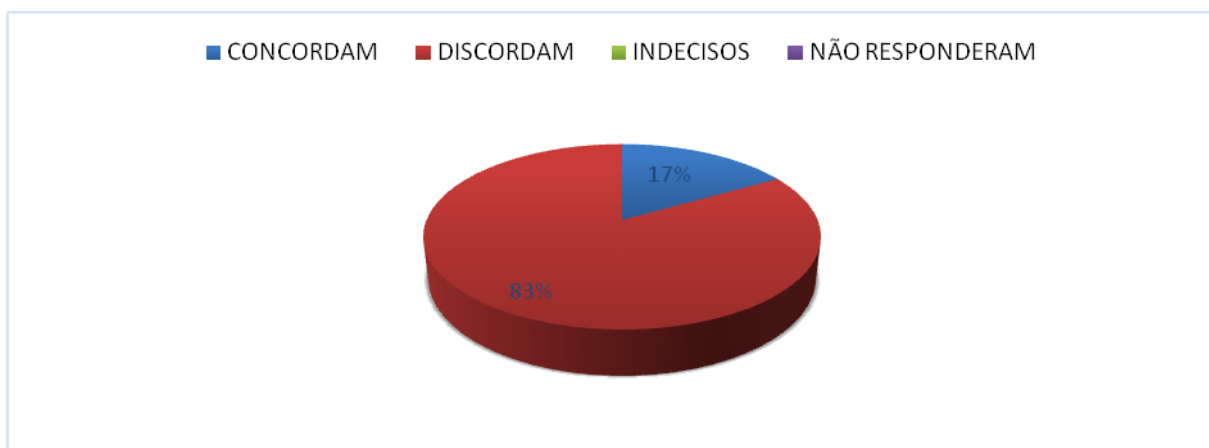
Gráfico 9 - Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

No ano de 2017 o segmento de professores mantém a opinião majoritária contrária ao *impeachment*. Isso também mantém e afirma a tendência apresentada em 2016, mas dessa vez consolidando a posição contrária ao processo jurídico e político executado, diferentemente do cenário mais polarizado apresentado na aplicação anterior de questionários. Como demonstrado no Gráfico 10.

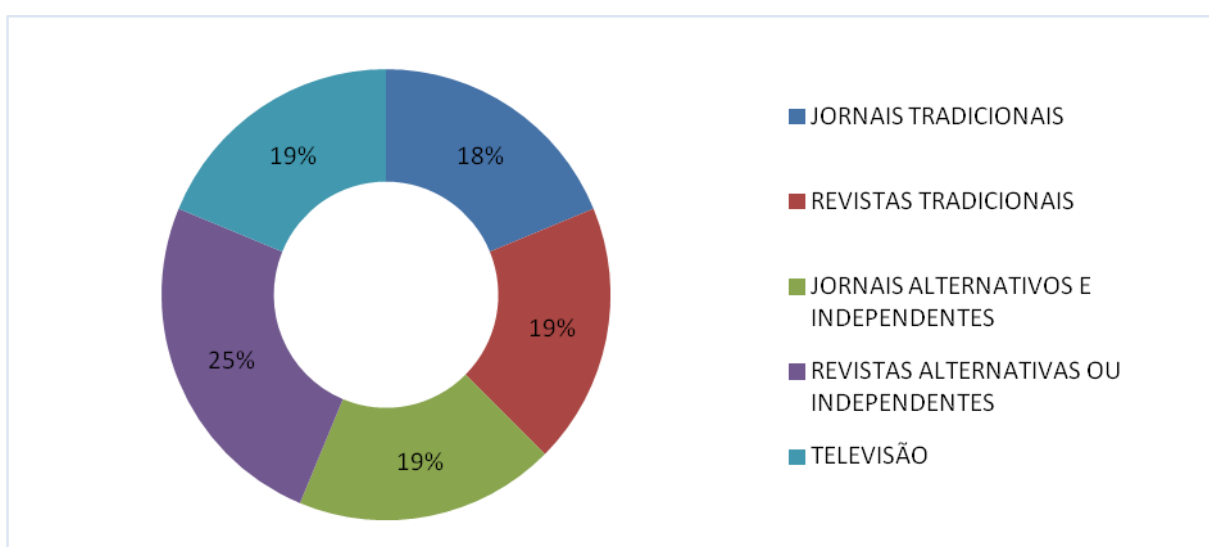
Gráfico 10 – Como os servidores docentes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, 2017.



Fonte: o próprio autor

No Gráfico 11 que veremos a seguir, os docentes da UE Josepha Cubas, em 2017, declararam fontes midiáticas de informação com intensidade homogênea e pluralidade pujante com empate técnico entre jornais tradicionais, revistas tradicionais, jornais alternativos e independentes e televisão. Os quatro são precedidos pelas revistas alternativas ou independentes com 25%. Chama a atenção nesse gráfico, além da primeira posição concedida às revistas alternativas ou independentes, o fato de a televisão não ter sido a liderança nessa categoria midiática.

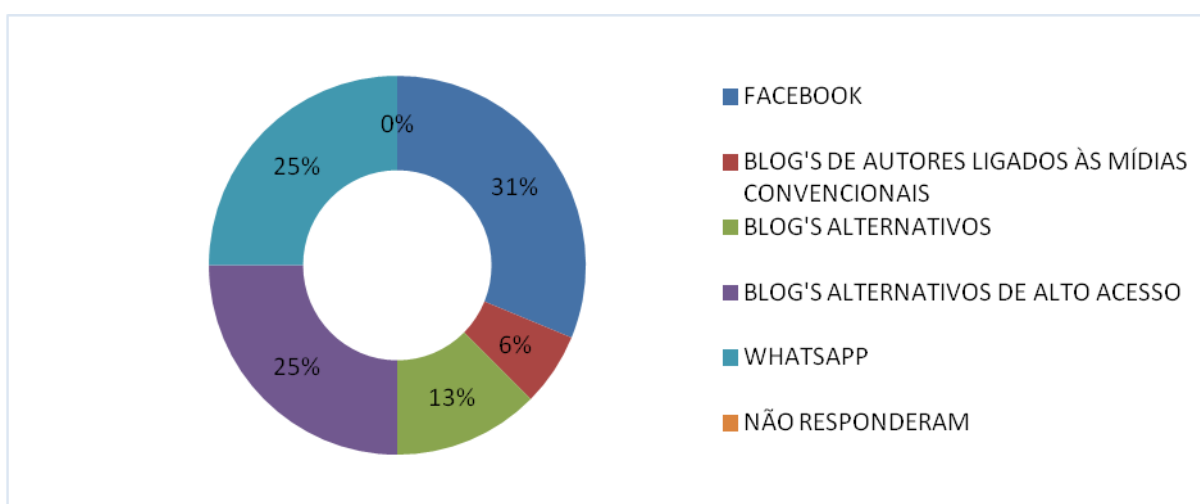
Gráfico 11 - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

No último Gráfico desse segmento (nº12), nesse mesmo ano, é possível contemplarmos que o *Facebook* desponta como a nova mídia mais consultada. Em segundo aparecem *WhatsApp* e blogs alternativos de alto acesso. Blogs alternativos aparecem com 13% e blogs de autores ligados a mídias convencionais marcam 6%. Os blogs alternativos de alto acesso empatar com o *WhatsApp* nesse segmento é interessante, pois demonstra que os primeiros têm conseguido alcançar uma importante fatia do mercado consumidor de mídia dentre parte dos formadores de opinião.

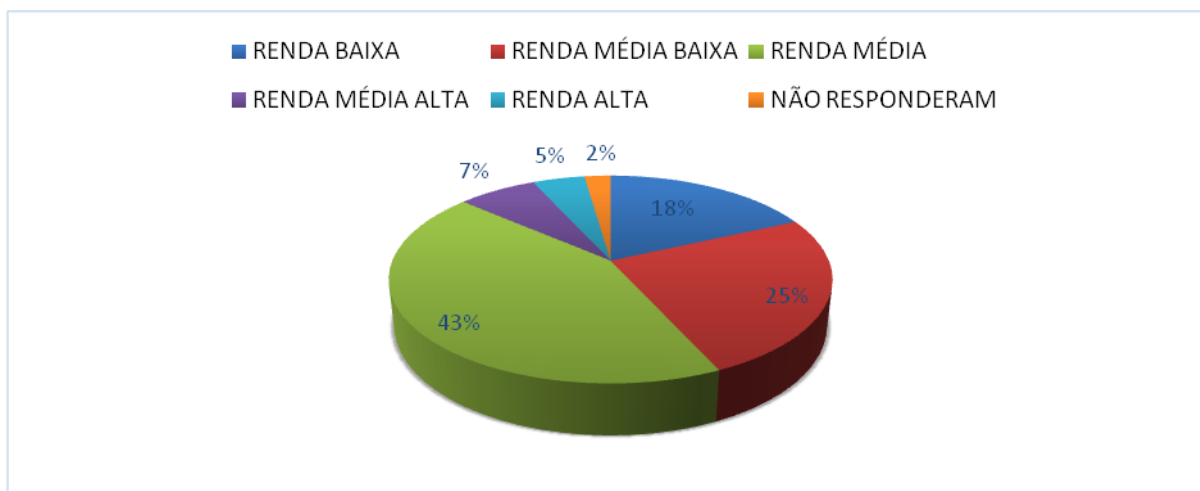
Gráfico 12 - Fontes de informação consultadas pelos servidores docentes da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017.



Fonte: o próprio autor

Sobre os estudantes da UE Josepha Cubas e suas classes socioeconômicas, em 2016, os mesmos retrataram-se majoritariamente como pertencentes à classe “C” (43%); 25% declararam-se da classe “D”; 18% da classe “E”; 7% da classe “B”; 5% da classe “A” e 2% não respondeu. É possível vermos esses dados no Gráfico 13.

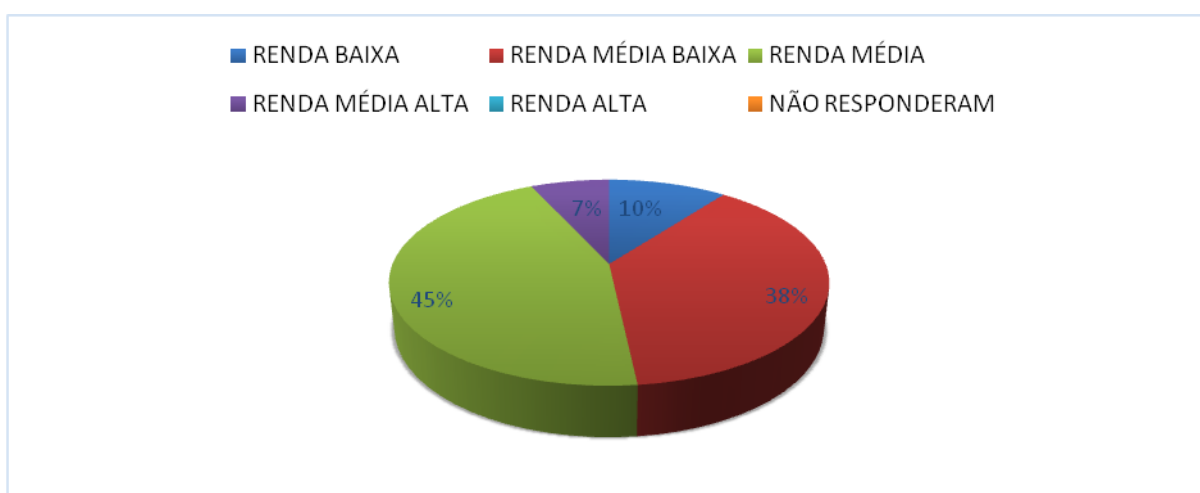
Gráfico 13 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

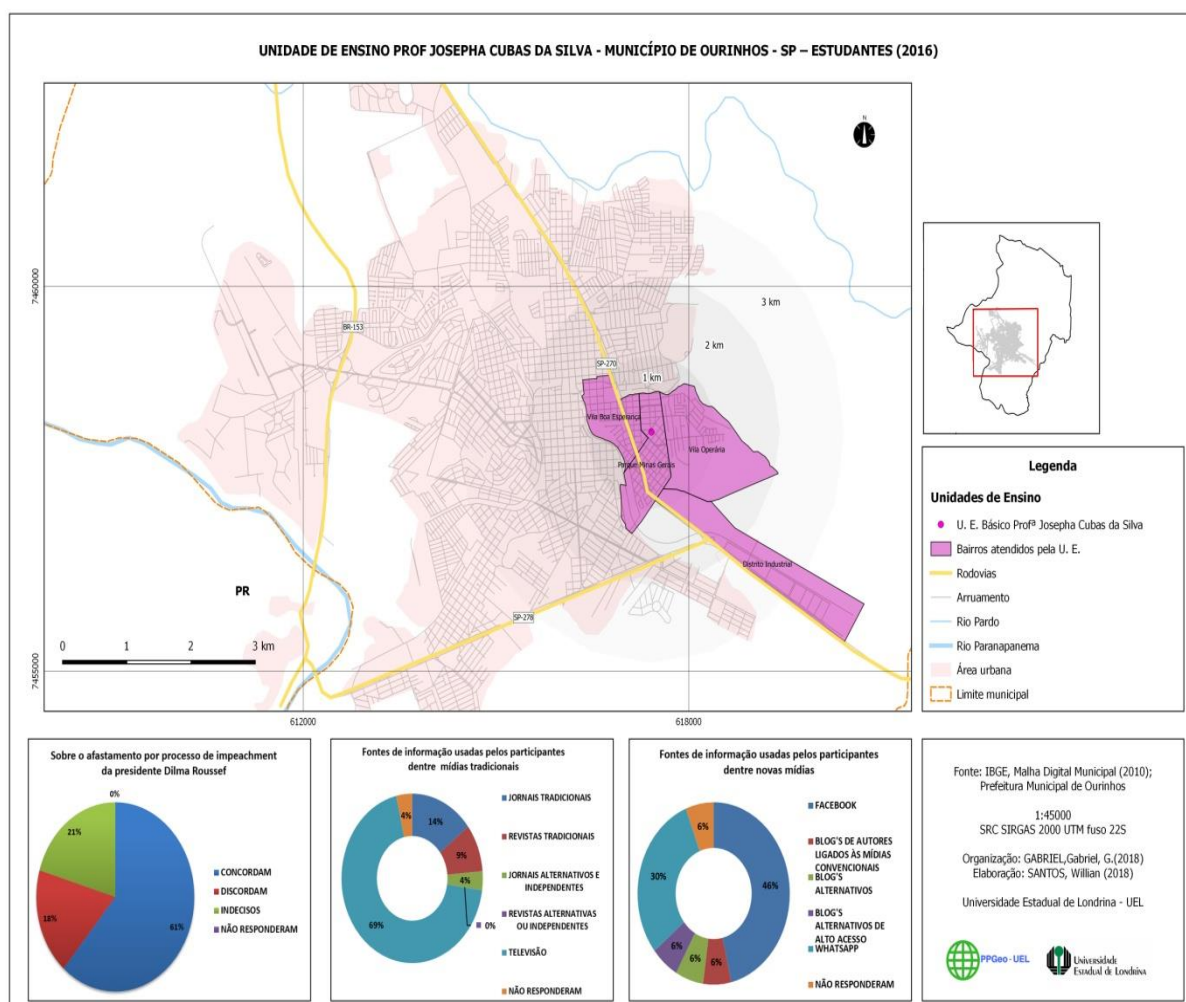
Já no Gráfico 14, referente ao ano de 2017, as duas autodeclarações majoritárias se repetem - com porcentagens diferenciadas. Por sua vez, classe “A” e “B” somadas alcançam 17%. Essa pergunta foi elaborada sem padrões quantitativos justamente para captar possíveis distorções ideológicas na consciência de classe. Isso é o que parece ter ocorrido tendo em vista que dificilmente famílias com renda total acima de R\$17.600,00 possuam filhos estudando em uma escola pública de periferia. Provavelmente o padrão que orientou os estudantes a darem essas respostas foi fornecido em escala micro, ou seja, refere-se às diferenças de classes dentro da área da cidade em que vivem.

Gráfico 14 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

Ainda sobre os estudantes e suas classes socioeconômicas e espaciais, nota-se que são provenientes dos seguintes bairros: Parque Minas Gerais, Vila Boa Esperança, Vila Operária e Distrito Industrial⁴¹. Esses bairros muitas vezes são subdivididos em bairros menores. O perfil de preço de solo urbano é baixo, com valor médio do m² majoritariamente abaixo dos R\$200,00, mas com um pequeno bolsão que atinge o valor de R\$350,00. Em uma cidade em que os valores mais altos ultrapassam R\$1.000,00. Incluindo no bojo de atendidos pela escola loteamentos e conjuntos habitacionais que são, segundo Franciele Ferreira Dias (2013), precários, que apresentam baixo padrão e falta de equipamentos públicos, além de se localizarem muito distantes do centro. Como podemos ver no Mapa 3.



⁴¹Esse bairro não possui perfil residencial, porém, uma família que ali reside é atendida pela escola.

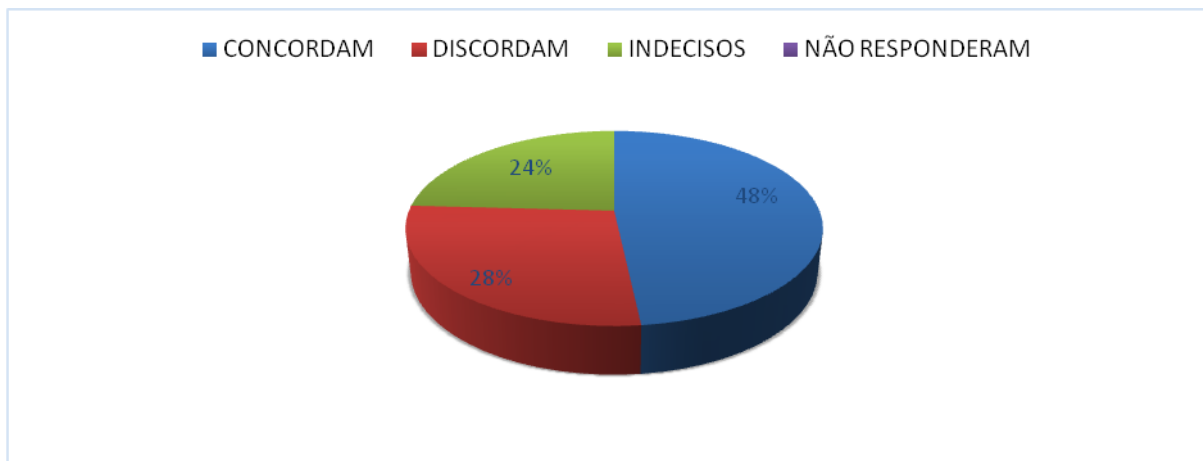
As informações anteriores, associadas aos dados contidos no Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência de Ourinhos (2012)⁴², que demonstra o perfil socioeconômico dos bairros localizados no entorno e áreas adjacentes à UE em questão, revelam que os mesmos pertencem a estratos socioeconômicos de baixo poder aquisitivo. Portanto, cruzando as informações contidas no relatório com as dos critérios do IBGE, a maioria deles pertence às classes “E”, “D” (73%) e uma parte à classe “C” (27%).

Ainda sobre o Mapa 3, além das áreas ocupadas pelos estudantes que responderam aos questionários, temos, em 2016, a opinião deles sobre o *impeachment* e os veículos midiáticos que utilizam. Assim, os estudantes revelaram que 61% concordavam com o processo de afastamento, porém, aqueles que discordavam encontravam-se bastante próximos dos indecisos, marcando 18% e 21% respectivamente. Isso demonstra o segmento abordado com a decisão pró-*impeachment* consolidada, contudo, a indecisão revela-se como contra peso, insuficiente, mas presente. Associado a essa opinião do segmento estão as utilizações majoritárias de televisão e jornais tradicionais, por um lado, somando 83% e, por outro, *Facebook* e *WhatsApp* somando 76%. A pluralidade de veículos midiáticos inerentes aos hábitos informacionais do segmento é bastante baixa.

Em 2017 o mesmo segmento aponta para 48% de concordância com o afastamento executado, 28% de discordância e 24% de indecisão, um cenário ideológico levemente mais disperso que o anterior, porém, que mantém o apoio ao processo de afastamento e reafirma o antagonismo à posição apresentada pelos docentes desta unidade de ensino. Como vemos no Gráfico 15.

⁴²O relatório data de antes do início de nossa pesquisa, porém, ao confrontarmos os dados desse relatório com os obtidos por Franciele Ferreira Dias (2013) e com nossas análises empíricas, em 2016 e 2017, corroboramos as informações.

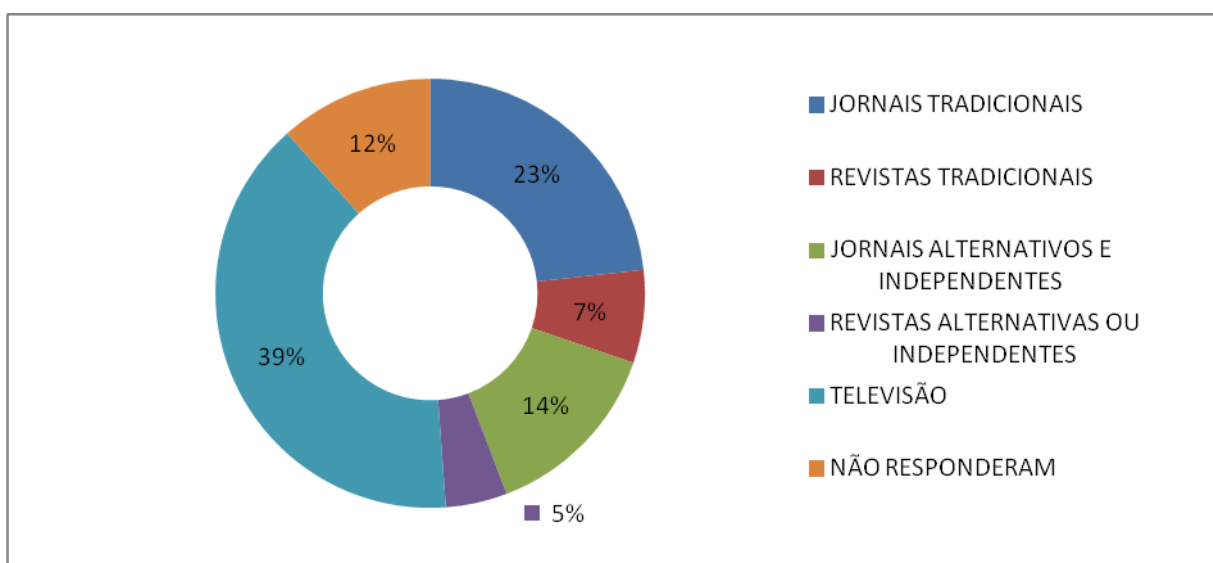
Gráfico 15 - Como os estudantes da UE Josepha Cubas se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.



Fonte: o próprio autor

Os estudantes da UE Josepha Cubas, no ano de 2017, declararam utilizar como plataformas midiáticas tradicionais, principalmente a televisão, seguida dos jornais tradicionais e posteriormente dos jornais alternativos e independentes. Na sequência aparecem aqueles que não responderam. Revistas tradicionais e revistas alternativas ou independentes encerram na sequência os índices de respostas. Os dois primeiros somam 62% de um bloco midiático que pode ser considerado ideologicamente homogêneo. É possível conferir esses dados no Gráfico 16.

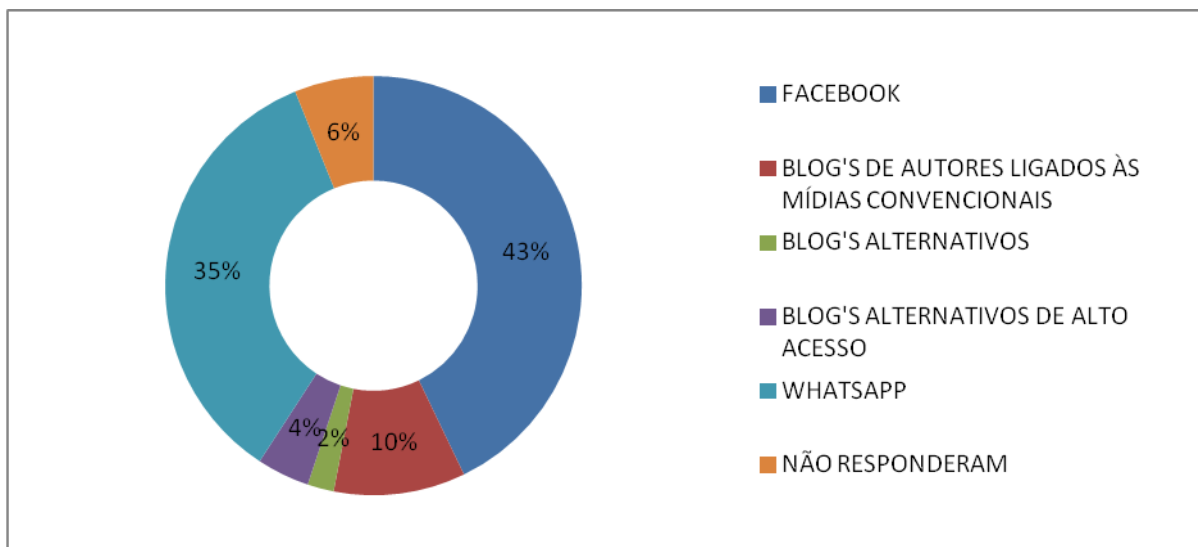
Gráfico 16 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Josepha Cubas, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

Os estudantes da UE em questão, em 2017, consolidam o *Facebook* como veículo midiático, dentre as novas mídias, mais consultado, com 43%. O *WhatsApp* também é bastante utilizado com 35%. Todas as outras opções somam juntas 22%, como conferimos no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Josepha Cubas, dentre novas mídias, 2017.



Fonte: o próprio autor

Os diferentes segmentos que responderam aos questionários não apresentaram mudanças abruptas de opinião de uma aplicação de questionários a outra, de 2016 a 2017. Porém, nem tudo foi consolidação de posições políticas-ideológicas. Quanto às mídias, percebem-se certas associações com as opiniões declaradas pelos entrevistados.

3.5.2. E.E. Virginia Ramalho

A UE em questão trabalha com Ensino Fundamental I e II nos períodos da manhã e da tarde. No IDESP de 2016 e 2017 o Fundamental I atingiu respectivamente 5,33 e 5,40. Nos mesmos anos o Fundamental II atingiu respectivamente 3,54 e 3,62. Até o ano de 2017 a escola também forneceu, em turmas noturnas, o ensino de jovens e adultos, sendo que nossa pesquisa abordou esse campo escolar nos anos de 2016 e 2017.

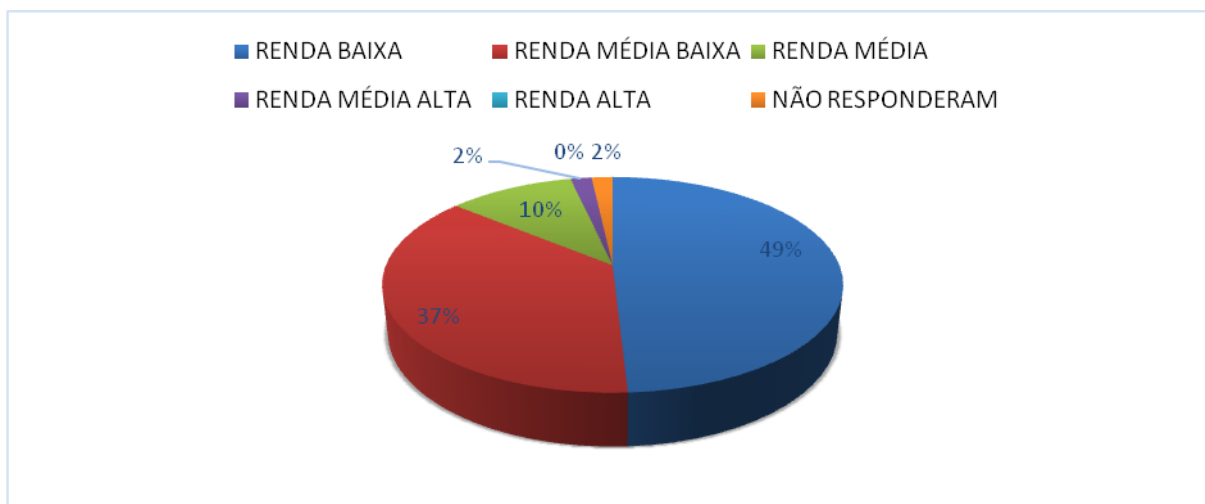
A escola que conta com 72 funcionários e 14 salas de aula localiza-se na Vila Nova Sá, o texto de Franciele Ferreira Dias (2013) se refere à área como Vila Nova – o novo nome do loteamento chamado Barra Funda em seus primórdios. Bairro no qual moravam os primeiros habitantes urbanos do município. E que apesar de localizar-se na porção norte da cidade, ficou historicamente conhecido como “abaixo da linha” em virtude de sua localização em relação à estrada férrea, o perfil topográfico da cidade e por suas características socioeconômicas retraídas.

É complexo descrever as condições atuais desse bairro e seu entorno por esse manter-se com traços da segregação residencial pretérita (por nunca ter havido investimentos nem por parte do poder público, nem por parte da iniciativa privada no local) apesar de apresentar tendência à valorização imobiliária futura e alterações em seu conteúdo social (FERREIRA DIAS, 2013). Também nessa área localiza-se a Zona Central Secundária do município, caracterizada por comércio varejista de menor complexidade e por possuir características de atividades mais populares como demonstrado na citação a seguir:

A Barra Funda mantém sua característica de bairro com população de baixo poder aquisitivo, comércio popular, serviços de menor complexidade, local de prostituição e tráfico de drogas. Porém, atualmente apresenta infraestrutura semelhante ao centro e serviços básicos que atendem à população. Devido a sua localização nas proximidades do centro da cidade, da expansão urbana e do aquecimento do mercado imobiliário, há a tendência de mudanças no conteúdo social do mesmo, em direção à maior valorização dos imóveis (FERREIRA DIAS, 2013, p.167).

Percebemos as identidades de classes, declaradas pelos estudantes, em consonância com as leituras econômicas espaciais pertinentes a esse recorte espacial. No Gráfico 18, a maioria dos estudantes afirmou pertencer à classe “E”. Na sequência, 37% deles afirmaram pertencer à classe “D”. 10% declararam-se classe “C” e 2% não responderam.

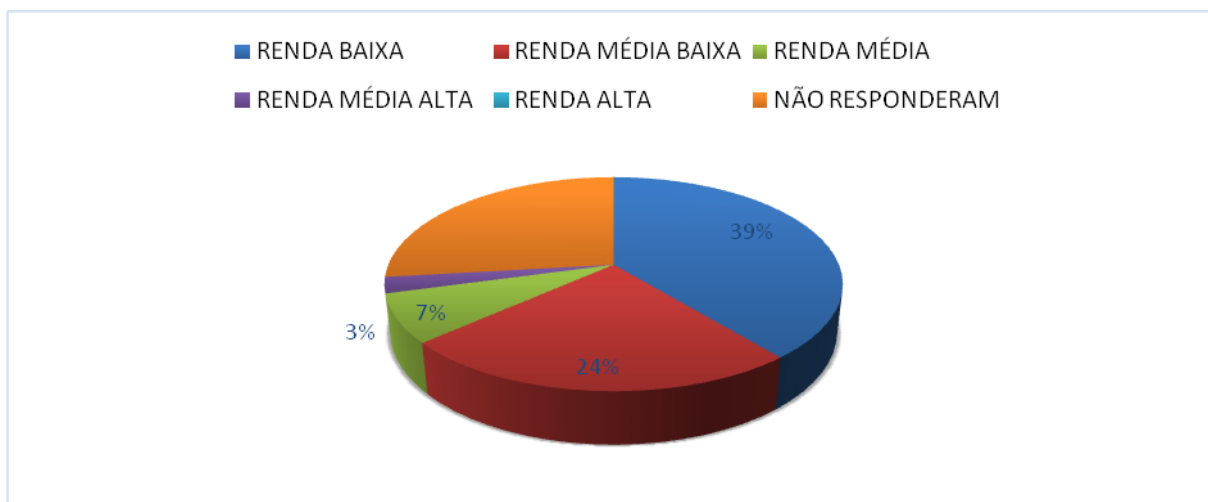
Gráfico 18 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

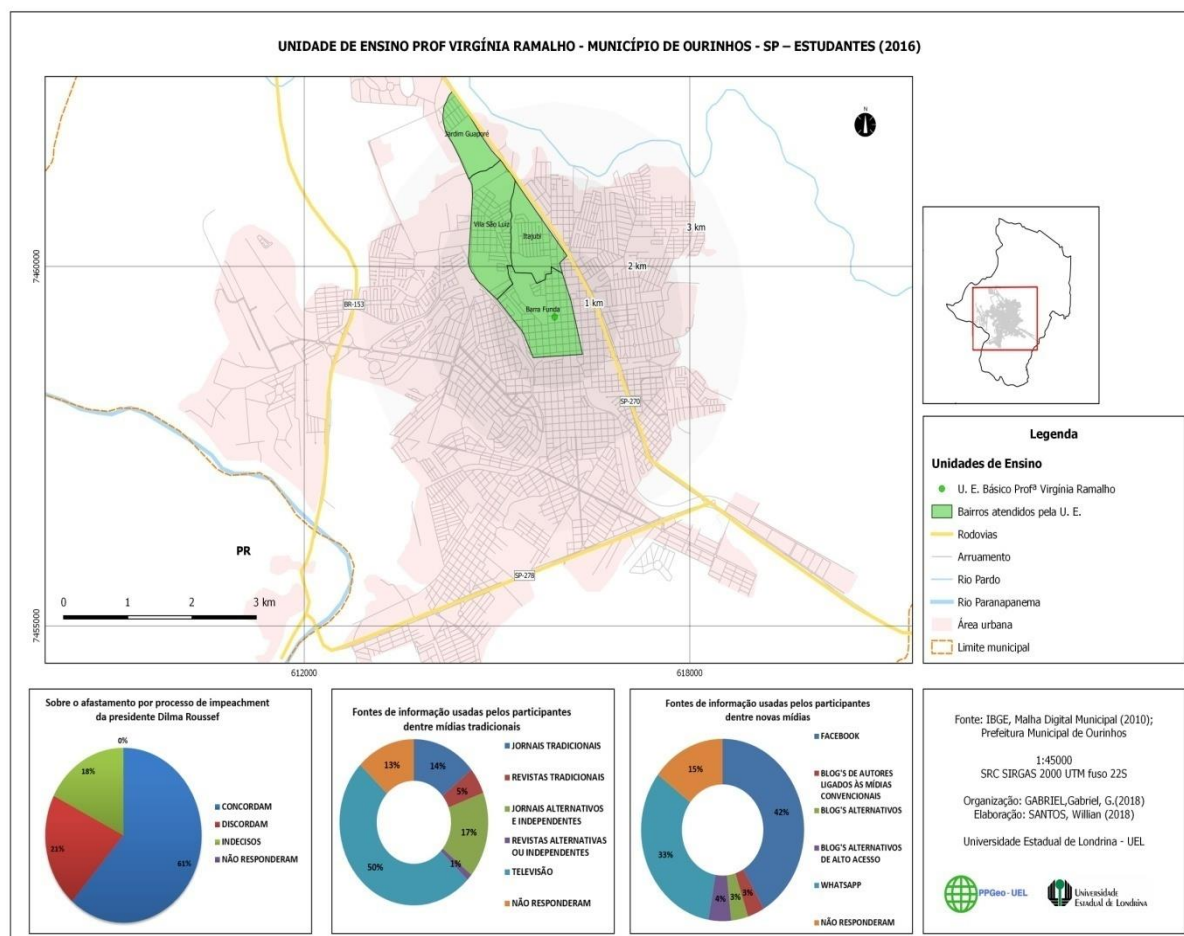
Em 2017, o mesmo segmento da mesma UE manteve o mesmo *ranking* de porcentagens referentes à autodeclaração de classe socioeconômica, como podemos observar no Gráfico 19. Porém, dessa vez a porcentagem daqueles que não responderam saltou para 27%. No caso dessa UE, que fica em área historicamente segregada espacialmente, percebe-se introjetado na comunidade a ideia de pertencimento à parte pobre da cidade. A distorção em relação ao pertencimento de classe é mínima, mas não inexistente. Não podemos descartar que dentre as áreas abarcadas pela UE existem terrenos com m² extremamente valorizados, e ninguém se declarou da classe “A” ou “B”. Isso corrobora uma das ideias de Franciele Ferreira Dias (2013), a de que com a valorização dos terrenos as classes baixas não capitalizam essa valorização, tendendo serem expulsas dessas áreas valorizadas.

Gráfico 19 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

Os estudantes são provenientes dos seguintes bairros: Barra Funda, Itajubi, Vila São Luiz e Jardim Guaporé. Esses bairros são subdivididos em bairros menores. O valor médio do m² dessa área vai de R\$100,00 no extremo norte e pode chegar ao valor mais alto encontrado na cidade, R\$ 1.000,00 próximo ao centro. Essa variação extrema se dá por conta da peculiaridade dessa área da cidade, historicamente segregada, muito próxima ao centro e sem investimentos infraestruturais significativos. Porém, a maior parte dos estudantes reside em terrenos de valor médio do m² em torno de R\$ 200,00. Podemos verificar essa situação espacial no Mapa 4.



Desses valores de loteamentos, e da situação peculiar do bairro, abstrai-se que os estudantes compõem as classes econômicas “E”, “D” e em menor número a parte inferior da classe “C”. A maioria dos estudantes da UE pertence ao entorno da mesma, em bairros que carregam traços da segregação residencial pretérita, com pontos de consonância com a atual, mas também um forte potencial de valorização. Porém, um saliente contingente⁴³, especialmente dentre os estudantes do ensino de jovens e adultos, é proveniente do Jardim Guaporé. Bairro em que é evidente a segregação residencial, pois mesmo depois de receber investimentos em infraestrutura continua nessas condições.

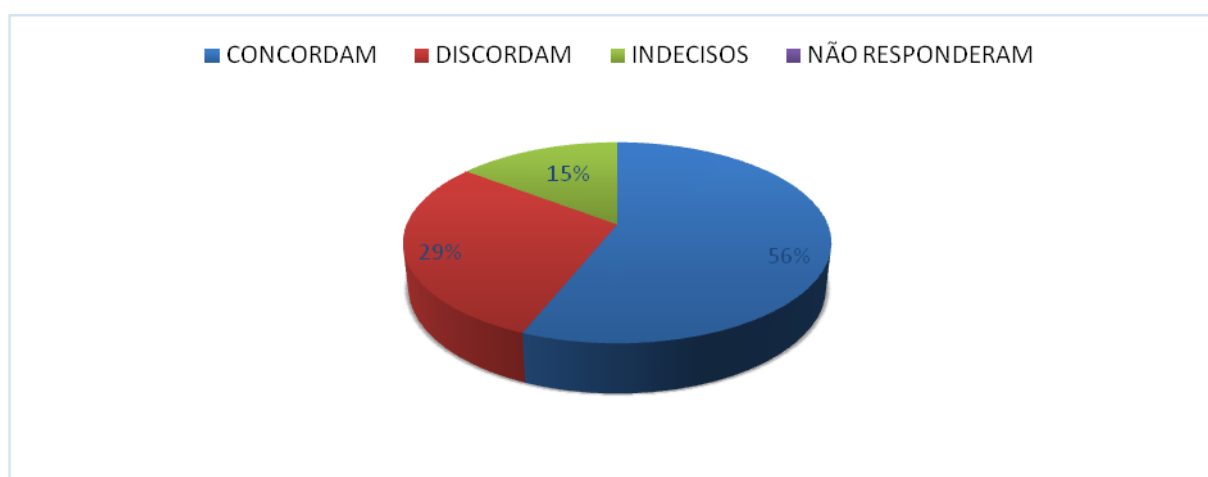
O Mapa 4 também revela que os estudantes, em 2016, assinalaram 61% de concordância, 21% de discordância e 18% de indecisão sobre o *impeachment*. Quadro de ascendência da posição favorável ao *impeachment*, associado a uma presença menor da indecisão em relação à discordância, um leve indício da polarização do momento político. Sobre os meios de comunicação, televisão e

⁴³Isso foi afirmado em entrevista pela diretora e por um professor, ambos detalharam que esse contingente é evidente no Ensino de Jovens e Adultos.

jornais tradicionais atingem juntos 64%. Também chama a atenção os jornais alternativos e independentes, que marcaram 17%. Nas novas mídias, *Facebook* e *WhatsApp* atingem 75%. O segmento expressa certa homogeneidade nos veículos midiáticos utilizados.

Dentre os estudantes da unidade de ensino Virginia Ramalho, em 2017, 56% concordavam, 29% discordava e 15% apresentaram-se indecisos sobre o afastamento. Cenário que reafirma a posição apresentada pelo mesmo segmento da unidade de ensino em 2016, mas que se apresenta parcialmente mais disperso, com aumento da discordância e queda da concordância e da indecisão, como é possível observar no Gráfico 20.

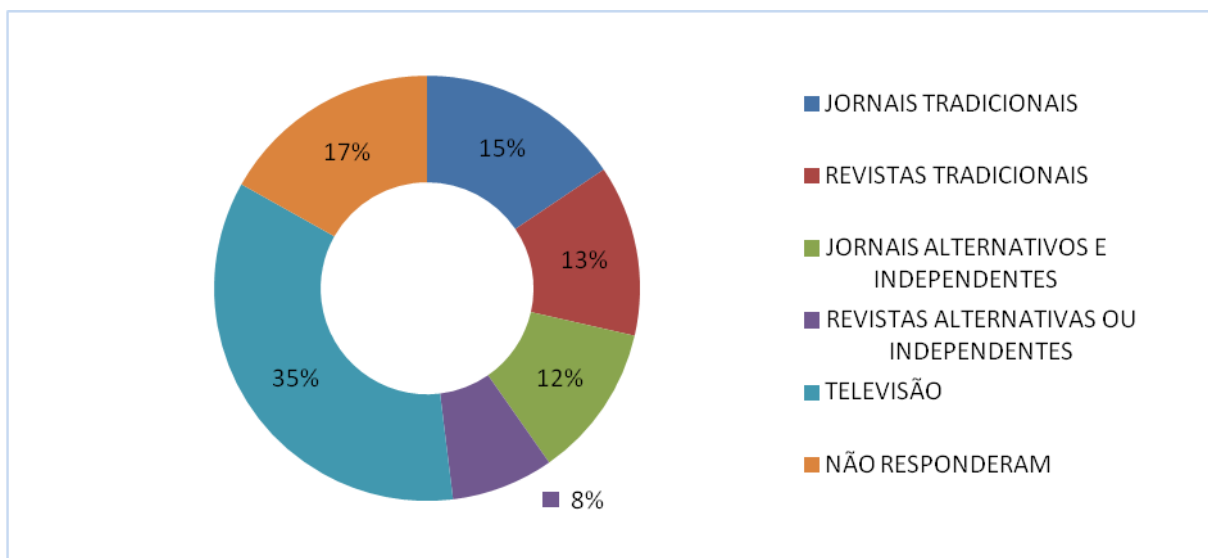
Gráfico 20 - Como os estudantes da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.



Fonte: o próprio autor

As opiniões desses estudantes são apoiadas majoritariamente, no que tange aos veículos midiáticos tradicionais, na televisão. Como observamos no Gráfico 21, 17% não responderam essa questão. Na sequência aparecem bem próximos entre si os jornais tradicionais, as revistas tradicionais e os jornais alternativos e independentes. Por último, vêm as revistas alternativas ou independentes com 8%.

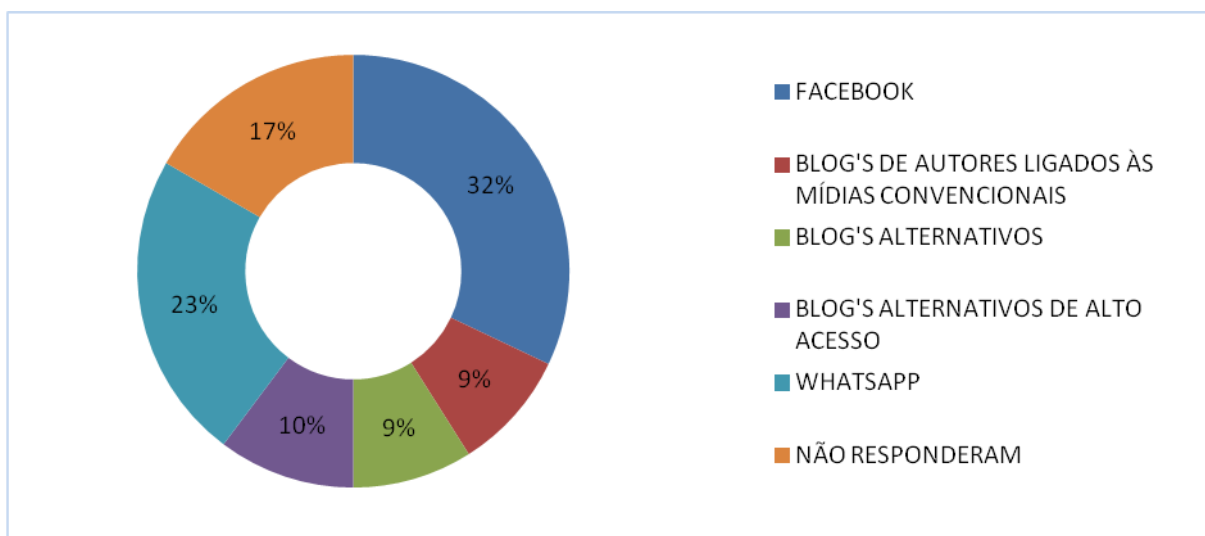
Gráfico 21 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

Quanto às novas mídias, o segmento abordado consulta majoritariamente *Facebook* e *WhatsApp*. 17% não responderam. 10% declararam consultar blogs alternativos de alto acesso. Finalizando a sequência, emparelhados, vêm blogs alternativos e blogs de autores ligados às mídias convencionais. É possível visualizar essas informações no Gráfico 22.

Gráfico 22 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2017.

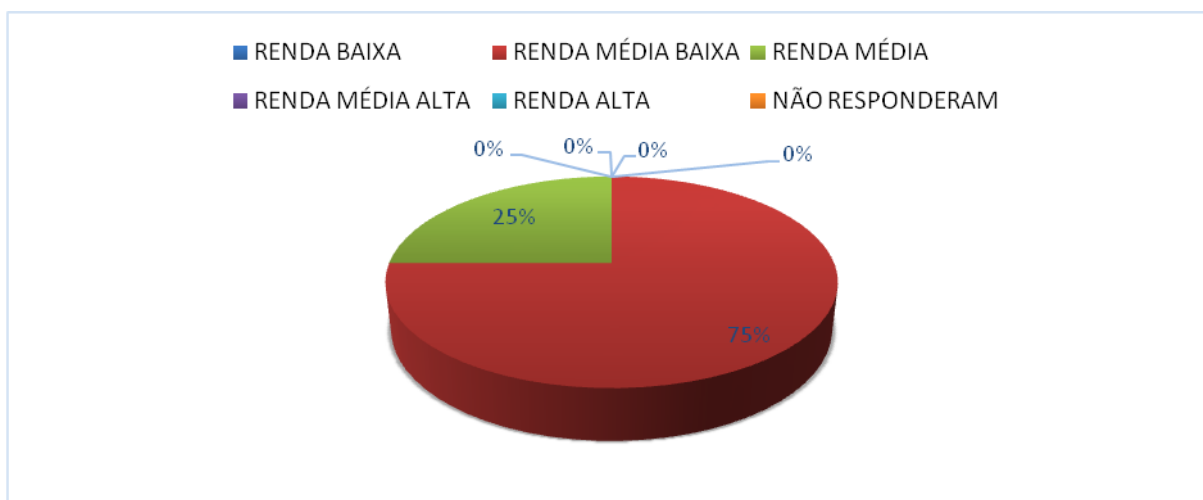


Fonte: o próprio autor

Passando aos servidores professores e aos servidores técnico-administrativos dessa UE, pontua-se que as estratificações socioeconômicas as quais os mesmos pertencem são as mesmas as quais pertencem os servidores que atuam na E.E. Josepha Cubas. Ambas pertencem à rede de ensino do Estado de São Paulo. O que não quer dizer que as opiniões políticas-ideológicas vinculadas à linguagem serão as mesmas. Isso será discutido no item 3.2 desse texto.

Por ora, os professores da UE Virginia Ramalho não responderam aos questionários na aplicação de 2017⁴⁴. Em 2016, declararam-se do ponto de vista econômico como majoritariamente pertencentes à classe “D” e minoritariamente pertencentes à classe “C”. Dentro das possíveis estratificações socioeconômicas pertinentes às formas de contratação e ao plano de carreira docente. Como podemos verificar no Gráfico 23.

Gráfico 23 - Como os docentes da UE Virginia Ramalho se consideram do ponto de vista econômico, 2016.

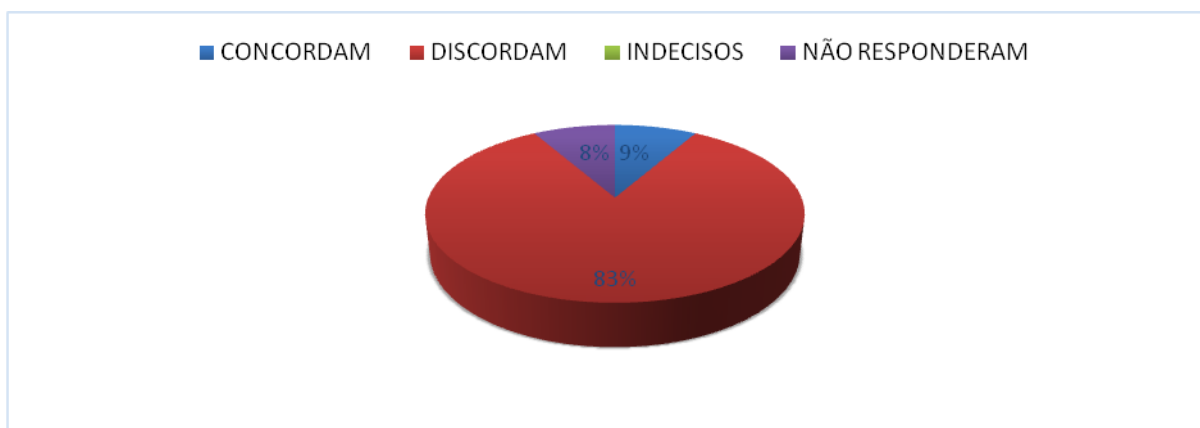


Fonte: o próprio autor

Em relação ao *impeachment*, os docentes dessa UE, em 2016, apresentaram posição contrária consolidada, marcando 83%. 8% não responderam e outros 9% mostraram-se indecisos. A posição consolidada pode ser visualizada no Gráfico 24.

⁴⁴ Apenas um professor chegou a responder o questionário, por tanto, tivemos de descartar a amostra.

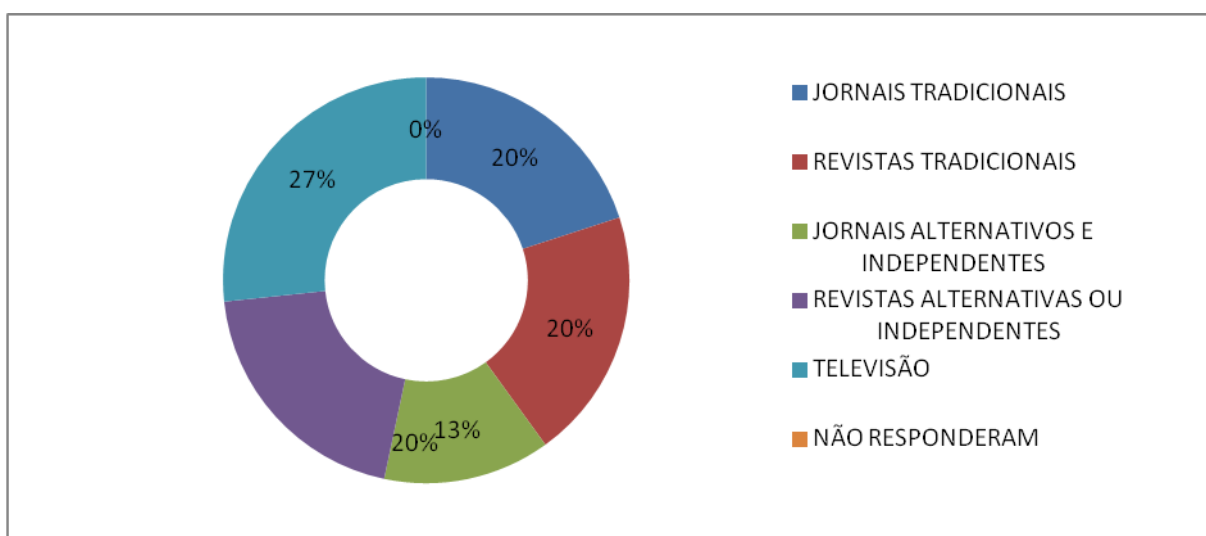
Gráfico 24 - Como os docentes da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2016.



Fonte: o próprio autor

A posição dos docentes da UE Josepha Cubas assenta-se na consulta plural aos meios de comunicação tradicionais. Marcam-se entre jornais tradicionais, revistas tradicionais, jornais alternativos e independentes, revistas alternativas ou independentes e televisão - no máximo, a diferença percentual de 14 pontos. O meio que vem à frente de todos é a televisão. As opções são demonstradas no Gráfico 25.

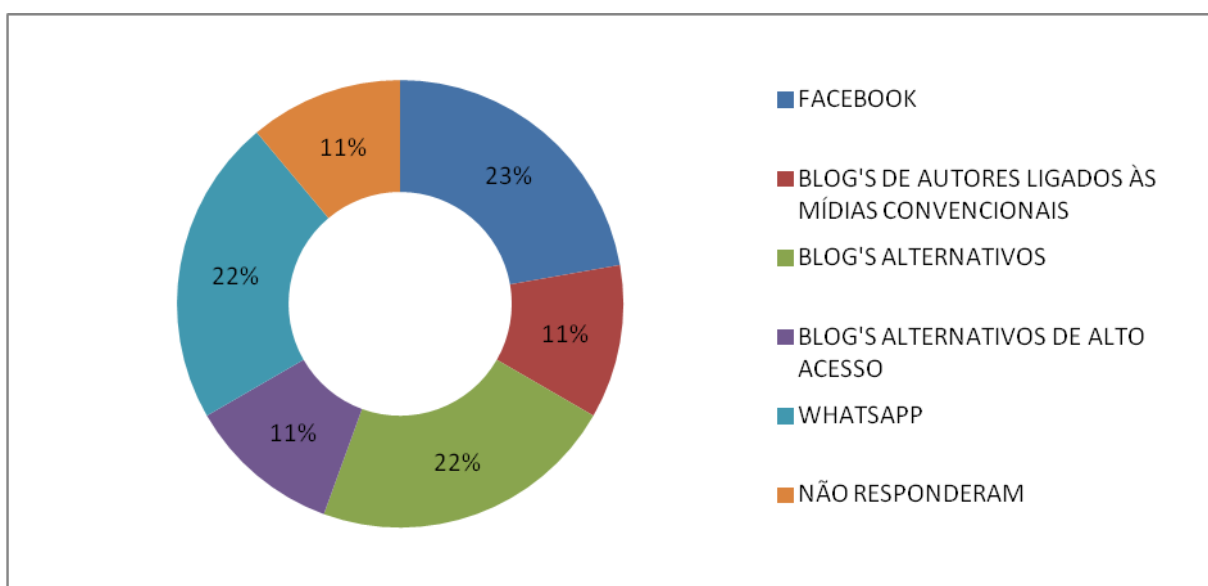
Gráfico 25 - Fontes de informação consultadas pelos os docentes da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2016.



Fonte: o próprio autor

Dentre as novas mídias, os docentes do Josepha Cubas consultam de forma emparelhada nas primeiras posições *Facebook*, *WhatsApp* e blogs alternativos. Depois, também de forma emparelhada, as consultas dos mesmos são aos blogs alternativos de alto acesso e a blogs de autores ligados à mídia convencional. As informações constam no Gráfico 26.

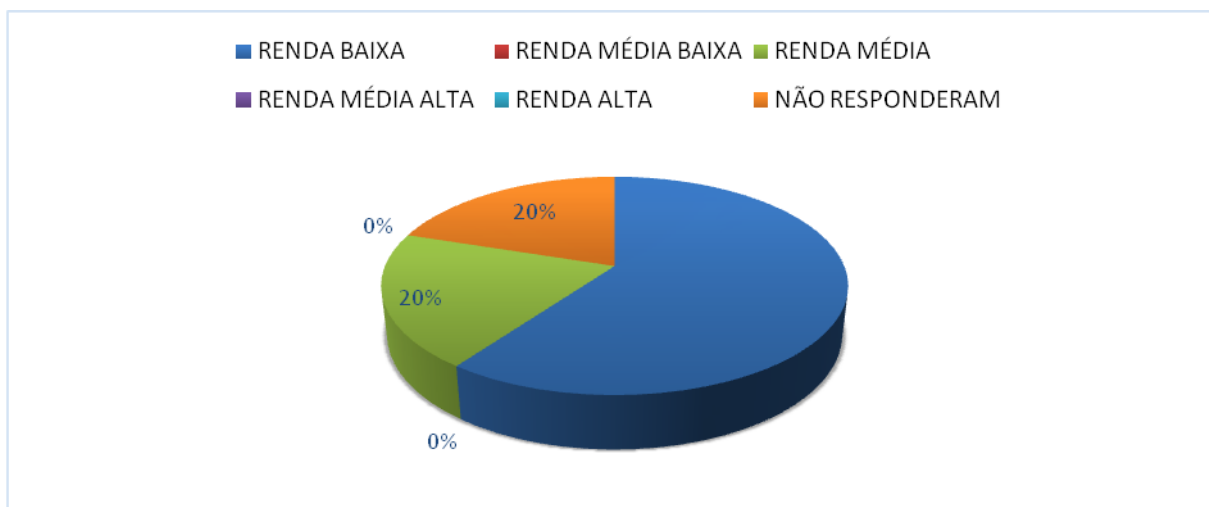
Gráfico 26 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2016.



Fonte: o próprio autor

A maioria dos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, em 2016, se declarou como pertencentes à classe “E”, 60%. Alguns se declararam da classe “C”, 20%. Outros 20% não responderam. O Gráfico 27 demonstra essas afirmações.

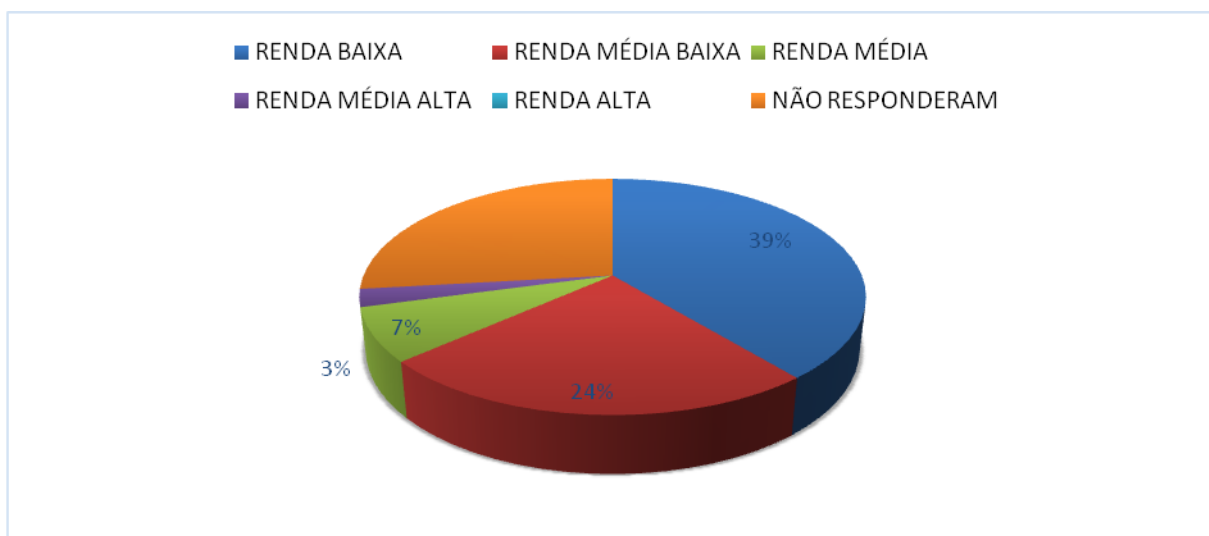
Gráfico 27– Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se considera do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017 as posições desse segmento em relação à autodeclaração de classe se alteraram. Dessa vez a classe “D”, que não apareceu em 2016, marcou 24%. Se somada à classe “E”, ambas marcam 63%. Alguns se declararam da classe “C” (7%). Outros 3% declararam-se pertencentes à classe “B”. O índice daqueles que não responderam foi alto, 27%. Essas informações podem ser conferidas no Gráfico 28.

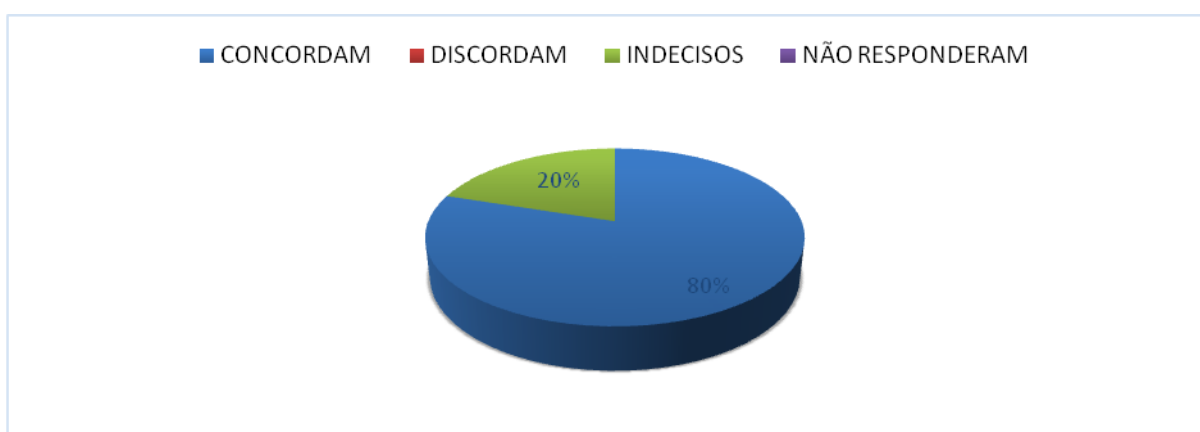
Gráfico 28 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se considera do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

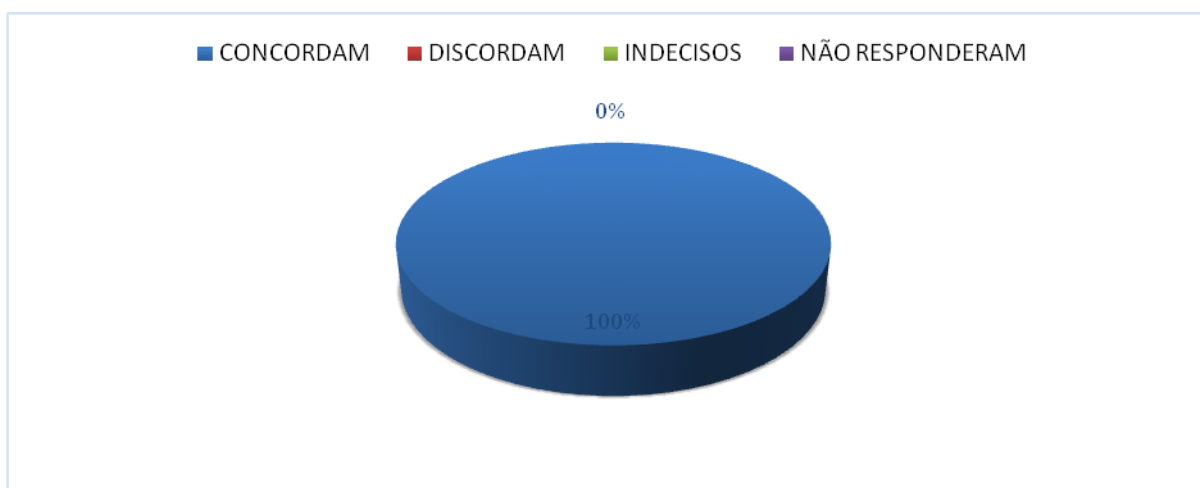
Em 2016, os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho mostraram um bloco consolidado de favoráveis ao *impeachment* de 80%, com apenas 20% de indecisos como vemos no Gráfico 29. Já no Gráfico 30, referente a 2017, vemos que o mesmo segmento respondeu de forma unanime que concordam com a execução do afastamento. Afirmando e ultraconsolidando, em meio ao governo instituído pelo *impeachment*, a posição apresentada em 2016. A seguir, os dois gráficos:

Gráfico 29 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se posicionou em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rouseff, 2016.



Fonte: o próprio autor

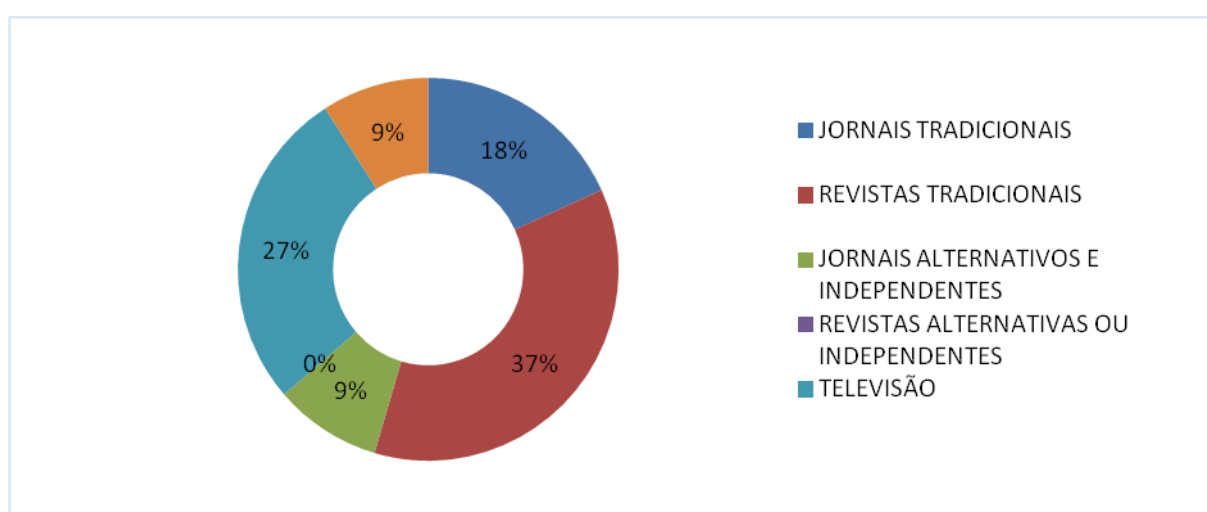
Gráfico 30 - Como os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rouseff, 2017.



Fonte: o próprio autor

Dentre as mídias tradicionais, em 2016, os servidores técnico-administrativos assinalaram utilizar acima de tudo revistas tradicionais, seguidas da televisão. Em terceiro lugar aparecem os jornais tradicionais. Empatados em último, com 9% cada, figuram jornais alternativos e independentes e aqueles que não responderam. Informações a conferir no Gráfico 31.

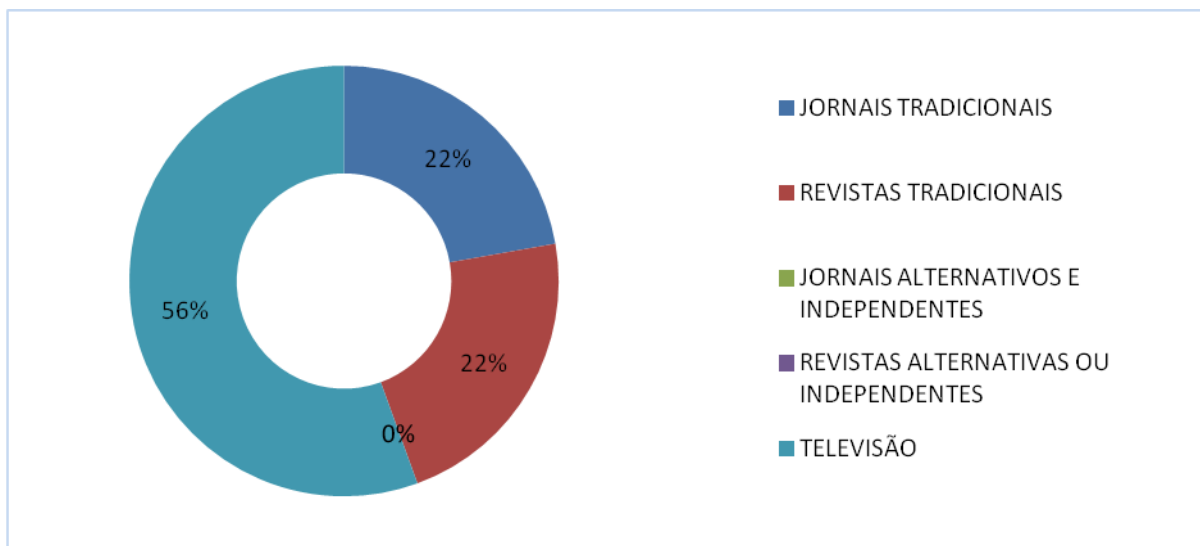
Gráfico 31 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017, o mesmo segmento da mesma UE passou a televisão para a primeira posição, seguida do empate entre jornais tradicionais e revistas tradicionais, cada qual com 22%. A baixa pluralidade, principalmente no que tange a intensidade da utilização de veículos midiáticos, persiste como em 2016. Os dados figuram o Gráfico 32.

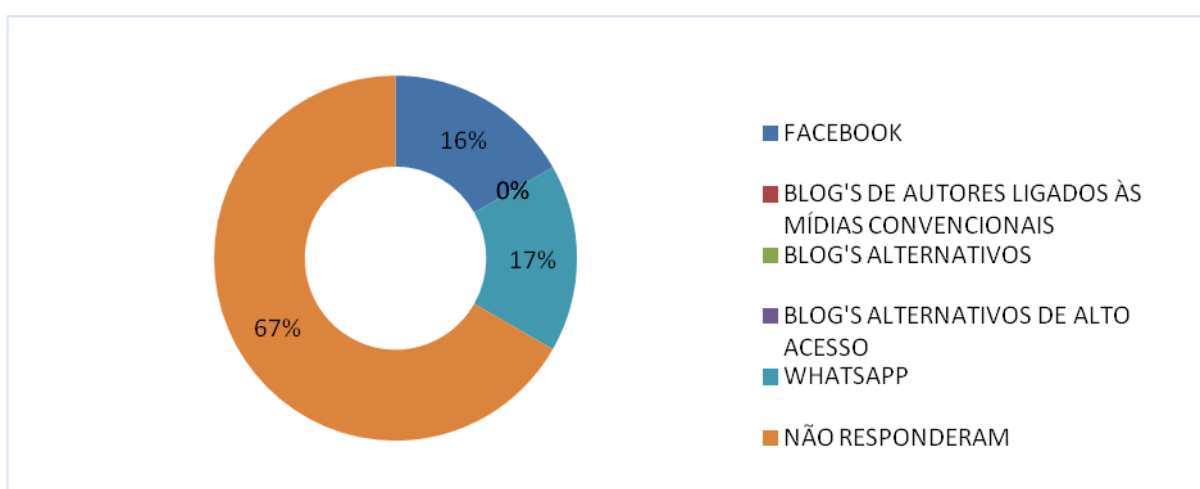
Gráfico 32 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

No Gráfico 33 sobre as novas mídias, é possível percebermos que os servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, em 2016, informavam-se principalmente pelo *Facebook* e pelo *WhatsApp*, com 16% e 17% respectivamente. Chama atenção o número exorbitante de 67% que não responderam.

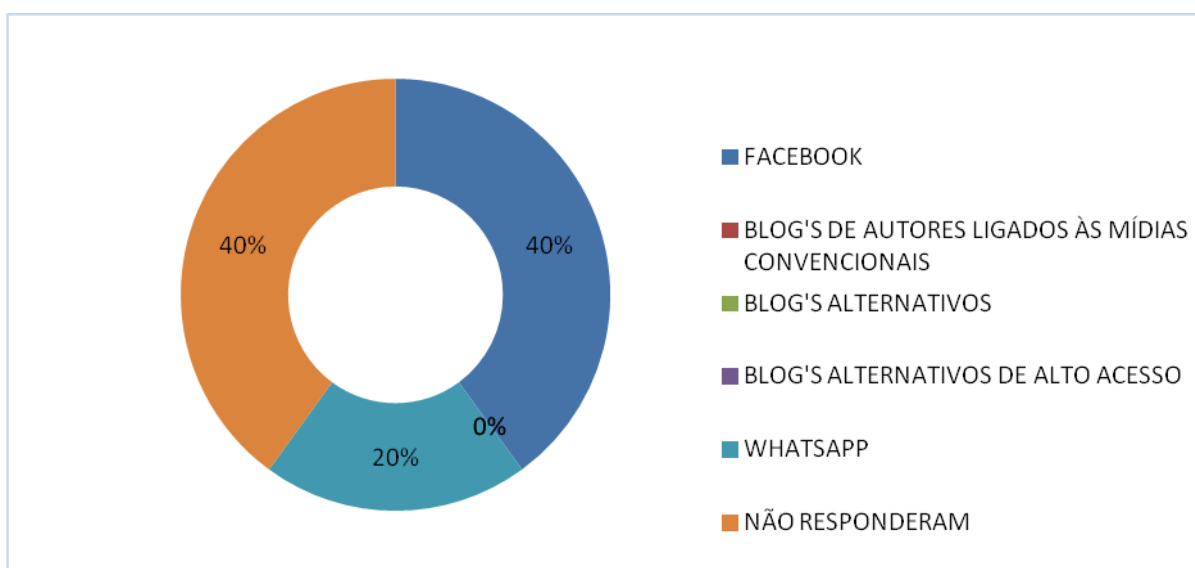
Gráfico 33 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2016.



Fonte: o próprio autor

Já no Gráfico 34, o mesmo segmento declarou o *Facebook* em primeiro lugar, empatado com aqueles que não responderam ambos com 40%. O *WhatsApp*, vem na sequência com 20%. A pluralidade na consulta às novas mídias, em 2016 e 2017, é ainda menor do que nas mídias tradicionais dos mesmos anos.

Gráfico 34 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE Virginia Ramalho, dentre novas mídias, 2017.



Fonte: o próprio autor

3.5.3. UNESP- Ourinhos

A Universidade Estadual Paulista (UNESP) é multi campi, abordamos apenas a unidade de Ourinhos/SP, que foi inaugurada em 2003 com bacharelado e licenciatura em Geografia, e que permanece até os dias de hoje como o único curso a nível de graduação, presencial, oferecido pela unidade. Inicialmente o campus funcionou em um local emprestado. Em 2005, passou a um novo local que de início seria definitivo, porém no ano de 2017 foi transferido novamente – dessa vez para uma estrutura que parece ser definitiva.

Para compreendermos essas mudanças de campus é necessário compreender em qual contexto de expansão de vagas da UNESP, a UNESP-Ourinhos se insere. O Programa de Expansão de Vagas em questão ficou conhecido pela sua abrangência em termos de oferta de vagas e por atingir polos do Estado de São Paulo que ainda não possuíam ensino superior público (UNESP, 2005).

A implantação desse programa foi cercada de polêmicas, especialmente por parte de campi que demandavam os cursos para si alegando os custos benéficos de se utilizar estruturas já prontas (DEBATENEWS, 2005). Fato é que esse programa assentava-se em convênios que envolviam a UNESP, os poderes municipais interessados e os poderes estaduais de São Paulo. Tendo em vista a estrutura política brasileira e sua volatilidade, não seria de se estranhar inconsistências nesses convênios com o passar do tempo e com as trocas de grupos de poder.

Assim, a estrutura organizativa e a autonomia dos campi, inicialmente chamados de Unidades Diferenciadas e depois de Unidades Experimentais, foram evoluindo. No caso do campus de Ourinhos a primeira eleição para a coordenação executiva e vice aconteceu no ano de 2008. Nesse momento o campus já funcionava a três anos compartilhando prédio com o Centro de Referência do Ensino Fundamental. Essa estrutura contava com salas para coordenação executiva, docentes, centro acadêmico, informática, centro de pesquisa, cursinho pré-vestibular, auditório, biblioteca, 4 salas de aula, 7 laboratórios, além de estrutura para o setor técnico-administrativo. No ano de 2009 foi construída a área de convivência – que funcionou inicialmente como cantina e posteriormente como cozinha comunitária, além de sede da associação atlética (OURINHOS.UNESP, 2017).

Esse campus localizava-se ao lado da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), unidade de Ourinhos, e do Ambulatório Médico de Especialidades (AME), unidade de Ourinhos, em local bastante inusitado, à primeira vista. Do ponto de vista da localização no espaço urbano, encontrava-se em área distante do centro, rodeado por plantações de eucaliptos - o que o mantinha afastado dos próximos núcleos urbanos, aproximadamente de 1 a 2 km. Contínuo a esse terreno, em uma pastagem é possível visualizarmos uma erosão e algumas cabeças de gado. Assim, os bairros que estão em torno desse campus, no sentido sul, como: Paineiras, Santa Fé e Santa Fé II tendem a ser de classe média e média alta (FERREIRA DIAS, 2013). Salta aos olhos o fato de, ao leste do campus (extremo norte da cidade), conectado à UE por uma via não pavimentada, encontrar-se o Jardim Guaporé, segregado socioespacialmente – isso torna evidente a intencionalidade no processo de segregação residencial. Como se o campus fosse o “divisor” de “águas socioeconômicas” em questão.

Em meio a esse contexto, a prefeitura admite incapacidade de cumprir sua parte no convênio, não podendo realizar a doação oficial do campus⁴⁵. Em 2009 é anunciada a construção do novo campus em terreno já pertencente à universidade e doado em 2004. A inauguração desse campus ocorreu em 2017. O novo campus conta com 4.118 m² de área prevista, sendo que já estão construídas: prédio para Administração e salas de docentes, portaria, prédio para Central de Salas de Aula, Laboratórios e Grupos de Pesquisas, e Prédio da Pós-Graduação (OURINHOS.UNESP, 2017).

Sobre o contexto econômico político espacial do campus vale mencionar que, apesar da mudança da zona norte para a região sul do município, se repete um problema que já ocorria no outro campus. Por ser afastado e não apresentar demanda expressiva, os horários de ônibus para o campus são demorados e limitam as possibilidades de trânsito por parte dos estudantes e moradores do bairro, que tendem a utilizar outros meios de transporte (FERREIRA DIAS, 2013). Também existem semelhanças no que diz respeito à função cumprida pelo prédio no espaço urbano, como a de valorização de determinada área perante o mercado imobiliário.

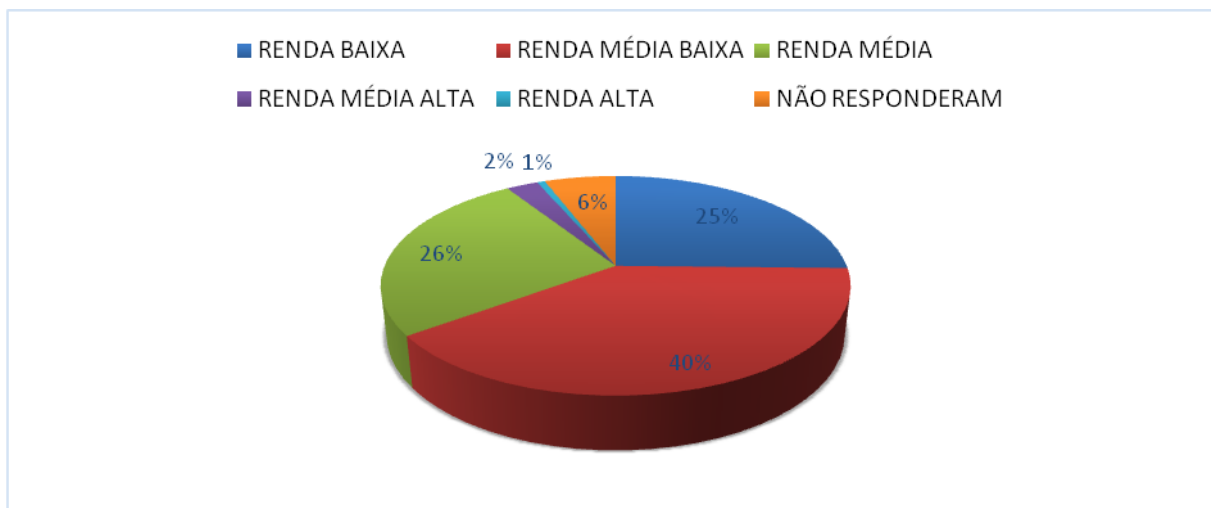
O campus não se localiza em uma área central, mas também não fica distante dela como antes. Situa-se no loteamento Ville de France, área com tendência à valorização e que recebeu bastantes investimentos infraestruturais em função do PAC⁴⁶ e da construção do campus (FERREIRA DIAS, 2013). Dessa vez o campus está mais integrado à cidade, mesmo que esteja distante de ser o suficiente e de o loteamento ainda não estar completamente preenchido de construções. Mais um ponto interessante é a observação de Franciele Ferreira Dias (2013) de que existe uma tendência ao enfraquecimento da Rodovia Mello Peixoto como um dos fatores desvalorizadores.

Sobre as classes sociais que transcorrem suas vidas no campus em questão, começaremos discutindo o segmento dos estudantes. Os mesmos, em 2016, declaram-se majoritariamente pertencentes à classe “D”. Seguidos pelo empate técnico entre aqueles que se declaram pertencentes às classes “C” e “E”. 2% afirmam pertencer à classe “B”, 1% à classe “A” e 6% não responderam. Conferem-se esses dados no Gráfico 35.

⁴⁵O prefeito foi acusado de destinar verbas do Ensino Fundamental I para setor não permitido (DEBATENEWS, 2007).

⁴⁶Interessante notar que a área em que o campus antigo se encontra também recebeu investimentos do PAC (FERREIRA DIAS, 2013).

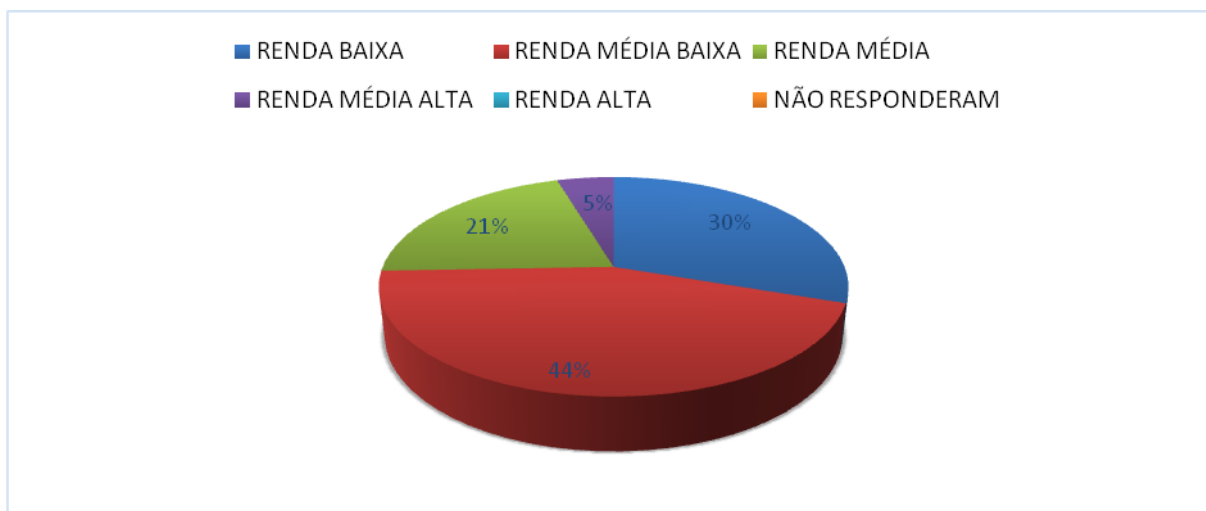
Gráfico 35 - Como os estudantes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017, o mesmo segmento da mesma UE apresentou alterações nas autodeclarações de classes. Dessa vez aqueles que se declaram pertencentes à classe “E” não apareceram. A classe “C” manteve-se na casa dos 20%, com pequena queda. A classe “B” subiu para 5%. A classe “A” saltou de 1% para 30% e a classe “D” manteve-se na faixa dos 40%, com um pequeno acréscimo de 4 pontos percentuais. As informações figuram o Gráfico 36.

Gráfico 36 – Como os estudantes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

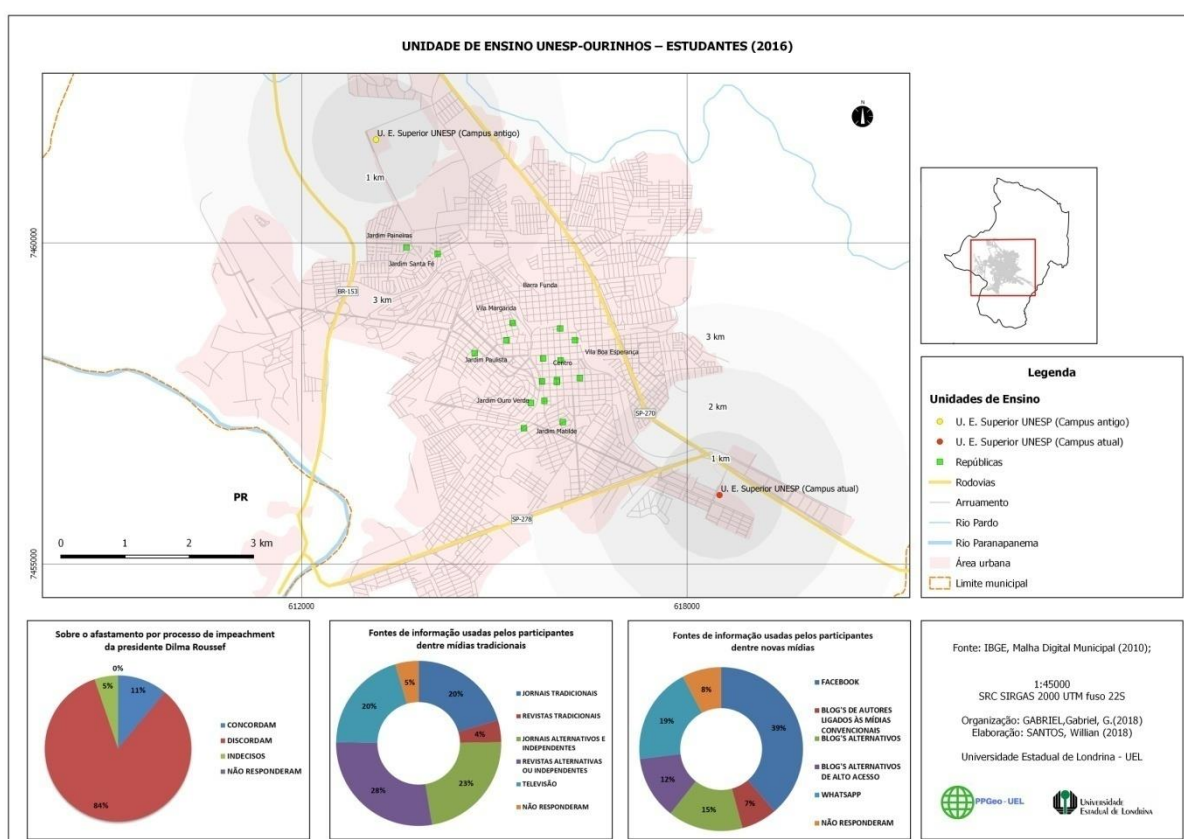
Esses dados referentes a autodeclarações socioeconômicas, não se distanciam das informações obtidas no Relatório da VUNESP (2016), excetuando o alto índice daqueles que se declaram pertencentes à classe “A” em 2017. Essa distorção pode ser produto de uma variação muito grande no perfil de ingressantes em 2017, ano não abarcado no relatório. Ou proveniente de uma noção micro que pode ser fornecida pela realidade socioeconômica dos estudantes dessa UE. Passamos agora às informações contidas no relatório.

No quesito econômico, a maioria (62,4%) dos estudantes da UNESP-Ourinhos possui rendimento familiar abaixo de cinco salários mínimos, o que fixa as suas rendas nas classes “D” e “E”, além de parte inferior da “C”. Muitos procuram se manter com recursos dos pais ou bolsas de estudos (em 2015, 37,5%). A maioria desses estudantes é oriunda do interior do estado de São Paulo. Provenientes de escolas públicas (45,8% em 2015 não frequentaram cursinho pré-vestibular). A maioria dos pais cursou até o ensino médio (VUNESP, 2016).

Ao confrontarmos esses dados dos estudantes com a base espacial por eles ocupada, no município de Ourinhos/SP, nos defrontamos com a peculiaridade proveniente dessa camada social. Muitos deles moram em *kitnets* espalhados pela cidade, principalmente no centro e em seus arrabaldes. Ou até mesmo em pensões. Porém, a maioria deles se reúne em grupos para alugar residências em conjunto,

uma estratégia econômica-social⁴⁷. É nessa última forma de residência estudantil, que percebemos o padrão e a estratégia espacial adotada por esses indivíduos. O modelo geral, aplicável à UE em questão, segue dois padrões: 1- Próximo ao campus, ou; 2- Próximo ao conjunto de serviços da cidade (centro, arrabaldes do centro, bairro de classe média e média baixa – muitas vezes próxima a pontos estratégicos da cidade como supermercados ou outros).

Podemos visualizar esses padrões no Mapa 5, em que localizamos as residências estudantis existentes nos anos de 2016 e 2017, inclusive, a repetição desses padrões nos levou a representar as residências estudantis em um só mapa, apesar da mudança de campus. Os questionários que forneceram as informações para os gráficos que constam no mapa foram aplicados em 2016.



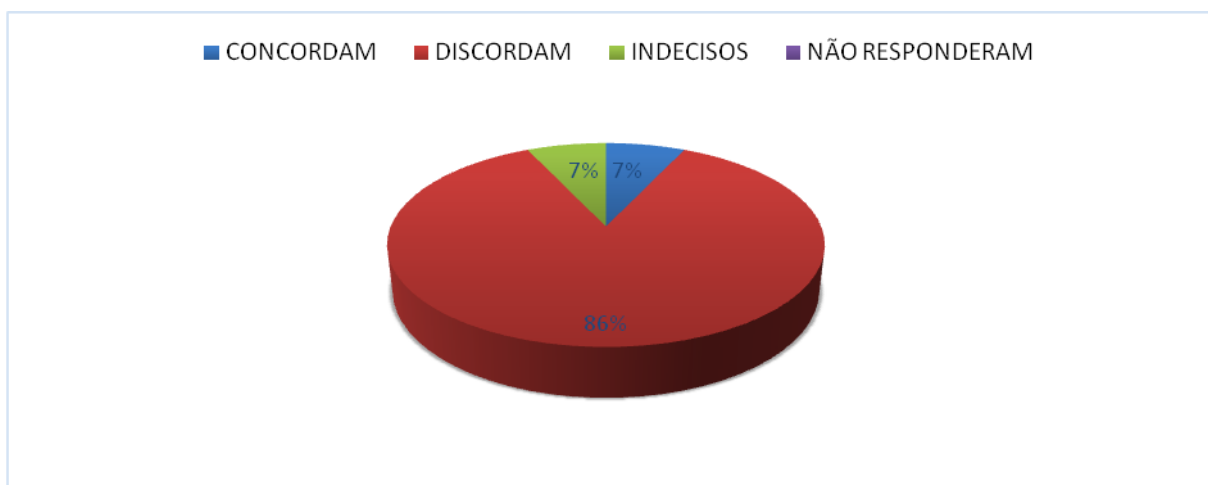
Esses estudantes declaram ser contrários ao *impeachment*, apresentando os baixos índices de concordância e de indecisão, respectivamente, de 11% e 5%. Os mesmos se informam principalmente por jornais tradicionais (20%), televisão (20%), revistas alternativas e independentes (28%) e jornais alternativos e independentes

⁴⁷Apesar de essa não ser uma escolha puramente econômica, a tendência é que as duas primeiras formas de residências estudantis citadas demandem maiores e melhores condições econômicas por parte dos estudantes e suas famílias.

(23%). Dentre as novas mídias *Facebook* e *WhatsApp* somam 58%, enquanto blogs alternativos e alternativos de alto acesso alcançam 27%. Os veículos midiáticos utilizados por esse segmento se caracterizam por pluralidade expressiva.

Em 2017, as posições quanto ao *impeachment* em 2016, pelo mesmo segmento da mesma UE, são ratificadas, como podem ver no Gráfico 37, com uma pequena queda daqueles que concordam e pequena ascendência daqueles indecisos.

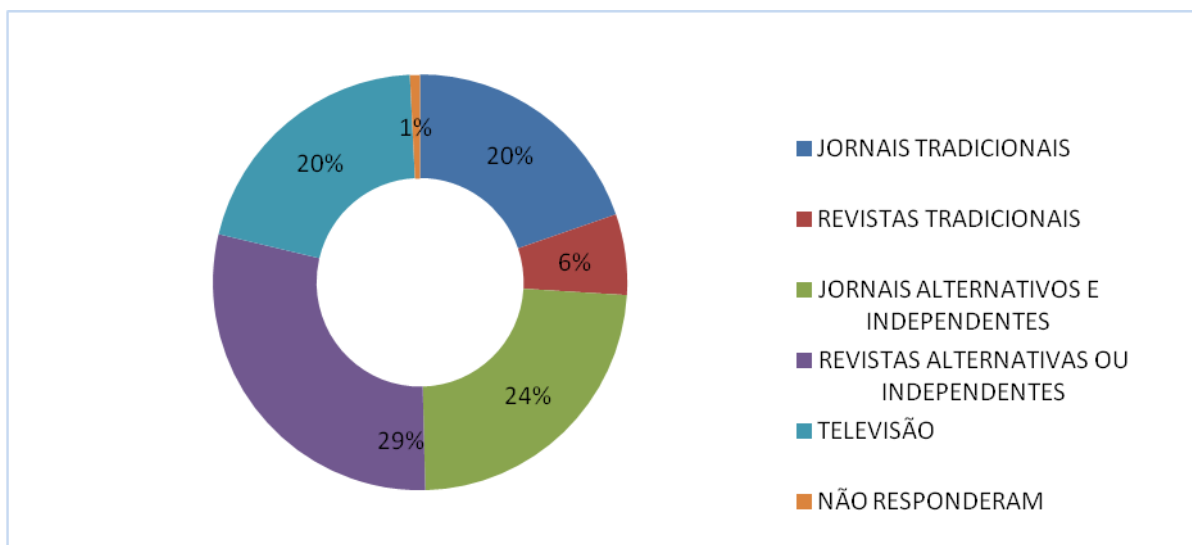
Gráfico 37 - Como os estudantes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.



Fonte: o próprio autor

Em 2017, as fontes de informação utilizadas pelos estudantes da UNESP reafirmam a pluralidade assinalada por eles na utilização desses veículos midiáticos no ano de 2016. Na faixa dos 20%, com as revistas alternativas ou independentes na dianteira e a televisão na retaguarda, também se encontram os jornais alternativos ou independentes e os jornais tradicionais. Por último, marcando 6%, vêm às revistas tradicionais, como é possível vermos no Gráfico 38.

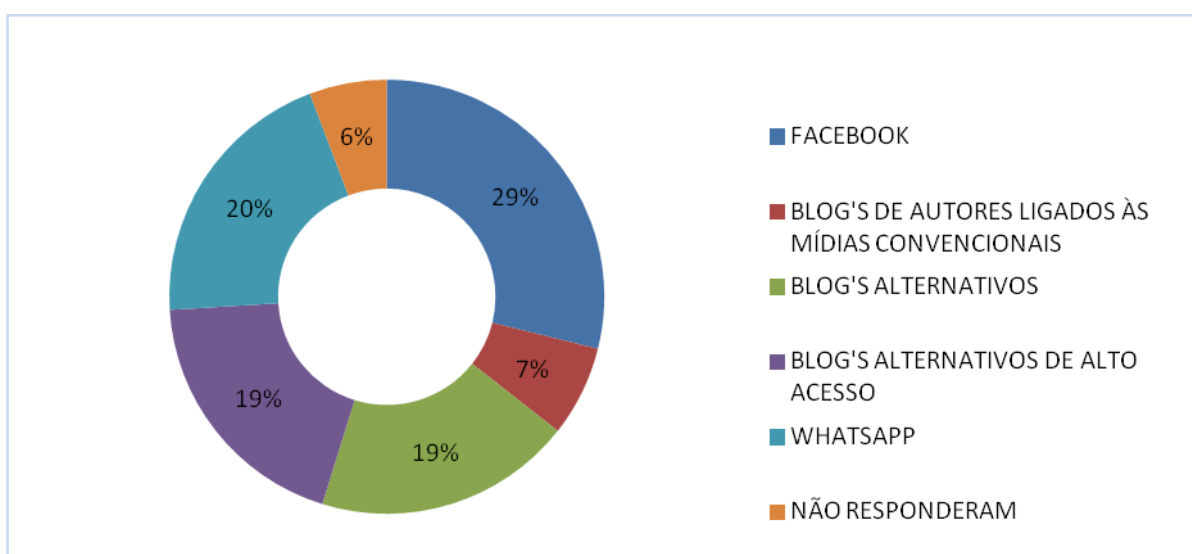
Gráfico 38 - Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UEUNESP, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

Ainda sobre os estudantes da UNESP, no ano de 2017, aquilo que mais se aproxima das mídias tradicionais, mas no âmbito das novas mídias, os blogs de autores ligados às mídias convencionais são os menos declarados. Emparelhados em torno dos 19% estão blog's alternativos, blogs alternativos de alto acesso e *WhatsApp*. Quem figura a frente dos demais é o *Facebook*, com 29%. A tendência à pluralidade de veículos midiáticos é mantida no segmento, como podemos observar no Gráfico 39.

Gráfico 39 – Fontes de informação consultadas pelos estudantes da UE UNESP, dentre novas mídias, 2017.

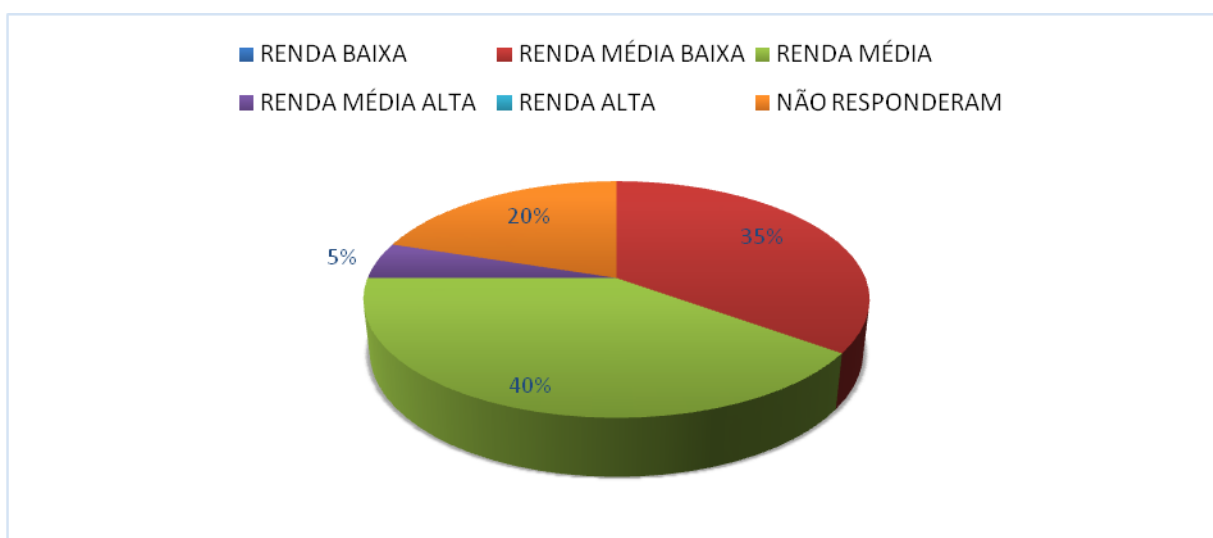


Fonte: o próprio autor

Sobre o segmento de servidores técnico-administrativos e docentes, a UNESP disponibiliza seus provimentos no portal UNESP. Os técnico-administrativos que trabalham em regime de 20H partem de um salário de R\$424,50, também existem os regimes de 30H e 40H, sendo que nesse último podem atingir salários de até R\$20.240,12 - 55 evoluções funcionais verticais e 12 horizontais depois (UNESP, 2018). Assim, podem transitar em um leque amplo de estratificações socioeconômicas partindo da “E” e chegando até a “A”.

Em 2016, os mesmos se autodeclararam, majoritariamente (75%), pertencentes às classes “C” e “D”. 20% não responderam e 5% declararam-se pertencentes à classe “B”. Essas informações são representadas no Gráfico 40.

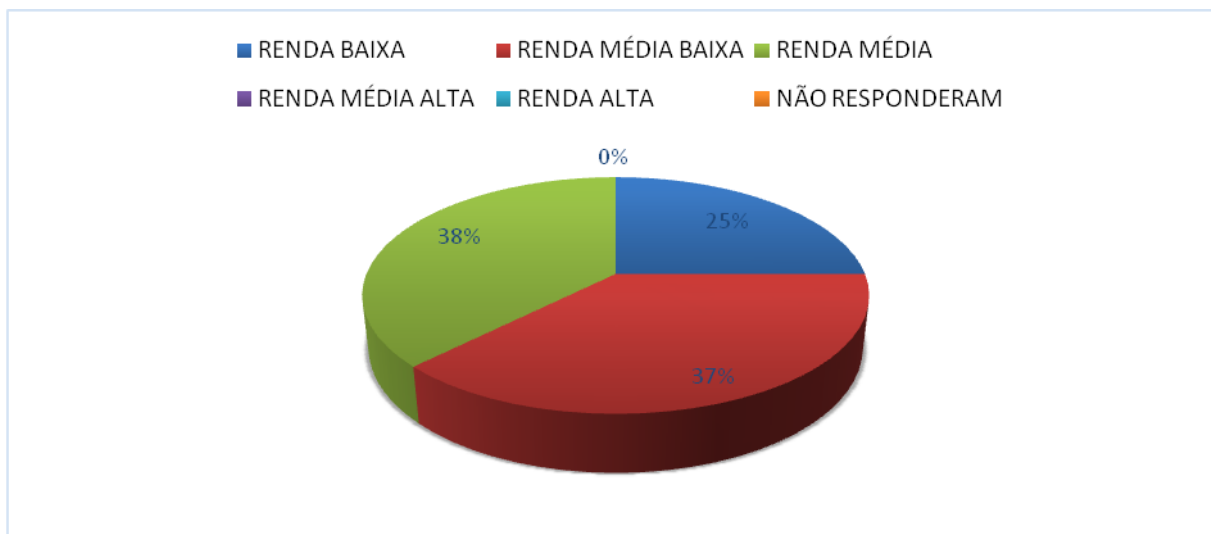
Gráfico 40 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017, o mesmo segmento manteve aqueles que se declaram pertencentes às classes “C” e “D” como maioria. Porém, dessa vez 25% se declararam pertencente à classe “E”, como é possível observar no Gráfico 41.

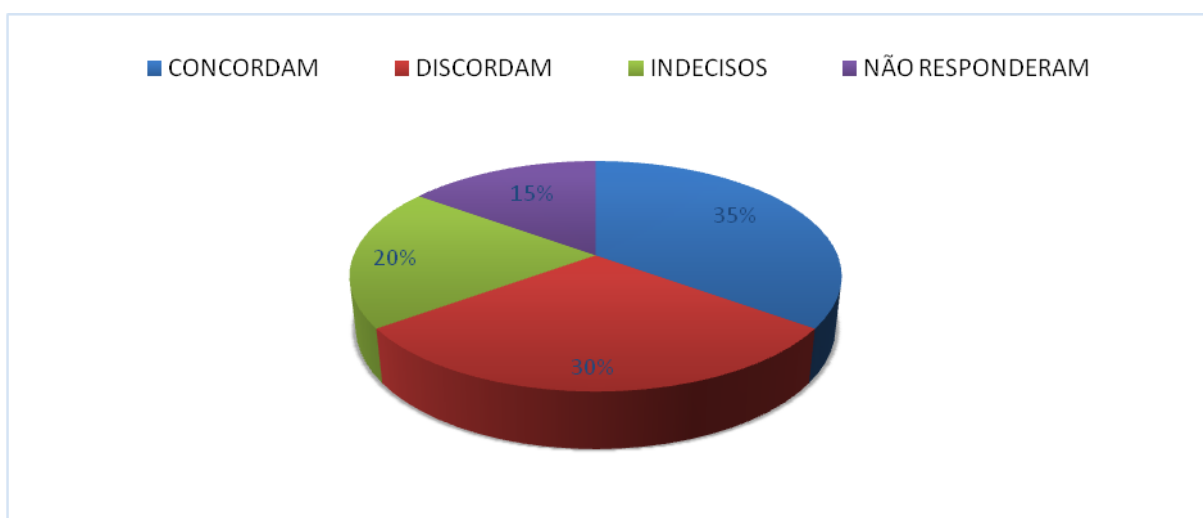
Gráfico 41 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

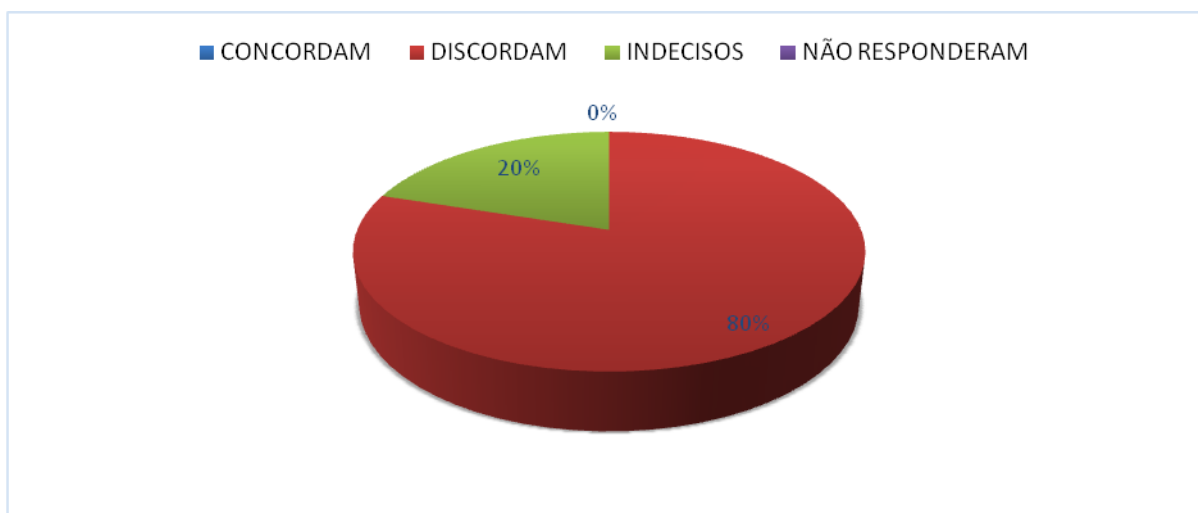
No Gráfico 42 observamos que servidores técnico-administrativos da UE UNESP, em 2016, se posicionaram de forma bastante dispersa em relação ao *impeachment*. Mesmo assim, aqueles que se declararam favoráveis constituíram maioria de 35%. Seguido dos contrários com 30%, indecisos marcaram 20%. Já em 2017, há uma mudança bastante expressiva. O número de indecisos se mantém em 20%, porém aqueles que discordam sobem a 80%, como será possível vermos no Gráfico 43.

Gráfico 42 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2016.



Fonte: o próprio autor

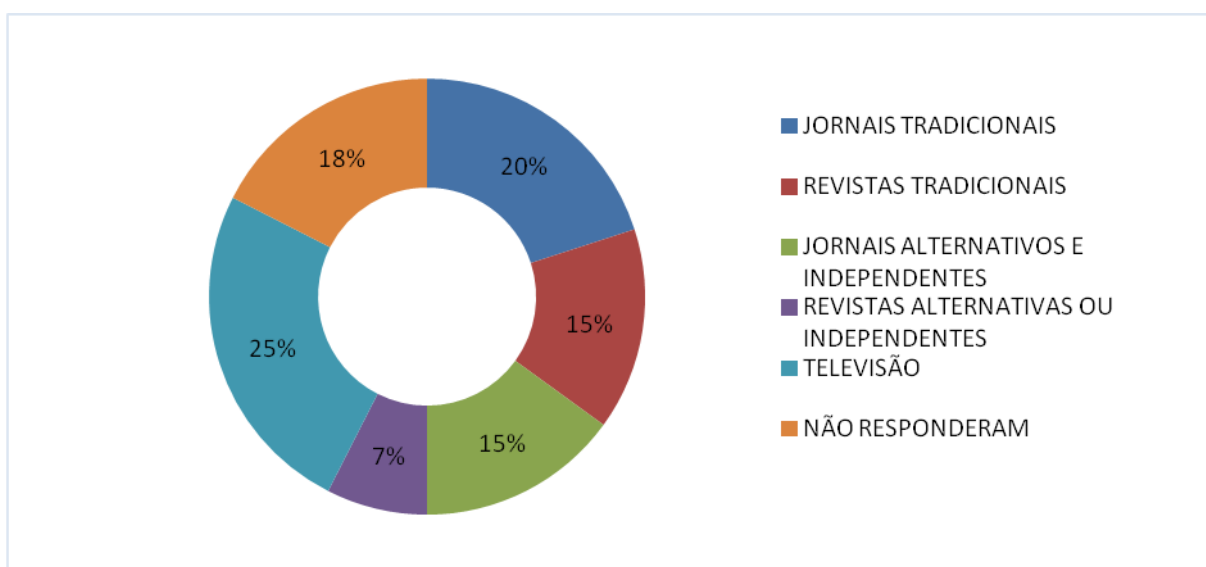
Gráfico 43 - Como os servidores técnico-administrativos da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, 2017.



Fonte: o próprio autor

Ainda sobre os servidores técnico-administrativos da UE UNESP, em 2016, no que tange as mídias tradicionais por eles consultadas, apesar de a televisão e os jornais tradicionais tomarem a dianteira, é possível notarmos certa pluralidade. Revistas tradicionais e jornais alternativos e independentes marcam 15%. Antes deles, aparecem aqueles que não responderam (18%), e, por último, vêm às revistas alternativas ou independentes com 7%.

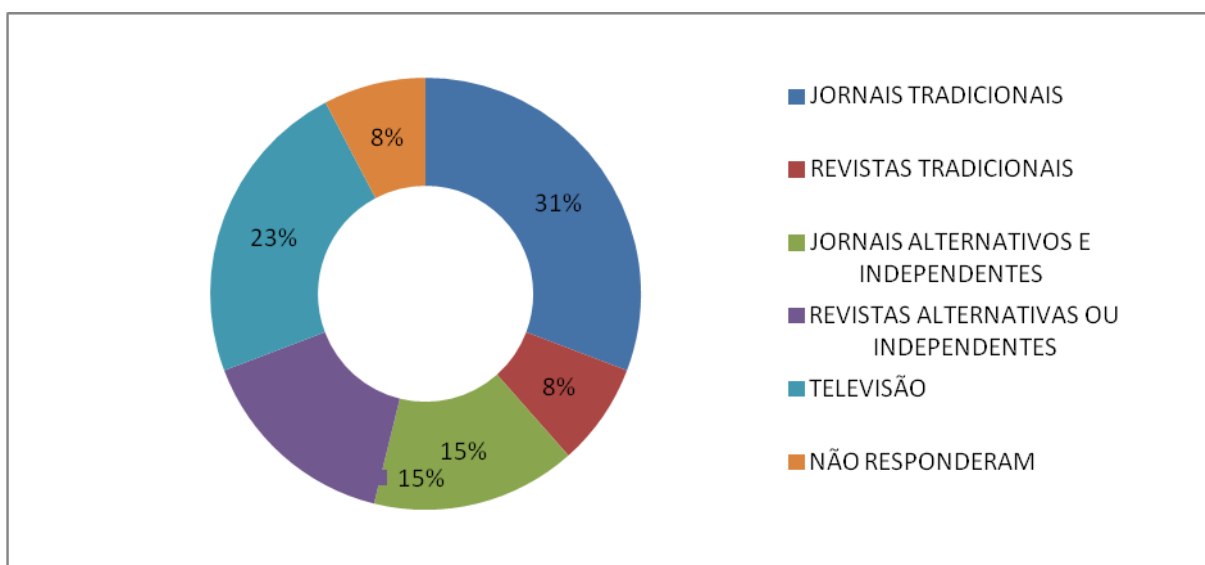
Gráfico 44 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017 os jornais tradicionais ultrapassam a televisão. A porcentagem dos que não responderam e dos que assinalaram consultar revistas tradicionais diminuiu. Assim, as revistas alternativas ou independentes crescem. Jornais alternativos e independentes se mantêm no mesmo patamar. Isso tudo é observado no Gráfico 45.

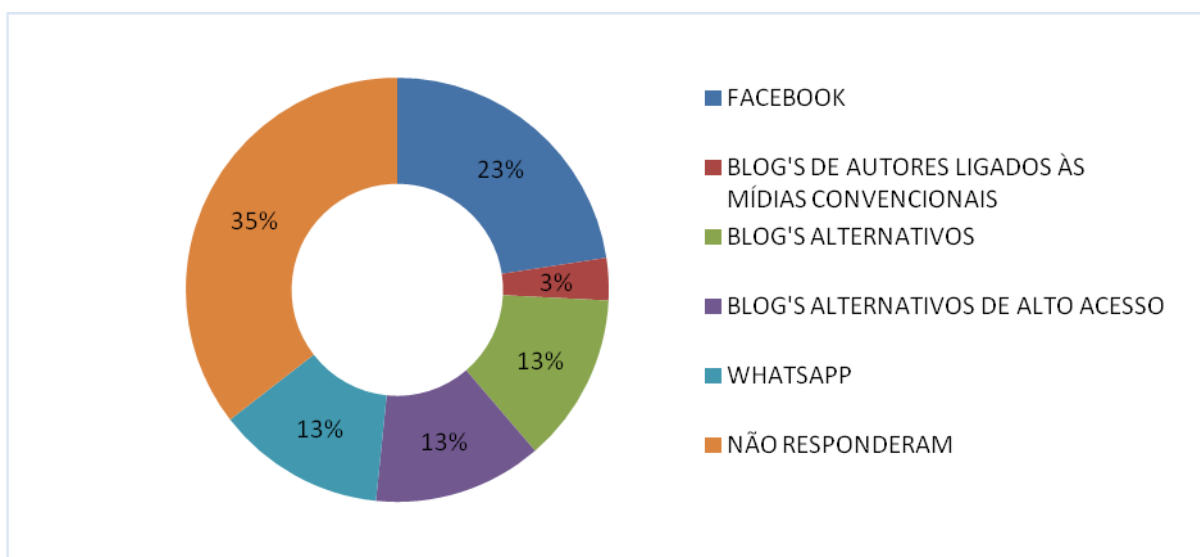
Gráfico 45 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

Em 2016, no mesmo segmento, da mesma UE, dentre as novas mídias 35% não responderam. Com porcentagem inferior vem na sequência o *Facebook*. Posteriormente, empatados com 13%, aparecem blog's alternativos, blogs alternativos de alto acesso e *WhatsApp*. Podemos verificar essas informações no Gráfico 46.

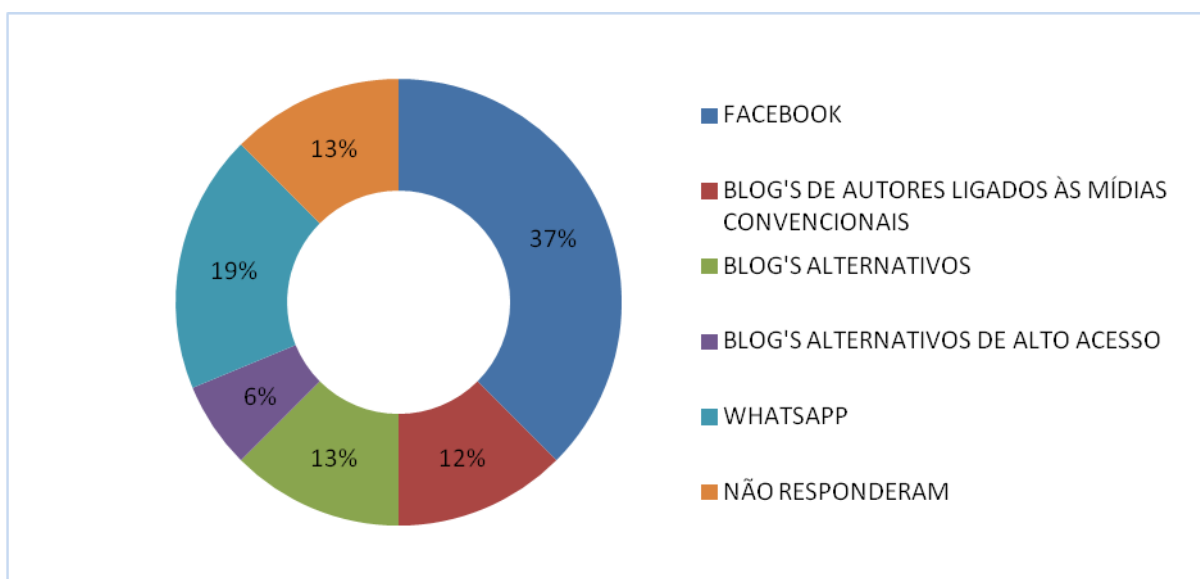
Gráfico 46 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UEUNESP, dentre novas mídias, 2016.



Fonte: o próprio autor

Em 2017, dentre as novas mídias consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, houve aumento na porcentagem daqueles que utilizam o *Facebook* e o *WhatsApp*. Os blogs de autores ligados às mídias convencionais diminuíram sua participação, assim como os blogs alternativos de alto acesso e aqueles que não responderam. Os blogs alternativos mantiveram-se em 13%. Essas informações configuram o Gráfico 47.

Gráfico 47 - Fontes de informação consultadas pelos servidores técnico-administrativos da UE UNESP, dentre novas mídias, 2017.

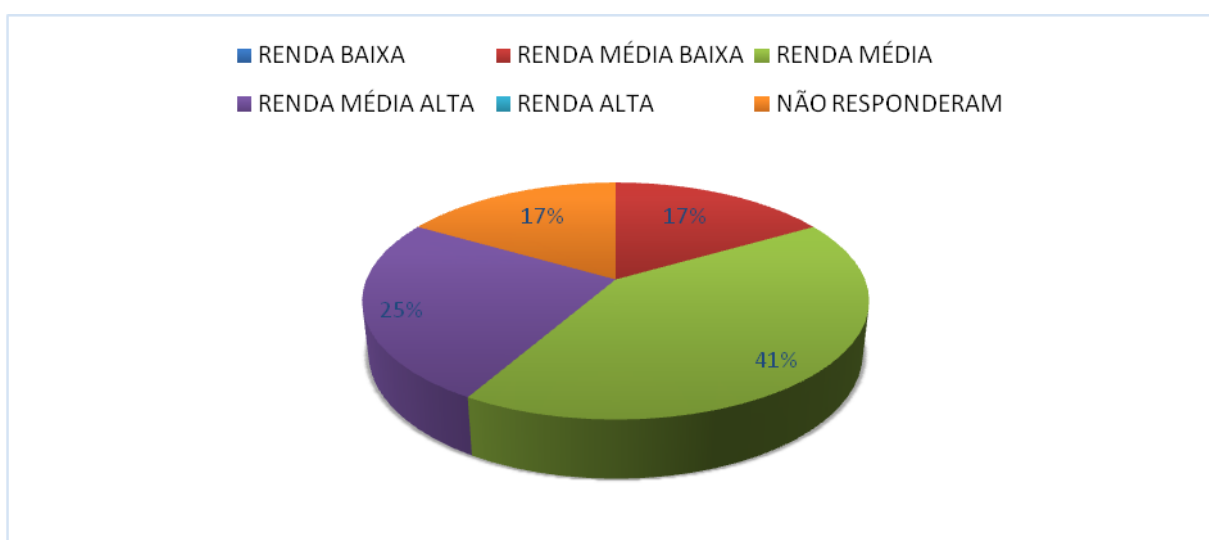


Fonte: o próprio autor

Passando agora aos docentes da mesma UE, sabe-se que os mesmos podem trabalhar em regimes de 12H, 24H ou 40H. Partindo de salários R\$888,94 podem chegar a salários de R\$15.631,40 com amplo trânsito dentro das estratificações socioeconômicas, partindo da “E” e chegando até a “A” (UNESP, 2018). Assim como ocorre com os professores da educação básica do estado de São Paulo, existe grande variabilidade nos direitos garantidos nas diferentes formas de contratação dos docentes. As três formas de contratação são: Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP); Regime de Turno Completo (RTC); Regime de Tempo Parcial (RTP) (UNESP, 2014). Sobre o plano de carreira da UNESP as categorias são as seguintes: Professor Assistente; Professor Assistente Doutor – níveis I e II; Professor Adjunto - níveis I, II e III e Professor Titular (UNESP, 2014).

Em 2016, os docentes da UNESP declararam majoritariamente pertencerem à classe “C”. Seguidos de 25% que se declararam pertencente à classe “B”. 17% declararam pertencer à classe “D” como podemos observar no Gráfico 48.

Gráfico 48 - Como os docentes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2016.

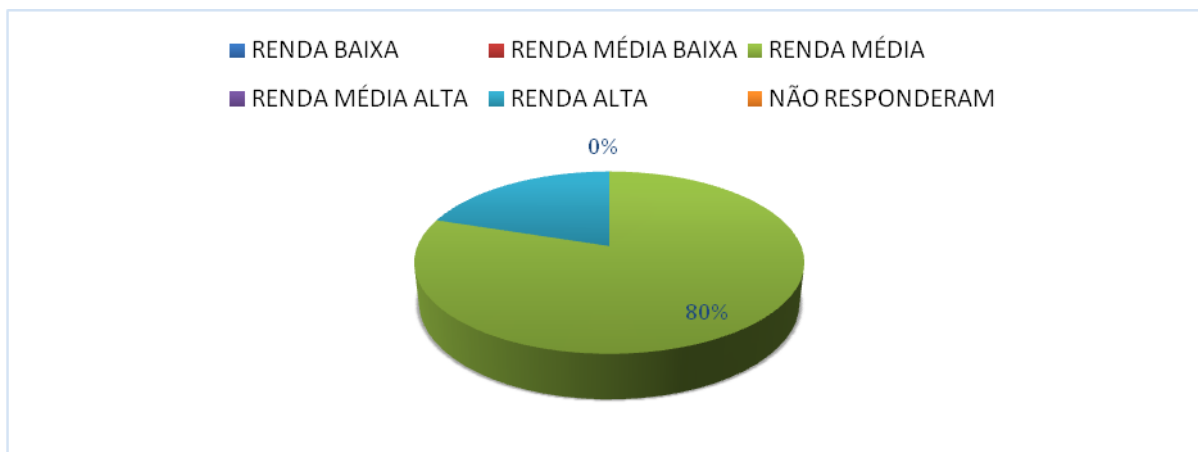


Fonte: o próprio autor

No Gráfico 49 percebemos que em 2017, dentro do mesmo segmento, da mesma UE, dobrou a porcentagem daqueles que se declararam pertencentes à

classe “C”. Nesse ano apareceram também aqueles que se declararam pertencentes à classe “A”, atingindo o índice de 20%.

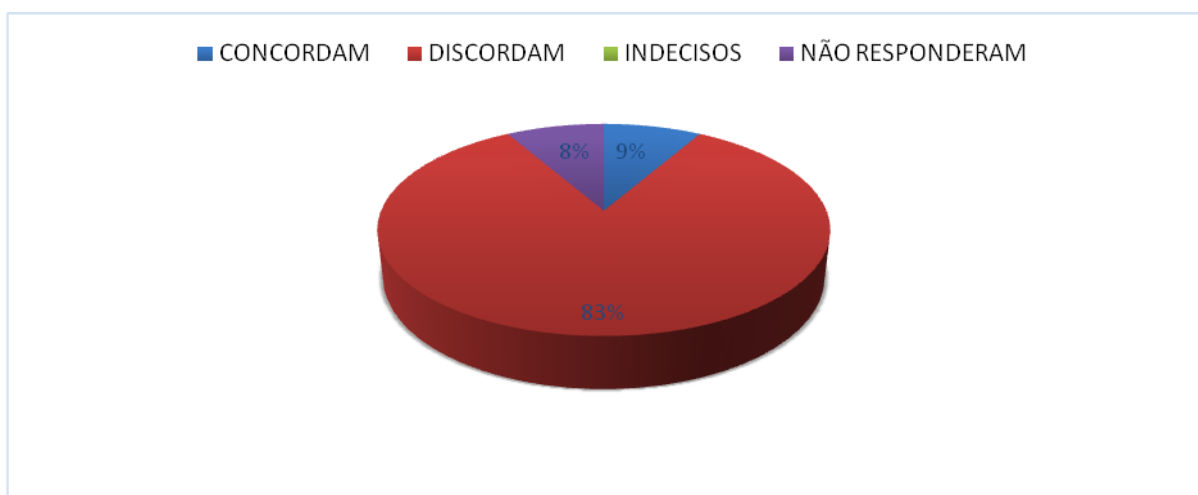
Gráfico 49 - Como os docentes da UE UNESP se consideram do ponto de vista econômico, 2017.



Fonte: o próprio autor

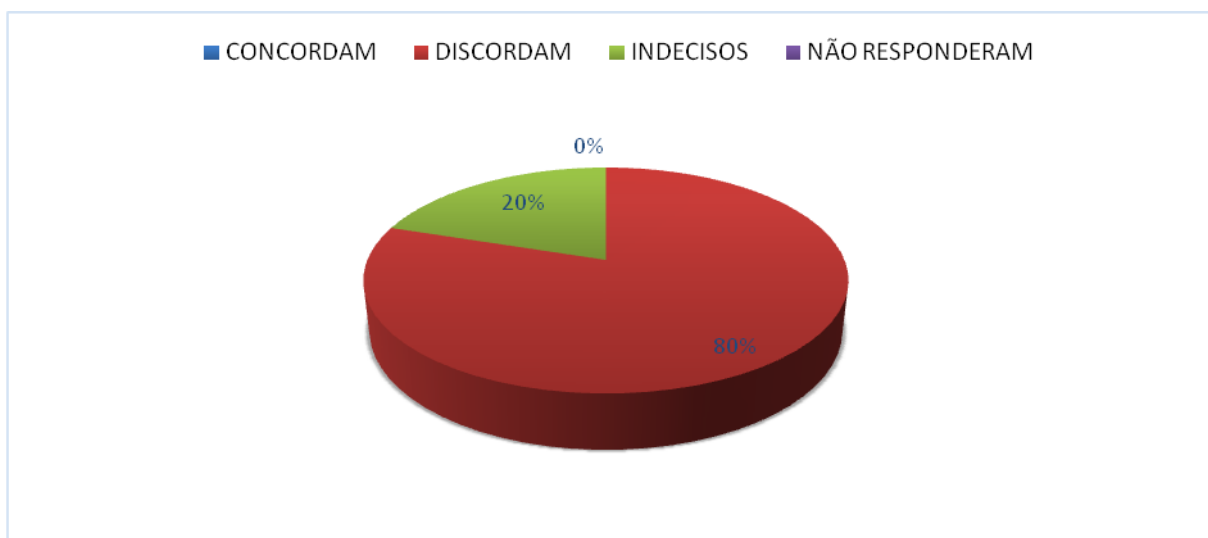
No Gráfico 50, percebemos que a maioria dos docentes da UE UNESP, em 2016, posicionou-se de forma contrária ao *impeachment*. Com baixos índices de ausência de respostas e de concordância com o processo político. Em 2017 mantiveram-se os mesmo patamares, porém ninguém manifestou concordância como revela o Gráfico 51.

Gráfico 50 - Como os docentes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2016.



Fonte: o próprio autor

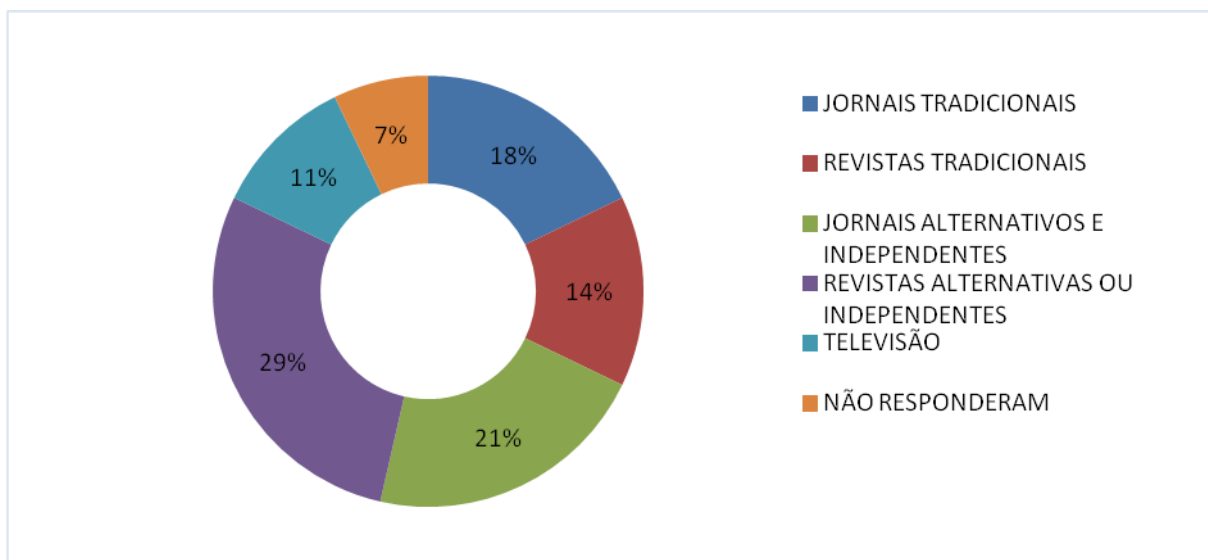
Gráfico 51 - Como os docentes da UE UNESP se posicionaram em relação ao afastamento por processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, 2017.



Fonte: o próprio autor

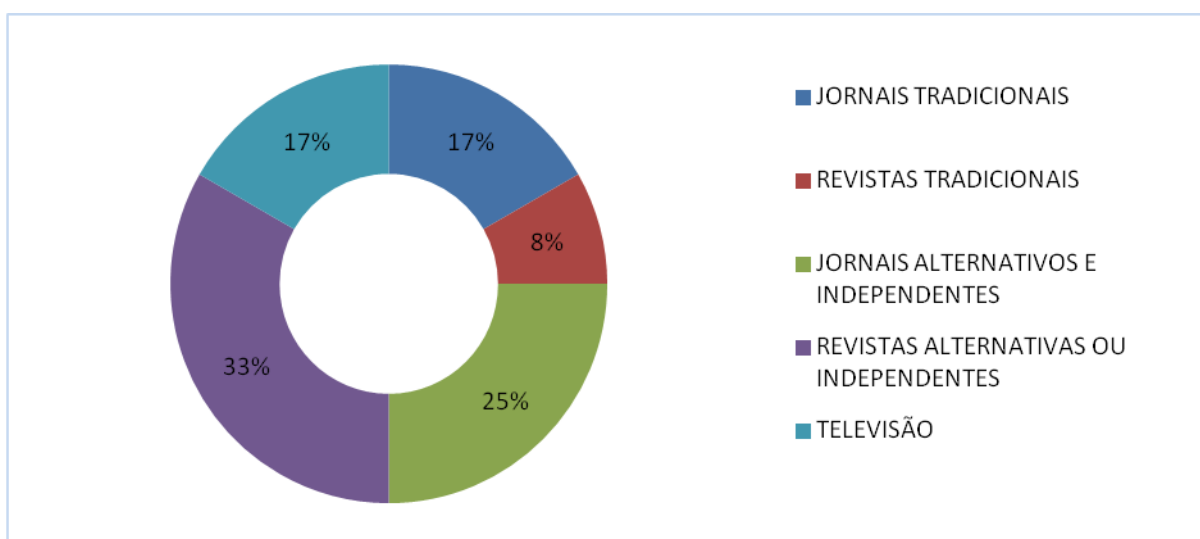
As revistas alternativas e independentes assumem a dianteira dentre as mídias tradicionais consultadas pelo segmento de docentes da UE UNESP, em 2016, no Gráfico 52. Na sequência aparecem os jornais alternativos, posteriormente os jornais tradicionais seguidos pelas revistas tradicionais. A televisão vem à frente apenas daqueles que não responderam e marcaram 7%. É notável a posição assumida pela televisão nesse segmento, que também demonstrou, além da tendência à consulta de veículos midiáticos alternativos ou independentes, certa pluralidade nas intensidades de consulta. Em 2017 são mantidos os mesmos padrões de índices de consulta com certa queda no que diz respeito às revistas tradicionais. É possível visualizar esses índices no Gráfico 53.

Gráfico 52 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2016.



Fonte: o próprio autor

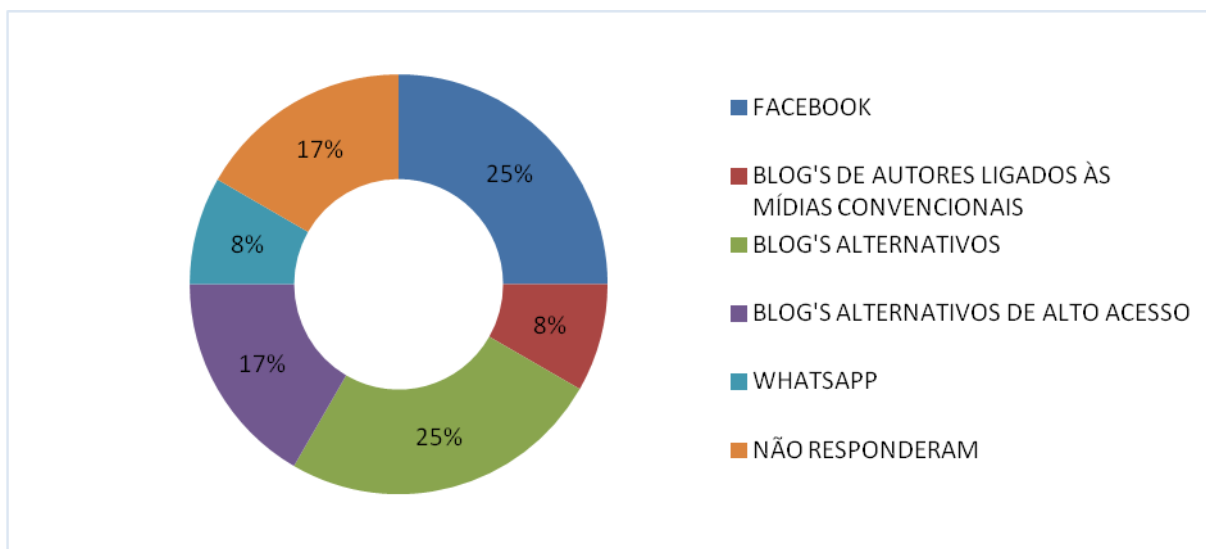
Gráfico 53 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre mídias tradicionais, 2017.



Fonte: o próprio autor

A seguir, no Gráfico 54, visualizamos também certa homogeneidade na distribuição, em pares, de veículos midiáticos consultados pelos docentes da UE UNESP. *Facebook* e blogs alternativos vêm em primeiro com 25%. Não responderam marcam os mesmos 17% atingidos por blogs alternativos de alto acesso. Chama atenção os apenas 8% atingidos pelo *WhatsApp*, igualmente aos blogs de autores ligados às mídias convencionais.

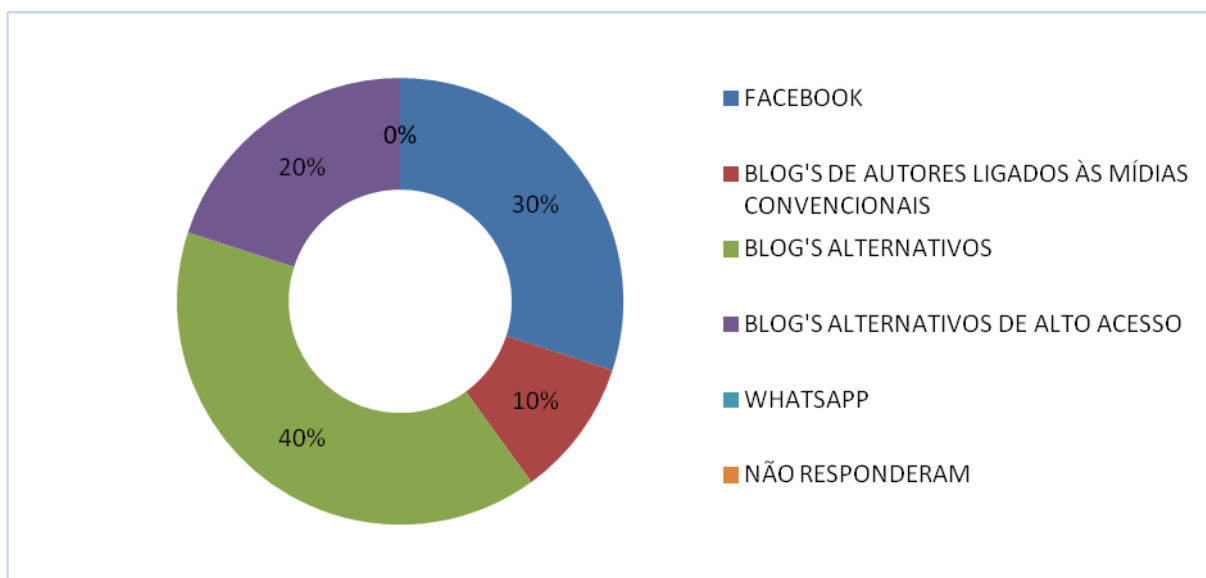
Gráfico 54 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre novas mídias, 2016.



Fonte: o próprio autor

As mesmas tendências são mantidas nas respostas proferidas pelo mesmo segmento, da mesma UE, sobre a mesma “espécie” de veículos midiáticos, em 2017. Chama a atenção o crescimento daqueles que declaram consultar blogs alternativos. A porcentagem salta de 25% para 40%, como podemos conferir no Gráfico 55.

Gráfico 55 - Fontes de informação consultadas pelos docentes da UE UNESP, dentre novas mídias, 2017.



Fonte: o próprio autor

3.5.4. E.M.E.F Professora Adelaide Pedroso Racanello

Essa UE que atende ao Fundamental I e II é municipal, portanto, os índices do IDESP não são abertos à consulta. Assim, a estrutura conta com 18 salas de aulas e 113 funcionários. Sendo que a mesma localiza-se na Vila Mano, próximo ao centro, um dos loteamentos antigos da cidade que estão passando gradativamente por uma substituição dos moradores de menor poder aquisitivo⁴⁸ vinculados à valorização do bairro, às mudanças no uso e no conteúdo social e à grande mobilidade populacional no período de 1990 a 2000, segundo Franciele Ferreira Dias (2013, p.101).

Essas características do bairro no qual se localiza a UE, somadas à tradição de escolas localizadas em áreas centrais de municípios no Estado de São Paulo, e especificamente, à tradição do Racanello de receber alunos provenientes de bairros distantes em busca de melhor qualidade de ensino-aprendizagem. Demonstram a tendência de o atendimento prestado ser direcionado a alunos com uma situação familiar de renda menos desconfortável. Infelizmente não pudemos confirmar ou refutar essa tendência por conta de a autorização à realização da pesquisa dentro dos muros da UE, ou seja, a servidores docentes e técnico-administrativos, além de aos estudantes não ter sido concedida pelo então Secretário Municipal de Educação e seus assistentes diretos. Essa negativa será abordada pouco mais a frente no texto.

Ainda assim é válido mencionar os rendimentos, outorgados em leis municipais, aos servidores docentes e técnico-administrativos para os compararmos as estratificações socioeconômicas baseadas no IBGE. Nesse sentido, seguem as jornadas de PEB II e suas respectivas faixas remunerativas, em 2018, de acordo com as evoluções funcionais: Jornada Inicial de 18 horas semanais (de R\$1.313,00 até R\$3.320,00); Jornada Básica de 27 horas semanais (R\$ 1.916 até R\$4.929,00) e a Jornada Completa de 39 horas semanais (R\$ 2.723,00 até R\$7.072,00).

Assim, percebemos que os PEB II que atuam na rede municipal de educação de Ourinhos/SP integram as classes 'E', 'D' e 'C', assim como os PEB II estaduais, porém, partem de um salário inicial superior, existem menos subdivisões de categorias, e não possuem a enorme variabilidade relacionada a direitos e

⁴⁸ A principal pressão política-econômica nesse sentido fica por conta do Imposto Territorial Progressivo Urbano (FERREIRA DIAS, 2013).

benefícios, de acordo com as categorias e formas de contratação, como no modelo estadual.

Os servidores técnico-administrativos contratados pelo município de Ourinhos/SP, para atuar nas atividades de apoio à educação, inserem-se nas categorias de inspetor de alunos ou secretário escolar. A faixa remunerativa na qual se encaixam abrange os valores entre R\$1.325,00 e R\$3.202,00, segundo a Lei Complementar nº985, de 17 de março de 2018. Sendo que a remuneração específica de cada servidor adequa-se com o nível de evolução funcional em que tal sujeito se encontra. Logo, esses servidores pertencem às classes “E” e “D”.

Nesta UE a aplicação de nossa pesquisa foi requerida oralmente para direção e coordenação, o que em todas outras UEs nos levou à assinatura de documentos que formalizassem a pesquisa, que entraram em contato com a Secretaria Municipal de Educação. Depois de aproximadamente duas semanas fomos orientados a protocolar uma solicitação na qual nos identificássemos, identificássemos a instituição a qual estávamos vinculados e apresentássemos carta de apresentação do orientador.

Isso é o que foi feito, na medida do possível, tendo em vista que ainda não estava inserido formalmente na pós-graduação, mas já contava com tema definido, o qual estava vinculado ao momento político pelo qual o país passava, com projeto em fase de elaboração, e com Trabalho de Conclusão de Curso, na área em questão, concluído. Esse protocolo do dia 03/05/2016 foi respondido em 05/05/2016 na carta de recusa que consta nos anexos desse texto.

Os argumentos formais giram em torno da ideia de que para comprovar a “seriedade e idoneidade” de uma pesquisa são necessários todos e somente os documentos citados acima, além de um parecer do Comitê de Ética da Instituição. Assim, a pesquisa foi indeferida pela ausência da totalidade da documentação, somada a curiosa alegação de que o pedido “[...] sequer foi assinado pelo solicitante [...]” que, por sua vez, não teve a oportunidade de conversar pessoalmente, uma vez sequer, com o pessoal da Supervisão Técnico Administrativa, que assinou o protocolo, e que poderia assinar o documento a qualquer pedida, tendo em vista que naquele momento atuava como professor da rede municipal de educação em questão.

3.6. *Análises, comparações e reflexões*

Para melhor compreendermos os processos linguístico-ideológicos, que permearam o Brasil no período abordado, é necessário compararmos algumas constatações referentes aos segmentos abordados dentro de cada UE, entre as UE e confrontarmos os dados com a teoria adotada. De início é válido voltarmos a Bakhtin (2006). No que cabe a nossa pesquisa, a reflexão que propomos, de que o espaço geográfico seria o “lago” no qual circulam as “ondas linguístico-ideológicas”, é válida parcialmente.

Esse processo de formação de ondas concêntricas na água com o cair de uma pedra é submetido às leis da natureza e da física. Quando humanizamos esse processo acrescentando espaço geográfico, linguagem e ideologia, a propagação passa a não ser exatamente como ondas concêntricas perfeitas. Teoricamente, o processo poderia ser até esse, porém, na realidade a resistência dos materiais sociais pelos quais as “ondas linguístico-ideológicas” se propagam são diferenciados – o que faz com que a reverberação tenha alterações de direção, velocidade e até de qualidade (de informação para desinformação, por exemplo).

A hipótese por nos aventada no início do texto - a linguagem se propaga no espaço geográfico respeitando sua configuração, por isso a batalha ideológica da sociedade contemporânea passa pela dominação hegemônica da linguagem e suas contradições – revela-se pertinente. Porque, ao considerar a configuração espacial, consideram-se automaticamente as resistências diferenciadas dos materiais sociais. Acrescenta-se a isso uma espécie de medidor das resistências desses materiais, as práticas espaciais.

Percebe-se que a ideia de Eagleton (1997), de que a ideologia emana da prática, faz-se presente nos dados. Isso é percebido por meio dos padrões de respostas, pertinentes aos segmentos abordados, em consonância com os espaços vividos pelos sujeitos. É possível verificarmos nos Quadros 4,5 e 6 algumas diferenças e semelhanças nos perfis de consulta a veículos midiáticos e opiniões sobre o *impeachment*, por parte dos diferentes segmentos abordados, dentro de todas as UEs.

Quadro 4 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* na UE Josepha Cubas.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
Estudantes	Baixa	Concordam	Não
Técnico-administrativos	Média	Discordam	-----
Docentes	Alta	Discordam	Não

Fonte: o próprio autor

Quadro 5 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* na UE Virginia Ramalho.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
Estudantes	Baixa	Concordam	Não
Técnico-administrativos	Baixa	Concordam	Não
Docentes	Alta	Discordam	-----

Fonte: o próprio autor

Quadro 6 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* na UE UNESP-Ourinhos.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
Estudantes	Alta	Discordam	Não
Técnico-administrativos	Alta	Discordam	Sim
Docentes	Alta	Discordam	Não

Fonte: o próprio autor

Também é possível verificarmos algumas diferenças e semelhanças nos perfis de consulta a veículos midiáticos e opiniões acerca do *impeachment*, por parte das diferentes UE, dentro de todos os segmentos abordados. Isso é enfatizado nos Quadros 7,8 e 9. Dessas constatações infere-se que as práticas contextualizadas espacialmente constituem importante termômetro ideológico.

Quadro 7 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* dentre os servidores técnico-administrativos.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
EE Josepha Cubas	Média	Discordam	-----
EE Virginia Ramalho	Baixa	Concordam	Não
UNESP-Ourinhos	Alta	Discordam	Sim

Fonte: o próprio autor

Quadro 8 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* dentre os servidores docentes.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
EE Josepha Cubas	Alta	Discordam	Não
EE Virginia Ramalho	Alta	Discordam	-----
UNESP-Ourinhos	Alta	Discordam	Não

Fonte: o próprio autor

Quadro 9 - Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* dentre os estudantes.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
EE Josepha Cubas	Baixa	Concordam	Não
EE Virginia Ramalho	Baixa	Concordam	Não
UNESP-Ourinhos	Alta	Discordam	Não

Fonte: o próprio autor

Algo que chamou bastante atenção foram os altos níveis de consulta ao *Facebook* e ao *WhatsApp*, como veículos midiáticos. Esses veículos midiáticos figuraram como amplamente – senão os mais – consultados dentro de todos os segmentos, de todas as UE abordadas, independente de opiniões majoritárias contrárias ou favoráveis ao *impeachment*. Isso demonstra o poder dessas redes sociais como inculcadoras de ideias que atuam no leque ideológico total, da direita à esquerda. Sobre os demais suportes e práticas espaciais - os sindicatos se mostraram bastante evidentes como suportes de práticas espaciais insurgentes que se associaram ao posicionamento contrário ao *impeachment*.

No mais, as ausências de algumas respostas também merecem ser comentadas, pois, pode revelar algo ideológico em si (e talvez para si) como o caso de indivíduos que se recusaram a responder ao questionário devido a seu teor político e seu “desinteresse” pelo assunto. Ou conjuntural como o caso do servidores-técnico administrativos da UE Josepha Cubas em 2016 que se encontrava em pequeno número, no turno noturno, e sem condições de tempo de fazê-lo em virtude de demandas da escola no momento da aplicação.

Os docentes do período noturno da UE Virginia Ramalho em 2017 se encontravam em pequeno número, sendo que alguns se negaram a responder aparentando desinteresse, e outros, comprometidos com outras atividades no momento. Houve 1 professor que respondeu, mas desconsideramos os dados a níveis de amostra.

Por fim, o conceito de Guerra Híbrida desenvolvido por Korybko (2018), faz-se pertinente. Se todos os processos ideológico-linguísticos podem ser mensuráveis a partir do espaço. Podem também ser sugestionáveis mediante o próprio espaço, como demonstram os direcionamentos assumidos pelo caso brasileiro. O início de uma batalha linguístico-ideológica espacial, em 2013, nitidamente por mais direitos – como exemplifica a bandeira de redução da passagem - pode levar, ao fim, à redução dos direitos. Como demonstra o caso da aprovação, em 2016, por parte do regime instituído com o *impeachment*, da Proposta de Emenda Constitucional, referente ao congelamento dos gastos públicos pelos 20 anos posteriores a sua aprovação (UOL, 2016).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o cenário ideologicamente denso que se impõe sobre a vida do cidadão comum, em especial dos ourinhenses abordados na pesquisa, fazem-se necessários artifícios teóricos igualmente densos para a análise dessa realidade. No caso, nosso alicerce teórico foi o materialismo-histórico-dialético que se sintetiza, no caso do texto em questão, nas relações contraditórias entre espaço e sociedade; espaço e linguagem; espaço e ideologia; ideologia e linguagem; e espaço e práticas-espaciais.

Para abordar essas contradições associamos as condições espaciais nas quais os sujeitos estavam imersos as opiniões política-ideológicas demonstradas por meio de questionários. Para fazermos isso de uma perspectiva dialética buscamos compreender todas as partes de cada fenômeno associando-as entre si. Para assim atingir o tocante a hipótese central do texto – de que a ideologia e a linguagem se propagam pelo espaço geográfico em contato com as contradições das mais variadas substâncias.

Foram coletados dados primários nas unidades de ensino, analisados e organizados em formas visuais como gráficos e mapas. Esses produtos foram inseridos no texto de forma que fossem colocados em contato entre si e sobrepostos com teorias, hipóteses e análises. Essas teorias, hipóteses e análises já encontravam-se imersas nos temas apresentados nos próprios questionários, mas também na contextualização socioespacial daquele recorte espacial ou de classes.

O espaço geográfico composto por formas-conteúdo, objetos e ações, o *locus* de múltiplos encontros e entrecruzamentos que se dão nas práticas espaciais fornece as condicionantes espaciais às quais os sujeitos estão sujeitos. Essas condicionantes espaciais formam um leque muito amplo no que diz respeito ao espaço e práticas, abrangendo desde aspectos ideológicos e linguísticos até os econômicos e belicistas, passando pelos de cunho formativo e educacional.

É nesses últimos que a contextualização espacial da formação humana revela-se como um catalisador de explicações acerca de questões ideológicas - desde que a ideologia seja vista como um reflexo complexo vinculado à prática e a “verdade” ou “falseabilidade” da realidade. Até porque a linguagem aglutina essa “teia”, enquanto um sistema de significantes e significados em movimento. Uma

categoria que permite interpretações sobre esses fenômenos é a prática espacial, pois, a mesma é regida pelo trabalho e interage com a “teia” estabelecida modificando-a ou conformando-se a mesma. Nela, linguagem e ideologia em contato constante imbricam-se e separam-se com objetivos ora únicos ora discrepantes.

A formação socioespacial de Ourinhos/SP revela uma cidade do interior paulista de base econômica principalmente comercial e agropecuarista, mas também industrial. Bem localizada do ponto de vista logístico conta com abundantes conexões ferroviárias e rodoviárias. Surgida em um contexto regional de expansão econômica e territorial a cidade tem seu porte espacial de influencia e poder demarcado até os dias de hoje – com seus aproximadamente 100.000 habitantes. Compõe o estado de maior PIB da federação e conta com densa rede tecnológica e comunicacional se comparada a certos padrões brasileiros aos quais se encaixa. Claro que a região e especificamente a cidade possui muitas desigualdades – no caso do município a história e o estado atual da segregação residencial são reveladoras nesse sentido.

A permanência de uma área próxima ao centro como área segregada desde o início da cidade até os dias de hoje só poderia funcionar mediante a criação de áreas mais distantes e mais precarizadas na periferia do município, o que, a nosso ver, criou também efeitos ideológicos – como o simples fato de a periferia social próxima ao centro da cidade ser comumente chamada de “abaixo da linha” e identificar-se com as classes sociais de poder aquisitivo mais baixo, como verificado na pesquisa.

Por esse espaço urbano municipal se espalham práticas espaciais das mais variadas. Percebe-se a importância da consideração dos “suportes” socioespaciais, como condicionantes espaciais a essas práticas. Assim, Unidades Educacionais, Cultura, Associações de Moradores, Organizações Sociais, Sindicatos e Mídia são associados na leitura das práticas e ideias que compuseram, circularam e circulam historicamente na cidade. Nesse sentido as práticas insurgentes que acontecem no município revelaram-se minoritárias, porém, presentes em forma similar a de “infiltrações” ideológicas nos mais diversos suportes espaciais. O que dá o tom dessas práticas, para além de seus suportes espaciais, mas a eles vinculadas são as lutas de classes.

As lutas de classes ocorrem nas mais diversas escalas desde a local (micro) em bairros, passando pelas cidades e pelas regiões até se expressarem no Estado-

nação e seus conflitos internos e externos (macro). Interessante notar que essas dimensões esclares não querem dizer exatamente que o local “X” esta travando a luta de classe contra o local “Y”, ou contra a região a “S”, ou contra o Estado “Z”. As lutas de classes transcorrem por essas escalas, às vezes internas a elas, às vezes entre elas. Assumindo as mais variadas formas, e podendo atingir a expressão máxima da transnacionalidade.

No sentido de lutas de classes transnacionais e o papel do Estado destacam-se os movimentos de estratégia e tática civil-militares desempenhados, ultimamente para manter o poder imperialista dos EUA, no âmbito da Guerra Híbrida. Essa última prima por abordagens indiretas e, portanto, em grande parte das vezes ideológicas. Assim as instituições formadoras diretamente educacionais e as indiretamente educacionais podem servir aos propósitos da Guerra Híbrida, no caso das últimas, por seu caráter imediatista presente para além das redes sociais, nas mídias convencionais também. E no caso das primeiras na constituição dos “sensores” ideológicos – os sujeitos que praticam a ideologia em seu dia-a-dia, de forma consciente ou inconsciente, de forma velada ou explícita.

É evidente no Brasil de 2013 a 2018 um invólucro de Guerra Híbrida. Um *impeachment*, a prisão de políticos, de grandes empresários e até de um ex-presidente, greves, passeatas, ocupações, espionagem externa e interna, manifestações políticas explícitas e implícitas desde a mídia até as instituições profundas do Estado – como o serviço militar. Em acordo com as diferentes escalas em que transcorrem as lutas de classes esses fenômenos foram vivenciados pelo espaço brasileiro em diferentes densidades e alcances. Ourinhos/SP, membro da região concentrada do país, sediou alguns desses fenômenos que em última instância podem ser vistos como batalhas ideológicas (claro que de cunho linguístico e prático).

A concretização dos resultados ideológico-linguísticos dessa Guerra Híbrida pode ser verificado nos reflexos e refrações dentro do espaço urbano do município. Para isso foram abordadas quatro unidades de ensino situadas no perímetro urbano. Na observação teórica-empírica sobre as mesmas foi possível perceber as classes socioeconômicas e espaciais em relação com as opiniões dos sujeitos abordados. A estrutura midiática mostrou-se como um importante catalisador de formações ideológicas de modo que *Facebook* e *WhatsApp* despontaram como veículos

mediáticos mais utilizados em todo o amplo espectro político ideológico – aqui representado pelas opiniões favoráveis e contrárias ao *impeachment*.

A pluralidade na consulta a veículos midiáticos marcou sua presença, porém, o tom da diferenciação de opiniões ficou evidente nas contextualizações educacionais, econômicas e de trabalho. Isso também demonstrou que a própria pluralidade de ideais na forma de pluralidade midiática também contribui para o ambiente de dissonância cognitiva. Interessante notar que seguimos a perspectiva de que a superestrutura manifesta-se como reflexo da estrutura, e que a estrutura brasileira vinha se complexificando com certa prosperidade econômica.

Esse cenário formava uma espécie de pêndulo econômico-ideológico, que tendia ao ganha - ganha muito, respectivamente, às classes trabalhadoras e às dirigentes. Isso acabava por escamotear as verdadeiras engrenagens do poder Estatal no capitalismo periférico. Essa conjuntura mudou com o sufocamento das pretensões subimperialistas brasileiras, patrocinado, em partes, por frações nacionais e internacionais.

Nesse teatro a burguesia nacional, no intuito de manter ou aumentar as taxas de lucro, direciona facilmente suas ações no sentido de potencialização aguda do neoliberalismo em detrimento das condições de vida da classe trabalhadora. Esse processo todo é bem amparado ideologicamente e boa parte da classe trabalhadora passa a ver como amigos diferentes vultos do grande capital. E enchergam os benefícios concedidos pelo Estado, muitas vezes a estratos socioeconômicos semelhantes ao seu como inimigos.

Essa distorção ideológica só é possível sobre uma base de recepção ideológica bastante preparada para isso. É o caso da formação humana no capitalismo, hoje, sob as rédeas do neoliberalismo. Nessa formação, a linguagem como produtora e reprodutora ideológica é descartada em nível de forma e extremamente considerada em nível de essência. Os conhecimentos técnicos sobre os processos linguístico-ideológicos são claramente utilizados em prol das classes dirigentes

O espaço se revelou como constructo capaz de desmistificar esses caminhos linguístico-ideológicos. Assim, enriquecer teoricamente as análises pertinentes ao espaço geográfico, com as práticas espaciais, revelou-se pertinente para esclarecer a sobreposição de poderes que pode ocorrer no mesmo recorte espacial. Essa

noção de práticas espaciais também contribui na ponderação do papel da mídia no processo todo.

A mesma, sem dúvida, conduz com amplos poderes, porém, nada seria sem um campo humano para trabalhar. Nada faria em mentes blindadas ideologicamente por meio da eficiência na dominância do diálogo interior. A pluralidade de fontes de informação constituiria um obstáculo para o próprio controle ideológico almejado por parte da mídia. A Guerra Híbrida ao executar-se como revolução colorida, com ampla utilização das redes sociais e como guerra assimétrica, no caso do Brasil, em níveis jurídicos e não bélicos (pelo menos até meados de 2019), assimila esses padrões de produção e reprodução linguístico-ideológicos para direcioná-los de acordo com os interesses das classes dirigentes.

É certo que o processo não é totalmente previsível e isso acarreta em alguns conflitos e “dança das cadeiras” internas. No Brasil está nítido que os militares que se posicionavam como garantidores do processo em 2016, com o passar dos anos tornaram-se um grande centro de poder político em 2019. Ora mais próximo, ora mais distante do judiciário e da mídia, os quais disputam a centralidade da formulação da hegemonia.

Na outra extremidade existem os cidadãos comuns, membros da classe trabalhadora, das classes baixas e médias, que estão sendo submetidos a um cotidiano linguístico-ideológico de guerra. Isso se tornou bastante visível com as associações evidentes entre consultas a veículos midiáticos e as opiniões. Não é somente a quantidade ou a qualidade (qual campo do espectro ideológico a mídia ocupa) das mídias que se altera junto das opiniões, mas também as formas de consulta e de interação com as mesmas.

Quais e como os espaços são praticados pelas pessoas importa uma qualidade diferenciada aos processos ideológico-linguísticos vividos, pois a associação entre espaço e prática permite a elucidação não só de ações, mas também de motivações das mesmas e, portanto, de teorizações que se aproximam do concreto sobre a realidade em questão. Assim como a fertilidade teórica proveniente das redes sociais serviu à Guerra Híbrida, a análise prática-espacial também serve às classes dirigentes e às classes trabalhadoras.

As opiniões contrárias ao *impeachment*, em Ourinhos/SP se formaram em torno das 3 categorias socioeconômicas abordadas: docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes. Porém é na primeira que se percebe com maior

robustez. As práticas insurgentes de luta sindical e estudantil acompanharam as opiniões contrárias ao *Impeachment*.

É fato que os baixos níveis de pluralidade midiática encontrados majoritariamente nos entrevistados que se manifestaram a favor do *impeachment* é um dado relevante. Porém chama-se a atenção para o fato de que a diversidade de informações e até as contradições entre elas são terreno fértil para a Guerra Híbrida também.

As opiniões permearam as mais variadas combinações entre contextos espaciais e socioeconômicos, revelando certa confluência entre valores linguístico-ideológicos e práticas espaciais, como é o caso dos pesquisados na UE Josepha Cubas, que localizados em área tão ou mais segregada socioespacialmente que aqueles ligados à UE Virginia Ramalho, declararam-se pertencentes a estratificações socioeconômicas de maior poder aquisitivo que os da segunda.

Também se aferiu que os casos de distorção ideológica aparentemente são inerentes ao capitalismo, especialmente no que tange problemas e soluções para as mazelas por ele impostas à sociedade. O capitalismo sempre funciona com uma forma, uma aparência e diferenciado conteúdo - outra essência. Algo como comentou um dos estudantes sobre a possível corrupção presente em pastores evangélicos: “é problemático, pois sempre houve aproveitadores, porém, se ele faz algo errado terá de se ver com Deus!”.

Na fala do estudante e no capitalismo em si, os problemas terrenos são transplantados para níveis puramente ideais num piscar de olhos. Tratar os problemas apenas como pertencentes ao mundo das ideias, além de não produzir resultados práticos, amarra as reflexões em posturas que se reproduzem, e, muitas vezes, levam a drenagem das forças ideológicas revolucionárias.

REFERÊNCIAS

Referências científicas e leis

ABREU, Marcia. **Os caminhos dos livros**. Revista brasileira de história da educação, Campinas, nº12, p.197-206, jul/dez 2006.

AB'SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz NacibAb'Saber. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

AMORIM, Paulo Henrique. **O quarto poder**: uma outra história. São Paulo: Hedra, 2015.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, Thiago pereira. **Território e sindicatos em Ourinhos-sp**: estudo a partir da imprensa sindical.2014.150F. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) - UNESP-Ourinhos, 2014.

BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos Cassemiro. A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul**, v. 31, n. 62, p. 271-298, 2016.

BASTOS, Manoel Dourado. STÉDILE, Miguel Enrique. VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **Indústria Cultural, a Antessala do Fascismo Brasileiro**. Revista do Centro Sérgio Burque de Holanda da Fundação Perseu Abramo.nº 16, Ano 12, 2018.

BERNARDES, Adriana. A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria). In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.). **O Brasil**: território e sociedade no início do séc. XXI. RJ: Record, 2001.

CASTRO, Iná de. **Geografia e Política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005. 304p.

CASTRO, Iná. Elias.;GOMES, Roberto Lobato Corrêa. **Explorações Geográficas**: percursos no fim do século. 3ªed. Rio de Raneiro. Bertrand Brasil, 2006. p.155-196.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

_____, Lana de Souza. **Jovens escolares e suas prática espaciais cotidianas**. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). Educação geográfica reflexão e prática. Ijuí: Unijui, 2011. p.35-56.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012a.

_____, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**:XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/issue/view/374/showToc>. Acesso em: 15/10/2012, nº especial Egal, 18f, 2012b.

CHIMIN, Alides Batista Junior; ORNAT Marcio José; SILVA, Joseli Maria. Uma possibilidade de análise do monismo metodológico na Geografia. In: CHIMIN, Alides Batista Junior; FREITAS, Andreza Rocha. (Orgs.). **Tecnologias Geográficas**: O uso de diferentes metodologias na produção do conhecimento geográfico. Curitiba: CRV, 2016. p.175-188.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. WWF Martins Fontes, 2015.

_____. **Reflexões sobre a Linguagem** ed. 1975.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. Brasiliense, 1980.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 352 p.

COUTO, Marcos Antonio Campos. **Ensinar a geografia ou ensinar com a geografia?** Das práticas e dos saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico na escola. Terra Livre, São Paulo, ano 26 v.1, n. 34, p. 109-124, jan./jun. 2010.

COUTO E SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil**. Geopolítica do Brasil, 1967.

CUNHA, Fabiana Lopes, BORGES ARAUJO, Jhony Lucas. **Cotidiano e moral ourinhense:** análise do jornal A Voz do Povo entre 1927 e 1932. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 11, n. 1, p. 32-39, 2017.

CUNHA, Gabriel Silva. **As ocupações Estudantis nas Escolas Públicas Paulistas:** Análises dos processos de resistência (2015-2017). Dissertação de Mestrado – Londrina, 2019.

DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotsky**. 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

EAGLETON, T. **Ideologia:** uma introdução. Trad. S. Vieira e L. C. Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997, 204 p.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Rio de Janeiro: Global, 1990.

FERREIRA DIAS, Franciele Miranda. **O processo de ocupação do espaço urbano do município de Ourinhos-SP**. 2009. 131f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Ourinhos, 2009.

FERREIRA DIAS, Franciele Miranda. **Segregação residencial na cidade de Ourinhos-SP**. Dissertação de Mestrado – Maringá, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 4ª ed, 1977.

GABRIEL, Gabriel Grazzini. **Espaço e o cotidiano dos jovens escolares no processo ensino-aprendizagem em Geografia, uma experiência no PIBID-Ourinhos**. 2015. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) - UNESP-Ourinhos, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIORELLO, Giulio. **Sobre a Teoria Leninista do reflexo e do aprofundamento**. 1945. Acessado em: https://docs.google.com/file/d/0B8_gvWjrwU3Zam5OV193YUpQZFk/edit

GOMES, Cilene. Telecomunicações, informática e informação e a remodelação do território brasileiro. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.). **O Brasil**: território e sociedade no início do séc. XXI. RJ: Record, 2001.

GUATARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1986.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Bertrand Brasil, 2014.

HOHLFEDT, Antonio. **Os estudos sobre a hipótese de agendamento**. Famecos, n.7, p.50-58, 1997.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo 2010**, IBGE Cidades e IBGE Geociências. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 05/2018.

KORYBKO, Andrew. **Guerra Híbrida**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Thyago Antunes. 1ed. São paulo: Expressão Popular, 2018.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderino Toribio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 1ed. São Paulo: Atlas 1983.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000).

_____. **O Direito à Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991

LEI DE DIRETRIZES. **Bases da educação Nacional**. 1996.

LENIN, Vladimír Ilich Ulianov. **Imperialismo**: fase superior do capitalismo. 1916. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br>>. Acesso em: 03/04/2017.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. Boitempo Editorial, 2015.

MAO, Tse-Tung. **Sobre a prática**. Obras Escolhidas de Mao Tsetung, Pequim, 1975, Tomo I, pág: 499-524. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/07/pratica.htm>> Acesso em: 1/05/2017.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: (dos séculos de história). 2a. Ed. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1978.

_____. **A desordem mundial**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2017.

_____. **A segunda guerra fria**: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Editora José Olympio, 2015.

MORAES, Antonio C. R. **Ideologias geográficas**: Espaço, cultura e política no Brasil. 5 Ed. São Paulo:Annablume, 2005.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu**: 1800-1900. Boitempo, 2003.

NETTO, J.P. (Org.) **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PEREIRA, Alexnadre Barbosa. **De role pela cidade**: Os pixadores em são Paulo. 2005.127f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, São Paulo, 2005.

PESSOA DA MOTA JUNIOR, William; CABRAL MAUÉS, Olgaíses. O Banco Mundial e as políticas educacionais brasileiras. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 4, 2014.

PESSOTO, U. C.; SOBREIRA A. **Mídia e ideologia**: uma leitura crítica. Formação (Online) 2.14 (2007). Disponível em:<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/646/660>>. Acesso em: 20/04/2017.

PRADO JUNIOR, Caio. **Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista**. discurso, v. 4, n. 4, p. 41-78, 1973.

ROSA, T. M.; GONCALVES, F. O. ; SBICCA, A. F. **Estratificação Socioeconômica**: uma proposta a partir do consumo. 2014 - XIX Encontro Regional de Economia – Acessado em 01/09/2018, no endereço: <https://www.bnb.gov.br/documents/160445/226386/ss4_mesa4_artigos2014 ESTRATIFICACAO SOCIOECONOMICA UMA PROPOSTA PARTIR CONSUMO.pdf/fbbd77ab-e78c-4885-973f-a841a26ab49e>

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 1. reim. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. Ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2012.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 32, p. 89-109, 2012.

SILVA, Gustavo Resgala. **Formas de produção do espaço periférico metropolitano um estudo sobre São Benedito na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte. Escola de Arquitetura da UFMG, 2011.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 9, n. 1, p. 157-180, 2010.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia, org. **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo, Alfa-Omega, 1982.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESP. **Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência de Ourinhos**, Ourinhos, 2012.

UNESP. Resolução nº 85, de 04 de novembro de 1999. Dispõe sobre os regimes de trabalho dos docentes da UNESP. **UNESP Comissão Permanente de Avaliação**, 2014.

UNESP. Resolução nº 13, de 17 de março de 2011. Dispõe sobre o Plano de Carreira Docente da UNESP. **UNESP Comissão Permanente de Avaliação**, 2014.

UNESP. **Escalas de vencimentos**, c2018. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/crh/tabela-de-vencimentos/>>. Acesso em: 22/04/2018.

VAN DIJK, Teun. **Cómo el Globo manipuló la destitución de Dilma Rousseff**. Revista Lengcom. Lenguaje, sociedad y comunicación, nº12, v.1, 2016.

VUNESP. **Perfil socioeconômico e sociocultural dos ingressantes nos cursos de graduação**, São Paulo. 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Traduzido por Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. p. 25-42.

ZIZEK, S. **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contra ponto, 1996.

Referências jornalísticas, informações oficiais e literatura

1º CURTA OURINHOS JÁ TEM DATA E FILMES SELECIONADOS. **Ourinhos**, 28 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/3110/10-curta-ourinhos-ja-tem-data-e-filmes-selecionados/>>. Acesso em: 10/05/2018.

ABERTURA DO RODEIO ATRAI GRANDE PÚBLICO NA FAPI. **Ourinhos Notícias**, Ourinhos, 15 de junho de 2018. Disponível em: <<http://www.ourinhosnoticias.com.br/noticia/11746/Abertura-do-rodeio-atrai-grande-publico-na-FAPI;-Rodeio-hoje-15-comeca-as-21h>>. Acesso em: 2/08/2018.

A FACADA NO MITO, O VIDEO QUE ESTA RECONTANDO A HISTÓRIA DA AGRESSÃO A BOLSONARO. **O expresso**, 31 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://jornaloexpresso.wordpress.com/2018/12/31/a-facada-no-mito-o-video-que-esta-recontando-a-historia-da-agressao-a-bolsonaro/>>. Acesso em: 5/01/2019.

ALCKMIN E AÉCIO SÃO HOSTILIZADOS NA CHEGADA À MANIFESTAÇÃO NA PAULISTA. **Globo**, São Paulo, 13 de jul. de 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/alckmin-e-aecio-sao-hostilizados-na-chegada-manifestacao-na-paulista.html>>. Acesso em:16/7/2018.

ALVES, Cíntia. Em vídeo, procurados dos EUA admite parceria informal com a Lava Jato. **Jornal ggn**, 16 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://jornalggn.com.br/noticia/em-video-procurador-dos-eua-admite-parceria-informal-com-a-lava-jato>>. Acesso em: 15/8/2018.

AMBIENTE UNIVERSITÁRIO MUDA PERFIL DE OURINHOS. **DebateneWS**, Santa Cruz do Rio Pardo, 24 de abr. De 2005. Disponível em:<<https://www.debateneWS.com.br/2005/04/24/ambiente-universitario-muda-perfil-de-ourinhos/>>. Acesso em: 2/05/18.

AMORIM, Felipe. PEC do teto é aprovada em votação final e congela gastos por 20 anos. **Uol**, 13 de dez. de 2016. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/13/pec-que-congela-gastos-do-governo-por-20-anos-e-aprovada-em-votacao-final.htm>>. Acesso em: 15/12/2018.

“A SOLUÇÃO MAIS FÁCIL ERA BOTAR O MICHEL”. OS PRINCIPAIS TRECHOS DO ÁUDIO DE ROMERO JUCÁ. **El país**, São Paulo, 24 de mai. de 2016. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html>. Acesso em:25/8/2018.

APÓS DILMA, PETROBRAS TERIA SIDO ALVO DE ESPIONAGEM DOS EUA. **Último Segundo**, 2013. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-09-08/documentos-revelam-que-petrobras-foi-alvo-de-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 18/7/2018.

ARAUJO, Luiz Antonio. Favreto, Gebran, Thompson: quem são os juízes que protagonizaram o imbróglio sobre a soltura de Lula. **BBC**, 8 de jul. de 2018. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44760578>>. Acesso em:7/12/2018.

AS PISTAS DO MÉTODO ‘CAMBRIDGE ANALYTICA’ NA CAMPANHA DE BOLSONARO. **Carta Capital**, 2018. Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>>. Acesso em:3/12/2018.

ASSIM CONTAMOS MANIFESTAÇÃO CONTRA TEMER EM BRASÍLIA. **El país**, Brasília/São Paulo, 25 de mai. de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/24/politica/1495647517_447186.html>. Acesso em:4/5/2018.

AZENHA, Luiz Carlos. Ford, Soros, Gates: A quem servem as mega fundações? A professora Joan Roelofs dá algumas pistas. **Viomundo**, 2018. Disponível em:<<https://www.viomundo.com.br/politica/a-quem-servem-as-mega-fundacoes-a-professora-joan-roelofs-da-algumas-pistas.html>>. Acesso em:9/12/2018.

BENITES, Afonso. Justiça manda soltar Joesley Batista, pivô da maior crise que abateu Temer. **El país**, Brasília, 9 de mar. de 2018. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/09/politica/1520627172_745321.html>. Acesso em:13/12/2018.

BOLSONARO, Carlos. **Bolsonaro é recepcionado por aspirantes da AMAN**, 2014. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=MW8ME9S87SI>>. Acesso em: 1/7/2018.

BRANDÃO, Inaê; OLIVEIRA, Valéria. Cidade de RR na fronteira com a Venezuela tem tumulto após assalto a comerciante. **Globo**, 18 de ago. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/18/cidade-de-rr-na-fronteira-com-a-venezuela-tem-tumulto-apos-assalto-a-comerciante.ghtml>>. Acesso em:19/12/2018.

BRÍGIDIO, Carolina; SASSINE, Vinicius. O general assessor de Toffoli, que faz pontes entre o STF e a caserna. **Época**, 20 de jan. de 2018. Disponível em:<<https://epoca.globo.com/o-general-assessor-de-toffoli-que-faz-pontes-entre-stf-a-caserna-23168326>>. Acesso em: 10/10/2018.

BRITO, Fernando. O impeachment nasceu na Veja, engravidado pelo PSDB. **Tijolaco**, 20 de out. de 2015. Disponível em:<<http://www.tijolaco.net/blog/o-impeachment-nasceu-na-veja-engravidado-pelo-psdb/>>. Acesso em:27/10/2018.

BRITO, Fernando. Deu no “NY Times”: Etchegoyen “entregou” chefe da CIA. PF também. **Tijolaco**, 26 de jun. de 2017. Disponível em:<<http://www.tijolaco.net/blog/deu-no-ny-times-etchegoyen-entregou-chefe-da-cia-pf-tambem/>>. Acesso em:2/6/2018.

BRUM, Eliane. Caminhoneiro: o novo velho protagonista do Brasil. **El país**, 4 de jun. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/04/opinion/1528120377_430136.html>. Acesso em: 12/12/2018.

CANETADA ESPECIAL: Escândalo na cultura, Opinião do leitor. **Negocião**, Ourinhos, 6 de mar. de 2018. Disponível em: <<http://www.negocio.com.br/materia/6267/canetada-especial-escandalo-na-cultura.html>>. Acesso em: 8/6/18.

CARVALHO, Daniel. Cunha programa 'pauta-bomba' de R\$ 207,1 bilhões. **Estadão**, 24 de fev. de 2016. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cunha-programa-pauta-bomba-de-r-207-1-bilhoes,10000018003>>. Acesso em: 12/12/2018.

COIMBRA, Carlos. Documentando os estados unidos no golpe de 2016 – parte 1. **Patria Latina**, 2018. Disponível em: <<http://www.patrialatina.com.br/documentando-os-estados-unidos-no-golpe-de-2016-parte-1/>>. Acesso em: 23/11/2018.

COM APOIO DA PREFEITURA, 2ª EXPOTATTOO REÚNE EM OURINHOS TATUADORES DE TODO O PAÍS. **Ourinhos**, 2017. Disponível em: <<https://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/4022/com-apoio-da-prefeitura-2-expotattoo-reune-em-ourinhos-tatuadores-de-todo-o-pais-/>>. Acesso em: 27/04/2018.

COM APOIO DO PREFEITO LUCAS POCAY, NOVA DIRETORIA DA LAMBO É NOMEADA. **Ourinhos**, 2017. Disponível em: <<http://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/3802/com-apoio-do-prefeito-lucas-pocay-nova-diretoria-da-lambo-e-nomeada/>>. Acesso em: 1/05/2018.

CORAZZA, Felipe; MESQUITA, Ligia. Crise na Venezuela: o que levou o país vizinho ao colapso econômico e à maior crise de sua história. **BBC**, 24 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>>. Acesso em: 13/12/2018.

COSTA, Paula Cesarino. A imprensa e a greve geral. **Folha**, 30 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2017/04/1879871-a-imprensa-e-a-greve-geral.shtml>>. Acesso em: 30/8/2018.

DECISÃO SOBRE AFASTAMENTO DO SENADOR AÉCIO NEVES: VEJA PERGUNTAS E RESPOSTAS. **Globo**, 28 de set. de 2017. Disponível

em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/decisao-do-afastamento-do-senador-aecio-neves-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>>. Acesso em:5/12/2018.

DEPOIS DOS ESTUDANTES, FUNCIONÁRIOS DA UNESP TAMBÉM ENTRAM EM GREVE. **Globo**, Baurue Marília, 3 de jul. de 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2013/06/depois-dos-estudantes-funcionarios-da-unesp-tambem-entram-em-greve.html>>. Acesso em: 25/6/2018.

DILMA AFIRMA QUE MANIFESTAÇÕES PACÍFICAS MOSTRAM MATURIDADE DO PAÍS. **Carta capital**, 13 de mar. de 2016. Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-afirma-que-manifestacoes-pacificas-mostram-maturidade-do-pais/>>. Acesso em: 26/6/2018.

DILMA FOI ALVO DE ESPIONAGEM DOS EUA, DIZ TV. **Uol**, 2013. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/09/02/dilma-foi-alvo-de-espionagem-dos-eua-diz-reportagem.htm>>. Acesso em:7/6/2018.

DURANTE INAUGURAÇÃO DO NOVO CAMPUS DA UNESP EM OURINHOS, CAPITÃO AUGUSTO É VAIADO E CHAMADO DE GOLPISTA. **Antenafm**,13 de mar. de 2017. Disponível em:<<http://www.antenaafm.com.br/noticias/durante-inauguracao-do-novo-campus-da-unesp-em-ourinhos-capitao-augusto-e-vaiado-e-chamado-de-golpista>>. Acesso em: 25/04/2018.

EDUCACAO. **Escola municipal de Ourinhos/SP**, c2019. Disponível em:<<https://www.educacao.cc/escolas/municipal-ourinhos-sp>>. Acesso em: 24/04/2018.

EM GRAVAÇÃO, JUCÁ SUGERE 'PACTO' PARA BARRAR A LAVA JATO, DIZ JORNAL. **Globo**, Brasília, 23 de mai. de 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/05/em-gravacao-juca-sugere-pacto-para-deter-lava-jato-diz-jornal.html>>. Acesso em:26/6/2018.

EM VÍDEO, CAMPANHA DE BOLSONARO RECRIA CAMISA COM MARCA DE SANGUE. **Exame**, 9 de set. de 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/em-video-campanha-de-bolsonaro-recria-camisa-com-marca-de-sangue/>>. Acesso em:23/12/2018.

EMPRESAS COMPRAM PACOTES ILEGAIS DE ENVIO DE MENSAGENS CONTRA O PT NO WHATSAPP, DIZ JORNAL. **El país**, Brasília, 19 de out. de 2018. Disponível

em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539873857_405677.html>. Acesso em:11/12/2018.

ENTENDA A CONDENAÇÃO DE LULA NO CASO DO TRIPLEX. **Globo**, 5 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/entenda-a-condenacao-de-lula-no-caso-do-triplex.ghtml>>. Acesso em:28/7/2018.

ESCOBAR, Pepe. Bem vindo à selva. **Duplo expresso**, 29 de out. de 2018. Disponível em:<<https://duploexpresso.com/?p=100406>>. Acesso em:12/11/2018.

ESCOBAR, Pepe. O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida. **Outras palavras**, 2016. Disponível em:<<https://outraspalavras.net/mundo/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/>>. Acesso em: 29/11/2018.

ESPIÃO DO EXÉRCITO FALA PELA PRIMEIRA VEZ E ADMITE QUE ESTEVE INFILTRADO EM GRUPO ANTI-TEMER. **El país**, Recife, 30 de jun. de 2018. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/29/politica/1530293956_036191.html>. Acesso em: 12/11/2018.

ESTAMOS INDO PARA O BRASIL DIZ DIRETOR DA CAMBRIDGE ANALYTICA. **Globo**, 21 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/mundo/estamos-indo-para-brasil-diz-diretor-da-cambridge-analytica-22510961>>. Acesso em:4/12/2018.

EX-SÓCIO DA CAMBRIDGE ANALYTICA NO BRASIL DIZ QUE EMPRESA NÃO TINHA BANCO DE DADOS DE BRASILEIROS. **Globo**, 20 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/ex-socio-da-cambridge-analytica-no-brasil-diz-que-empresa-nao-tinha-banco-de-dados-de-brasileiros.ghtml>>. Acesso em: 1/12/2018.

FACEBOOK. **Facebook**: Facebook para empresas, 2016. Disponível em:<<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>> Acesso em: 02/03/2018.

FACEBOOK. **Facebook**: Facebookmedia, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/facebookmedia/blog/news-feed-fyi-bringing-people-closer-together/>>. Acesso em: 12/03/2018.

FILHO DE BOLSONARO CONVOCA ATO COM 'CAMISA ENSANGUENTADA'. **Terra**, 9 de set. de 2018. Disponível em:<<https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/com-camisa-ensanguentada-filho-de-bolsonaro-convoca-ato-no-rio,f5b2ec173bc89e4c2bc539f5a17a6a0flhyr7kvv.html>>. Acesso em: 23/12/2018.

FLOGÃO. **OURINHOS MOTO-FEST... EU VOU!!!**, 2006. Disponível em:<<https://www.flogao.com.br/patojr/74896476>>. Acesso em:28/04/2018.

GAMBA, Karla; GUERRA, Rayanderson; BONIN, Robson; SASSINE, Vinicius. Comandante do Exército cita 'repúdio à impunidade'; ministro nega mensagem de uso de força. **Globo**, 3 de abr. de 2018. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/brasil/comandante-do-exercito-cita-repudio-impunidade-ministro-nega-mensagem-de-uso-de-forca-22554155>> Acesso em: 25/9/2018.

GAMBA, Karla. Comando do Exército cita 'repúdio à impunidade'; ministro nega mensagem de uso de força. **Globo**, 3 de abr. de 2018. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/brasil/comandante-do-exercito-cita-repudio-impunidade-ministro-nega-mensagem-de-uso-de-forca-22554155>>. Acesso em: 27/10/2018.

GARCIA, Janaina. Um ano após acidente, filho de Teori diz não descartar homicídio do pai: "são tantas coincidências". **Uol**, São Paulo, 4 de jan. de 2018. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/01/04/um-ano-apos-acidente-filho-de-teori-diz-nao-descartar-homicidio-do-pai-sao-tantas-coincidencias.htm>>. Acesso em: 19/6/2018.

GELAPE, Lucas. Pesquisas Ibope: Lula atinge pelo menos 50% em todos os estados do Nordeste e Bolsonaro é mais forte em RR, AC e DF. **Globo**, 27 de ago. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/27/pesquisas-ibope-lula-atinge-pelo-menos-50-em-todos-os-estados-do-nordeste-e-bolsonaro-e-mais-forte-em-rr-ac-e-df.ghtml>>. Acesso em: 25/11/2018.

GIELOW, Igor. Bolsonaro não é volta dos militares, mas há o risco de politização dos quartéis', diz Villas Bôas. **Folha**, 11 de nov. de 2018. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-nao-e-volta-dos-militares-mas-ha-o-risco-de-politizacao-de-quarteis-diz-villas-boas.shtml?fbclid=IwAR1mgux0fzn5umLDNX1guk6os0v1zZFeTI_vh7KdiHcy50zOWV-bMbD9bw4>. Acesso em:6/12/2018.

GOMES, Marco Aurelio; MORAES, Neusa Fleury. **Divina comunhão**: festa de todos os sons: 10 anos do festival de musica de Ourinhos. Ourinhos-SP: Ipê, 2010.

GOVERNADOR INAUGURA CAMPUS DA UNESP EM OURINHOS. **DebateneWS**, Santa Cruz do Rio Pardo, 14 de ago. de 2005. Disponível em: <<https://www.debateneWS.com.br/2005/08/14/governador-inaugura-campus-da-unesp-em-ourinhos/>>. Acesso em: 17/04/2018.

GRAGNANI, Juliana. Exclusivo: investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil. **BBC Brasil**, Londres, 8 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>>. Acesso em 02/03/2018.

GRASSEGGER, Hannes; KROGERUS, Mikael. **Motherboard**: Os dados que viraram o mundo de ponta cabeça, 2017. Disponível em: <https://motherboard.vice.com/pt_br/article/8qk9yp/os-dados-que-viraram-o-mundo-de-cabeca-para-baixo>. Acesso em: 10/03/2018.

GREENWLAND, Glenn; FISHMAN, Andrew; MIRANDA, David. Porque o Sen. Aloysio Nunes foi a Washington um dia depois da votação do impeachment? **The Intercept**, 18 de abr. de 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/04/18/porque-o-sen-alloysio-nunes-foi-a-washington-um-dia-depois-da-votacao-do-impeachment/>>. Acesso em: 1/6/2018.

GUIMÓN, Pablo. “O ‘Brexit’ não teria acontecido sem a Cambridge Analytica”. **El País**, Londres, 6 de mar. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765_703094.html>. Acesso em: 10/03/2018.

HENRIQUE AMORIM, Paulo. Conversa Afiada: **O algoritmo do Facebook fez o alcance dos posts do Conversa Afiada e dos vídeos da TV Afiada cair a 10% do que era**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_aijR6rXOdY>. Acesso em: 12/03/2018.

IGARCIA. A história de uma perseguição judicial contra a imprensa livre de Santa Cruz do Rio Pardo. **Observatório da imprensa**, 2001. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-histria-de-uma-perseguijudicial-contra-a-imprensalive-de-santa-cruz-do-rio-pardo/>>. Acesso em: 2/8/18.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. IDESP: **Boletim por escola**, c2019. Disponível em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/boletim_escola2017.asp?ano=2017>. Acesso em: 15/04/2018.

JIMÉNEZ, Carla. As ofensas a Dilma na abertura da Copa incendeiam a corrida eleitoral. **El país**, São Paulo, 14 de jun. de 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/14/politica/1402758083_793875.html>. Acesso em: 2/8/2018.

JORNAL INGLÊS THE GUARDIAN FALA DA LIGAÇÃO ENTRE O MBL E OS IRMÃOS KOCH. **Diário do centro do mundo**, 2017. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/jornal-ingles-the-guardian-fala-da-ligacao-entre-o-mbl-e-os-irmaos-koch/>>. Acesso em: 7/8/2018.

JUNGBLUT, Cristiane. Negociações para livrar Temer de denúncia envolvem R\$ 12 bilhões. **Globo**, 24 de set. de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/negociacoes-para-livrar-temer-de-denuncia-envolvem-12-bilhoes-21983281>>. Acesso em: 5/12/2018.

KORYBKO, Andrew. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. **Tutameia**: 19 de out. de 2018. Disponível em: <<https://tutameia.jor.br/brasil-e-alvo-de-guerra-hibrida/>>. Acesso em: 20/12/2018.

KREBS, Carlos; MANN, Henrique. Saiba quem são e como atuam os irmãos Koch no Brasil. **Folha diferenciada**, 2018. Disponível em: <<https://folhadiferenciada.blogspot.com/2018/11/saiba-quem-sao-e-como-atuam-os-irmaos.html>>. Acesso em: 10/12/2018.

LADEIRA, Pedro. Dilma veta reajuste de até 78% nos salários dos servidores do judiciário. **Folha**, 21 de jul. de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/07/1658859-dilma-veta-reajuste-de-ate-78-nos-salarios-dos-servidores-do-judiciario.shtml>>. Acesso em: 13/12/2018.

LEIRNER, Piero. Íntegra da entrevista de Piero Leirner ao Le Monde Diplomatique Brasil. **Duplo expresso**, 2018. Disponível em: <<https://duploexpresso.com/?p=101842>>. Acesso em: 26/12/2018.

LIMA, Luciana. Dilma diz que cancelou viagem aos EUA por 'ausência de apuração' de espionagem. **Último segundo**, 2013. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-09-17/dilma-diz-que-cancelou-viagem-aos-eua-por-ausencia-de-apuracao-de-espionagem.html>>. Acesso em: 26/6/2018.

LIMA, Wilson; FILGUEIRA, Ary. O bunker dos militares de Jair Bolsonaro. **Istoé**, 19 de out. de 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/o-bunker-dos-militares-de-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 11/12/2018.

LULA SE ENTREGA À PF E É PRESO PARA CUMPRIR PENA POR CORRUPÇÃO E LAVAGEM DE DINHEIRO. **Globo**, 7 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>. Acesso em: 10/8/2018.

MACHADO, Carlos Roberto da Silva. CIPRIANO, Diego Mendes. SCHNEIDER, Nairana. **A Educação, a Natureza e a Cidade em Henri Lefebvre**. Ano?. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Teoricos/34.pdf>>. Acesso em: 23/08/2018.

MANIFESTAÇÃO SE TORNA CONTRA PARTICIPAÇÃO DE PARTIDOS POLÍTICOS. **Veja**, São Paulo, 20 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/setimo-dia-de-protestos-sao-paulo/>>. Acesso em: 27/05/2018.

MANSINHO, Alexandre. Moto Fest 2018: apresentações pessoais e acampamento serão banidos do evento. **Negocião**, Ourinhos, 18 de set. de 2017. Disponível em: <<http://negocio.com.br/materia/5588/moto-fest-2018-apresentacoes-pessoais-e-acampamento-serao-banidos-do-evento.html>>. Acesso em: 1/05/18.

MARCHÃO, Talita; MAIA, Gustavo. Brasil reconhece Gaidó como presidente interino da Venezuela. **Uol**, 23 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/01/23/brasil-reconhece-juan-guaido-como-presidente-interino-da-venezuela.htm>>. Acesso em: 28/01/2019.

MARTINS, José Luiz. Decadência de Associações de Moradores é reflexo da má gestão da administração municipal. **Negocião**, Ourinhos, 20 de out. de 2016. Disponível em: <<http://www.negocio.com.br/materia/4412/decadencia-de-associacoes-de-moradores-e-reflexo-da-ma-gestao-da-administracao-municipal.html-28-10-2016>>. Acesso em: 30/04/2018.

MARTINS, José Luiz. A história da imprensa de Ourinhos. **Negocião**, Ourinhos, 4 de jun. de 2014. Disponível em: <<http://www.negocio.com.br/materia/724/a-historia-da-imprensa-de-ourinhos.html>>. Acesso em: 12/05/2018.

MARTINS, José Luiz. **Para ler o mundo**: documentário sobre a FAPI, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X3LdEieifWQ>>. Acesso em: 28/04/2018.

MARTINS, José Luiz. Descaso e abandono faz moradores desacreditarem de Associações de Bairros. **Negocião**, Ourinhos, 21 de out de 2016. Disponível em: <[http://www.negocio.com.br/materia/4390/descaso-e-abandono-faz-moradores-desacreditarem-de-associacoes-de-bairros.html - 2016](http://www.negocio.com.br/materia/4390/descaso-e-abandono-faz-moradores-desacreditarem-de-associacoes-de-bairros.html-2016)>. Acesso em: 1/05/2018.

MATOS, Filipe; CALGARO, Fernando. Protestos mostram que 'valeu a pena' lutar por democracia, afirma Dilma. **Globo**, Brasília, 13 de mar. de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/dilma-se-emociona-ao-falar-das-manifestacoes-das-ruas.html>>. Acesso em: 7/9/2018.

MAZUI, Guilherme; CARAM, Bernardo; CASTILHOS, Roniara. Temer assina decreto de intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro. **Globo**, 16 de fev. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/temer-assina-decreto-de-intervencao-federal-na-seguranca-do-rio-de-janeiro.ghtml>>. Acesso em: 16/10/2018.

MELITO, Leandro. Polícia Federal conclui inquérito do acidente que matou Eduardo Campos. **Agência Brasil**, 6 de ago. de 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-08/policia-federal-conclui-inquerito-do-acidente-que-matou-eduardo-campos>>. Acesso em: 26/10/2018.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. o golpe e a geopolítica. **Jornal Grande Bahia**: 19 de nov. de 2017. Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/11/moniz-bandeira-o-golpe-e-a-geopolitica-confira-entrevista-concedida-a-rubens-diniz/>>. Acesso em: 20/11/2018.

MORENO, Lucio Flavio. Caso Triplex – Distorção cognitiva – o que levou a condenação do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo diante da inépcia da denúncia, da falta de justa causa e nulidades existentes. **Jus**, 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/66399/artigo-sobre-condenacao-de-lula>>. Acesso em: 16/7/2018.

MORO DETERMINA PRISÃO DE LULA PARA CUMPRIR PENA NO CASO DO TRIPLEX. **Globo**, 5 de abr. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/moro-determina-prisao-de-lula-para-cumprir-pena-no-caso-do-triplex-em-guaruja.ghtml>>. Acesso em:23/6/2018.

MORO DIVULGA GRAMPO DE LULA E DILMA; PLANALTO FALA EM CONSTITUIÇÃO VIOLADA. **Globo**, São Paulo, 16 de mar. de 2018. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/moro-divulga-grampo-de-lula-e-dilma-planalto-fala-em-constituicao-violada.html>>. Acesso em: 13/7/2018.

MOSCHKOVICH, Marília. Está tudo tão estranho, e não é à toa. **Médium**, 2013. Disponível em:<<https://medium.com/primavera-brasileira/esta-tudo-tao-estranho-e-nao-e-a-toa-dfa6bc73bd8a>>. Acesso em:11/11/2018.

MOSTRA SERGIO NUNES LEVA 17 PEÇAS TEATRAIS A DIVERSOS BAIRROS DE OURINHOS. **Antenafm**, 22 de mai. de 2018. Disponível em:<<http://www.antenaafm.com.br/noticias/mostra-sergio-nunes-leva-17-pecas-teatrais-a-diversos-bairros-de-ourinhos>>. Acesso em: 27/04/2018.

MOTOFEST: POPULAÇÃO SE REVOLTA COM BARULHO E COBRA VEREADORES. **Jornal Biz**, 12 de set. de 2017. Disponível em:<<http://jornalbiz.com/populacao-se-revolta-com-barulho-e-cobra-vereadores/>>. Acesso em: 30/04/2018.

MOURA BRASIL, Felipe. CAPA-BOMBA DA VEJA! Dilma e Lula sabiam de tudo! **Veja**, 23 de out. de 2014. Disponível em:<<https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/capa-bomba-da-veja-dilma-e-lula-sabiam-de-tudo/>>. Acesso em:19/7/2018.

NAKAGAWA, Fernando; GUIMARÃES, Mariana. Imprensa internacional destaca 'duro ataque' de Dilma à espionagem dos EUA. **Estadão**, 2013. Disponível em:<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,imprensa-internacional-destaca-duro-ataque-de-dilma-a-espionagem-dos-eua,1078297>>. Acesso em: 24/6/2018.

NOGUERIRA, Paulo. O que não estão contando para você sobre a crise mundial do petróleo. **Diário do centro do mundo**, 2014. Disponível em:<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-a-queda-do-preco-do-petroleo-pode-afetar-o-brasil/>>. Acesso em: 11/11/2018.

O ESCÂNDALO QUE FEZ O FACEBOOK PERDER US\$ 35 BILHÕES EM HORAS. **BBC**, 20 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43466255>>. Acesso em:20/6/2018.

O QUE SE SABE SOBRE O SUSPEITO DE ESFAQUEAR JAIR BOLSONARO. **Globo**, 6 de set. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2018/09/06/o-que-se-sabe-sobre-o-suspeito-de-esfaquear-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em:8/12/2018.

OLIVEIRA, Ana Paula. 35% da população não tem acesso a jornais locais, impresso ou online, segundo o Atlas da Notícia. **Portal imprensa**, 8 de mai. de 2018. Disponível em:<http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/80476/35+da+populacao+nao+tem+acesso+a+jornais+locais+impresso+ou+online+segundo+o+atlas+da+noticia>. Acesso em:16/12/2018.

OLIVEIRA, Mariana. Temer sanciona reajuste de até 41,4% para Judiciário e de 12% para MPU. **Globo**, Brasília, 20 de jul. de 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/temer-assina-reajuste-de-ate-41-para-servidores-do-judiciario-diz-stf.html>>. Acesso em:14/12/2018.

OLIVEIRA, Mariana. Gilmar Mendes suspende nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. **Globo**, Brasília, 18 de mar. de 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/gilmar-mendes-suspende-nomeacao-de-lula-como-ministro-da-casa-civil.html>>. Acesso em: 13/7/2018.

OLIVEIRA, Mariana. Janot viaja para Washington com força-tarefa da operação Lava Jato. **Globo**, Brasília, 6 de fev. de 2015. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/02/janot-viaja-aos-eua-com-forca-tarefa-da-operacao-lava-jato.html>>. Acesso em:14/7/2018.

OLIVEIRA, Mariana; RAMALHO, Renan. TSE dá prosseguimento a ação do PT contra Bolsonaro, mas nega busca e apreensão em empresas. **Globo**, Brasília, 19 de out. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/19/tse-abreacao-de-investigacao-da-campanha-de-bolsonaro-mas-nega-busca-e-apreensao-em-empresas.ghtml>>. Acesso em: 12/12/2018.

ONDE E COMO ASSISTIR À VOTAÇÃO DO IMPEACHMENT NA CÂMARA. **El país**, 17 de abr. de 2016. Disponível

em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/politica/1460903514_519758.html>. Acesso em: 15/8/2018.

OURINHOS.UNESP. **Histórico do Câmpus de Ourinhos e do curso de Geografia**, c2019. Disponível em: <<http://www.ourinhos.unesp.br/#!/graduacao/curso-de-geografia/historico-do-curso/>>. Acesso em: 20/04/2018.

PERÍCIA É INCONCLUSIVA E POLÍCIA SEGUE SEM SABER SE MAX FOI ASSASSINADO OU COMETEU SUICÍDIO. **Ourinhos Noticias**, Ourinhos, 18 de mar. de 2014. Disponível em:<<http://www.ourinhosnoticias.com.br/noticia/6140/Pericia-e-inconclusiva-e-policia-segue-sem-saber-se-Max-foi-assassinado-ou-cometeu-suicidio>>. Acesso em: 10/9/2018.

PINTO SILVA, Carlos Alberto. A violência das Atividades de Guerra Híbrida na Luta pelo Poder. **Defesa net**, 10 de jun. de 2017. Disponível em:<<http://www.defesanet.com.br/ghbr/noticia/26069/GenEx-Pinto-Silva---Negros-Horizontes-para-o-Brasil>>. Acesso em: 05/06/2018.

PIZA, Paulo Toledo; PAIVA PAULO, Paula; ARAUJO, Glauco e DOMINGOS Roney. **Globo**, São Paulo, 18 de mar. de 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/lula-participa-de-ato-na-paulista.html>>. Acesso em: 17/06/2018.

POLICIAL QUE MATOU JOVEM EM SAÍDA DE FEIRA AGROPECUÁRIA EM OURINHOS VAI A JÚRI POPULAR. **Globo**, Bauru e Marília, 5 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/policial-que-matou-jovem-em-saida-de-feira-agropecuaria-em-ourinhos-vai-a-juri-popular.ghtml>>. Acesso em: 7/7/2018.

POZZI, Sandro. Venezuela rechaça na ONU o ultimato da União Europeia: “Oito dias de quê?”. **El país**, 28 de jan. de 2019. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/26/internacional/1548510504_120875.html>. Acesso em: 30/01/2019

PRAZERES, Leandro. TSE dá direito de resposta a Dilma no site da revista "Veja". **Uol**, 25 de out. de 2014. Disponível em:<<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/25/tse-da-direito-de-resposta-a-dilma-no-site-da-revista-veja.htm>>. Acesso em: 24/7/2018.

PREFEITO LUCAS POCAY INAUGURA NA VILA MARGARIDA O ESPAÇO CULTURAL VILAMAR. **Ourinhos**, 7 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/4713/prefeito-lucas-pocay-inaugura-na-vila-margarida-o-espaco-cultural-vilamar/>>. Acesso em: 28/12/2018.

PREFEITO LUCAS POCAY NOMEIA NOVO SECRETÁRIO DE CULTURA DE OURINHOS. **Ourinhos**, 13 de nov de 2018. Disponível em: <<https://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/4684/prefeito-lucas-pocay-nomeia-novo-secretario-de-cultura-de-ourinhos/>>. Acesso em: 15/12/2018.

PREFEITURA PROMOVE MELHORIAS NA ASSOCIAÇÃO DO JARDIM SANTOS DUMONT. **Reporter Ourinhos**, 2017. Disponível em: <<http://reporterourinhos.com.br/site/prefeitura-promove-melhorias-na-associacao-do-jardim-santos-dumont/>>. Acesso em: 1/05/2018.

PROGRAMA DE EXPANSÃO. **Portal UNESP**, 2005. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/196/expansao.php>>. Acesso em: 15/04/2018.

PROTESTO DO MST CONGESTIONA A BR-153 NA REGIÃO DE OURINHOS. **Globo**, Bauru e Marília, 15 de abr. de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/04/protesto-do-mst-congestiona-br-153-na-regiao-de-ourinhos.html>>. Acesso em: 26/6/2018.

PROTESTOS CONTRA BOLSONARO OCORREM EM 26 ESTADOS E DF; ATOS A FAVOR, EM 16. **Globo**, 29 de set. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contras-e-favor-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 17/12/2018.

PROTESTOS CONTRA CORRUPÇÃO REÚNEM MANIFESTANTES NA REGIÃO DE BAURU. **Globo**, 15 de mar. de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/03/protestos-contras-corrupcao-reunem-manifestantes-na-regiao-de-bauru.html>>. Acesso em: 25/7/2018.

PT OFICIALIZA HADDAD COMO CANDIDATO AO PLANALTO NO LUGAR DE LULA. **Correio Braziliense**, 11 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/11/interna_politica,705225/pt-abre-mao-de-lula-e-oficializa-haddad-como-candidato-ao-planalto.shtml>. Acesso em: 25/11/2018.

QEDU. **Qedu**: Matrículas e infraestrutura, c 2019. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/185119-josepha-cubas-da-silva-professora/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item>. Acesso em: 13/04/2018.

QUEM É ALEKSANDR KOGAN, O PROFESSOR POR TRÁS DO ESCÂNDALO DA CAMBRIDGE ANALYTICA. **Épocanegócios**, 23 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/04/quem-e-aleksandr-kogan-o-professor-por-tras-doescandalo-da-cambridge-analytica.html>>. Acesso em: 12/03/2018.

RESENDE, Sara. 'Esse troço já deu o que tinha que dar', diz vice de Bolsonaro sobre 'vitimização' após atentado contra o candidato. **Globo**, 11 de set. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/esse-troco-ja-deu-o-que-tinha-que-dar-diz-general-mourao-sobre-vitimizacao-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 21/12/2018.

RODRIGO DONATO NÃO É MAIS O SECRETÁRIO DE CULTURA DE OURINHOS. **Ourinhos Notícias**, Ourinhos, 20 de jul. de 2018. Disponível em: <<http://www.ourinhosnoticias.com.br/noticia/11803/Rodrigo-Donato-nao-e-mais-o-secretario-de-Cultura-de-Ourinhos>>. Acesso em: 27/04/2018.

ROSSI, Marina. Marqueteiros de Trump usaram dados privados de milhões no Facebook. **El País**, São Paulo, 17 de mar. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521302431_579678.html>. Acesso em: 10/03/2018.

SALOMÃO, Karin. 2017, o ano em que a JBS abalou o país. **Exame**, 28 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/2017-o-ano-em-que-a-jbs-abalou-o-pais/>>. Acesso em: 4/12/2018.

SAPIR, Jacques. Indústria do petróleo: Fim da crise e emergência da Rússia. **Iela**, 2018. Disponível em: <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/industria-do-petroleo-fim-da-crise-e-emergencia-da-russia>>. Acesso em: 17/7/2018.

SCHEIBER, Mariana. 'Tudo aponta para possível envolvimento de policiais', afirma coordenador criminal do MPF no Rio sobre Marielle. **Bbc**, Brasília, 15 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43420469>>. Acesso em: 12/10/2018

SCHUH, Eduarda. Diretor das FIO proibiu manifesto #EleNão na faculdade: “nós não trazemos política pra falar aqui dentro”. **Contratempo**, Ourinhos, 5 de out. de 2018. Disponível em: <http://contratempo.info/principal/diretor-das-fio-proibiu-manifesto-elenao-dentro-da-faculdade/?fbclid=IwAR37b5k_pa8EV5Vy6ROxV-dl6uebbV7YuUF3tjEduDMMRxyofWjgUAtYXbY>. Acesso em: 2/12/2018.

SECRETÁRIO ALEGA QUE VERBA DO FUNDEF FOI PARA CREF. **DebateneWS**, Santa Cruz do Rio Pardo, 12 de ago. de 2007. Disponível em: <<https://www.debateneWS.com.br/2007/08/12/secretario-alega-que-verba-do-fundef-foi-para-cref/>>. Acesso em: 18/04/2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Localiza uma escola, c2019. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/Relat_Escola.asp?ID_DIR=061&ID_MUN=495&ID_DIST=&NM_MUN=OURINHOS&NM_DIST=&CD_ADM=1&Nova=1>. Acesso em: 24/04/2018.

SNOWDEN, Edward. 'Se o Brasil me oferecer asilo, aceito', diz Edward Snowden. **Globo**, 1 de jul. de 2014. Entrevista concedida a Sônia Bridi. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/se-o-brasil-me-oferecer-asilo-aceito-diz-edward-snowden.html>>. Acesso em: 3/5/2018.

SOARES, Jussara. Moro interrompe férias para despachar sobre liberdade de Lula. **Globo**, 8 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/moro-interrompe-ferias-para-despachar-sobre-liberdade-de-lula-22865241>>. Acesso em: 6/12/2018.

SOUZA NETO, Manoel. Relato de como descobri os infiltrados nos movimentos do MPL pelas ruas do Brasil. **Brasil Cultura**, 2013. Disponível em: <<https://www.brasilcultura.com.br/menu-de-navegacao/sociologia/relato-de-como-descobri-os-infiltrados-nos-movimentos-do-mpl-pelas-ruas-do-brasil-artigo/>>. Acesso em: 12/11/2018.

STEVE BANNON DECLARA APOIO A BOLSONARO, MAS NEGA VÍNCULO COM CAMPANHA: 'ELE É BRILHANTE'. **BBC**, 26 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45989131>>. Acesso em: 1/12/2018.

STOCHERO, Tahiane. Manifestantes protestam contra corrupção na região da Av. Paulista. **Globo**, São Paulo, 6 de dez. de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/12/manifestantes-protestam-contradilma-na-regiao-da-avenida-paulista.html>>. Acesso em: 3/8/2018.

TERTULIANA. **Acervo Tertuliana**. Disponível em: <<http://www.tertuliana.com.br/docs/acervo>> Acesso em: 5/12/2018.

TRANSPORTE E POLÍTICA SÃO PRINCIPAIS RAZÕES DE MANIFESTAÇÕES, DIZ PESQUISA. **Globo**, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/transporte-e-politica-sao-principais-razoes-de-manifestacoes-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 8/8/2018.

TRE ACOLHE EMBARGOS E AÇÃO SERÁ JULGADA IMPROCEDENTE. **UOL**, 2009. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/debate/1488/index.htm>> Acesso em: 12/9/2018

UNIVERSIDADES DE TODO PAÍS SÃO ALVO DE AÇÕES POLICIAIS E DA JUSTIÇA. **Folha**, 26 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/universidades-de-todo-o-pais-sao-alvo-de-acoes-policiais-e-da-justica-eleitoral.shtml?fbclid=IwAR3CmW689VcVBQ9OscMs7yYJA2rm41XcaEaSQU0qCi1N0jVwnLAKluUMI8E>>. Acesso em: 13/10/2018.

VALÉRIO, Luiz. É a era dos justiceiros em Roraima. É o horror! **Huffpost**, 28 de fev. de 2014. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/luiz-valerio/a-era-dos-justiceiros-em-roraima-o-horror_a_21665930/>. Acesso em: 18/12/2018.

VEJA SEIS CONTRADIÇÕES DE JAIR BOLSONARO SOBRE SEUS MINISTERIOS. **Folha**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/veja-seis-contradicoes-de-jair-bolsonaro-sobre-seus-ministerios.shtml>>. Acesso em: 2/12/2018.

VENEZUELA PRENDE 6 PESSOAS APÓS SUPOSTO ATAQUE DE DRONES CONTRA MADURO. **Globo**, 5 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/05/venezuela-prende-6-pessoas-apos-suposto-ataque-de-drones-contramaduro.ghtml>>. Acesso em: 14/12/2018.

VENTURINI, Lilian; ARAGÃO, Alexandre. Lava Jato: a origem e o destino da maior operação anticorrupção do país. **Nexo**, 16 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/03/16/Lava-Jato-a-origem-e-o-destino-da-maior-opera%C3%A7%C3%A3o-anticorrupt%C3%A7%C3%A3o-do-pa%C3%ADs>>. Acesso em:27/5/2018.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. Editora Companhia das Letras, 2006.

WORLD BANK. Worldbank: **Um ajuste justo** – Análise da Eficiência e Equidade do Gasto Público no Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/brazil-expenditure-review-report>>. Acesso em: 03/03/2018.

WURMEISTER, Fabiula; BITTENCOURT, Cícero. Tiros contra caravana de Lula foram um ataque planejado, diz delegado. **Globo**, 2 de mai. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/tiros-contracaravana-de-lula-foram-um-ataque-planejado-diz-delegado.ghtml>>. Acesso em:28/7/2018.

Referências audiovisuais

CITIZENFOUR. Direção Laura Poitras. Fotografia Kirsten Johnson; Katy Scoggin e Trevor Paglen: Participant Media; HBO Films; Praxis Films, 2014. 1DVD (1h 54m), NTSC, color.

O DIA QUE DUORU 21 ANOS. Direção Camilo Galli Tavares: Pequi Filmes, 2012. 1DVD (1h 17min), NTSC, color.

O PRÓLOGO. Direção Gabriel F. Marinho: Totó Filmes, 2013. 1DVD(1h 34min), NTSC, color.

SNOWDEN – Herói ou traidor. Direção Oliver Stone. Fotografia Anthony Dod Mantle: Disney/Buena Vista, 2016. 1DVD (2h 15min), NTSC, color. Título original: Snowden.

Referências primárias

FACEBOOK. **Facebook**: página pessoal de Luis Galetta, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/luisgalletta/posts/1275362799260863>>. Acesso em: 10/12/2018.


FACEBOOK. **Facebook**: página do Coletivo Geni, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoGeniOurinhos/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 12/12/2018.

FACEBOOK. **Facebook**: página do Comitê de debate e mobilização de Ourinhos, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/CDMOurinhos/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 8/9/2018.


LOPES, José Carlos. **Relembrando... a escola técnica de comércio de ourinhos , a "escola do jorginho"**, 2012. Disponível em: <<https://ourinhos.blogspot.com/2012/05/relembrando-escola-tecnica-de-comercio.html>>. Acesso em: 24/04/2018.

LOPES, José Carlos. **O primeiro grupo escolar de Ourinhos**, 2018. Disponível em: <<https://ourinhos.blogspot.com/2018/02/o-primeiro-grupo-escolar-de-ourinhos.html>>. Acesso em: 25/04/2018.

ANEXO



PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS
 Estado de São Paulo
 Sistema Municipal de Ensino
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



Ofício nº 00409-16/SME Ourinhos, 05 de maio de 2016.

Referente: Resposta a requerimento.

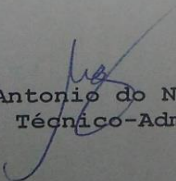
Prezado Senhor,

Vimos por meio deste, em resposta à solicitação do Sr. Gabriel Grazzini Gabriel, protocolado na Secretaria Municipal de Educação em 04/05/2016 informar que para a realização da referida pesquisa junto à comunidade escolar, especialmente com alunos, é necessário encaminhar pedido formal endereçado ao Secretário de Educação, com documentos que atestem a seriedade e idoneidade da pesquisa. A saber: requerimento do pesquisador devidamente identificado (dados pessoais e da Instituição pela qual atua), explicitando o objetivo da pesquisa e o público alvo; se estudante, deve anexar carta de apresentação assinada pelo Professor Orientador em papel timbrado, identificando a Instituição de Ensino e, por tratar-se de pesquisa, o instrumento (questionário) utilizado deve conter parecer favorável do Comitê de Ética da Instituição.

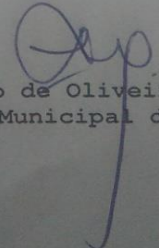
Logo, levando em consideração que o pedido não apresenta a documentação necessária para sua apreciação e que o mesmo sequer foi assinado pelo solicitante, a Supervisão Técnico Administrativa INDEFERE o pedido.

Sem mais para o momento, renovamos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,



Marcos Antonio do Nascimento
 Supervisor Técnico-Administrativo



Leandro de Oliveira Moraes
 Secretário Municipal de Educação

Ilmo. Sr.
Gabriel Grazzini Gabriel
 Nesta.
SASPB/CPD

Avenida Antônio de Almeida Leite, 609 – Jardim Paulista – CEP 19.907-000
 Fone/Fax (0xx14) 3302-6200 – OURINHOS/SP

Página 1 de 1

APÊNDICE A - Questionário 2016**Pesquisa desenvolvida no âmbito de futura pesquisa de mestrado****Pesquisador: Gabriel Grazzini Gabriel****Unidade escolar: _____****Categoria: ()funcionário () professor ()estudante**

- 1) Você gosta de política?
() SIM
() NÃO
() INDECISO
- 2) Você concorda ou discorda do afastamento por processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff?
() CONCORDO
() DISCORDO
() INDECISO
- 3) Você acredita que a presidente cometeu crime de responsabilidade que justifica o seu *impeachment*?
() SIM, AS PEDALADAS FISCAIS (ATRASSO NO REPASSE VERBAS DO TESOURO PARA OS BANCOS) CARACTERIZAM CRIME
() SIM, ELA SABIA DO ESQUEMA DE CORRUPÇÃO NA PETROBRAS
() NÃO, AS PEDALADAS FISCAIS NÃO CARACTERIZAM CRIME
() NÃO, ELA NÃO É INVESTIGADA NA OPERAÇÃO LAVA-JATO (QUE INVESTIGA A PETROBRAS)
() NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 4) Você acredita que o PT é um partido político corrupto?
() SIM
() NÃO
() NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 5) Você acredita que o PSDB é um partido político corrupto?
() SIM
() NÃO
() NÃO ESTOU APTO A OPINAR

- 6) Você acredita que o PMDB é um partido político corrupto?
- () SIM
- () NÃO
- () NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 7) Você acredita que a corrupção está enraizada no sistema político brasileiro ou que ela atinge alguns partidos isolados?
- () ESTA ENRAIZADA NO SISTEMA POLÍTICO
- () ATINGE ALGUNS PARTIDOS ISOLADOS
- () NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 8) Você se sentiu representado pelas falas dos deputados na votação do *impeachment* no dia 17/04/2016 (domingo)?
- () SIM
- () NÃO
- () NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 9) Você acredita que o atual sistema político brasileiro atende às necessidades da sociedade brasileira?
- () SIM
- () NÃO
- () NÃO ESTOU APTO A OPINAR
- 10) Do ponto de vista econômico você se considera alguém de:
- () RENDA BAIXA
- () RENDA MÉDIA BAIXA
- () RENDA MÉDIA
- () RENDA MÉDIA ALTA

() RENDA ALTA

11) Como costuma se informar sobre a atual situação política brasileira? Assinale QUANTAS ALTERNATIVAS de cada categoria forem necessárias.

DIÁLOGOS

() CONVERSAS INFORMAIS (COM AMIGOS E CONHECIDOS)

() CONVERSAS INFORMAIS (COM DESCONHECIDOS EM LOCAIS COMUNS)

() CONVERSAS FORMAIS (DEBATES, RODAS DE CONVERSA, PALESTRAS, AULAS ETC.)

MÍDIA CONVENCIONAL

() JORNAIS TRADICIONAIS (ESTADÃO, FOLHA DE SÃO PAULO ETC.)

() REVISTAS TRADICIONAIS (VEJA, ÉPOCA, ISTO É, EXAME, VALOR ETC.)

() JORNAIS ALTERNATIVOS OU INDEPENDENTES (BRASIL DE FATO ETC.)

() REVISTAS ALTERNATIVAS OU INDEPENDENTES (CARTA CAPITAL, CARTA MAIOR ETC.)

() TV (JORNAL NACIONAL, FANTÁSTICO, JORNAL DA RECORD, BANDNEWS, GLOBONEWS ETC.)

NOVAS MÍDIAS (*INTERNET*)

() *FACEBOOK*

() BLOGS DE AUTORES LIGADOS AS MÍDIAS CONVENCIONAIS (OLAVO DE CARVALHO, REINALDO AZEVEDO, MERVAL PEREIRA ETC.)

() BLOGS ALTERNATIVOS (O CAFEZINHO, TIJOLAÇO, BLOG DO ESMAEL ETC.)

() BLOGS ALTERNATIVOS DE ALTÍSSIMO ACESSO (BRASIL 247, CONVERSA AFIADA)

() *WHATSAPP* (CONVERSAS INDIVIDUAIS, EM GRUPOS; ARQUIVOS DE ÁUDIO, DE VÍDEO ETC.)

Acrescente alguma informação se achar necessário.

APÊNDICE B - Questionário 2017**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA****Pesquisa desenvolvida no âmbito de mestrado no Programa de Pós Graduação em Geografia****Pesquisador: Gabriel Grazzini Gabriel****Unidade escolar: _____****Categoria: ()funcionário () professor ()estudante**

- 1) Você gosta de política?
 SIM
 NÃO
 INDECISO

- 2) Você concorda ou discorda com o afastamento por processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff?
 CONCORDO
 DISCORDO
 INDECISO

- 3) Mudou de opinião sobre o que achava do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff na época de sua aprovação?
 SIM
 NÃO
 INDECISO

- 4) Qual tem de ser o foco da política brasileira em sua opinião?
 MORAL (Temos de eleger políticos não corruptos)
 PROGRAMA DE GOVERNO (Temos que votar baseados em propostas)
 PUNIÇÃO (Temos que votar naqueles que punirão quem mereça)

- 5) Você é favorável ou contrário à aceitação, pela câmara dos deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer (PMDB)?
- CONTRÁRIO
- FAVORÁVEL
- INDECISO
- 6) Você é favorável ou contrário à condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva, o que provavelmente o impedirá de concorrer às eleições em 2018?
- CONTRÁRIO
- FAVORÁVEL
- INDECISO
- 7) Você acha que existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?

JUSTIÇAMÍDIA

SIM

SIM

NÃO

NÃO

- 8) Preencha as lacunas com a sigla de todos partidos que você associar a cada uma das ideias a seguir:
- (_____) CORRUPÇÃO
- (_____) CRESCIMENTO ECONÔMICO
- (_____) DESENVOLVIMENTO SOCIAL
- (_____) PROGRAMAS SOCIAIS
- (_____) MERCADO
- 9) Você é favorável ou contrário à atuação do juiz Sérgio Moro na Operação Lava Jato?
- CONTRÁRIO
- FAVORÁVEL
- INDECISO

10) Do ponto de vista econômico você se considera alguém de:

- RENDA BAIXA
- RENDA MÉDIA BAIXA
- RENDA MÉDIA
- RENDA MÉDIA ALTA
- RENDA ALTA

11) Como costuma se informar sobre a atual situação política brasileira? Assinale QUANTAS ALTERNATIVAS de cada categoria forem necessárias.

DIÁLOGOS

- CONVERSAS INFORMAIS (COM AMIGOS E CONHECIDOS)
- CONVERSAS INFORMAIS (COM DESCONHECIDOS EM LOCAIS COMUNS)
- CONVERSAS FORMAIS (DEBATES, RODAS DE CONVERSA, PALESTRAS, AULAS ETC.)

MÍDIA CONVENCIONAL

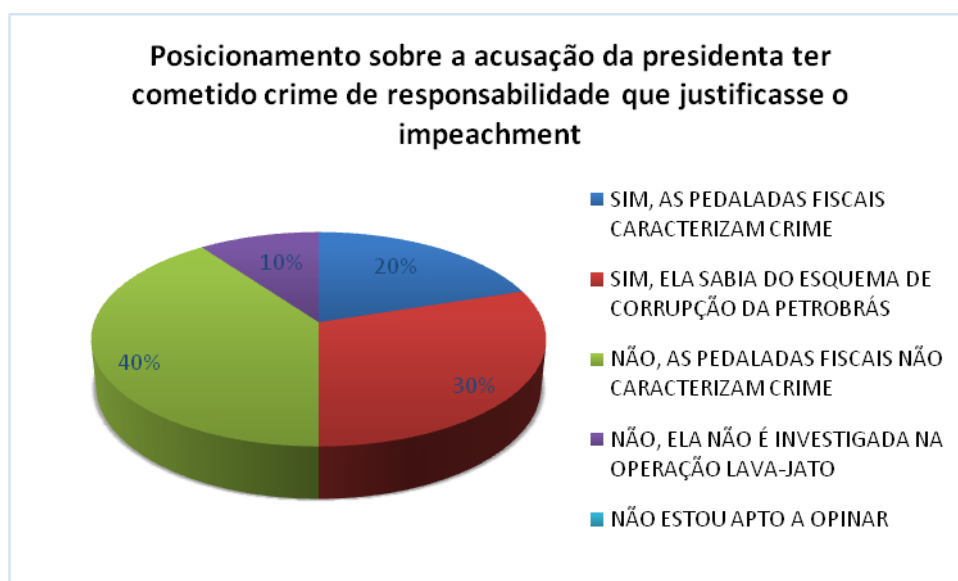
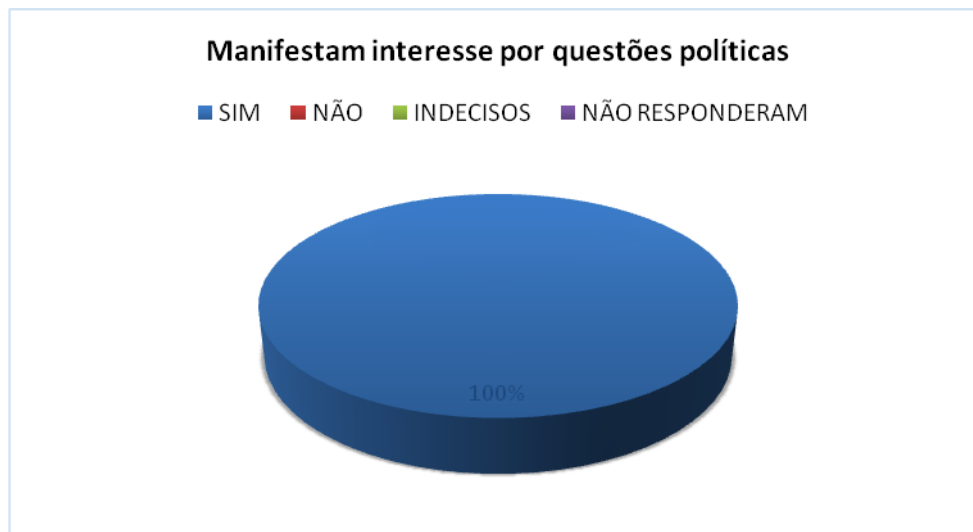
- JORNAIS TRADICIONAIS (ESTADÃO, FOLHA DE SÃO PAULO ETC.)
- REVISTAS TRADICIONAIS (VEJA, ÉPOCA, ISTO É, EXAME, VALOR ETC.)
- JORNAIS ALTERNATIVOS OU INDEPENDENTES (BRASIL DE FATO ETC.)
- REVISTAS ALTERNATIVAS OU INDEPENDENTES (CARTA CAPITAL, CARTA MAIOR ETC.)
- TV (JORNAL NACIONAL, FANTÁSTICO, JORNAL DA RECORD, BANDNEWS, GLOBONews ETC.)

NOVAS MÍDIAS (INTERNET)

- FACEBOOK
- BLOGS DE AUTORES LIGADOS AS MÍDIAS CONVENCIONAIS (OLAVO DE CARVALHO, REINALDO AZEVEDO, MERVAL PEREIRA ETC.)
- BLOGS ALTERNATIVOS (O CAFEZINHO, TIJOLAÇO, BLOG DO ESMAEL ETC.)

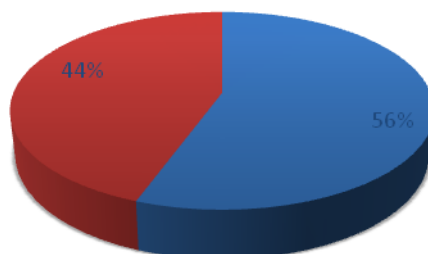
- () BLOGS ALTERNATIVOS DE ALTÍSSIMO ACESSO (BRASIL 247, CONVERSA AFIADA)
- () *WHATSAPP* (CONVERSAS INDIVIDUAIS, EM GRUPOS; ARQUIVOS DE ÁUDIO, DE VÍDEO ETC.)

Acrescente alguma informação se achar necessário.

APÊNDICE C - Gráficos**Gráficos Josepha Cubas servidores docentes (2016)**

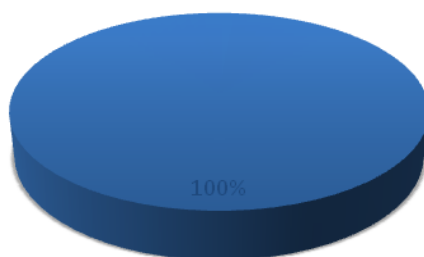
Concordam com que a corrupção no Partido dos Trabalhadores (PT) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



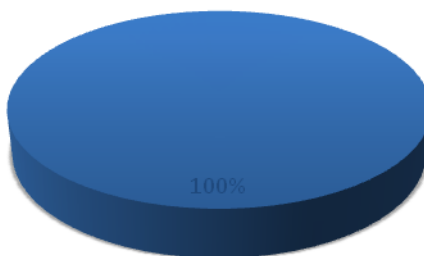
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

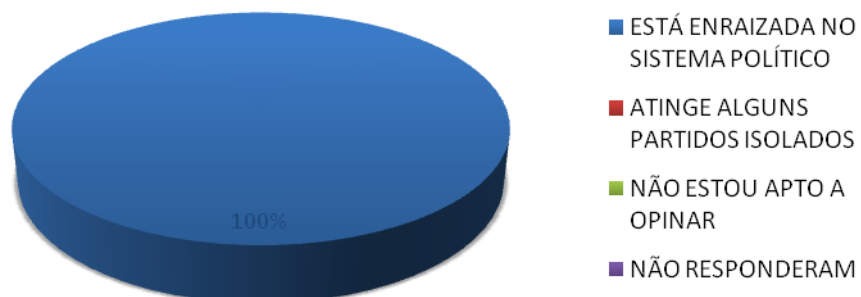


Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

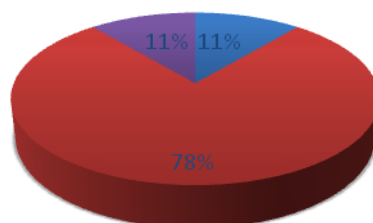


Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros



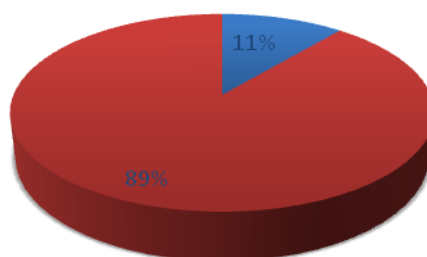
Sobre se houve efetiva representação do povo no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



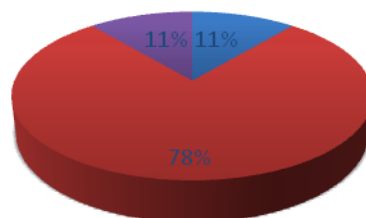
Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

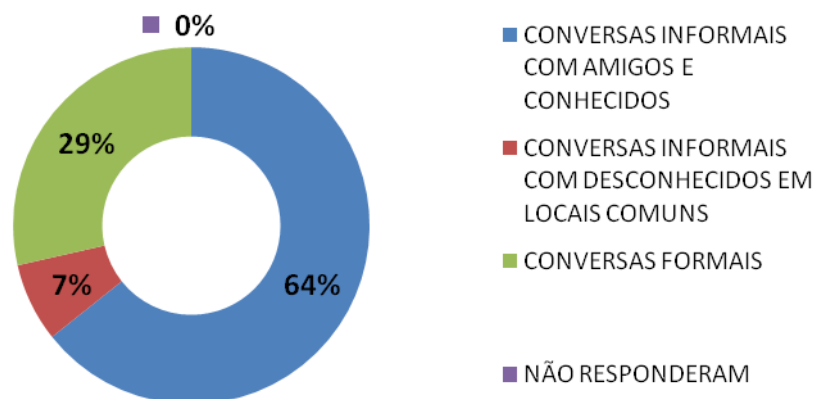


Como os participantes da entrevista se consideram do ponto de vista econômico

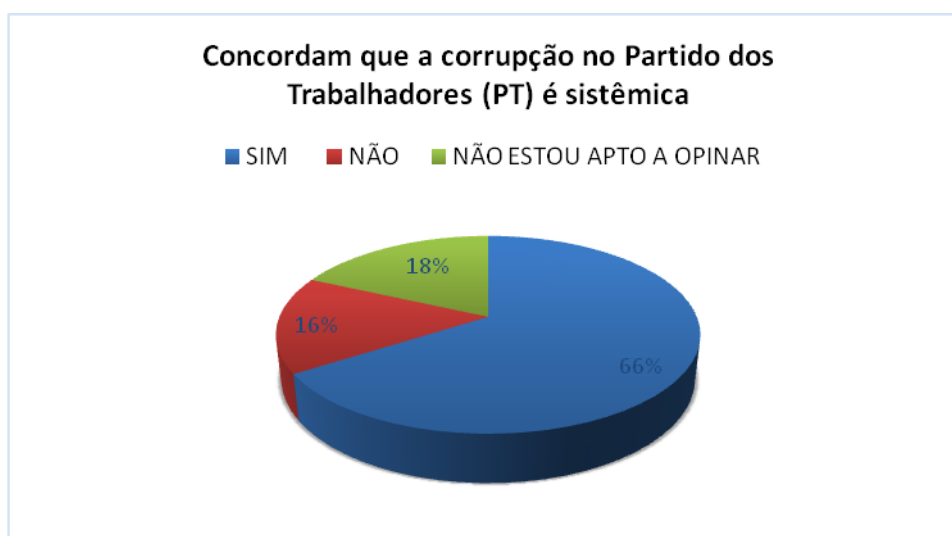
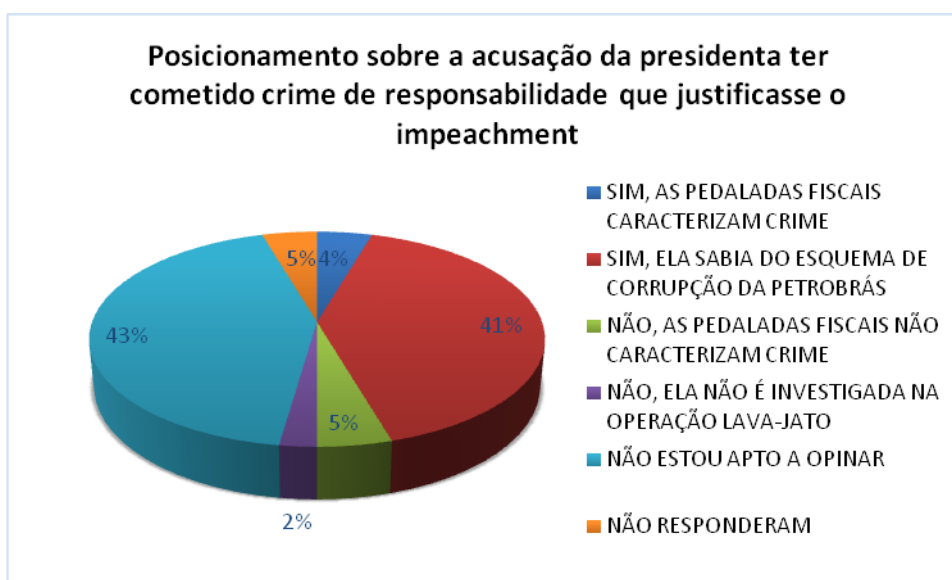
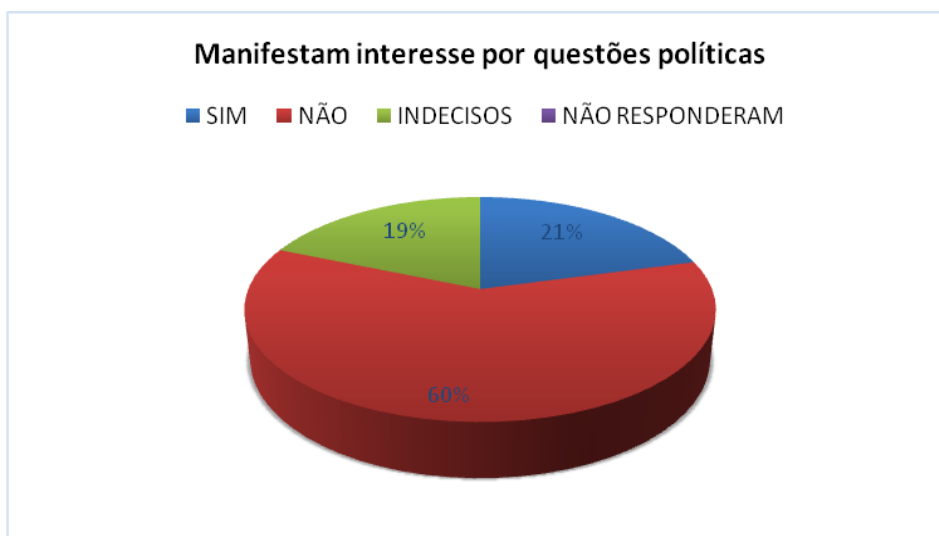
■ RENDA BAIXA ■ RENDA MÉDIA BAIXA ■ RENDA MÉDIA
■ RENDA MÉDIA ALTA ■ RENDA ALTA ■ NÃO RESPONDERAM



Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

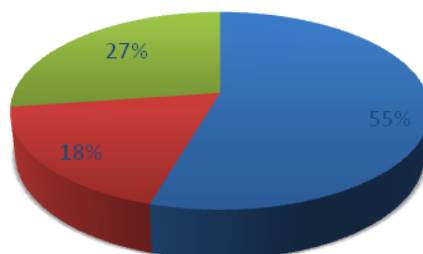


Gráficos Josepha Cubas estudantes (2016)



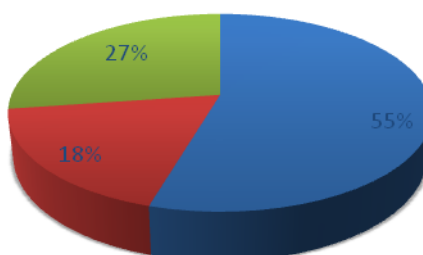
Concordam que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR

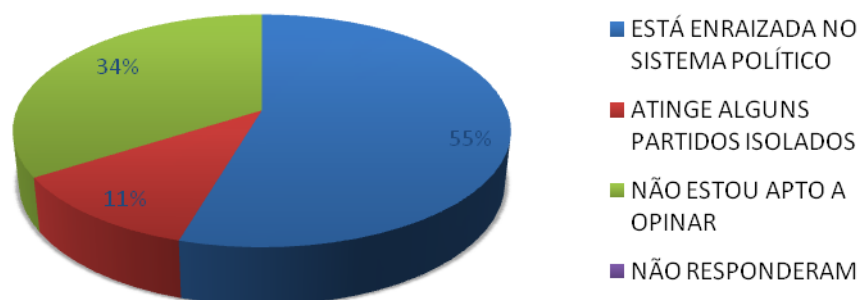


Concordam que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

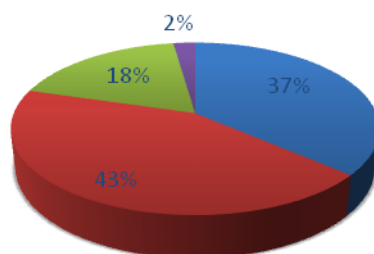


Concordam que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros



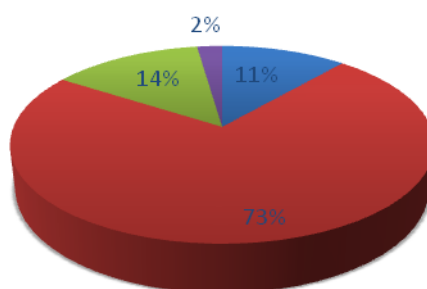
Sobre se houve efetiva representação do povo no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



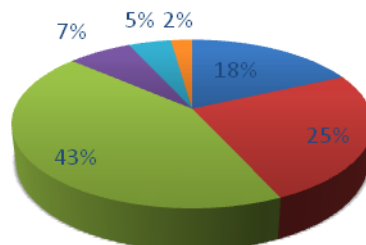
Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

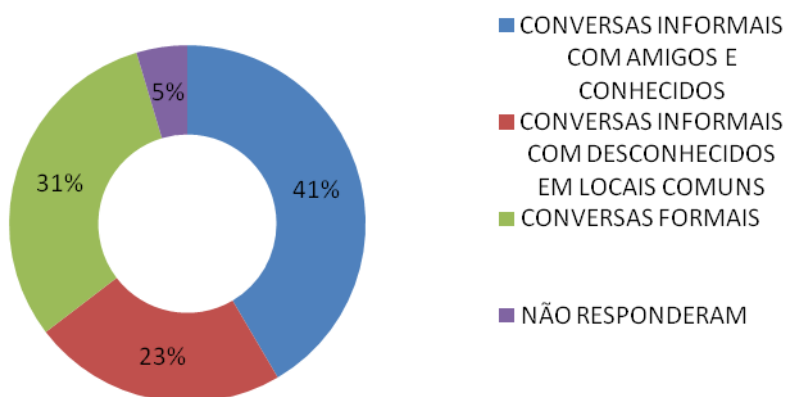


Como os participantes da entrevista se consideram do ponto de vista econômico

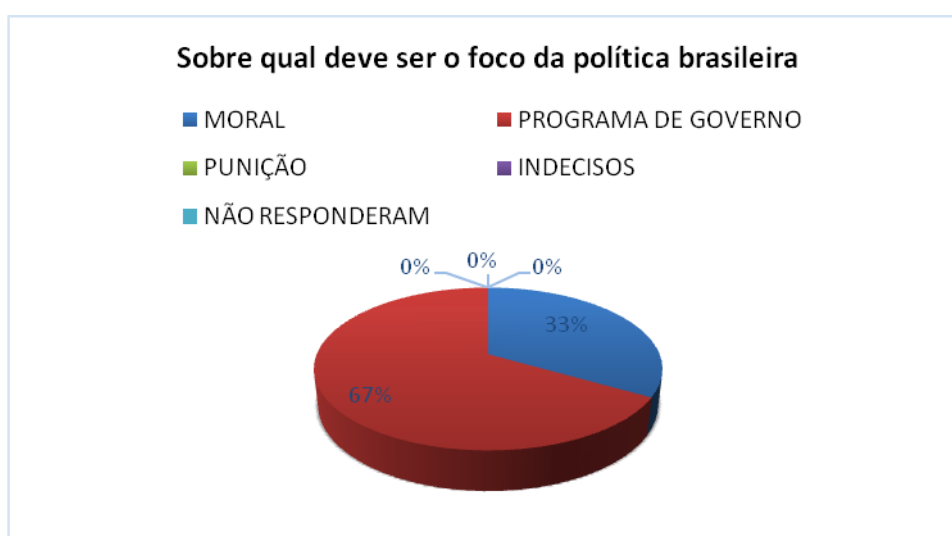
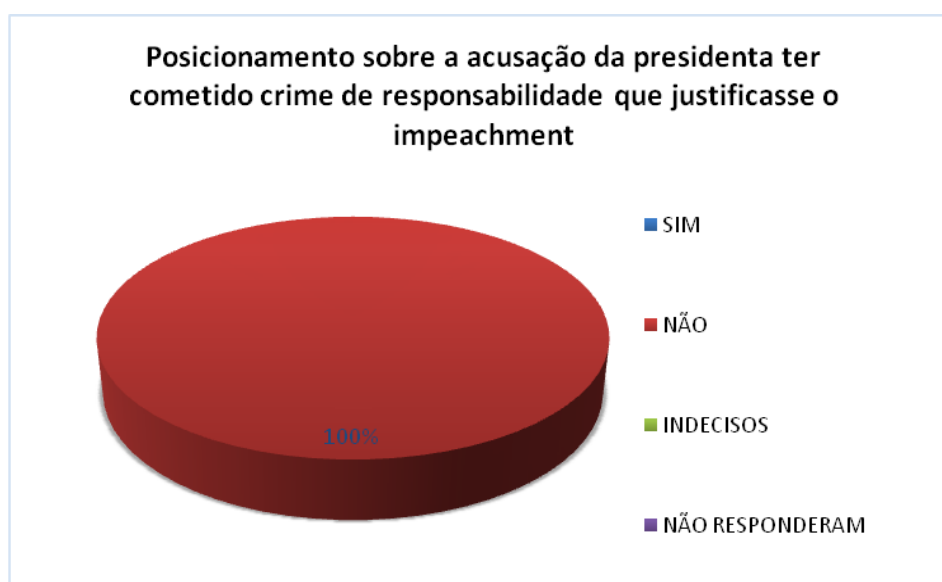
■ RENDA BAIXA ■ RENDA MÉDIA BAIXA ■ RENDA MÉDIA
 ■ RENDA MÉDIA ALTA ■ RENDA ALTA ■ NÃO RESPONDERAM



Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

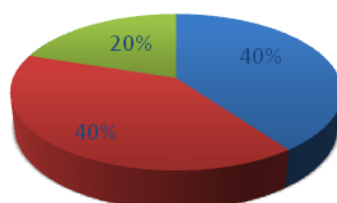


Gráficos Josepha Cubas servidores técnico-administrativos (2017)



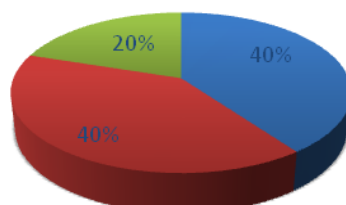
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara dos deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

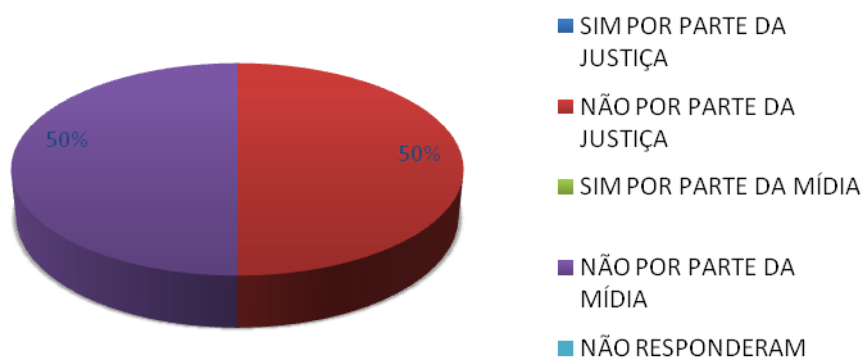


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

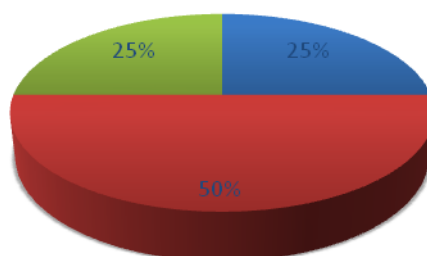


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



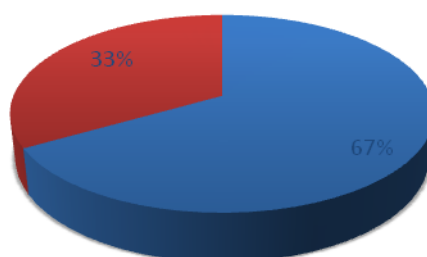
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PMDB ■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



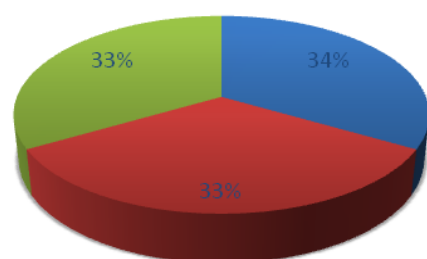
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ PT ■ NÃO RESPONDERAM



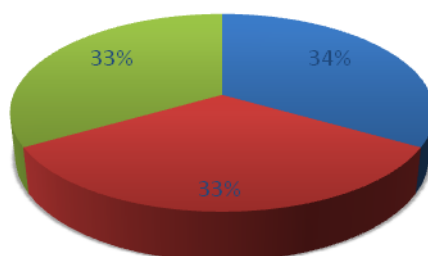
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PT ■ PCdoB ■ NÃO RESPONDERAM



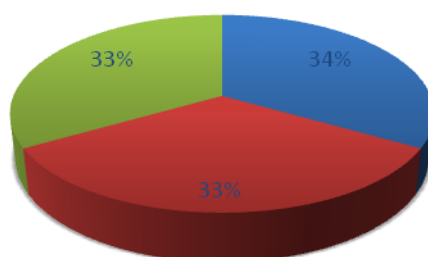
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



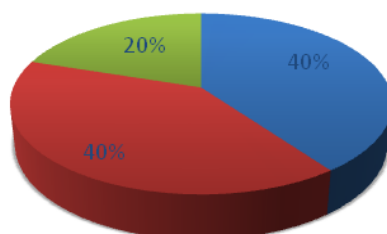
Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSB ■ NÃO RESPONDERAM

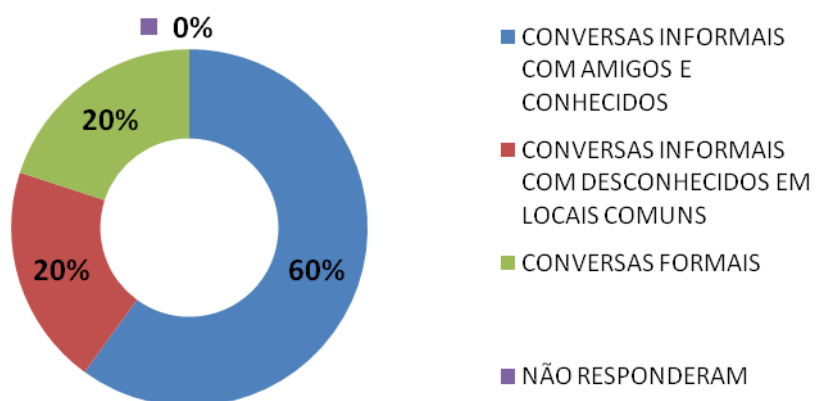


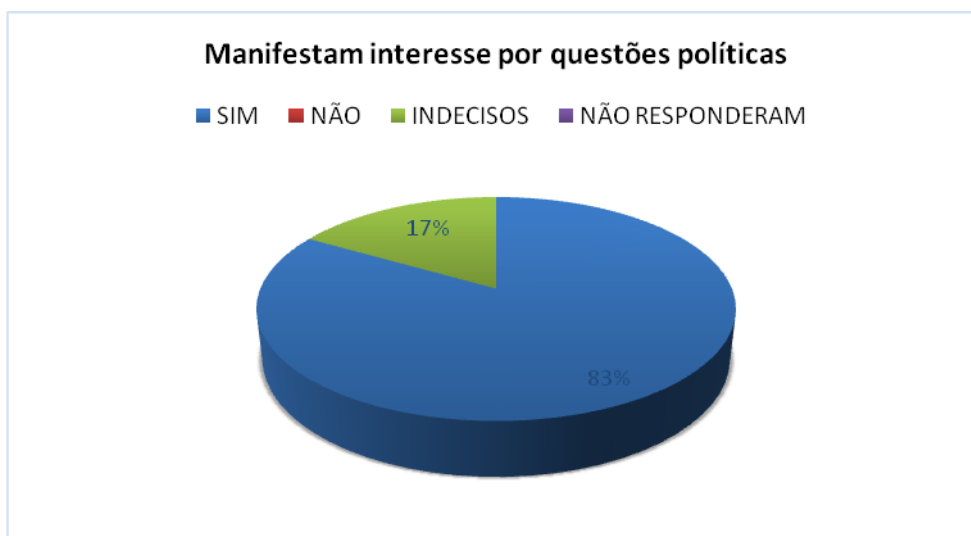
Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



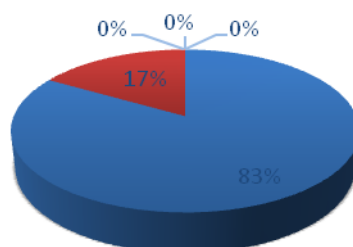
Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais



Gráficos Josepha Cubas servidores docentes (2017)

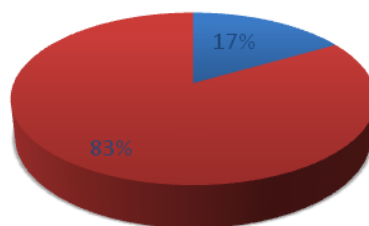
Sobre qual deve ser o foco da política brasileira

- MORAL
- PROGRAMA DE GOVERNO
- PUNIÇÃO
- INDECISOS
- NÃO RESPONDERAM



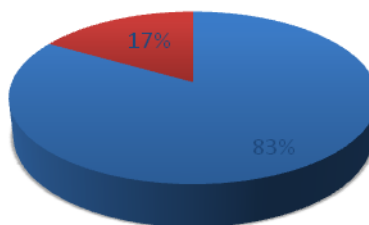
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

- CONTRÁRIOS
- FAVORÁVEIS
- INDECISOS
- NÃO RESPONDERAM

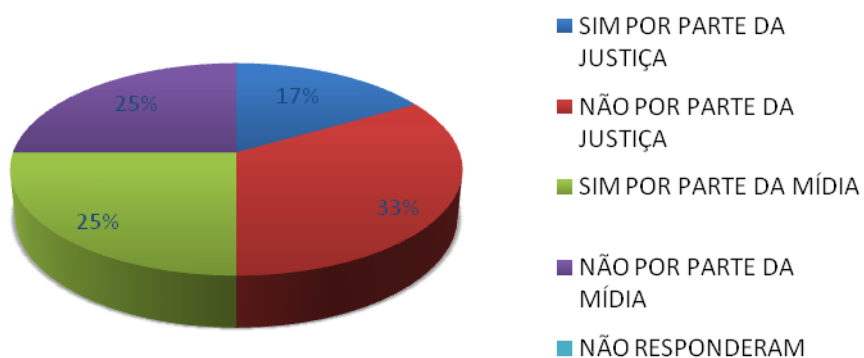


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

- CONTRÁRIOS
- FAVORÁVEIS
- INDECISOS
- NÃO RESPONDERAM

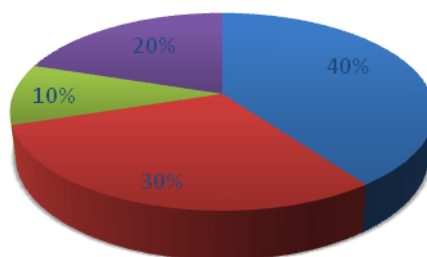


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



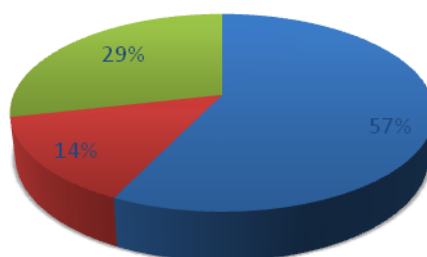
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PMDB ■ PSDB ■ DEM ■ NÃO RESPONDERAM



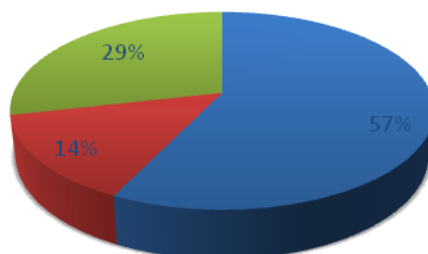
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



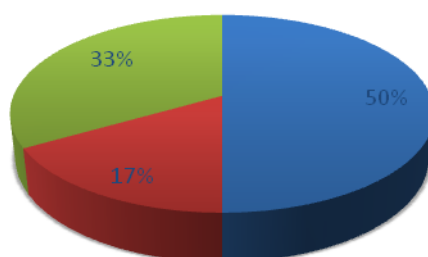
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



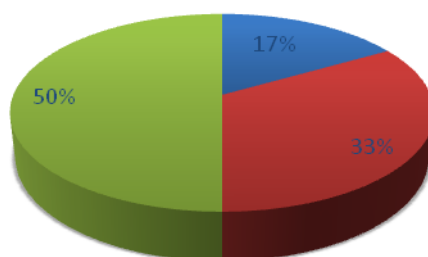
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



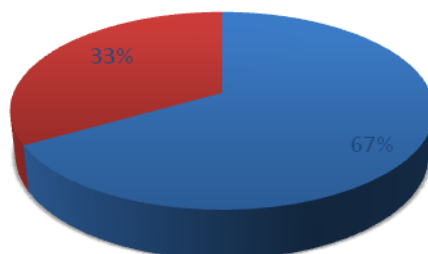
Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

■ PSDB ■ PT ■ NÃO RESPONDERAM

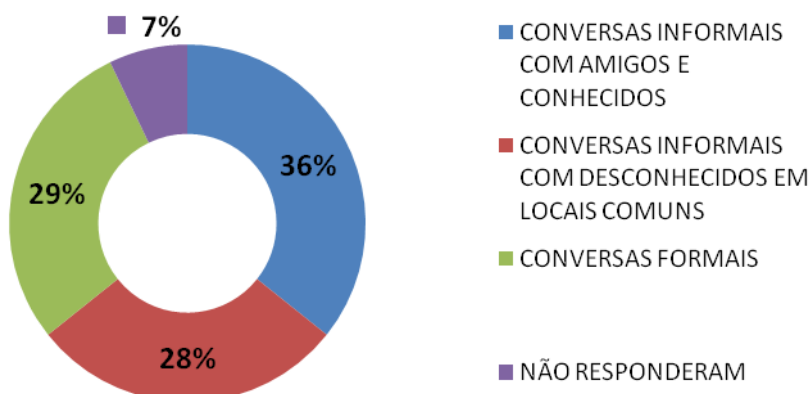


Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

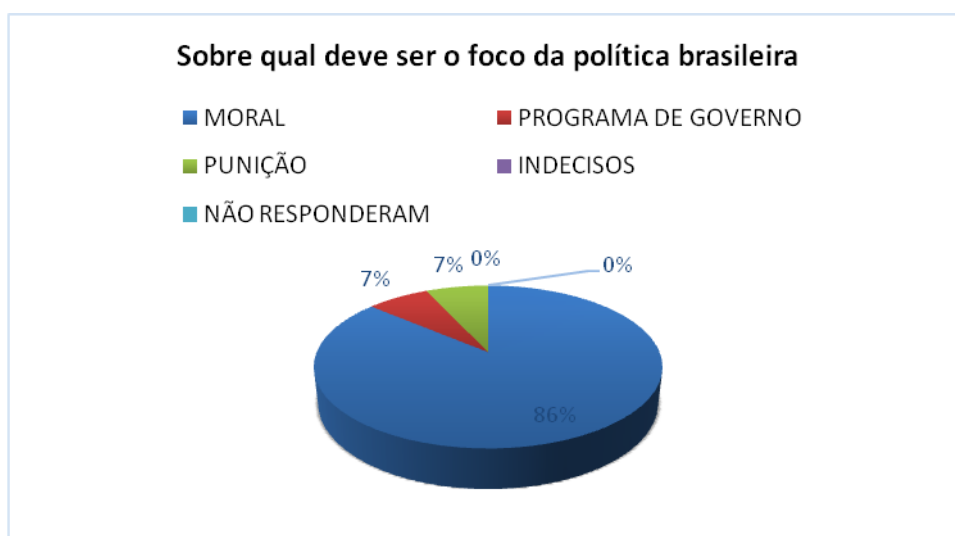
■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

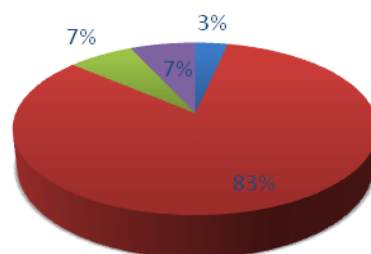


Gráficos Josepha Cubas estudantes (2017)



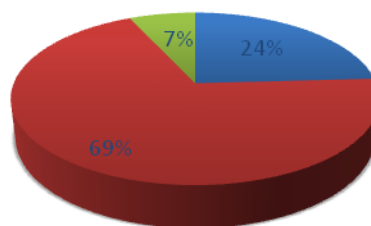
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

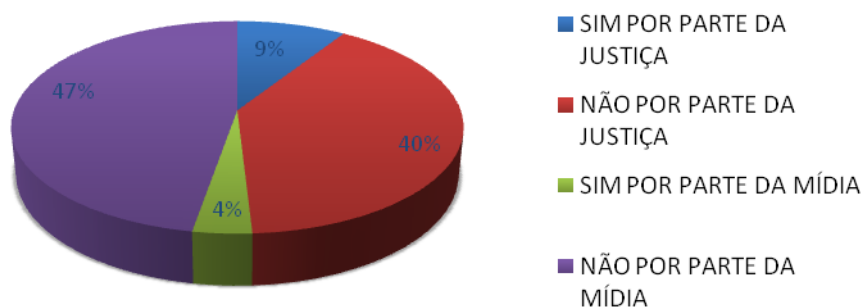


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

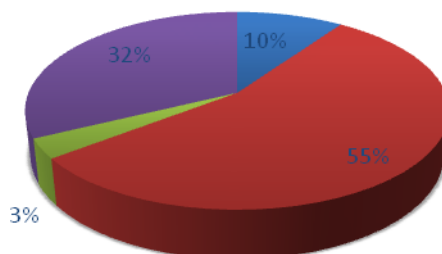


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



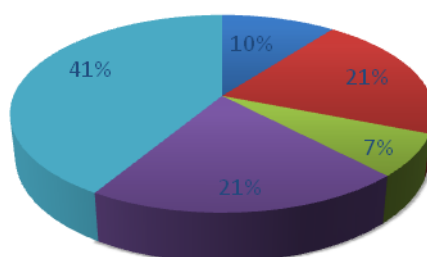
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PSDB ■ PT ■ PMDB ■ NÃO RESPONDERAM



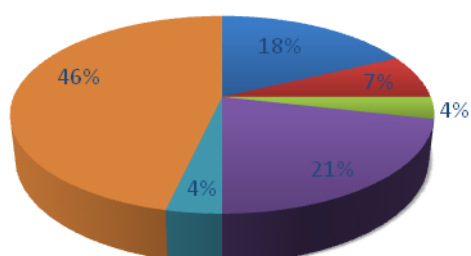
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ PT ■ PMDB ■ PSDB ■ PATRIOTAS ■ NÃO RESPONDERAM



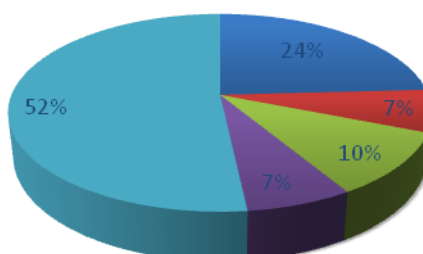
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSB ■ PSDB ■ PSC ■ PSD ■ NÃO RESPONDERAM



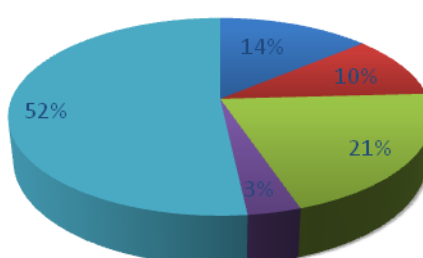
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSDB ■ PATRIOTAS ■ PSC ■ NÃO RESPONDERAM



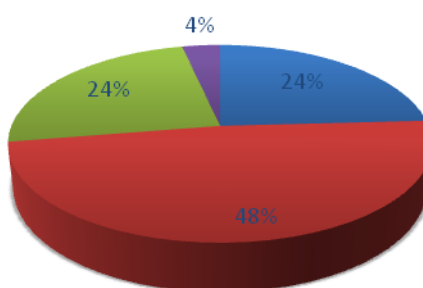
Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

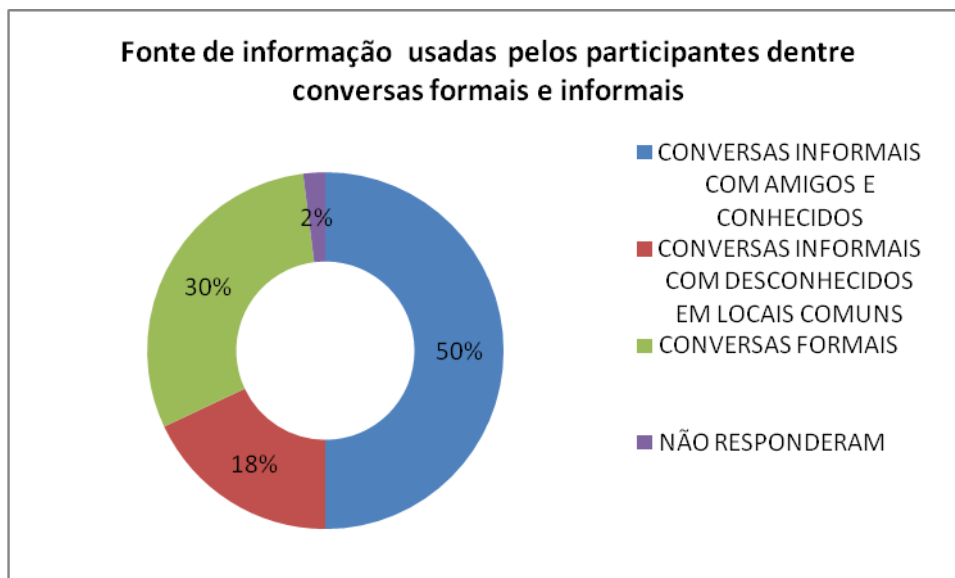
■ PSDB ■ PT ■ PATRIOTAS ■ PSB ■ NÃO RESPONDERAM



Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

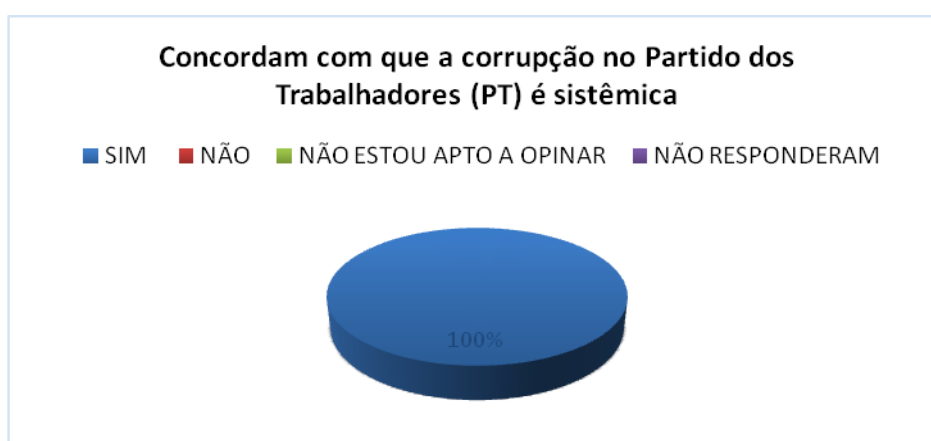
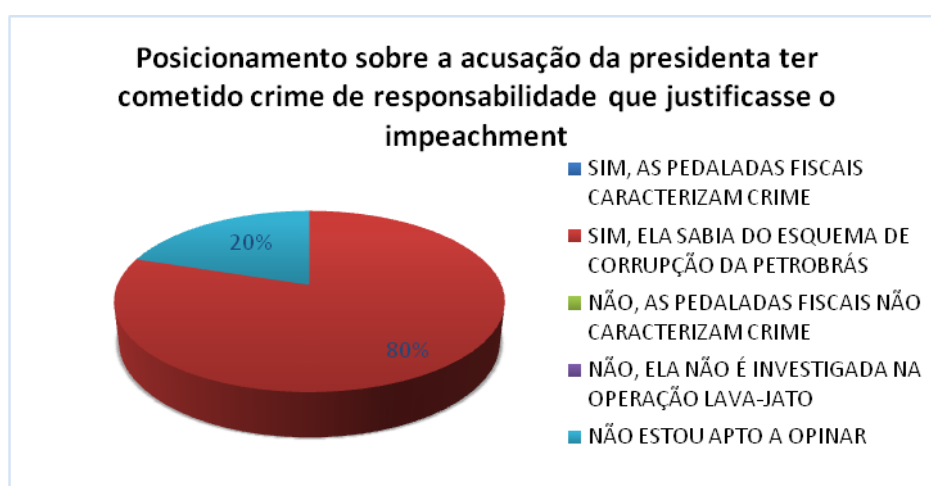
■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM





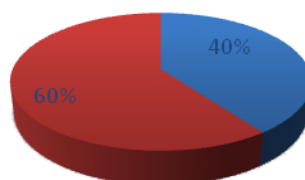
E.E. Virginia Ramalho

Gráficos Virginia Ramalho servidores técnico-administrativos (2016)



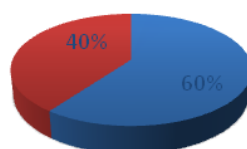
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



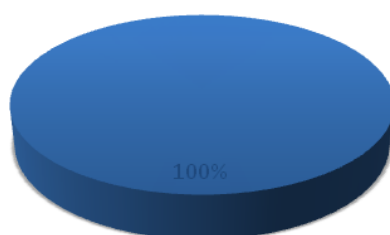
Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



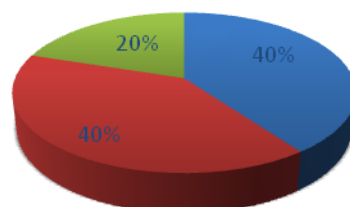
Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros

■ ESTÁ ENRAIZADA NO SISTEMA POLÍTICO
 ■ ATINGE ALGUNS PARTIDOS ISOLADOS
 ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR
 ■ NÃO RESPONDERAM



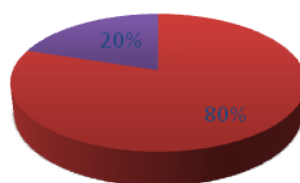
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

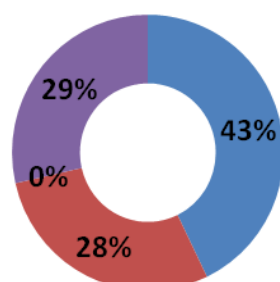


Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

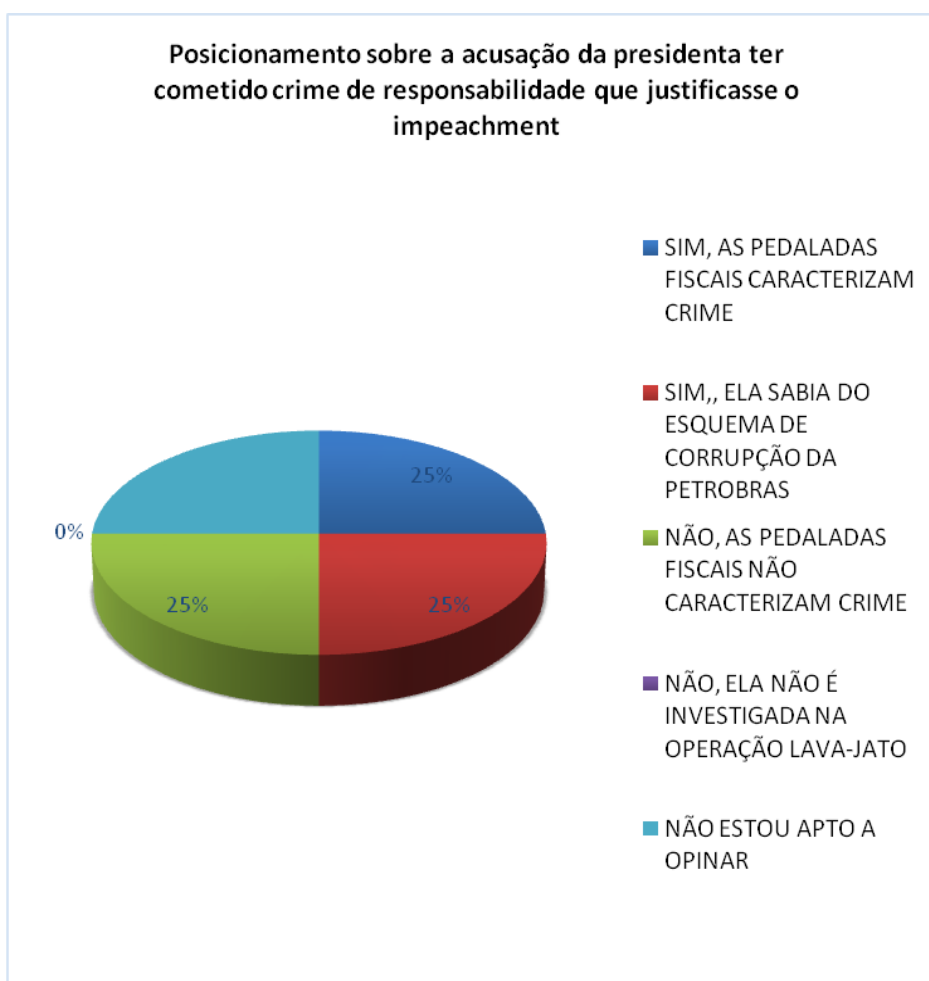
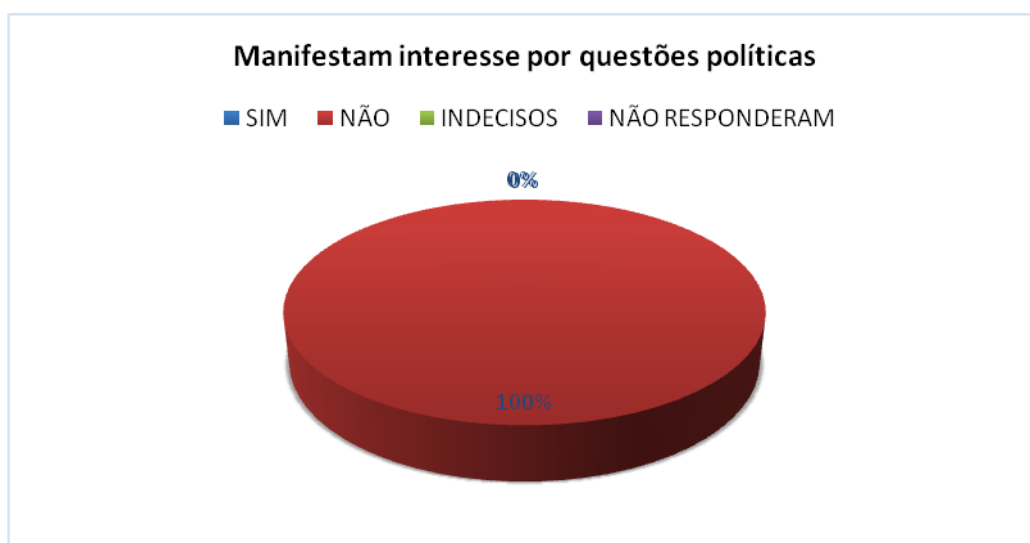


Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais



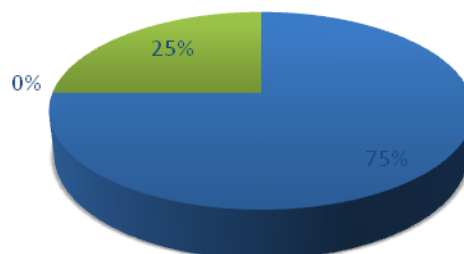
■ CONVERSAS INFORMAIS COM AMIGOS E CONHECIDOS
 ■ CONVERSAS INFORMAIS COM DESCONHECIDOS EM LOCAIS COMUNS
 ■ CONVERSAS FORMALS

Gráficos Virginia Ramalho servidores docentes (2016)



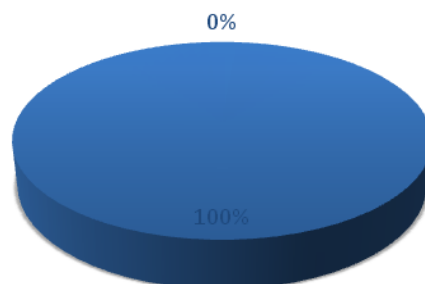
Concordam com que a corrupção no Partido dos Trabalhadores (PT) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR



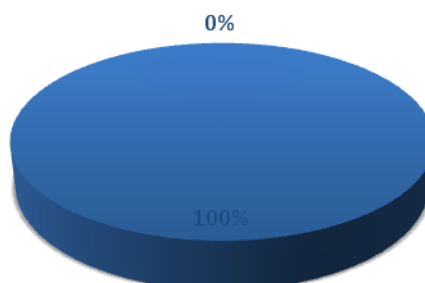
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR

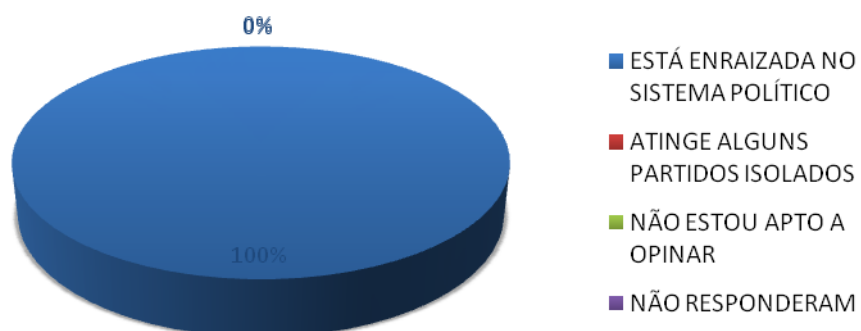


Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

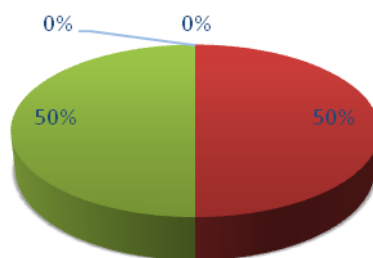


Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros



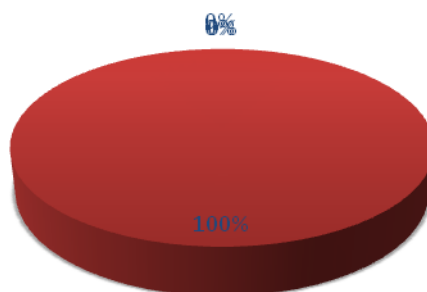
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

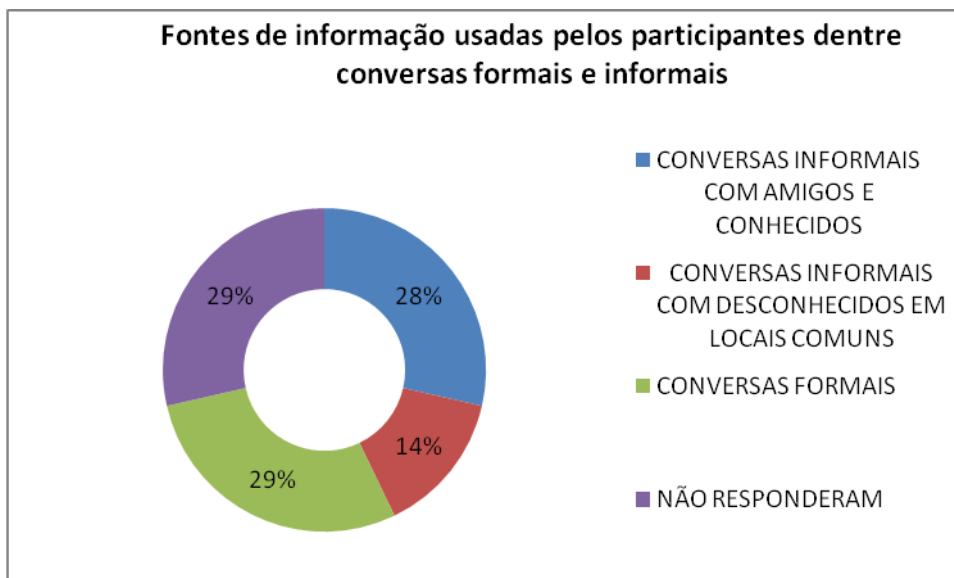
■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



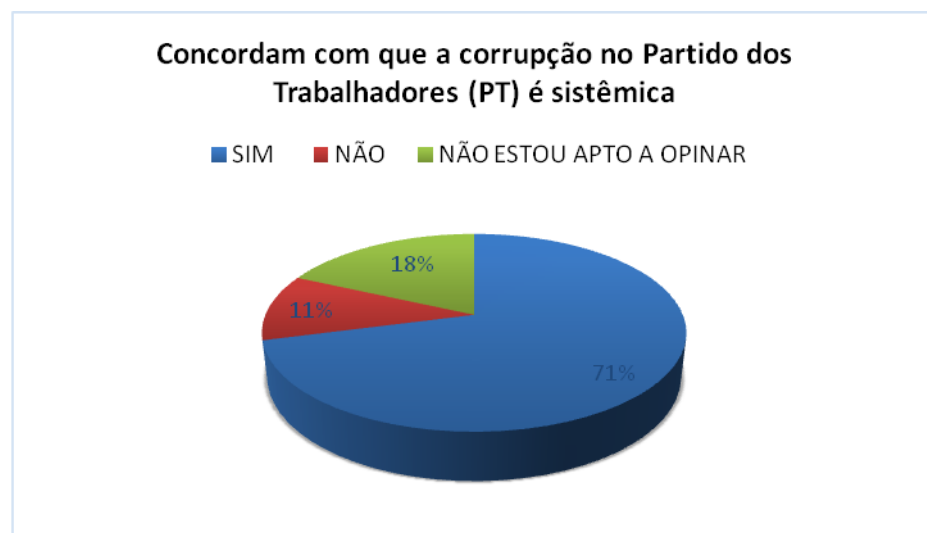
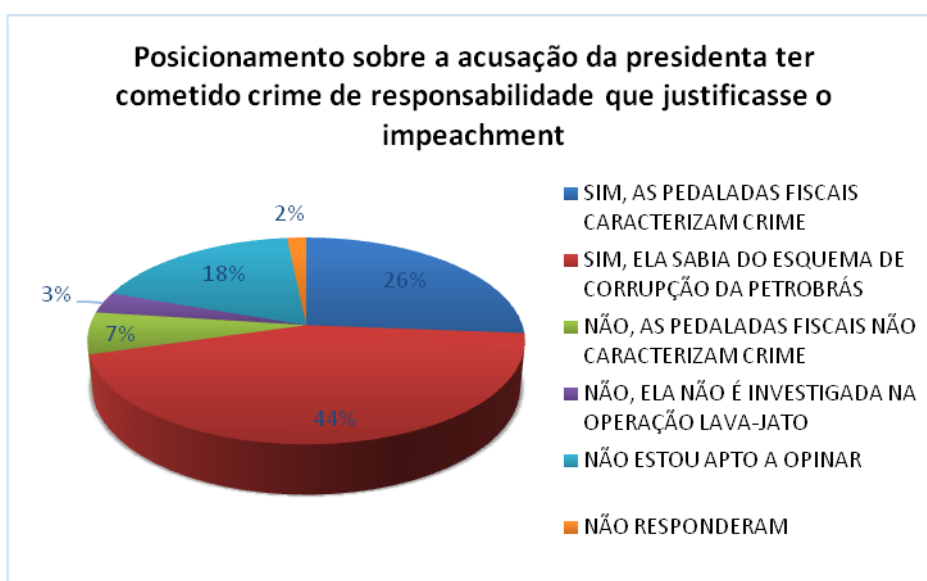
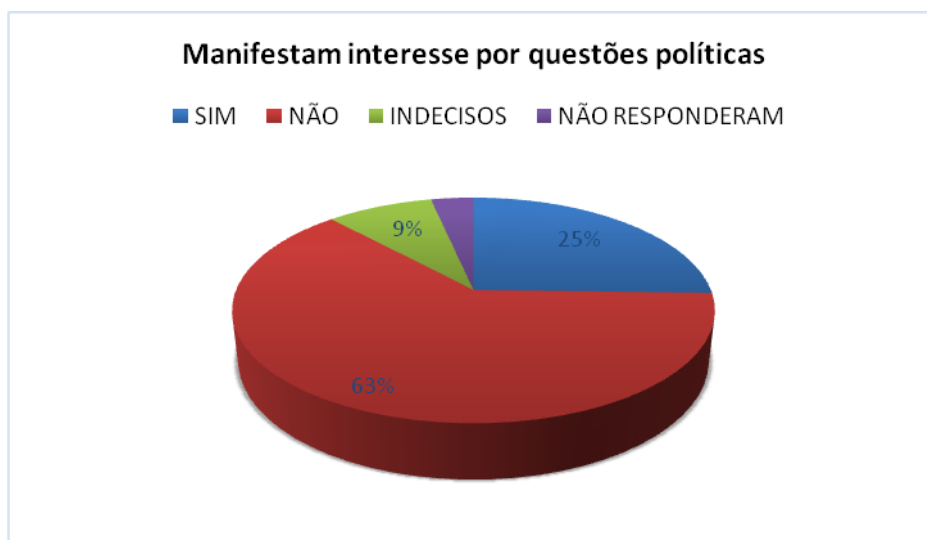
Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



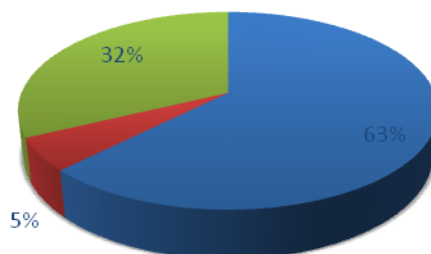


Gráficos Virginia Ramalho estudantes (2016)



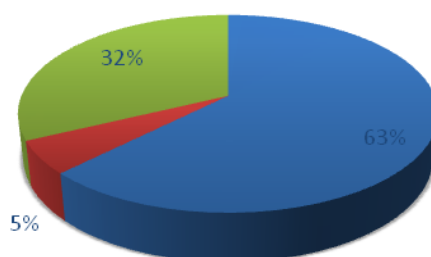
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR



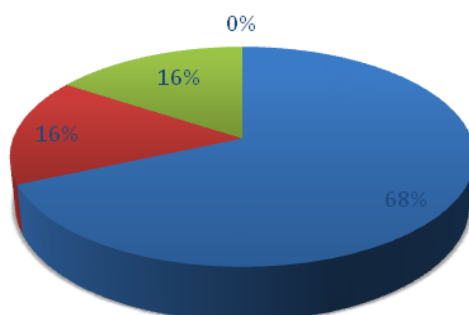
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR



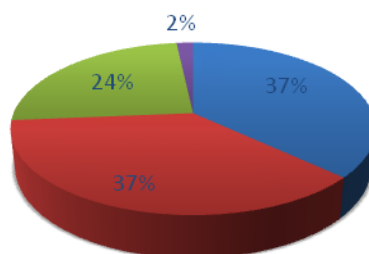
Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros

■ ESTÁ ENRAIZADA NO SISTEMA POLÍTICO
 ■ ATINGE ALGUNS PARTIDOS ISOLADOS
 ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR
 ■ NÃO RESPONDERAM



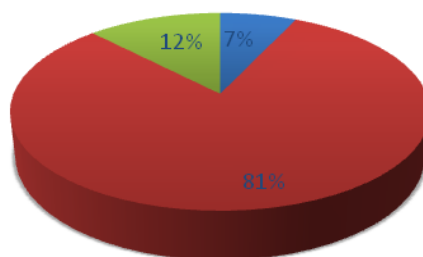
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

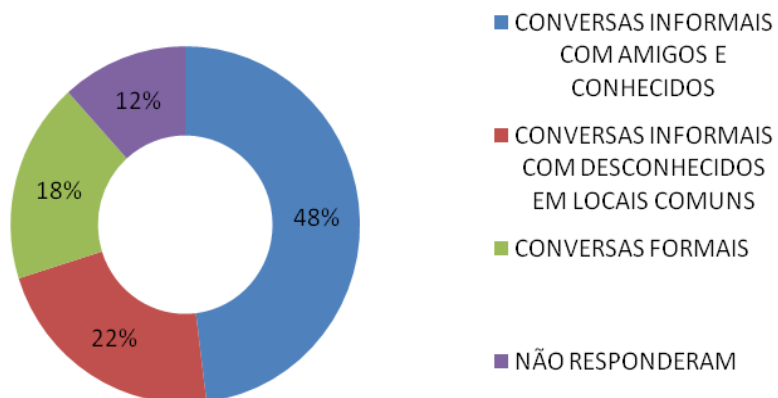


Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

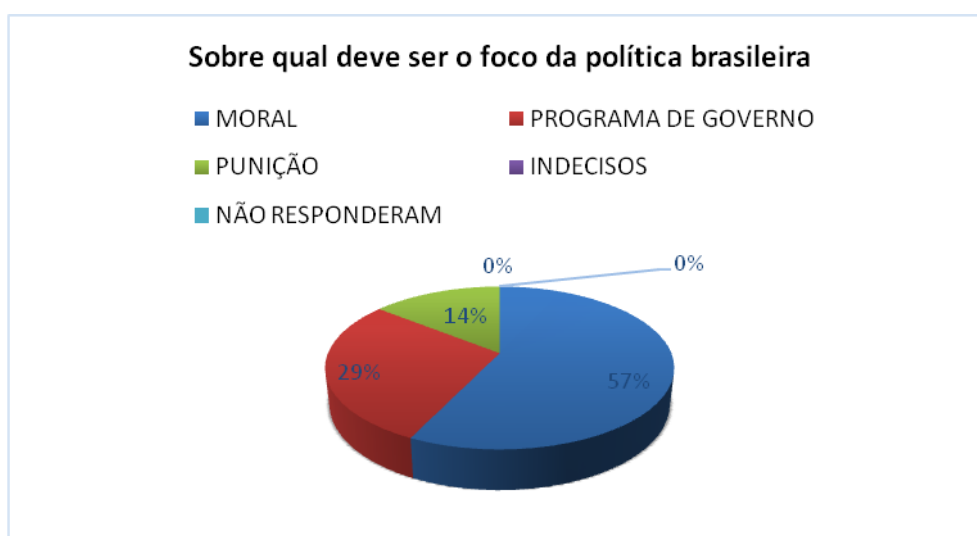
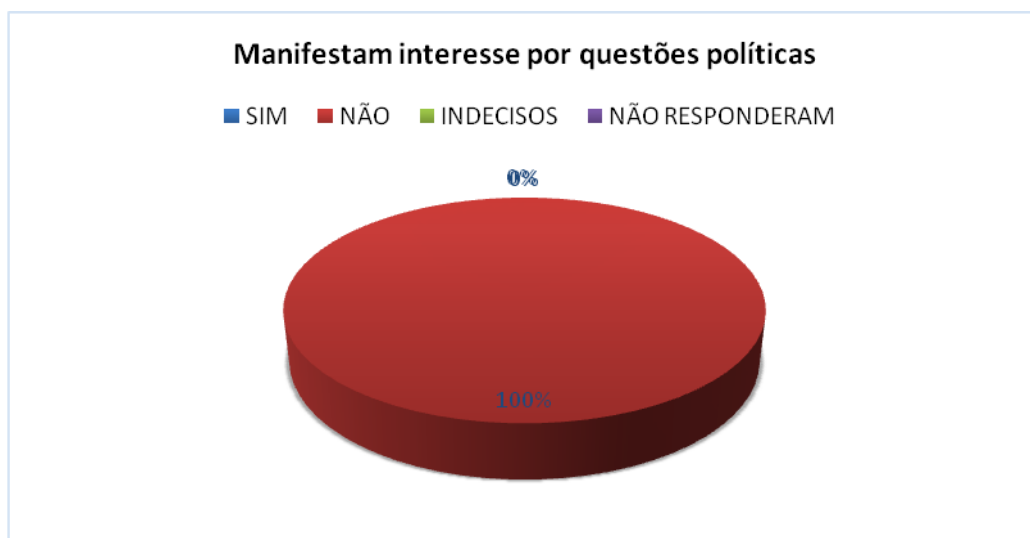
■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

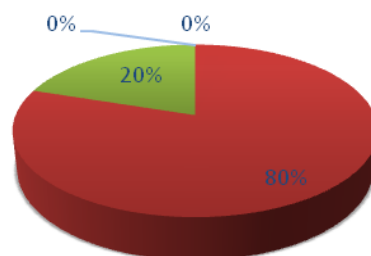


Gráficos Virginia Ramalho servidores técnico-administrativos (2017)



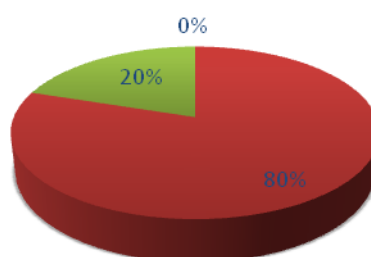
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

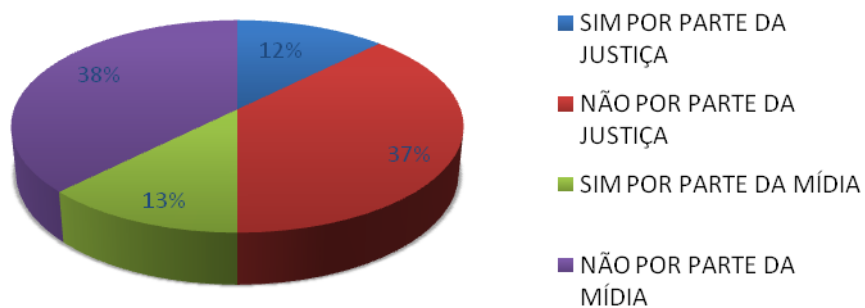


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

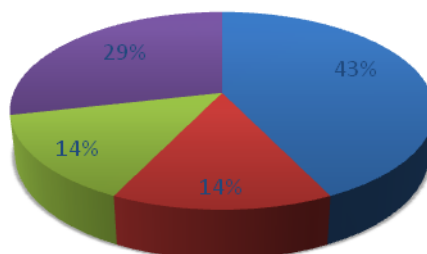


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



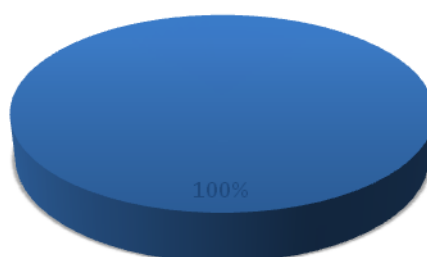
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PT ■ PMDB ■ PP ■ NÃO RESPONDERAM



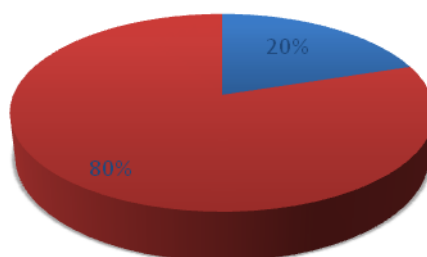
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ NÃO RESPONDERAM



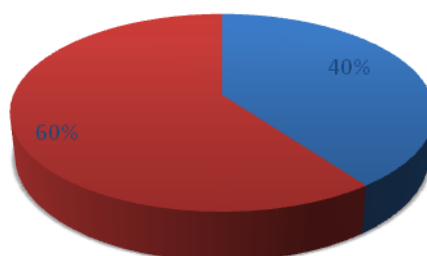
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



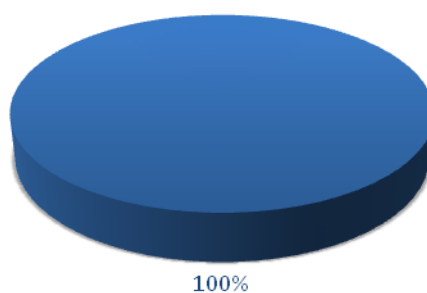
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



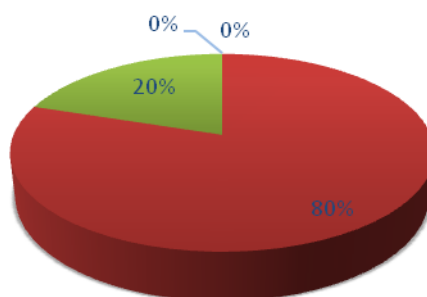
Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

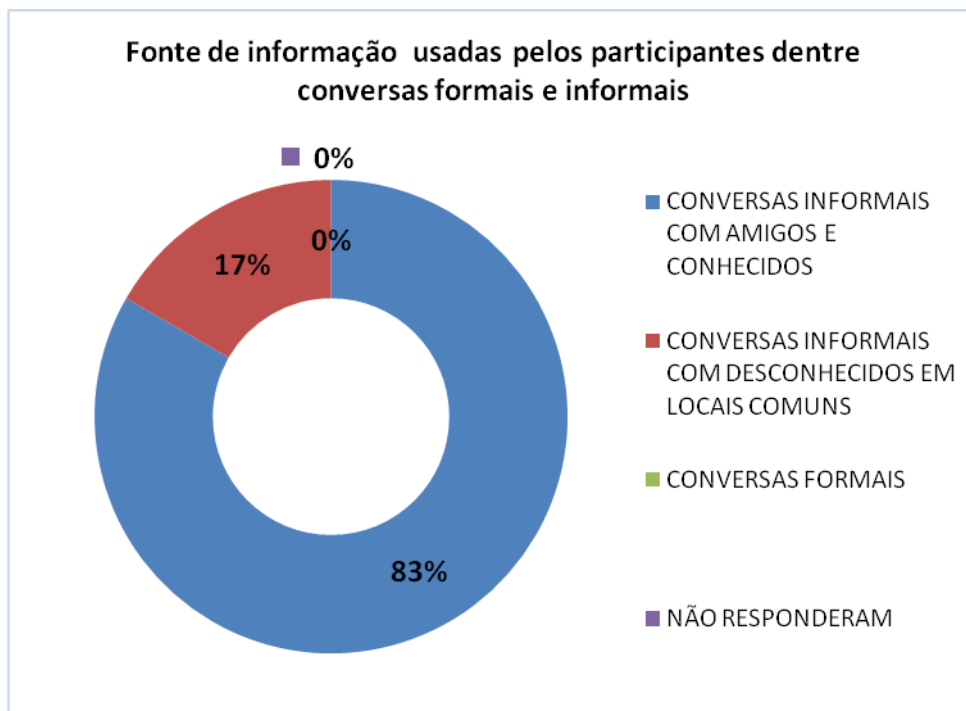
■ NÃO RESPONDERAM



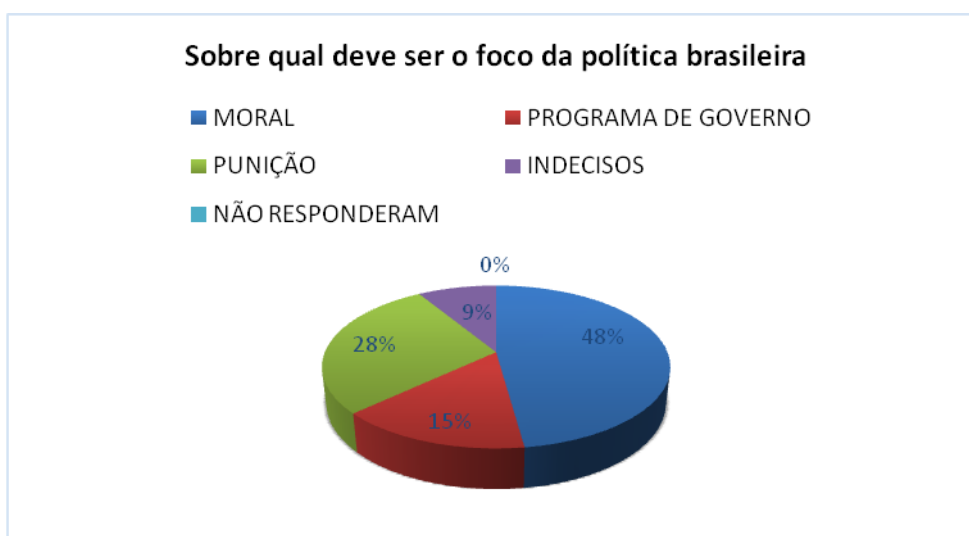
Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



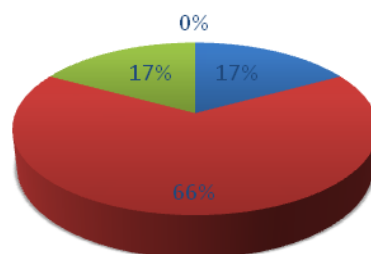


Gráficos Virginia Ramalho estudantes (2017)



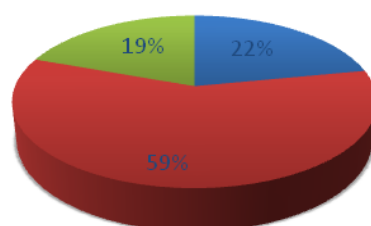
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

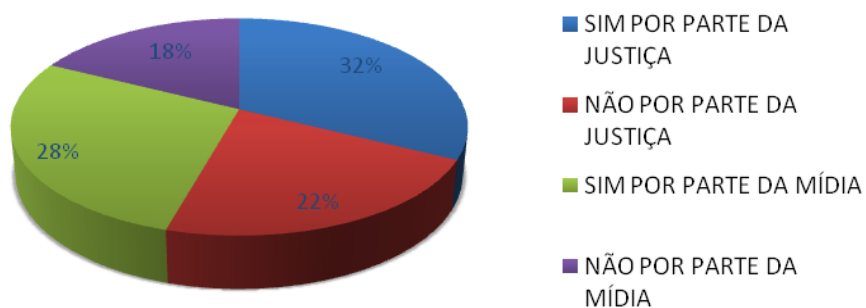


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

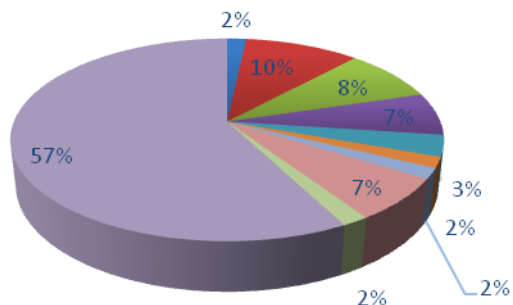


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



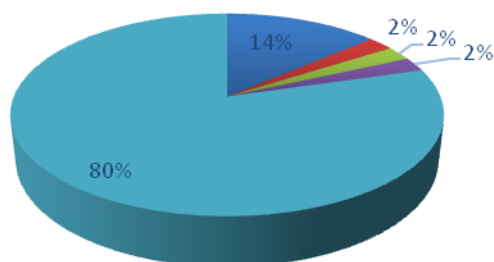
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PV ■ PSDB ■ DEM ■ PHS ■ PT ■ PTB ■ PP ■ PMDB ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



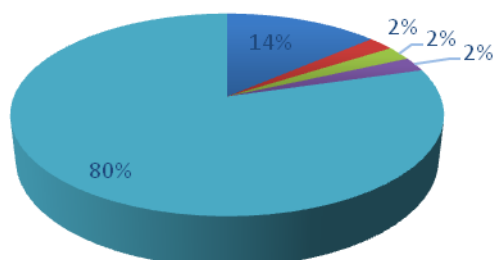
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSDB ■ DEM ■ PSB ■ NÃO RESPONDERAM



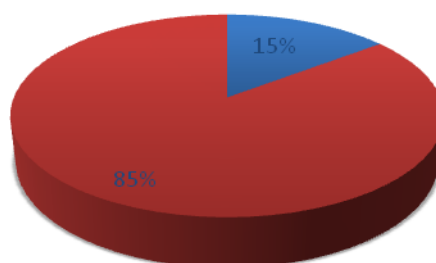
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSDB ■ DEM ■ PHS ■ NÃO RESPONDERAM



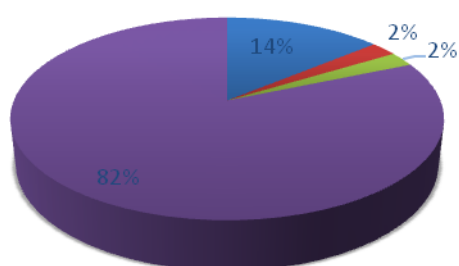
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ NÃO RESPONDERAM



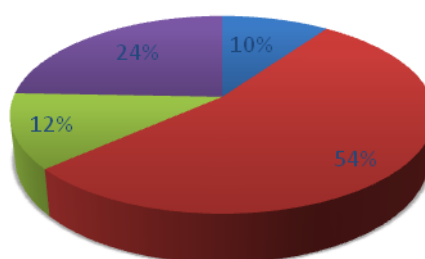
Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSDB ■ DEM ■ NÃO RESPONDERAM

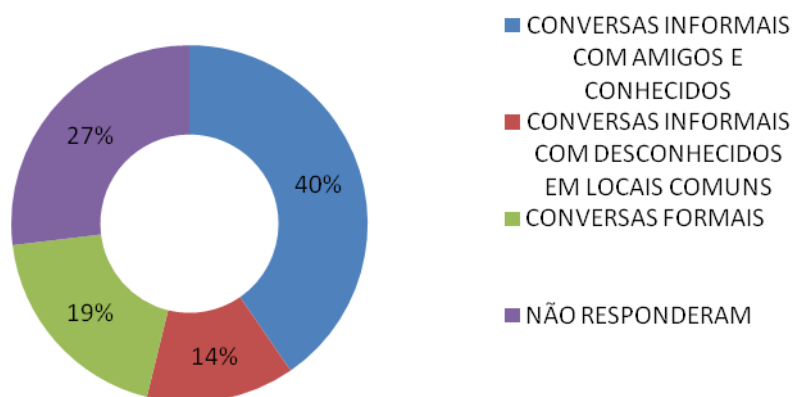


Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais



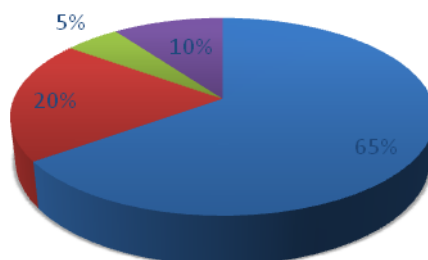
Universidade do Estado de São Paulo campus de Ourinhos

Gráficos UNESP-Ourinhos servidores técnico-administrativos (2016)



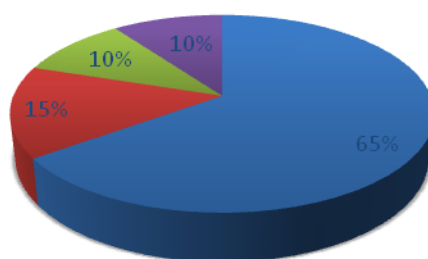
Concordam com que a corrupção no Partido dos Trabalhadores (PT) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

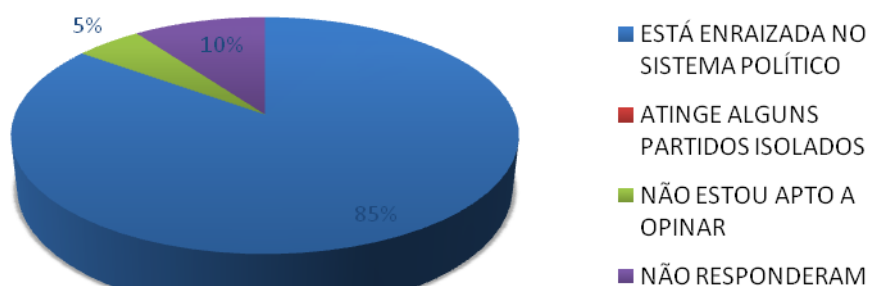


Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

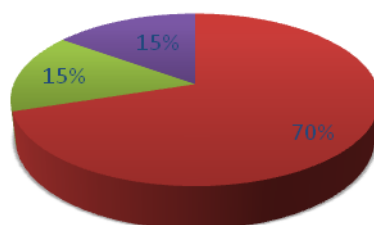


Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros



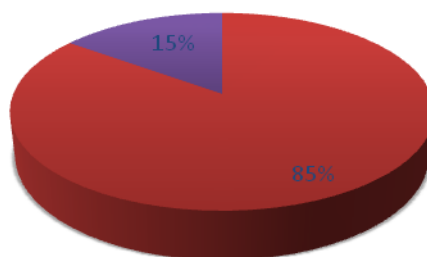
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



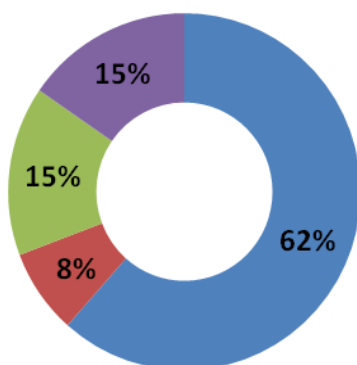
Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

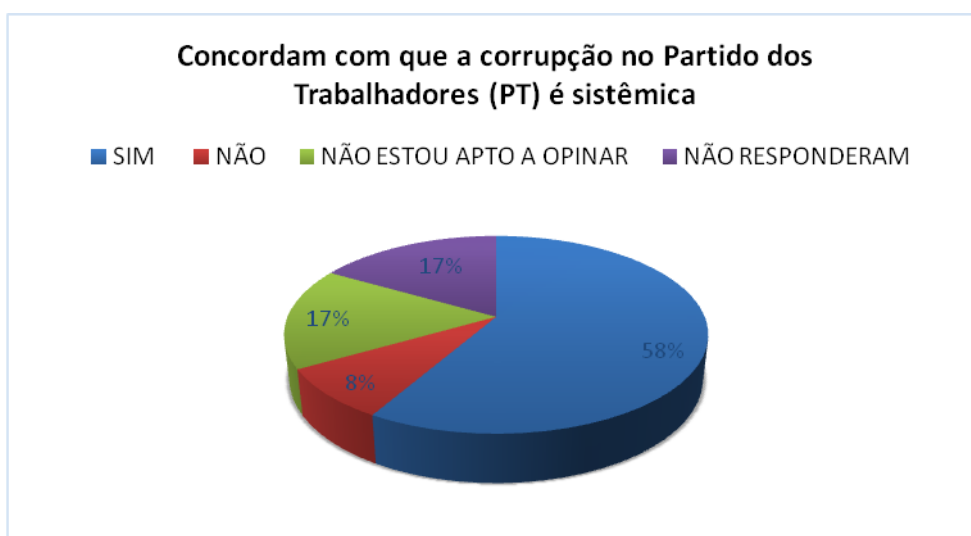
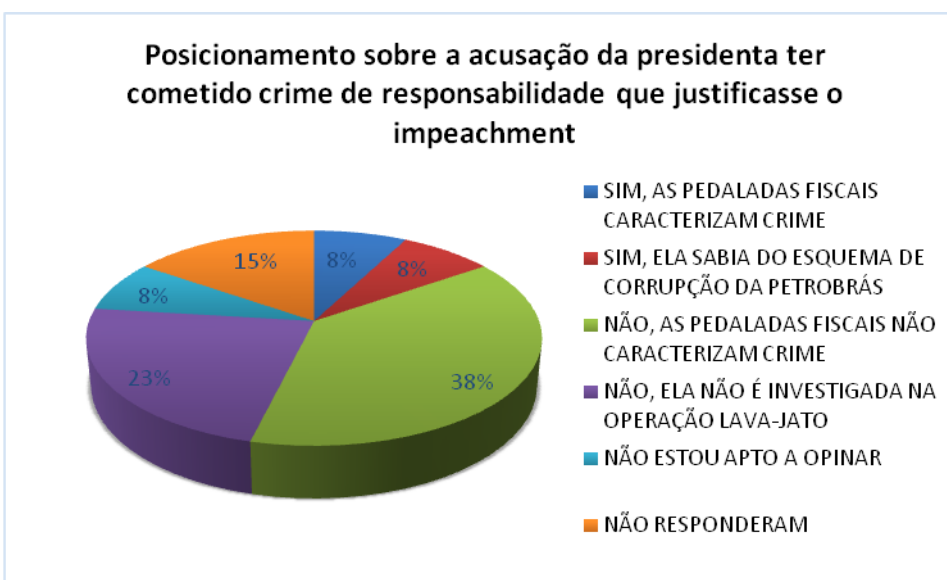
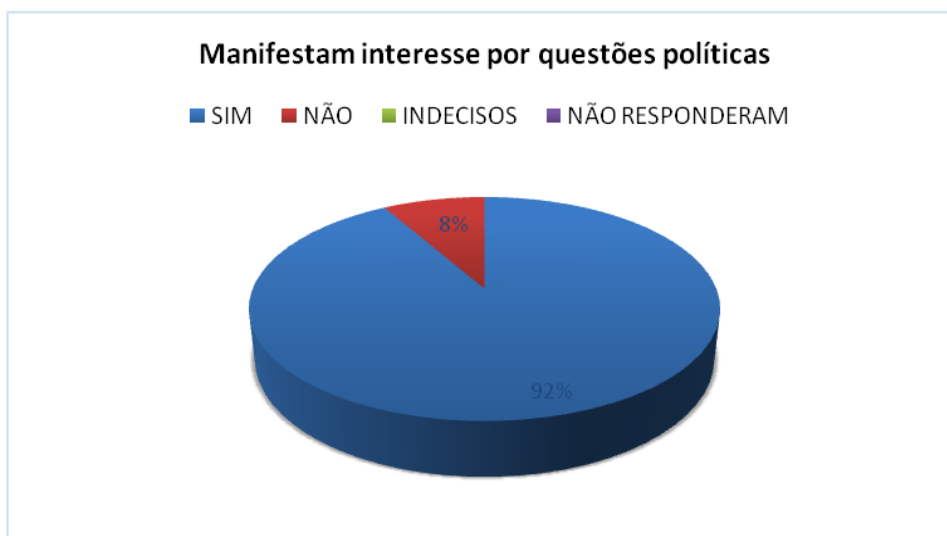


Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

■ CONVERSAS INFORMAIS COM AMIGOS E CONHECIDOS
 ■ CONVERSAS INFORMAIS COM DESCONHECIDOS EM LOCAIS COMUNS
 ■ CONVERSAS FORMAIS
 ■ NÃO RESPONDERAM

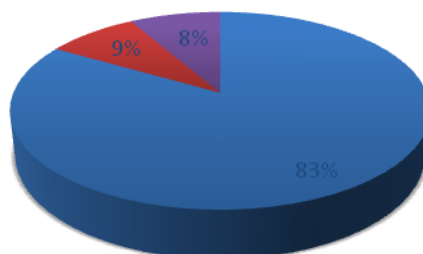


Gráficos UNESP-Ourinhos servidores docentes (2016)



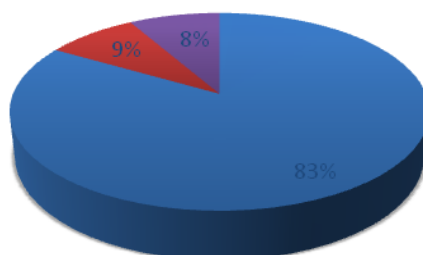
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

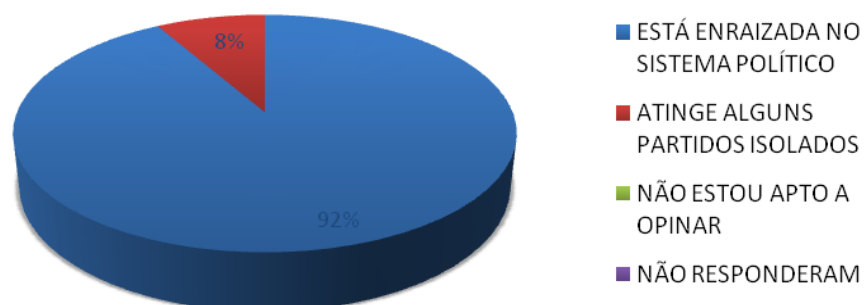


Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

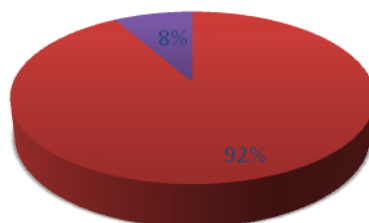


Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros



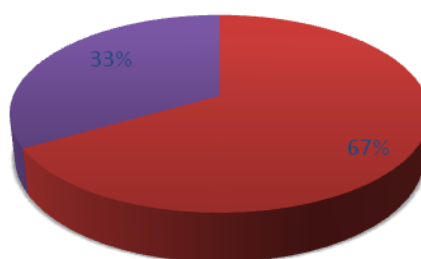
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

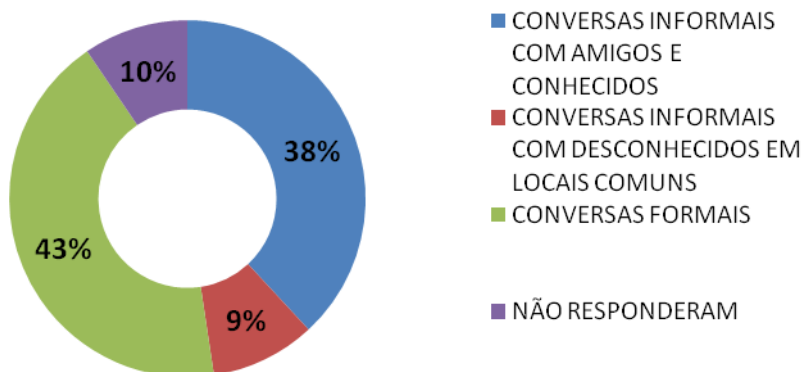


Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

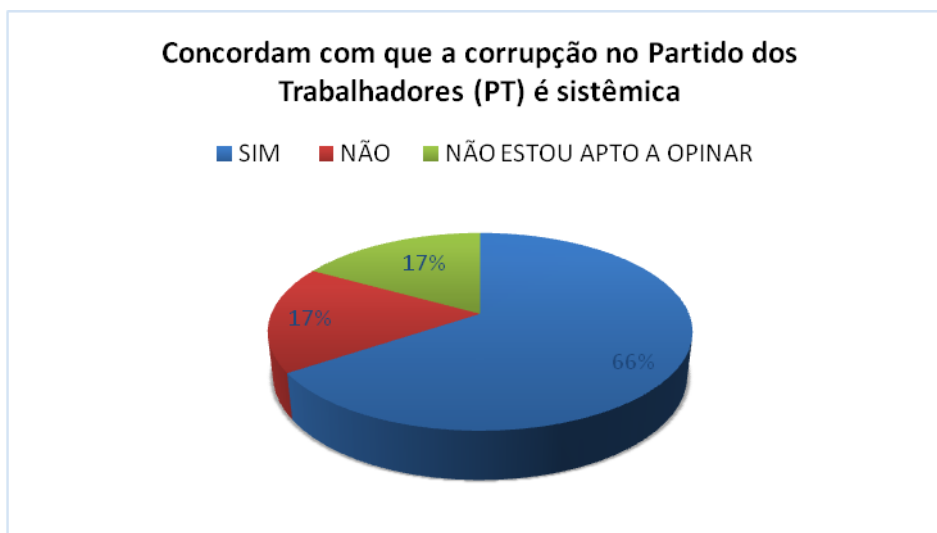
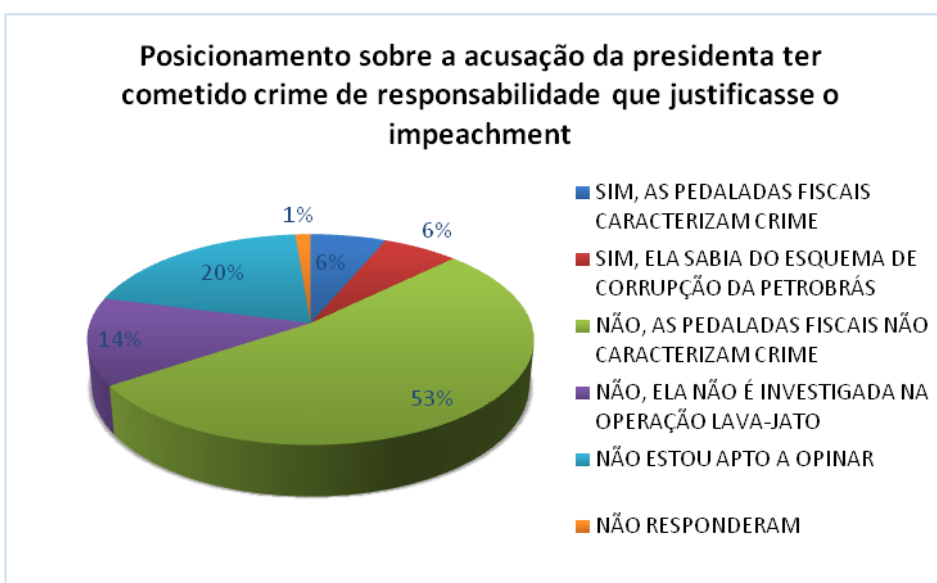
■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

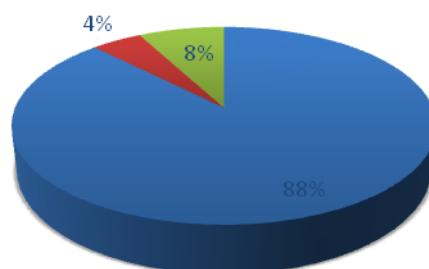


Gráficos UNESP-Ourinhos estudantes (2016)



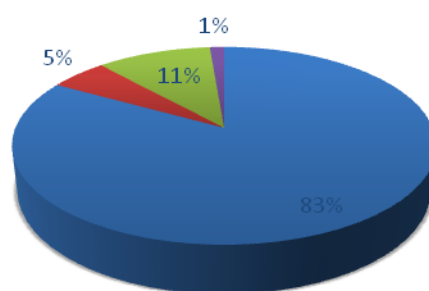
Concordam com que a corrupção no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR



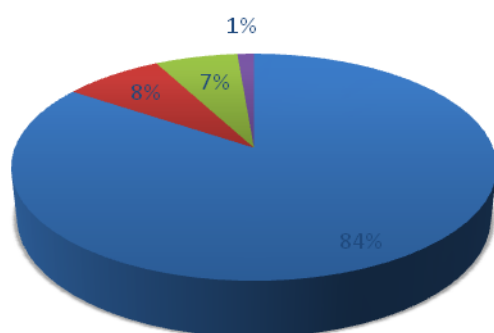
Concordam com que a corrupção no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) é sistêmica

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



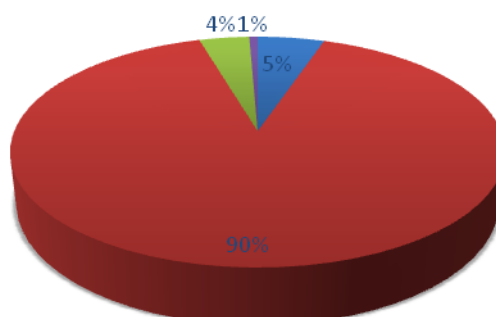
Concordam com que a corrupção é sistêmica em todos os partidos políticos brasileiros

■ ESTÁ ENRAIZADA NO SISTEMA POLÍTICO
 ■ ATINGE ALGUNS PARTIDOS ISOLADOS
 ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR
 ■ NÃO RESPONDERAM



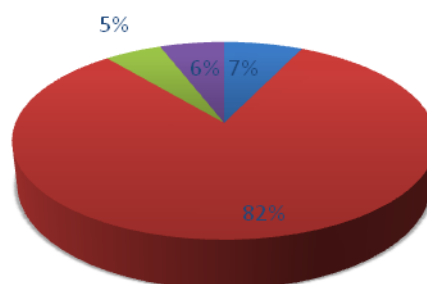
Sobre se houve representação da população brasileira no discurso dos parlamentares na votação do impeachment ocorrida em 17/04/2016

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM



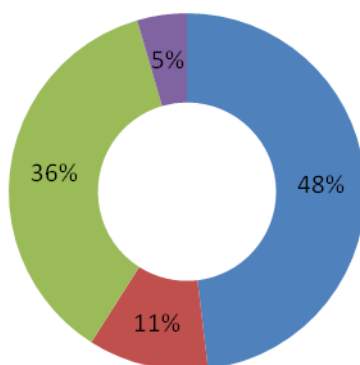
Sobre se o atual sistema político brasileiro atende as necessidades da sociedade brasileira

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO ESTOU APTO A OPINAR ■ NÃO RESPONDERAM

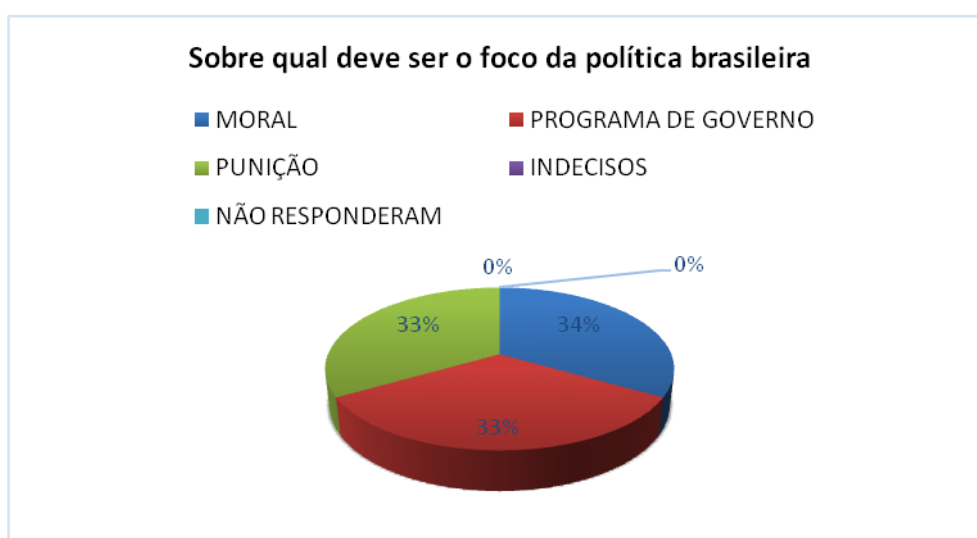


Fontes de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

■ CONVERSAS INFORMAIS COM AMIGOS E CONHECIDOS
 ■ CONVERSAS INFORMAIS COM DESCONHECIDOS EM LOCAIS COMUNS
 ■ CONVERSAS FORMAIS
 ■ NÃO RESPONDERAM

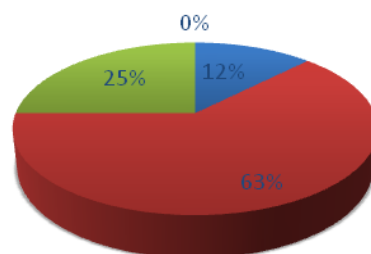


Gráficos UNESP-Ourinhos servidores técnico-administrativos (2017)



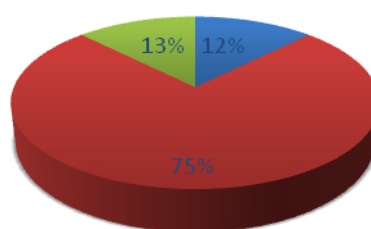
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



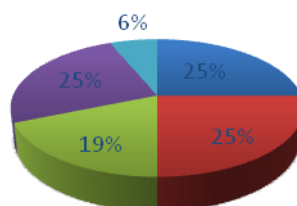
Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



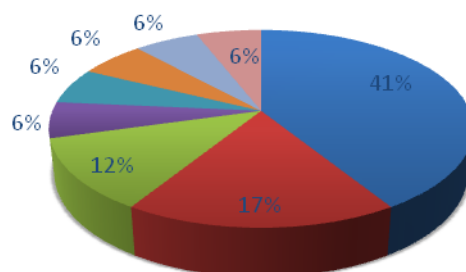
Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?

■ SIM POR PARTE DA JUSTIÇA ■ NÃO POR PARTE DA JUSTIÇA
 ■ SIM POR PARTE DA MÍDIA ■ NÃO POR PARTE DA MÍDIA
 ■ NÃO RESPONDERAM



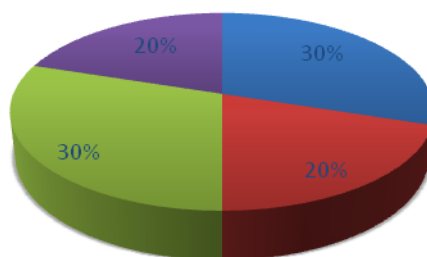
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSDB ■ PMDB ■ DEM ■ PP ■ PR ■ PDT ■ NÃO RESPONDERAM



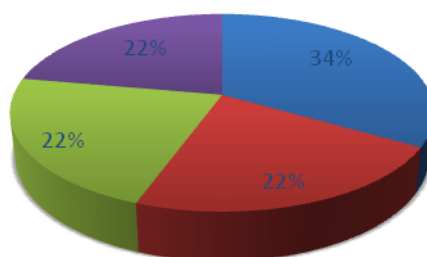
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ PT ■ PTB ■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



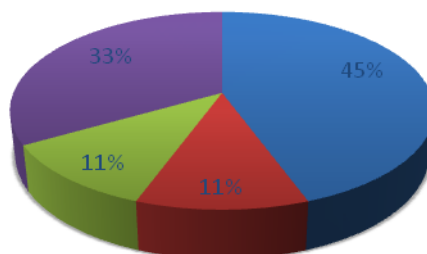
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PT ■ PP ■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



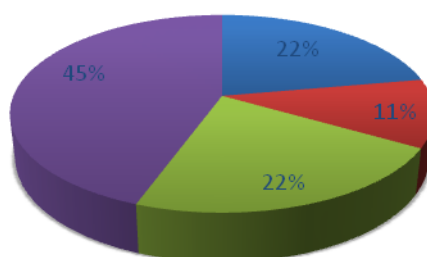
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ PR ■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM

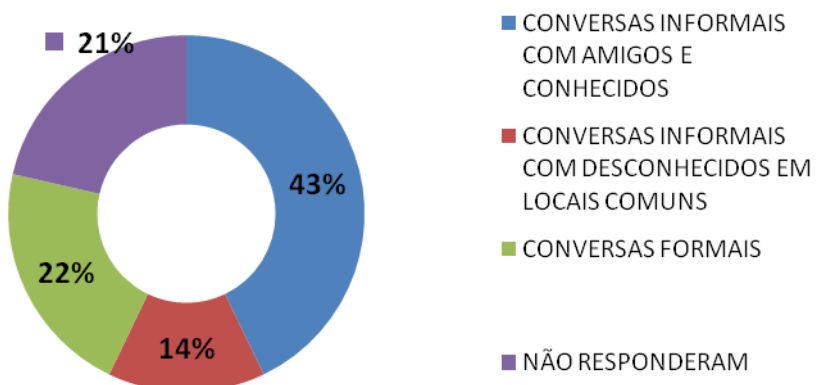


Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

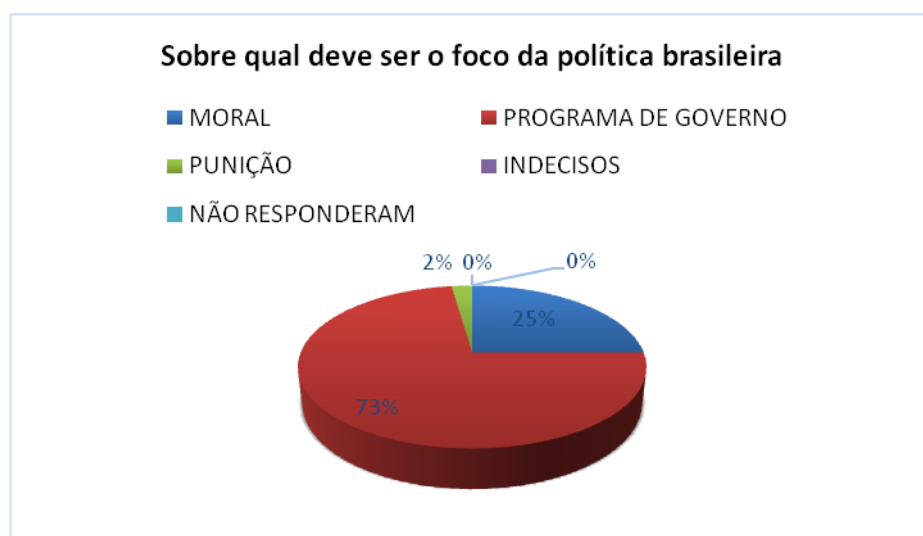
■ PT ■ PRB ■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

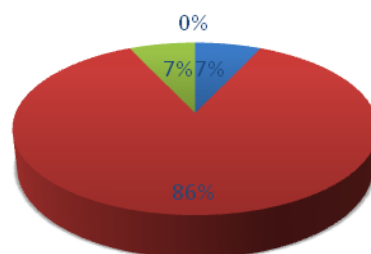


Gráficos UNESP-Ourinhos estudantes (2017)



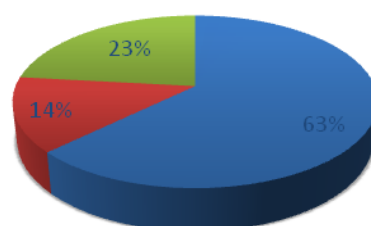
Posicionamento sobre a aceitação, pela câmara de deputados, da denúncia por organização criminosa e obstrução da Justiça contra o presidente Michel Temer

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



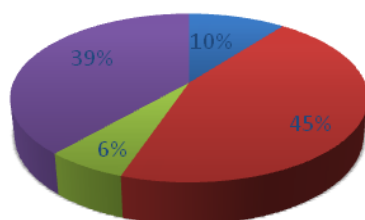
Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

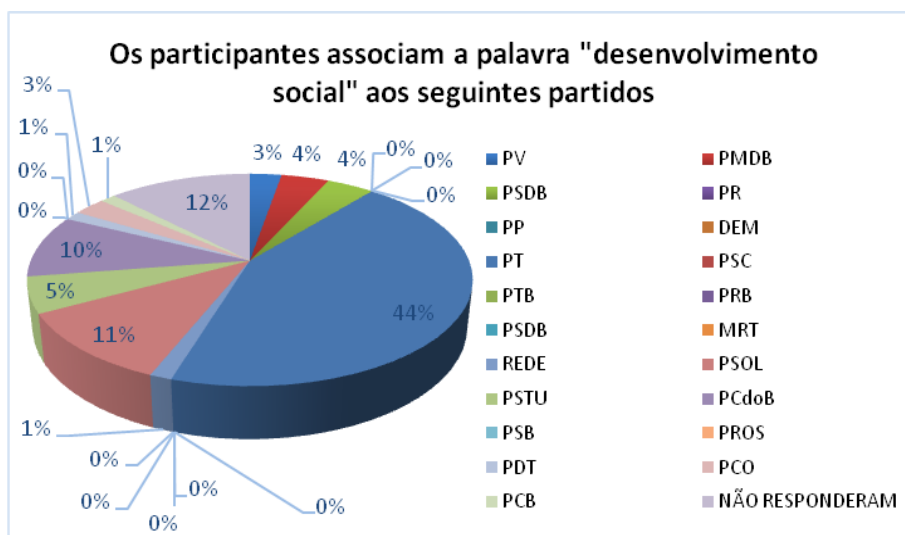
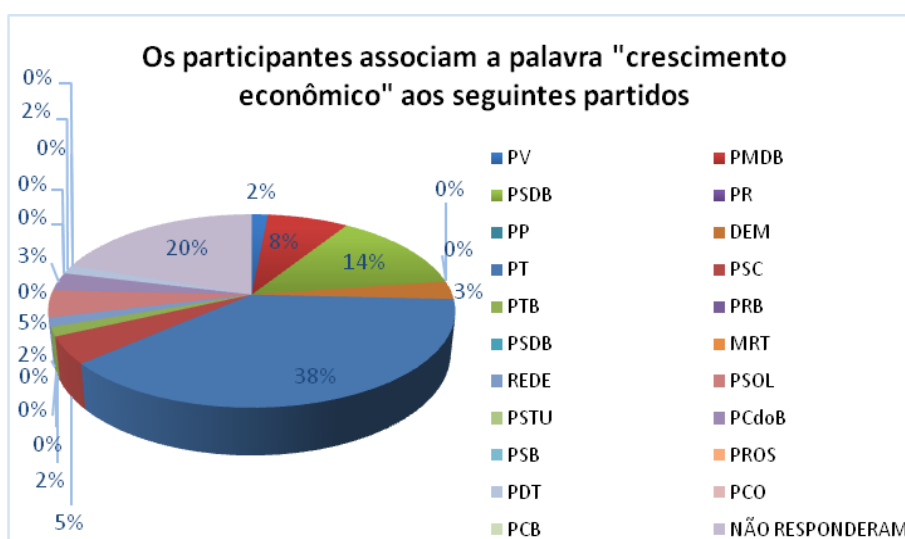
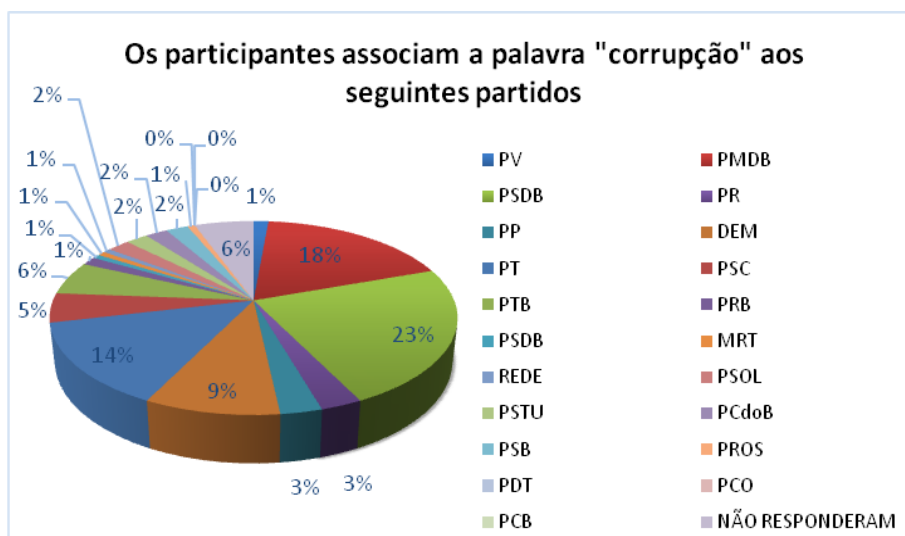
■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

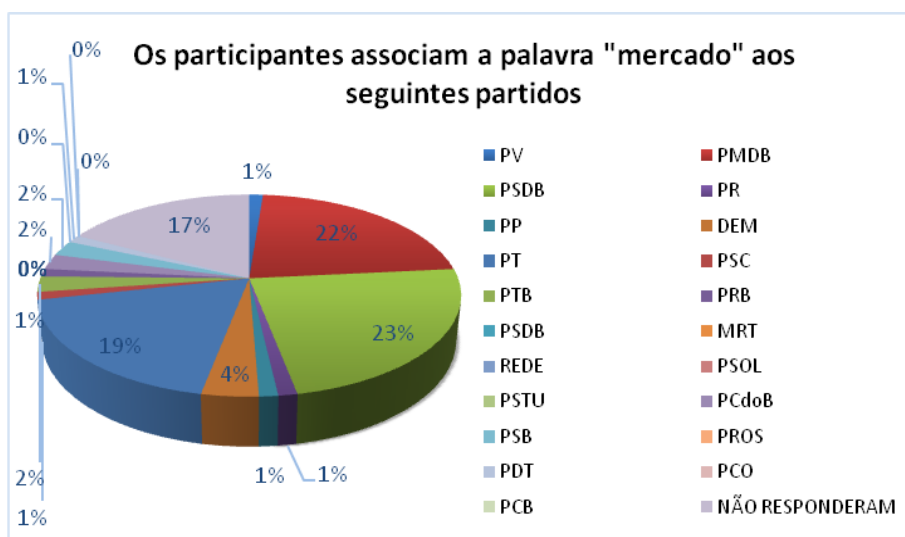
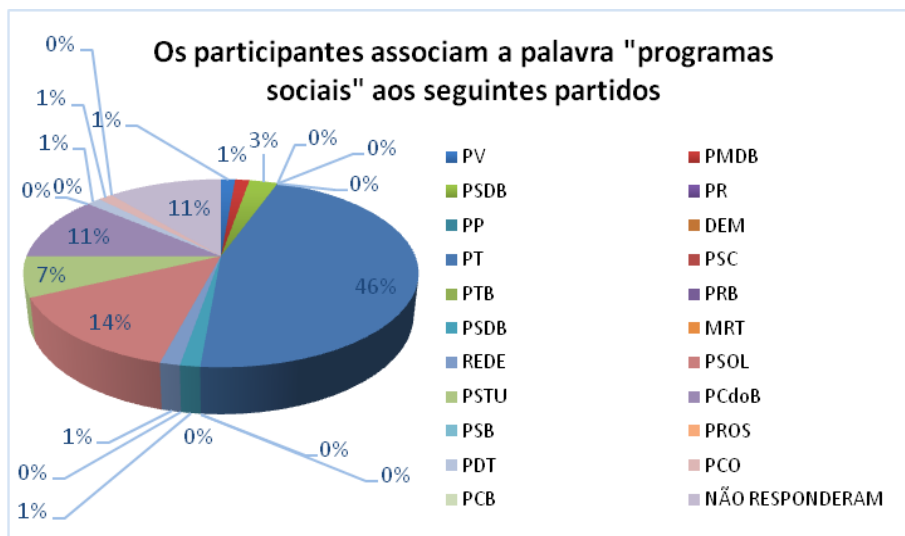


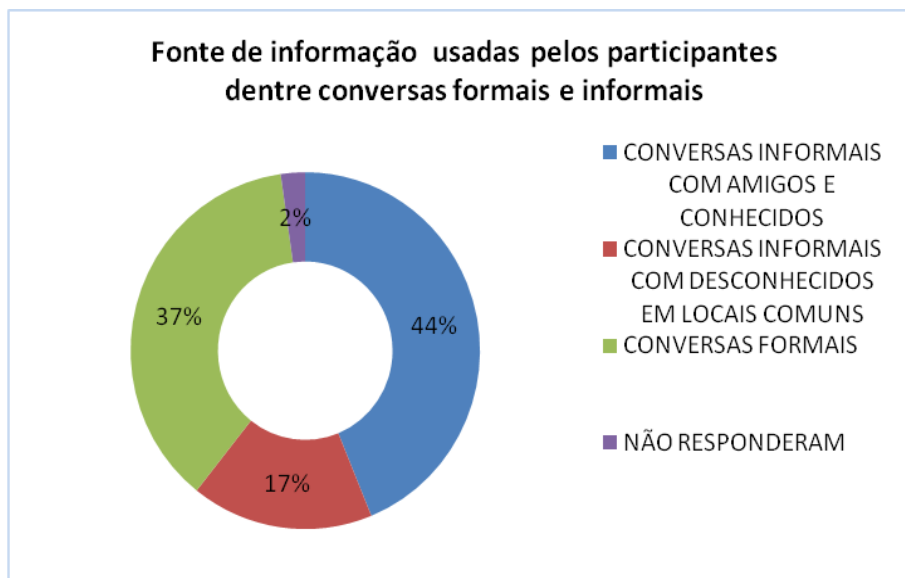
Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?

■ SIM POR PARTE DA JUSTIÇA ■ NÃO POR PARTE DA JUSTIÇA
■ SIM POR PARTE DA MÍDIA ■ NÃO POR PARTE DA MÍDIA

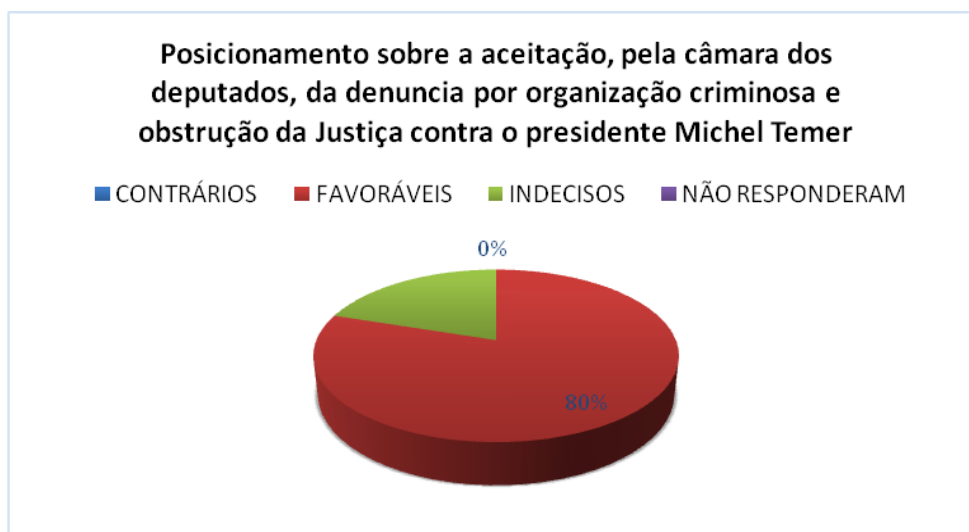
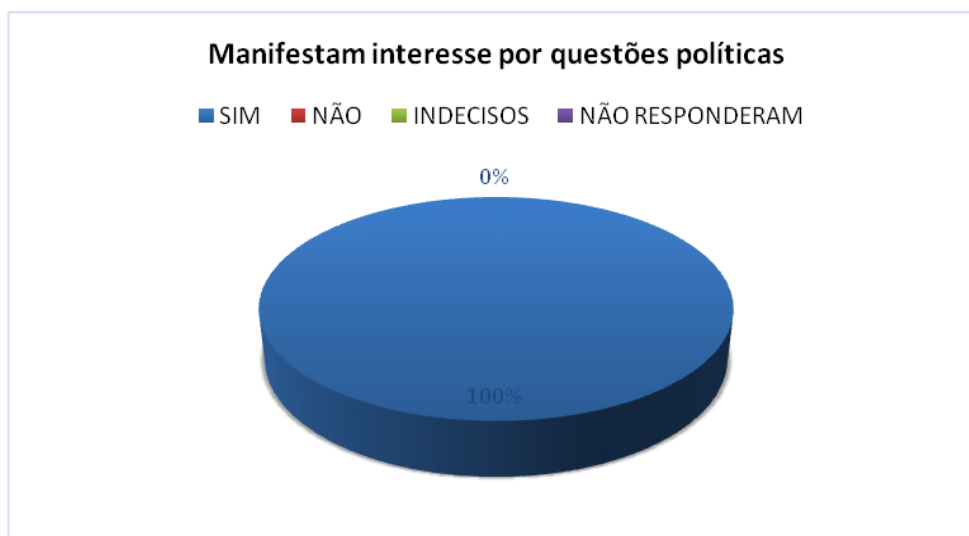






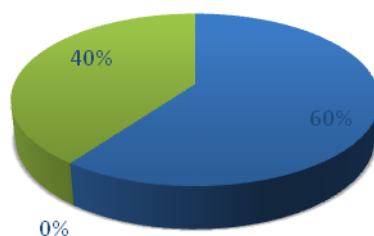


Gráficos UNESP-Ourinhos servidores docentes (2017)

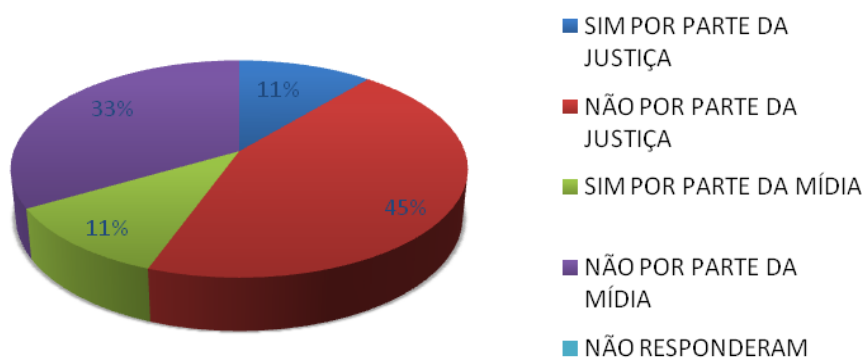


Posicionamento sobre a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em segunda instância, por corrupção passiva.

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM

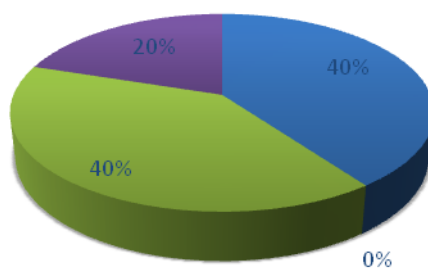


Existe isonomia por parte do tratamento da justiça e da mídia aos partidos políticos?



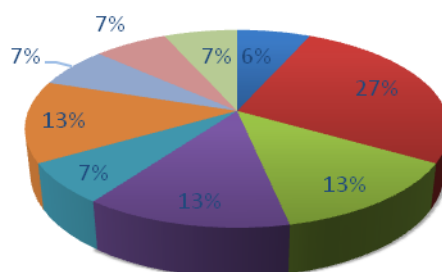
Posicionamento sobre a atuação do Juiz Sérgio Moro na Operação Lava-Jato

■ CONTRÁRIOS ■ FAVORÁVEIS ■ INDECISOS ■ NÃO RESPONDERAM



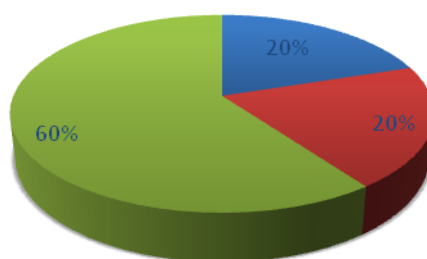
Os participantes associam a palavra "corrupção" aos seguintes partidos

■ PV ■ PSDB ■ PMDB ■ DEM ■ PPS ■ PT ■ PTB ■ PPS ■ NÃO RESPONDERAM



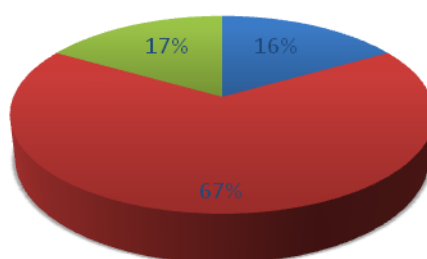
Os participantes associam a palavra "crescimento econômico" aos seguintes partidos

■ DEM ■ PT ■ NÃO RESPONDERAM



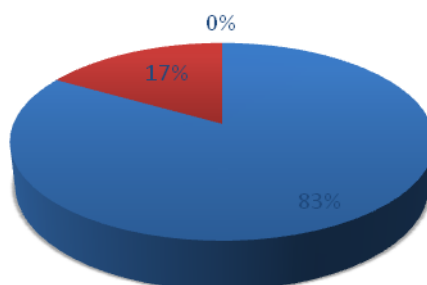
Os participantes associam a palavra "desenvolvimento social" aos seguintes partidos

■ PSOL ■ PT ■ NÃO RESPONDERAM



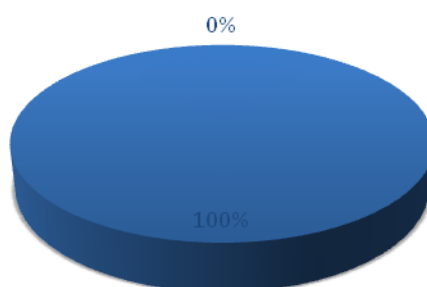
Os participantes associam a palavra "programas sociais" aos seguintes partidos

■ PT ■ PSOL ■ NÃO RESPONDERAM



Os participantes associam a palavra "mercado" aos seguintes partidos

■ PSDB ■ NÃO RESPONDERAM



Fonte de informação usadas pelos participantes dentre conversas formais e informais

